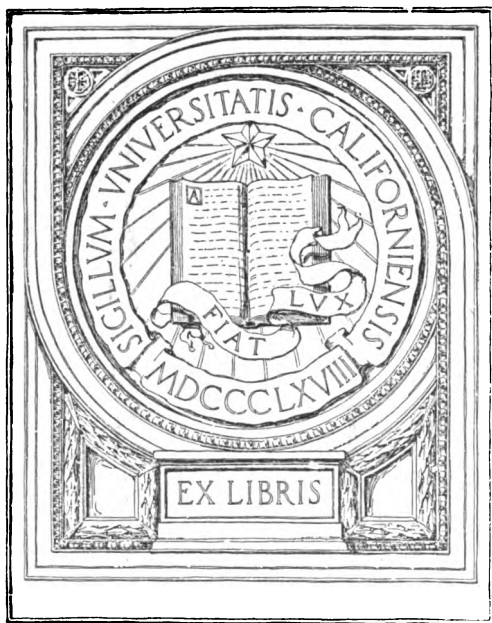


ELIJAH CLARENCE HILLS • 1867-1932



ELIJAH CLARENCE HILLS was, from 1922 till his death, first a Professor of Spanish and then Professor of Romance Philology at the University of California. A native of Illinois, reared in Florida, he graduated from Cornell in 1892 and studied in Paris; he was successively professor in Rollins College, in Colorado College, librarian of the Hispanic Society of America, and head for romance languages at Indiana University. For his distinguished achievements in Spanish philology, he was made Knight Commander of the Royal Order of Queen Isabel.

In Professor Hills were combined vast and precise learning with extraordinary humanity. Though a grammarian and philologist, his teaching implied the great world. He had a talent for friendship: capable of the seclusions of the scholar and editor and born to an inviolable personal dignity, he possessed also an uncommon social charm which exercised itself in widening circles. His charity showed as kindness, deference, tolerance, the sharing of the possessions his long labors had accumulated. He was a wise collector of books, and specialized in Spanish lexicons. Mrs. Hills presented to the University of California his collection of books, one of which is here inscribed to his memory.

795
B538



ALBERTINA BERTHA

THE
OF
CATHOLIC

VOLETA

"UN SOUFFLE FORMIDABLE A
SOULEVÉ LA TAMPÊTE."

ESCHYLE,



RIO DE JANEIRO
JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS

EDITOR

82 — Rua S. José — 82

1926

TO THE
LIBRARY OF THE
CONGRESS

VOLETA

OBRAS DA MESMA AUTORA

EXALTAÇÃO — 5.^a edição — 1922

Editor: Jacintho Ribeiro dos Santos

ESTUDOS — 1.^a edição — 1920

Editor: Jacintho Ribeiro dos Santos

ALBERTINA BERTHA

Univ. of
California

VOLETA

**"Un souffle formidable
a soulevé la tempête."**

ESCHYLE.



RIO DE JANEIRO
JACINTHO RIBEIRO DOS SANTOS
EDITOR
82 — Rua S. José — 82

1926

The World
August 1913

E.C. Hill Library

A' memoria de

Francisca Lafayette

A' querida mamãe

870200

I CAPITULO

«Elle jouit de son apothéose»

(Isocrate).

A sentir a nostalgia da noite que se approximava, nimbada de crepusculos azoimantes; Voleta de Andreia dizia a meia vóz enquanto apanhava as flôres de ipê que tombavam lentas, merencorias, uma a uma:

«Assemelham-se á humanidade.... sacearam-se de azul, de irreverências, de brisas amorosas e não quizeram mais ser.....

— Depois de uma pausa:

— «Céos, ha quanto tempo meus labios se não esvaem sobre outros labios....

«Qu'importa que por vezes me ladeem o espasmo e a emoção em rictus allucinantes...

— Mudando de tom, grave, serena:

«Eu sou a agua profunda, a agua da base, da raiz do mar immenso, a agua que cobre a areia, que desconhece o estridor da Luz e o frenesi das azas erradias.....

«Que a luxúria de outrem se afaste de mim, que eu permaneça isenta, luzidia tal qual um toxico azougado que ninguém bebe....

«Mas, meu Deus, o ardor é a ideia physica, é a legenda incisiva do sangue moço e sadio.... é a demencia a maniatar-nos a razão, as volições, a pureza....

«Mal mais temeroso e maléfico que a morte, surprehendes os corações inexperientes, e flagellas, zurzes, açoitas os organismos frageis e romanticos.....

«Villania da natureza, ardil, embuste, cilada infamante e efficiente, delicia invencivel, esto, triumpho, apogêo, destróes a felicidade da mulher e do homem...»

Por algum tempo quedou-se assim silenciosa, resonante, velada de sombras luridas....

— Voleta, Voleta, onde estás? — Era Paulo Terencio que a buscava. — Se não fosse a tua bocca em sangue eu te haveria tomado pelo vigla da Morte....
— accrescentou encarando-a...

— E' que me sentia tão exquisitamente atada ao Universo.... Passavam-me pelos nervos, pela fronte, todos os liames, todos os efflúvios que ligam um facto a outro facto, uma serie a outra serie, uma plenitude a outra plenitude..... E como os meus cabellos me pesavam.... — pronunciou offegante levando a mão á cabeça.

Paulo a seu lado admirava-lhe a linha classica da garganta e a fixidez da sua bocca que parecia annunciar — eu sou a culminancia de uma festa immensuravel.....

— Bem sabes que és a victima dos teus proprios tumultos.....

— Eu abria todos os meus mysterios á natureza e havia de retorno a sua adoração, a sua virulencia..... e como ella é aguda..... Ai, faz-me mal.... — exclamou, alheia da d'elle, dolorosa, a premer os seios.

— O amor do homem, sim, é uma promessa delirante..... tem responsencia, suscita reacções — accentuou elle grave.

— E as nossas imperfeições, e as reticencias que sempre restam! Nunca cedemos do amago da nossa consciencia. — disse Voleta tomando alento.

— Proferes uma accusação aleivosa ao sexo — e via-lhe os cabellos em redes de luar e as suas vestes enfuscadas de magnificencias nocturnas.

— Oh, a subtileza singular, o sabor unico de repetirmos a nós mesmas, quando em conversa: não sou o que pensas, tu te illudes a ti mesmo, tenho venenos que desconheces — e uma ironia dansante brincava-lhe em as pupillas, em a ponta da lingua, pelo seu corpo esguio.

— Cuidado com o homem — ajuntou elle de sobre-cenho carregado.

— E' uma ameaça? — interrogou-lhe detendo-se, inteira vidrada.

— Por certo que não.... Para ti sou respeito e obediencia — retrucou Paulo enrubecendo.

Ah, com que difficuldade calava o seu amor por essa mulher, que ardia constantemente e que lhe pulsava em os pensamentos, em a intemperança, em a algazarra de seu coração solitario e faminto.....

A senhora Andreia fingia não lhe comprehender as sollicitudes, o carinho, as phrases por vezes pejadas de confissões e lamentos.....

Tratava-o e recebia-lhe as homenagens como provindas de um quasi irmão, embora não existisse parentesco algum entre elle e seu marido Pedro Andreia; ambos eram filhos de viuvos que se tornaram a casar.

— Voleta, por piedade, não te zangues; hoje, é dia de teu anniversario, olha que és a creadora do prazer — disse já prestes a entrar.

— Preferiria presidir á Vida e á Morte.....

-- Não te apraz então o seres a divindade dos corações juvenis?

— O prazer é fugaz, é fragil, desaparece.... — dizia a esmo relanceando os olhos pelas flôres magnificas que lhe enfeitavam os salões.

— E as tuas amigas?

— Avisei-lhes que não estaria em casa....

— Tu te amas de mais — retorquiu mirando-a de alto a baixo.....

— Bebo de mim mesma,..... circulo em mim mesma — repetia enquanto separava uns cravos enormes que se haviam emmaranhado como se fossem cabellos de mulher.

Paulo Terencio hesitou se diria ou não:

— Oh, aberração humana. Mas preferiu silenciar.

— E's artista de mais para sêres a mulher de um socialista....: setim, violetas, donaire de princeza — disse-lhe o marido, entrando.

— Felizmente, és apenas um theorista.....

— Que em breve se tornará um praticante ardoroso — ajuntou elle, cofiando o pequeno bigóde côr de fogo.

— Senhora Andreia, meus cumprimentos — e Gonçalo de Tuy adiantou-se....

— Um antigo collega meu, que te conheceu em pequena e que depois sem motivo desapareceu de todos nós — explicou-lhe Pedro.

— Um estudante pobre a quem o Senhor seu Pae muito auxiliava — accrescentou elle.

— Sim recordo-me da sua pessoa e até das scenas que lhe fazia — disse Voleta a sorrir.

— Ah! está um que poderá contar as mudanças por que hás passado — adiantou Pedro em tom amigoso.

— Como, se é flôr que ainda ascende, ainda se desdobra para a Vida — exclamou Tuy embebido em a belleza, em os gestos felinos, de seus 28 annos...

— Já principiou a louvar-te a maneira de 1830....

— Não, que elle é o Poeta do estranho, da vida, da morbidez — ajuntou Paulo.

— Oh, os vates femininos são descorados, lamurientos — retorquiu a Senhora Andreia, notando-lhe a altura, fóra do commum.

— Aqui tens o que me encommendaste, o que comprei com dinheiro teu.... Do contrario seria uma offensa ás minhas convicções — e Pedro entregou-lhe um pequeno embrulho.

— Porque desfazer o encanto? Não tenho outros parentes. Afinal vem a ser o presente do meu eu ao meu eu... — suspirou triste.

—Essas subtilidades só servem para aborrecer...—ata-
lhôu elle nervoso, alisando os cabellos meio ondedados.

— Oh, a bella serpente... oh, o desejo dos meus braços — exclamou a Senhora Andreia, alacre tomando-a em as mãos.

— Quasi a não comprei... Esses olhos verdes me arrepiam....

— Na verdade são fataes... Não os olvidaste, porque durante o dia inteiro gritaram em mim — de esmeraldas, de esmeraldas... — e a Senhora Andreia passou em os braços essa serpe bizarra, irreel, tauxiada de rubis e onyx.

— Quando a vi lembrei-me das serpes que mor-
diam a bocca de Dolores, a Senhora dos Sete Pecca-
dos — disse Gonçalo de Tuy.

— Se não fosse a teimosia d'elle, a não teria
trazido — explicou-lhe o marido, encaminhando-se para
a porta.

— Fixal-a-ei em um soneto, dentro de sortilegios,
de magias...

— Talvez haja acariciado Salambô... e dormido
em os cabellos de Proserpina — aventou a Senhora
Andreia rindo muito.

— Com certeza na escuridão fará medo...

— Antes terror...

—...dar-lhe-á a impressão de haver fugido de um
sabbat, de ter deixado atraz de si corpos estertorados,
bôccas suffocadas de espuma, pupillas empedernidas a
se descollarem de orbitas convulsas...

— Oh, será horrivel, então, vel-a exagitada de
mysterios — exclamou Voleta a fremir.

— Experimentarmos á noite, emoções lunaticas, é
summamente delicioso — proferiu o Poeta lento.

— Eu por mim não as abrangeiria completamen-
te... deixaria logo de ser.

— Na minha cabeceira tenho um craneo perfeito
com os seus 32 dentes... Representa o meu rito, a
minha invocação, a duvida, o passado, um estímulo,

uma angustia para a minha curiosidade... Ha dias eni que lhe reintegro as veias, os tecidos, os membros, a intelligencia e o animo do olhar... eil-o então que principia a fallar, a interrogar-me, a escarnecer, a imprecar...

— Meu Deus, que horror! — exclamou a Senhora Andreia livida, encolhendo-se toda...

— Elle quer o ventre da terra, os vermes, os seus ossos...

— Senhor Tuy, é byronniano? — e ella procurava-lhe em o rosto as sevicias caracteristicas.

— Oh, não tenho eschola... — retorquiu em um riso largo.

Afigurou-se a Voleta ouvir o riso da caveira com os seus 32 dentes e extremeceu, assustada...

— Lembra-te de que, poeta e louco, são synonimos — murmurou-lhe Paulo, de passagem com os olhos azues tão accezos como se viessem de ser aquecidos.

Sentaram-se á mesa.

Sobre o prato do Poeta, Voleta collocára papoulas roxas, franzinas, quasi fechadas.

Segurando-as entre os dedos cumpridos e magros, disse:

— Senhora Andreia, adivinhou... Prefiro a nuança das cousas violadas, que soffreram, que jazem sob o peso da maldição... A dôr é uma maldição...

— Não será antes um effeito de suggestão?... — inquiriu Paulo do outro lado.

— Tenho-a como um traço hereditario de vassalagem de nossos instinctos -- atalhou Pedro. — Ha, de resto, a mesma origem, conserva-se dôr sempre, em todas as circumstancias, desde a mais remota an-

tiguidade... O modernismo tenta porém doiral-a... — accrescentou sarcástico.

— Mas tem ella profundezas, eivas terriveis... descoze-nos as fibras com requintes perversos... — redarguiu o Poeta com vehemencia.

— E' a mais cruel das amantes — proferiu Voleta para si de labios cerrados.

Gonçalo de Tuy fixou-a: por segundos ella houve sobre o seu perfil maravilhoso, as sombras estranhas, a voracidade, a lividez do Poeta.

— Apesar de toda a sua luz, é a dôr que prevalece em a Senhora... Ella fará da sua alma, das suas nevroses uma orgia sumptuosa...

A voz de Tuy lhe batia em o ouvido á feição de um dobre.

— Já lhe sou o beijo, o estertor.... — murmurou Voleta grave, de olhos baixos.

— O beijo... o estertor... — repetiu vagarosamente, a sugar todo o ineditismo, toda a vehemencia d'essas palavras — Ha ditos que definem. O seu *eu* vai além do que suppunha... Não será a Nihilista da Luz?

— Por vezes tange-me em os sentidos a gloria das sombras... — proferiu ambigua...

Tuy reparava em como, apesar da seriedade que a enovelava, a sua bocca, os seus olhos, os seus cabellos riam; ella se lhe antolhava ser por instantes uma Folia nocturna. E em mente dizia: -- Como evoluiu... E' uma flôr da Hellade saturada porém de anormalidades transcendentess....

— Possui rythmos ainda indemnes... e como será bravia a sua resurreição...

— Oh, senhor Tuy o meu desejo enche o espaço e é mais tenaz que a morte,

— Que Deus a livre do castigo dos Renegados — a insufficiencia da satisfação... Oh, as cem gargantas da Ancia erguidas ao alto, glutonicas em sedições eternas... — e os musculos de Tuy se contrahiam, seus gestos se enrijavam..., elle nada comia.

— Na verdade a aridez corroe... — balbuciou a Senhora Andreia, serpentina.

— São saciedades estratificadas, são fomes repletas.... As vezes, Senhora, estrangulo-as a dizer: hoje nada podem commigo, nada quero, sou rico, tenho o meu chão entre dous cyprestes, uma paixão morta e o meu calix de absyntho... e então gargalho e durmo como só os mortos sabem dormir...

Os cabellos de Voleta se erriçavam: as vestes negras, a gravata negra augmentavam ainda mais o aspecto funebre do Poeta.

N'esse instante uma phalena toda verde poisou em o braço da Senhora Andreia: mostrando-a, Tuy disse-lhe: — Durante este anno soffrerá uma grande mudança... Meus parabens...

— Acredita? E' tambem supersticioso? Que as Musas o louvem. — exclamou impregnada de presagios felizes...

— Os meus vaticinios infallivelmente se realisam.

— Quanta infelicidade então não ha evitado? — interrogou-lhe vivaz.

— No que me concerne, não contrario os designios do destino, seria uma pusillanimidade... Espero-os de pé, firme, altivo...

— Quanto a mim, tudo me vem de tropel, de subito, inesperadamente...

— Assim, as suas sensações se conservarão sempre juvenis...

— Sempre atordoadas — emendou ella.

— Mas porque te não escarmentas... é pura ficção — disse Pedro, aborrecido, retornando á conversa.

— Nem em a vida de todo o dia, eu peço a ordem, a regra,... o que já previ davante...

— Tens razão, nada me apraz mais que um rude imprevisto. — exclamou Paulo.

— Mesmo que te esmague? — inquiriu o Poeta.

— Sim, porque tudo é acção, vida, gozo, mudanças...

— E's um visionario impenitente — proferiu Pedro irritado...

— Nada conseguirás delle; Paulo prefere o luxo e o prazer á uma existencia affanosa — accrescentou Gonçalo de Tuy prazenteiro.

— Insciamente desce, afunda-se, degrada-se — declarou Pedro desdenhoso.

— Mas não percebes que entro para o que chamas de egualdade, por via da miseria? — retrucou o outro zombeteiro.

— Exerces um direito, um acto legal. Desde que o dinheiro é teu, gasta-o e não te despojes d'elle, sem lucro — alvitrou o Poeta convencido.

— Que máo conselho, senhor Tuy — exclamou a senhora Andreia com bonhomia.

— Reconheço que promana de um viciado... Perdão — murmurou a humilde.

— Seria mais louvavel, mais honroso distribuil-o ás massas necessitadas — observou severo Pedro Andreia.

— Para essa gente basta um enxergão, um casebre de telha van, uma marmita de cozido, aguardente, um cachorro, a mulher, os filhos e algum tabaco... — enumerou a rir o Poeta.

— Ah, caro amigo, o dia em que essa gente souber dos seus direitos, explodirá indomita, cega — proferiu Pedro com as maçãs do rosto muito vermelhas.

— Não conseguimos viver sem fomes — pronunciou emphatica a Senhora Andreia.

Gonçalo de Tuy olhou-a, pasmo da afinidade, que cria discernir entre si e ella e exclamou: — A felicidade eterna é um paralysante tremendo...

— Não existe... E' uma utopía... resta um phenomeno cerebral e enormemente contagioso — atalhou Paulo impaciente.

— E como deve fatigar... — ajuntou para si a Senhora Andreia...

— Dizes uma tolice... o que fatiga é a desordem, o mal, a injustiça, a colera, a ociosidade — retorquiu seu marido impaciente.

— Voleta, que continues a ser a Dona da Graça e da Belleza — exclamou Paulo desviando-se da conversa estafante de Andreia, cujas theorias e maneiras burguezas detestava.

— Que sejas boa e simples e que nunca recues adeante da verdade — vaticinou Pedro incisivo, encarando-a como se tentasse attrahil-a total para si.

— Meus hombros são por demais frageis... A vida sem a mentira perde os seus remigios fulgurantes — rematou acida, rompendo todas as magias que a circumdavam.

Tuy sorriu em ouvindo essa supplica vulgar para uma creatura maravilhosa:

— Ora Pedro, pois não vês, que é a mais convincente logica que a mulher tem para se defender...

— Vocês com essas lisongeiras soporíferas ainda mais as desorganizam — e Pedro levantou-se.

— Eu quero ser a equivalencia de um lyrismo radioso — disse ella voltando-se para o Poeta.

— E porque não o proprio lyrismo? — indagou elle.

— Em as bordas da emoção, gozo do sim e do não... gozo do incessante. — Depois de uma pausa — E' como se trouxesse em o' sangue o grito agudo da Vida... — ajuntou a sorrir, divinamente branca em seu vestido branco.

— Senhora Voleta, tambem não será a Fiandeira das Seivas?... pois se não admite renascimentos, nem detenções, nem estiagens... — e elle olhava-lhe a bocca rubra, pequena, em arco, humida, ardida, fremente.

— Paulo, achas que sou a Fiandeira das Seivas?... — inquiriu faceira ao vel-o acercar-se, largo, solido, bello typo, apesar da estatura mediana.

— Não... — Depois de certa hesitação e quasi imperceptivel — E's a mulher que não ama.

A Senhora Andreia enrubeceu, confusa. Gonçalo de Tuy simulou não ter ouvido e muito distraido apalpava os bolsos a procura de cigarros.

Pretextando arranjar umas rosas que não tomavam, ella se foi afastando de manso, sorrateiramente....

Oh, aquellas palavras de Paulo lhe arrancavam das cellulas, da memoria, das suas intimidades, sensações, echos, vibrações quasi apagadas de um amôr que se despetalava...

Mas Voleta não mentira quando, annos atraz, respondera á pergunta de seu noivo: — Amas-me? — Sim, amo-te, amo-te... — porque esse sentimento em toda a noiva se reveste sempre, invariavelmente, de sinceridade, de firmeza, de subjectivismos inabalaveis, inconcussos...

De resto, o amor lhe era uma folia, uma estridencia, a saudação radiosa, egregia de Dionysius... era a ternura, o estrabismo divino que já lhe atormentava a sensibilidade adolescente: certa ocasião, de cama, doente, quando o medico acurvado, lhe tomava sollicito os pulsos, um desejo insano a acomettera, de subito, de morrer assim, aprisionada pelas mãos d'elle, pelos sorrisos d'elle, sob pupillas de uma doçura infinda...

Se o seu amôr a Pedro se extinguía lento, se tornava menos que um habito, perdia a sua vehemencia, a sua desordem flammante, a culpa não lhe cabia: elle timbrava em mostrar-se-lhe indifferente, secco, insensivel, virtualmente irmanado aos seus ideaes sociaes.

D'ahi a grande, a nefasta, a immensuravel vacuidade em todo o seu sêr e essa atença renitente, tenaz, fulgida, avassallante, fatal para qualquer cousa de unico, de extraordinario, de inevitavel, de magnifico... Um rumor de porta que se abre e Paulo a enfrentou:

— Desculpa-me... não te quiz offender... Fiz apenas litteratura... Ah, se te conheço... pois então não sei da tua sensibilidade doentia!?! ...Quantas vezes te não hei observado, te não hei surprehendido a empallidecer, movida de raivas secretas... Ainda ha pouco em o jardim eu te vi attenta e insoffrida a acolher de cada sombra que vinha a sua volupia... E as tuas narinas tremiam e os teus labios se comprimiam á força de teus espasmos... Ah, se pudesses contemplar as mutações que se succediam em ti, qual foras um arbusto á mercê do tempo... Conheço-te bastante para repellir o que te disse, gracejando... — E commovido curvou-se profundamente...

Voleta também emocionada lhe estendeu ambas as mãos.

Gonçalo de Tuy que se detivera ante uma «Car-men» barulhenta, incendiada, de moderno pintor hespanhol viéra sentar-se ao lado d'ella.

De repente com um movimento brusco elle premou as fontes, um olho se lhe fechou e um dos cantos da bocca envesgou.

— Sente-se mal?... — exclamou assustada, erguendo-se.

— Não senhora... Encarnou, por momentos, uma visão adorada que não é mais... e soffri... E' a primeira vez que descubro traços de Magdala, depois que morreu... — respondeu alliviado a sorrir.

Voleta offegante, estarrecida nada respondeu.

— Mas amava-te tanto assim? — indagou Paulo havendo sobre a sua tez amorenada os reflexos esbatidos de um reverbero que ficava bem em frente a janella escancarada.

— Oh, nutria por mim a mesma furia amorosa, a mesma pertinacia cruel da rainha Aholibah...

— Rainha Aholibah?... Francamente nunca lhe ouvi o nome — redarguiu Voleta com interesse.

— A sua cama era de marfim e as suas cobertas de purpura... Sorvia philtros extranhos, em taças de ouro macisso... Amou a todos os homens... e já sem amantes tornou-se a amante encarniçada dos cavaileiros empennachados que lhe ornavam as paredes do quarto... E conta a lenda, que, á tarde, era vista com a bocca em a bocca d'elles, queixo contra queixo, a desfallecer... — e Tuy parou...

A Senhora Andreia adivinhava em as reticencias do Poeta todo um tropel de lascivias silentes, chusmas de males informes, iscas de oiro, a dizerem — eu sou uma bençam... eu sou uma maldição...

— Oh, ardor primêvo... Oh, erotismo inebriante de um mundo imberbe... — exclamou Paulo meio estonteado a andar de um lado para o outro. — Já conheceste a felicidade... Caro amigo, rende graças aos nubes — e depois voltando-se para Voleta, acrescentou:

— Esta aqui ainda ignora a Vida e o seu deslumbramento.

— Bebo-a todos os dias em a sua hora suprema quando o sol me atravessa de ponta a ponta á guisa de um gladio de fogo... — proferiu enrubecendo, altiva...

— E' então o seu auge esse instante de flagellação? — O Poeta sentia subir-lhe á tona o tilintar insidioso de ancias insubmissas... e em a imaginação a lobrigava envolta em seus cabellos, de elos innumeraveis, languida, lassa, febril, tal qual um feixe de rosas emmaranhado de sol, de abelhas, de canticos, de alvoradas...

Accorriam a Voleta, pressurosos, de roldão, todos os silencios a tecer-lhe intensidades, estridores, fulgurações: ella era uma vontade infinita á espera da abundancia, do transbordo...

— Sempre a Vida... — murmurou Paulo concentrando-se em a cara maravilhosa d'essa mulher maravilhosa.

— Permaneça o que é e será immortal... — exclamou Gonçalo de Tuy depois de uma pequena reflexão.

— Ah, Senhor, já trago em mim a eternidade, a esplendida eternidade — e dir-se-ia que toda a luz dos olhos do perfil, do acume della se lhe agglomera-va em as mãos que se estendiam para a frente...

O Poeta teve a impressão de que essas mãos finas e ardentes arrastavam, em pós de si, auroras reluzentes....

— Per Dionysius, que vejo! E' um mysterio de Eleusina que se rompe, que vem' a mim: auroras, eternidades...

— Como, aurora? repetiu aturdida, a Senhora Andreia.

— Sim, pois não percebe que suas mãos tiram auroras?...

— Engana-se, as minhas mãos, hoje, trazem a sêde lunatica das mortas virgens...

— Então a sua sêde deve ser insaciavel, igual á da nuvem que fica adeante do Sol a gritar: para mim só, para mim só... — O Poeta havia sobre o negror das suas vestes, as linhas movediças, nutantes da Senhora Andreia...

— Não supplico... Recebo. — proferiu ella baixo, glacial.

— Tem razão.... E' a Dominação.... é o dia d'Amanhã.... — E Tuy experimentava uma sensação exquisita como se a sua alma se abaixasse, se abaixasse para tapizar o chão onde ella pizasse....

— Assevero-te que és dona de muitas consciências — proferiu Paulo, taciturno.

— Por piedade, não.... E' muito pouco.... Quero reger vidas, poderes extensivos.... ter a instabilidade

do mar e do vento... — retorquiu lenta, emphatica, deixando o hall pela sua saleta...

Gonçalo de Tuy bem rente, seguia-lhe as pegá-das: sobre o seu peito largo, sobre o seu bigode curto, negro, atravez de seus dedos, perpassava a carícia do ar agitado, deslocado pelos gestos alados de Voleta, e elle pensava: — «o vão por ella moldado, molda-me agora, e o seu rythmo, e o seu calor, e a sua fragrancia... Meu Deus, heil-a em meus labios, ardendo de complexidades, e de rebeldias... E' beijo inteiro ainda retido em a bocca... Não lhe mancham o corpo estygmas sanguineos, impudicos...»

Pareceu á Senhora Andreia ouvir o seu nome em cícios, revirou-se e deu com os olhos de Tuy a desferirem olhares ternos, quentes, sequiosos, olhares que lhe iam até ao amago, até aos ossos.

Ella sentou-se justamente sob o fóco estardalhante das lampadas electricas: a sua pelle, os seus hombros, a sua cabeça, o seu collo se cobriam de livôres, de ondulações brancas, de extremos de extase: havia luz mesmo em as sombras, ao longo dos braços... Todo o seu corpo se enrodilhava em essa trama clara, uniforme, tranquilla, muda, que se lhe poisava sobre e adeante, como um espelho, um esmalte, um regato núbilo, alvacentos...

— Oh, a carícia da luz é egual á do olhar dos homens: detem-se, não penetra, não actúa, não apunhala...

— O olhar do homem, Senhora, fere como o raio e incendeia — atalhou célere o Poeta franzindo a testa.

— Rompe-nos as carnes, vae além... Com certeza, gracejas Voleta... — acudiu alacre Paulo Terencio.

— São-me inocuos... Morrem-me em os olhos —
ajuntou com malícia.

— Que tumulos soberbos que são, que repositórios,
que urnas maravilhosas para os olhares de Amôr... —
E todo o ardor de Gonçalo de Tuy se estratificava
em essas phrases.

— Não permanecem... vão-se... não deixam vesti-
gios — emendou ella vivaz.

— Mas que toxicos formidandos os liqueficam, os
expulsam? — interrogou o Poeta rigido, frio.

— Voleta, e os meus, não os guardas? — inda-
gou-lhe meigo Paulo.

— Não, — disse indifferente.

— E os, de Pedro? — inquiriu elle subtilmente
ironico.

— Tambem não — respondeu decisiva.

— Um dia será, em que terão qual obsessão sa-
tanica, a renitencia, a forma, a côr, a nostalgia de
outros olhos... -- E Gonçalo de Tuy levantou-se e
despediu-se, mas não lhe sahia do espirito o seguinte
pensamento — Ah, se ella viesse a ser a minha in-
fidelidade...

Meia noite acabava de soar em o relógio da sala
de jantar.

Antes de se dirigir para os seus aposentos a Se-
nhora Andreia estacou, ante a porta da bibliotheca e
poz-se a escutar o que Pedro lia em vóz alta: «A
sociedade mente, doira os seus vicios, as suas culpas...

«Sinto que a verdade, embora seja um triumpho, é
tambem tragica e rubra...

«Não violamos, como nos reprocham, a liberdade
de consciencia e de acção, nada impomos, apenas de-
fendemos uma crença e um dogma... Para a defesa
tudo é permittido...»

II CAPITULO

«...Quoi! ne pas comprendre ce que réclame le cri de la nature...»

(Lucrèce)

—E' preciso apprenderes a saborear a liberdade... Convém, entretanto, não esquecer que para a mulher de principios ella é apenas um simulacro — dizia Pedro Andreia á sua mulher.

— Ha momentos em que a temo... ,

— A' principio abala, desorienta, depois se transforma em vicio predilecto...

— Mas tambem pode chamar-me para aléns prohibidos, defesos... — E seus labios se premeram.

— Será possivel que não tenhas a energia, o heroismo das naturezas superiores?

— Hei mutações terrivelmente subitas... hei o arbitrario — exclamou Voleta, orgulhosa.

— São phenomenos hystericos... Reporto-me á tua consciencia intellectual... Entendes?

— Que sabemos nós mulheres de obediencia, de repressão se desde a infancia, tudo cede, recúa, ante

os nossos caprichos... Não exijas, portanto, demasias de mim...

— Corrige-te, sê uma creatura de resoluções...

— E' horrivel suffocar em theorias, vitalidades soberbas. — Seus braços se abriram avidos de espaço, de largueza.

— Não te julgo uma instinctiva -- replicou Pedro impaciente.

— Creio que beirarmos o abysmo e havermos d'elle o arrepio formidavel, não é uma leviandade...

— Esses requintes de epicurista não devem prevalecer — proferiu Pedro incisivo, terrivelmente preocupado.

— Em nada prejudicam — sibilou ella com entono.

— Para uma mulher que ainda pertence a outrem, é um sacrilegio.

— E's mais exigente que uma religião.

— Em questões de consciencia semos inexoraveis... Prescindimos de testemunhas para praticar a virtude — replicou elle.

— Não vivermos a acção, comprehendendo. Mas que podemos nós com a imaginação, o nosso senso e o amor violento?—De ponta a ponta corria-lhe o mesmo rythmo que anima o universo, os corações jovens, os gestos obliquos, ao vizez, que se dão.

Ao ouvir essa palavra, Pedro Andreia notou que as suas pulsações se aceleravam apesar de si. Seu primeiro impulso foi irritar-se, mas deteve-se ao lembrar-se das suas convicções, do seu culto á liberdade e da imposição constante que fazia a sua mulher — nunca mentir.

— E' a doença dos romanticos, dos fracos, dos impotentes de espirito — rematou desdenhoso.

Voleta fitou-o calada.

Ah, como adorava esse mal que é dôr, enlevo, tortura, extase torrencial, appello da genese, saudação do Infinito.... ella o trazia em os nervos, em as visões, á guisa de legendas, de ais, de suspiros, de hymnos pungentes...

— Oh, o seu arremesso desvaira...—exclamou Voleta entre dentes, limpa de presentimentos.

— Bane essa fragilidade, monda-te, dirige as tuas excellências.

— Meu Deus, despir-me ainda mais, despir-me totalmente, só haver a curiosidade do immediato... — Dir-se-ia que a tristeza da sala se lhe accumulava sobre os hombros.

— Assim te tornarás a digna mulher de um socialista — pronunciou Pedro satisfeito.

Em o coração da Senhora Andreia bramia o ruido sem ruido das volições reprimidas, quebradas, desfeitas.

Levantou-se e dirigiu-se para o terraço que ficava ao lado; a sua alma se encharcava de nostalgias; debruçada sobre o gradil a sua mão acariciava os jasmineiros, as madre-silvas que se diluiam em lethargias opalescentes.

Parecia-lhe que, n'aquelle momento, das estrellas, da folhagem, dos antros da agua, dos torvelinhos de fumo, das fibras invisiveis da criação surdiam phosphorescências, ardências, scintillações... Aros, fios, linhas em fogo, se agitavam, enredavam, os troncos, o ether, o azul, os seus hombros e a sua bocca... Seus olhos fecharam-se... Voleta sentia poisarem-se-lhe nas cellulas, esses filamentos de luz, escapos do céu, da terra, do passado, das sensibilidades immateriaes: era uma ab-

sorção continua, um anniquilamento e um resurgimento incessante, era o jogo perpetuo da vida e da morte...

Ella inteira se rendia á essa insanía de luz, á essa grita formidanda e unificadora, a esses clarões que dir-se-ia desprenderem-se, fugir dos corações amantes, dos labios effervescentes, dos estames, dos pollens, das valladas solitarias,... e virem erguer-se alli adeante d'ella como o Encantamento da vida triumphante...

— Dona Voleta está immovel, com o lado direito cheio de espadas igneas, como a Virgem a escutar a Annunciação — exclamou Tuy que se approximava.

Ella totalmente alheia, não o vira entrar; estremeceu, voltou-se e disse a sorrir:

— Acabo de experimentar uma loucura, uma anormalidade: a sensação visivel profunda da luz em plena escuridão — e a Senhora Andreia mostrava no rosto, a pallidez de corolla sugada, de veia desagrada.

— E' a floração bizarra de nervos privilegiados. — Depois de uma pausa — Penetrou em o delirio da Luz porque ainda é sombra — e toda a attenção do Poeta se fixava nos cabellos d'ella que se lhe despenhavam sobre as espadas ao geito de flammas invertidas, de serpes em declive.

— Ah Pedro, como eu desejava passeiar, andar de automovel, atravez de todas as cousas, velozmente... Vamos, vamos... — supplicava-lhe Voleta, enrolando de novo os seus cabellos lindos, longos, abundantes, perfumados.

— Agora me não é possivel... tenho que preparar uns artigos, verificar umas notas.—Depois de um curto silencio como que ferido por uma ideia extraordinaria

ria, accrescentou — Mas não importa, poderás ir com o nosso amigo...

— Com o Senhor Tuy? — E uma grande admiração se lhe estampava em a physionomia: nunca Pedro lhe fizera proposta igual.

— Sim, porque não? — Elle era todo beatitude.

— Não percebes que é um gracejo?... Absolutamente não tenciono... pois se é tão tarde... — exclamou mudando totalmente.

— Não te comprehendo... — e Pedro a encarava resolutamente.

— A sós, á noite, com um estranho em Copacabana? — disse baixinho extremamente escandalizada.

— Que ha de absurdo?

— E' que ainda não contrahi esse habito.

— Deixa-te de preconceitos tolos...

— Já te disse que não quero passear — reaffirmou categorica.

— Deturpas um acto innocente, envenenas uma acção que nada tem de iniqua... Vai, entrego-te a ti e ao meu amigo — Pedro de leve a impellia a levantar-se, a arranjar-se para o passeio. Seu coração rejubilava-se, enfeitava-se de clarividencias...

— Toma-me a liberdade... eu t'a dou...

— De forma alguma, tu a tens total... De resto seria uma ignominia minha — disse-lhe o marido pausadamente, esforçando-se por convencer-a.

— Por piedade... não insistas...

— Oh, que fraqueza moral, que mesquinhez... Que vil amôr á escravidão... — exclamava elle á

esmo, irritado, as mãos nos bolsos, os passos irregulares...

— Basta de imprecações... Irei, mas ignoro as consequências... — retorquiu Voleta, levantando-se, coletrica, as faces em fogo.

Segurando-lhe o braço, Andreia que a fixava, disse lento, reprimindo-se:

— Sim, sabes das consequências... Lembra-te de teus deveres para commigo...

— Não são assáz rijos para me aprisionar... — Essa sua phrase levava desdém, acidez.

— Mas na occasião propicia serão teus alliados, teus defensores... Ide ambos — ajuntou palpitando de orgulho e de feliz expectativa.

Gonçalo de Tuy que discretamente se afastára, retornava de manso:

— Perde a esperança... Alimentas um sonho impraticavel, uma utopia... A evolução de um caracter é ~~morsaq~~ é feita aos poucos, sobretudo quando não existe um motivo violento, que lhe apressure a adaptação... Depois, para nós homens, é summamente insupportavel termos, por mulher ou companhia, um typo bem regulado, uma escrava emfim, de regras e obrigações... O imprevisto, a insegurança, eis o encanto do outro sexo...

— Não alcanças a magnitude, a nobreza dos meus conceitos porque és uma natureza de gozo... que lastima caro amigo...

— Na realidade, vivo da Vida, da Materia que tambem é vida, vivo do bem e do mal...

— E das peculiaridades inherentes á vida função, á vida rudimentar... — accrescentou ironico Pedro.

— Afinal, são as manifestações naturaes da nossa

condição e do ambiente em que vivemos... Enquanto as tuas são falsas, inviáveis, morrerão contigo...

— Irão, além de mim, fecundar outros plasmas... Formarei seres com os meus ideaes — replicou entusiasmado o seu interlocutor.

— Considera bem que nem todos trazem em sua ascendencia os mesmos estygmias que tu...

— Que importam as origens...

— Não fosses o neto de um official italiano fuzilado e filho de uma filha pósthuma, gerada sob a dôr, o odio implacavel...

— Mas não clamo por uma vingança... peço o nivelamento universal, a egualdade, uma grande benção...

— E' o grito abafado de teu avô, ao cahir sacrificado... é a lamentação tenaz da mulher que perdeu o pae, é a vindicta inconsciente que te inflamma sob outros aspectos.

— Repito-te, é o sopro ardente, a agonia de irmãos infelizes que chegou até a mim...

— São arroubos prematuros para nós, americanos que vivemos na fartura e que desconhecemos por enquanto essa distincção incisiva de classe... — verberou sceptico o Poeta.

N'esse momento assomou á porta, esguia, fechada em lindo costume escuro, a Senhora Andreia: a saia curta mostrava dous tornozelos ageis, finos, impacientes, cheios de movimentos, de ardidezas.

Em a olhando, Tuy tinha a impressão de enfrentar erecta, orgulhosa, a scintillar desafios e ameaças, Athena Pallas e em vão procurava o elmo, a pluma, a lança, o escudo maldicto...

— Voleta chega, por vezes, a ser infantil... gosta

de descer do automovel e de brincar com a areia....— explicou Pedro satisfeito, transfigurado, magnifico de boas intenções.

Elle sentia uma alegria formidavel toda a vez que julgava possivel tornar a mulher, o seu discipulo bem amado, a semente de sua semente, a humanisação admiravel das suas theorias: era-lhe a obsessão continua, tenaz, inalienavel das horas, dos dias, da paz, das vigílias... — «Em breve, será perfeita e simples, uma verdade que a gente compõe e decompõe» — murmurou baixo.

Em o canto de um lindo «Buick» negro, a Senhora Andreia se encolhia, totalmente afastada de Gonçalo de Tuy que se sentára em um dos bancos da frente. A' principio ambos silenciavam... Voltado para a companheira, elle recebia em a sua retina, em a sua palpação, a forma diaphana, morta, vazia, intangivel d'essa figura de mulher não sua, toxico prohibido, fascinação vedada, interdicta, sob a sua guarda, a sua dominação... E via nimbarem-lhe a cabeça, a garganta maravilhosa, transmutações rapidas, reverberações phantasticas, fugidias e a unica immutabilidade d'essa orgia de sombras que se estratificavam unidas, precisas, estaveis ao longo de seu corpo esvelto de madona antiga.

E parecia ao Poeta bailarem em as pupillas de Voleta, as mesmas estrias verdes, diabolicas dos olhos da serpe que lhe enroscava o braço: esses laivos, — essa analogia fatal, anarchica, divinamente perversa lhe atenazavam a razão, o bom proposito, o discernimento.

Ah, como elle se deleitava e deixava cahir sobre si inteiro, excessivo, esse encantamento surdo, eversivo, essa efflorescencia nubil, multicolor... Todas as suas

fomes clamavam por ladainhas infernaes, por dissonancias rubras, dissolventes.... Em suas mãos avolumavam-se, revolviam-se, agitavam-se tumultos, exícios, volições, jugos, despotismos... dir-se-ia mesmo que por instantes, tomavam a feição, o modo, o character de ата que, de lucta, de combate, de exultação, de exito, de luxuria victoriosa...

— Dona Voleta assim tão branca me lembra um Lyrio de Luz... — dóbrando-se de leve. — Porque seus olhos hoje teem a revolta da mocidade?

— Ah, pedem á Vida, cousas que ignoro... — E a sua voz trazia fadigas, tristezas...

— Os homens, a vida que lhe hão dado? — inquiriu avido.

— Nada, nada... labios sequiosos, olhares obliquos, louvores, uma pulsação que se afrouxa e nada mais — respondeu doente.

— Comprehando... A sua alma, os seus nervos são bravios e immensuraveis...

— Bebem o sol e incendeiam-se...

— Hão a raiva bramante dos rochedos, ao implorarem ás vagas: suffoca-me, suffoca-me — continuou o Poeta lento.

— E'... e como elles, deliram ao receberem o fremito irado das nuvens — accrescentou distraida, a cara voltada.

— Ama, então, a energia, a força?

— Eu sou o grito insano e vehemente de Santa Thereza, por Jesus. — exclamou Voleta retornando a si.

Affigurava-se á Gonçalo de Tuy, que ella se impregnava de intensidades pagans e classicas. Elle lhe descobria em o corpo, em o espirito, as opposi-

ções, os contrastes eternos e litigantes de Demeter e Dionysius. Ella se revelava uma complexidade estonteante, uma hesitação de peccado e de pureza, o gemido de Sôr Violante do Céu, a estridência de Imogenia e Tuy embriagava-se n'essa saturação violenta e mystica, n'essa fragrancia estranha de virtudes que se rompem, de imperfeições que se retractam: «Ella é o grito de Santa Thereza, pensava elle, é o ardor esteril, em flammæ, ainda immaculado... Meu Deus, é a Virgindade do Fogo... Um tumulto florido, a desejar a violação, a febre de seres que já foram...»

— Ainda não traz legendas amorosas.... Ah, Senhora Andreia, ignora a demencia que quer, que deseja, que estrangula, que nos obriga a rastejar sem honra e sem caracter.... — Tuy offegava e tentava retel-a em um olhar que se não findava, que permanecia, que se prolongava indefinidamente.

Em o silencio de Voleta essas palavras relampearam sinistras...

— Seria uma humilhação... Legendas são echos mortos, folhas seccas, corolas enmurchecidas, residuos, lagrimas... — disse á meia voz, enlaçando as mãos terrivelmente brancas.

Ao deparar esse gesto, o Poeta instinctivamente se approximou para haver d'ellas o presente, a dadiva, a esmoia preciosa.

— Possue o mesmo orgulho dos horizontes e dos augez que só recebem o halito da immensidade.

E a sua admiração subia para Voleta á guisa de incenso, de labaredas cheias de vento.

— Que delicia, se ser fechada em si, um marfim ainda não burilado, um sandalo que ninguem ainda

aspirou, um corpo liso, intacto, de radiosidades não profanadas — e ella teve a impressão de ser uma só prudencia, uma só vertigem...

A Senhora Andreia sabia dos venenos que distillava, a sua vaidade se ornava de resplendores.

— Quanto a mim, por exemplo, não sou de mim mesmo... carrego uma multidão de soluços, de imprecações, de chagas, de extases cruciantes... Sou um herbario de amôres incoerciveis...

Em suas pupillas negras brilhava a fome roaz; vesana, allucinada dos estyletes...

Voleta calou-se: pela sua imaginação desfilava esse tropel macabro e ebrio... toda essa cohorte exangue, desfallecida de espectros, atezados de furores secretos.

Ella não podia conceber Gonçalo de Tuy semelhante aos outros homens, capaz de amores normaes, mansos, de tumultos limitados: emprestava-lhe aos sentidos, al de irreverente, de exotico, de panico...

Fitando-a, o Poeta raciocinava: «Que seria para mim? Uma bocca que mordemos, que maltratamos até verter o sangue, a vida, a eclosão... um rythmo incomprehendido, attico, multiforme... ou a face de crystal da manhã?»

Chegavam ao tunnel; a marcha do automovel augmentara, Voleta, de palpebras descidas, toda entregue ás suas cogitações, apenas distinguia um zunido sibilante, aspero, forte, bater-lhe em o ouvido, vergastar-lhe a fronte, os hombros, os seios.

Ambos continuavam mudos, presos de si mesmos... mas de repente em um solavanco, seus joelhos tocaram-se e suas cabeças reverenciaram-se solennes. Voleta aterrorizada gritou, levando as mãos ao coração.

Entre elles silvavam os desatinos da solidão.

— Medo de que? — perguntou o Poeta pressuroso.

— Não sei, de nada — retorquiu aliviada...

— Como adoro o medo das mulheres...

— E' um modo gentil de nos fazer sentir a sua superioridade — proferiu Voleta divisando sobre os alinofadões de couro as manchas claras de um crescente enorme, afogueado.

— Temos a velleidade de ser então um refugio aureo, uma abobada, um abrigo seguro, e em nosso intimo repetimos: — está sob nós, em o nosso poder — ajuntou elle com dignidade e malicia.

— Mas a nossa vontade é invencivel — accrescentou ativa a Senhora Andreia a curvar-se como para receber a caricia do Azul á Terra, que o vento das alturas lhe depunha aos pés.

— Oh, a vontade da mulher é fragil, nós a anniquilamos com beijos... Entende?... Com beijos... — repisava o seu companheiro.

As rosas átravez das grades dos jardins pareciam murmurar ao vel-a passar presa de instantaneidades, de mutações: é a Noiva das Energias Inmortaes...

E Voleta tinha a impressão de que em a bôcca do Poeta se agglomeravam todos os beijos do universo em concatenações interminas e sediciosas: vinham amotinados, estridulos, anhelantes, sequiosos d'ella, da sua magnificencia, da sua intemperança: eram sonoridades, silencios, ficções, debruns de beijos que desejavam ser beijos patentes, verdadeiros, reaes, cheios de fremito, de paixão, de louca turbulencia.

— Que vale o beijo, quando não é de amôr? — disse affectando indifferença. Depois ajuntou em mente:

— Eu sou o Beijo Solto, não o de labio a labio... Eu sou o Beijo Perfeito que fez o mundo, os seres, as cousas inertes — Voleta calcava todas as curiosidades que principiavam de acordar...

O Poeta que a enfrentava, esforçava-se por abraçá-la total em os seus dous olhos, e em a sua intelligencia immensuravel.

N'esse instante de deslumbramentos, a bocca de Voleta se lhe affigurava ser a Papoula sangrenta das Trevas...

— O beijo para nós homens é sempre uma ebriez — retorquiu Gonçalo de Tuy, severo.

A Senhora Andreia que o observava, percebia como elle, a custo, reprimia, continha, enrijava o seu desvario, a sua impetuosidade, a sua vehemencia: Receiosa, timida, exclamou, aparentando calma, indifferença.

— Desçamos... que linda está a agua...—Seus atomos, suas cellulas se contrahiam, se sobrepunham umas ás outras, friorentas.

Emquanto fallava ao chauffeur, ella admirava-lhe o perfil agudo, a linha recta do queixo, a pallidez doentia, de vida accidentada, extravagante.

Ao parar o automovel, Voleta não esperou pelo companheiro: na frente, quasi a correr, só estacou aonde a areia se alisa, pesada de mar e de humidade: esse movimento incessante adiante de seus pés, de seu corpo fixo, de ondas que se atam e se desatam, de desejos de fusão e de afastamento, de hymeneus impacientes e de repulsas violentas, de selecções e esquivanças, de fugas e de ardores selvaticos, communicavam-lhe aos nervos, esculpíam-lhe em o lyrismo, em a imaginação, sonhos candentes, epithalamios, immoderações, plenitudes...

Resoluta, sem pensar, a Senhora Andreia avançou mais e mais... seus tornozelos já penetravam em o fluxo e refluxo das vagas que morriam e renasciam...

Que ancia em pós a liberdade ridente, sublimada dos elementos... que fragor em seus plasmos para outras fulgurações... Seus cabellos, livres do chapéo, que arremessara á praia, se desmanchavam, desciam, agitados de brisas, de bafagens, de sopros irrequieten. Voietta se suppunha a vontade imperiosa, a rapidez, a acção, a incoherencia amorosa d'essa agua glauca e lubrica... Um empuxão irresistivel a impellia a proseguir, a entrar n'ella, a jazer em a sua essencia trepidante, a ser-lhe o idyllo, o campanario, a testemunha, a belleza, o segredo das suas resistencias e energias creadoras...

— Senhora Andreia! Per Baccho, quanta loucura! — e Tuy passou-lhe o braço pela cintura, segurando-a. Os dous corpos estavam agora rente um do outro: eram como duas horas vivas a se enfrentarem, a hora que chega, a hora que foge, pulsação adeante de pulsação, arteria adeante de arteria....

— Deixa-me... Ah, fui a amante do Mar — preferiu amortecida, exangue, os cabellos pendentes, a gottejarem.

Tuy tomou-lhe a cabeça e chegou-a á altura da sua: por segundos, ambos permaneceram assim paralyzados, olhos dentro de olhos, bôcca proxima de bôcca: entre elles apenas pairava a ligeireza do ether, da transparncia, o nada.... A cara do Poeta baixava, acercava-se, seus labios já iam roçar a brancura, a febre d'essa pelle maravilhosa quando de subito em um gesto brusco, arrebatado, ella o empurrou, exclamando:

— Não me toque... Não me toque...

A alma de Gonçalo de Tuy assumiu a visagem estarrecida, violacea das emoções desorientantes.

Ah, elle desconhecia totalmente essa organização intempestiva, e tormentosa, impulsiva e consciente, imagem admiravel de Venus Salacea que ora baralhava as aguas, os peccados dos homens, ora dava ás substancias, a inflecção da Vida...

Desfigurado, ardente, com as narinas dilatadas, o Poeta aspirava, sedento, intoxicado, os perfumes innumeraveis que resumbravam do corpo della inteiro, saturado de mysterios marinhos, insondaveis: Voleta cheirava á phosphorescencia de onda nocturna, á coral enramado de crystallisações verdes, á algas ambarinas sob pausas de nuvens, á lamentações de penedias estereis...

A imaginação de Tuy diffundia-se em morbidezas sumptuarias: ella lhe não era mais uma creatura humana, porém uma terra estranha, rutila, enrolada de Vida gloriosa a sugar constantemente das seivas, das germinações, da luz que a feria, um prodigio, uma delicia, o seu instante duplo, flammante...

— Que oiço! — exclamou aturdido, debruçando-se a meio para fingir, que escutava — Ah, percebo, Pan está em seus cabellos...

— Não é Pan... — respondeu ella endireitando-se — Foi Atropos que passou e não me quiz.

— A volupia, quando desordenada faz a mulher desejar a morte — resmungou ericado de rudezas, de cubiças.

Ao notar-lhe a barra da saia molhada ajoelhou-se no chão e com o lenço, um quadrado de seda preta, poz-se a seccal-a, não ousando, todavia, exaggerar a sollicitude.

A Senhora Andreia que o fitava teve, de subito, uma idéa malina, diabolica, intensamente festiva: a

tanger qual sino ainda cheio de matinas, baralhou, rapida, felina, os seus cabellos trevosos.

Gonçalo de Tuy não se moveu, quedou-se petrificado, os gestos retidos, mas dentro da mão fechada, seguro, preso, como que entalhado em bronze, em o aço ou em a morte, ficou-lhe o pé de Voleta... Sobre elle, então, baixaram, desencadearam-se todos os estrepitos, todos os rugidos de sua tempestade amorosa:

— Senhora, vem de lançar-me, uma maldição que nunca mais me deixará...

E ella via bem perto de si, uma cara repuxada, de travez, desigual, batida de satanismos.

— Porque se misturou a mim n'esse acto imprudente?... Dá-me a conhecer, talvez sem o saber, o hysterismo da volupia... Oh crueldade... oh crueldade... — repetia elle quasi aphonho, estorcendo-se como um moribundo — Mulher inclemente... a honra se me quebrou, o meu character é vil... -- A sua cabeça e a sua alma se inclinavam, á guisa de um fardo, de uma massa plumbea.

Ah, nunca a Senhora Andreia julgara que a reacção em o homem fosse assim, bravia, frenetica, azoicante e furiosamente contagiosa: em seus labios, em a sua garganta, em o seu mutismo, tambem se esbatiam os desdobramentos, os escarceos de suas sensações azoragadas... Voleta se achava em o topo da plenitude, em aquelle momento escasso em que clamamos — do outro lado é a queda, é o exicio, é o peccado...

Tremula, cingida de livóres mortaes, encaminhou-se para a rocha enorme, promontorio minusculo, porém gigante que limita o Leme e encostou-se á pedra núa, arrimou-se á ella, profundamente lassa.

Gonçalo de Tuy, depois de algum tempo, ergueu-se, sacudiu a areia da roupa, reanceou os olhos ao redor, buscou-a por minutos e arrostando o mar.

Assim esguio, erecto, sólemne, todo de preto, encarnava em a phantasia exaltada de Voleta o Espirito dos Accidentes, dos Bastiões, das Fustas, dos Galeões ha seculos derrocados, dirimidos, arrazados... E ella interpretava-lhe os silencios, o mutismo como uma in-vec-tiva, um pedido de reinvidicação ao salso elemento, uma sentença, flammante sobre a innocuidade do Presente.

--Acabo de imitar o gesto de Magdala — proferiu lento ao approximar-se da Senhora Andreia — ella costumava murmurar o meu nome á onda que vinha e depois chegava-se a mim livida, temulenta a inquirir-me: «Não ouves? O mar e todas as vagas repetem o teu nome... Ah, que côro insano e louco... Tuy, Tuy, Tuy... não acabam mais...» Ao olhal-a então, se me antolhava mais alta, mais esgalga, quasi irre-al... Mesmo morta ama-me ainda... Atravez da lousa, da sua rigidez sinto-a descer e subir a mim, hesitante da sua propria audacia... — Em seguida ajuntou, após uma pausa — Eu tambem repeti á vaga o seu nome... o clamor se agita... Não ouve?

— Meu Deus, é uma trahição — exclamou Voleta abrupta, sentando-se sobre um penhasco todo azulado.

— Pois se é para mim o que eu era para Magdala...

— Não profane amôres magnificos, que nunca mais serão — sentenciou grave, extremamente arrependida de lhe haver misturado os cabelos, por desporto, por brinquedo, á toa irreflectidamente.

— Magdala reluz-me em os pensamentos qual enamorada muda...

— A' feição de um bello fatalismo? não é mesmo?

— e a voz de Voleta parecia ter pregas, dobras...

— Como um exemplo de fidelidade e de apêgo...

Afigurava-se á Senhora Andreia que o Poeta envelhecia; que annos innumeraveis se lhe precipitavam de uma só vez.

Totalmente fechada em si, pronunciou:

— Os amôres defunctos, são perpetuos....

— E o seu ciume então é maldicto... chega vivaz até nós...

— Talvez, Senhor Tuy, soffra as consequencias de algum remorso... — observou aerea, longinqua.

— Remorso? — E um gargalhar que não se revelava uma efflorescencia porém a contracção forçada, o ruido de uma surpresa, de uma impossibilidade, multiplicou-se em o espaço, em a noite, em a rugosidade da água.

Voleta assustou-se e tratou de verificar se havia gente, pela' redondeza: esse homem lhe incutia pavor com as suas divagações exquistas... Foi com verdadeiro jubilo que descobriu, não muito longe, um casal de amantes a se abraçarem entre goles de cerveja e um saxão entretido com o seu cachimbo.

— Senhora Andreia, o trespasse de Magdala glorificou-a... Amei-a tanto que a destrui.

— Sacrifique aos deoses agora... — e Voleta nervosamente rabiscava a areia...

— Ella representa uma passagem apenas em os meus dias... Quanto a Senhora — e não lhe sobrou tempo para terminar...

Voleta apprehendendo o que ia seguir, levantou-se,

imediatamente e dardejou-lhe com um olhar de acerbo reproche:

— Eu sou Tchandra, a pallida, que se adora e se não toca.

— Que as Musas dadivosas a conservem sempre assim: sagrada, impenetravel como a floresta de Zahal — exclamou grave, de um lance.

Ambos retomaram o automovel.

A Senhora Andreia nada respondeu; uma nostalgia terebrante, uma invasão arida, branca, ouca, um incendio de nihilismos se lhe principiava de disseminar por todos os compartimentos do sêr: «Não serei um elo perdido da cadeia universal, uma columna partida, um coração sem respondencia? — raciocinava.

— Dir-se-ia que nunes pranteadores a escoltam... — aventou o Poeta notando como pouco a pouco seus traços ermos de ardimento, se immobilisavam, entravam para o seu lugar anterior ao modo de uma estatua que por tempos houvesse abandonado a sua fixidez eterna, cobrado alento humano, viyido e depois reasumisse o seu estado, a sua quietude primitiva.

— Talvez seja essa a razão por que desconheço a grande alegria... Isto é, não a retenho, não a gozo, logo me surge a dôr...—corrigiu Voleta, em sombras.

— E ao achar-se dentro da sua essencia, ao soffrer-lhe a influencia inebriante? — E a vóz do Poeta tremia.

— E' por demais veloz... rola-me pelo senso...

— Senhora, que forças são essas que a conservam unica, que tanto lhe zelam a individualidade? — elle se deliciava em esporear-lhe o romantismo, as desordens lyricas, o atticismo surprehendente.

— As mesmas que embrulhavam em chamas vivas o rosto de Loyola, quando orava...

E Voleta tomou insciamente a attitude de Purpurissa ao ouvir as preces de mil gargantas impacientes.

— Não — atalhou Tuy rapido — não é a ordem de um Deus, mas a inconsciencia afanosa da selecção...

Elles agora contornavam a Avenida Atlantica.

Premendo as palpebras, a Senhora Andreia exclamou, cortada de forte arrepio:

— Hum,... Tenho a impressão de que as montanhas correm para mim... Quem andarás mais depressa, nós ou ellas, nós ou ellas — e nervosa, tensa, afflicta, dobrada para a frente ao geito de quem foge, de quem é perseguida, ordenou ao chauffeur: — A ultima velocidade.

— Nós, nós, por certo... — dizia o Poeta rindo-se, contente com a sua infantilidade.

Ao ganhar a ultima curva, o automovel affrouxou a marcha.

— Ah, que medo! Vinham aos trambolhões, gigantescas, phantasticas — ajuntou Voleta offegante cruzando as mãos sobre o peito.

— Lá estão ellas serenas, meditativas com as abas cozidas ao céu. em furia de extases tranquilllos — redarguiu elle, indeciso se na realidade a sua companhia gracejava ou fora a presa de uma hysteria subitanea.

A medida que proseguiam, a Senhora Andreia sentia que a sua nostalgia se alongava... Ah, se lhe fosse possivel pôr estorvo ás sequencias, ás transições, não ouvir nenhum ruido, não soffrer nenhum abalo, ser indefinidamente, alijada, porém, de todas as alternativas, assim como uma fome resarcida...

As suas sensações se vidravam.

— Eis-nos chegados — murmurou Gonçalo de Tuy, reverente: pela primeira vez, a sua dominação fora jugulada, por outra dominação. Nunca se lhe patentearam tão violentas, tão efficazes as influções moraes.

Percebendo luz na bibliotheca, elle abriu a porta e enfiando a cabeça exclamou:

— Ainda escreves?

— Já estão de volta? — e Pedro Andreia largou a penna.

— Fizemos um passeio adoravel, mar agitado e brisas frescas...

— E Voleta?

— Muito se divertiu com as ondas... ora era uma que avançava, ora era a outra que se escondia... Dir-se-iam duas creanças folgazãs....

Pedro tambem se riu, embora qualquer cousa o picasse, o absorvesse em demasia.

— E você que fazia?

— Eu apostava ora n'ũa, ora n'outra...

— Quanta puerilidade...

— Mas tornava-se necessario... Confesso-te que a provação foi amarga para o estroina que sou — re-dargui o Poeta austero.

— Porém triumphaste... E eu me congratulo... Boa noite caro amigo. — E Pedro ao encaminhar-se para o quarto de sua mulher aplainava com a sua vontade jungida ás prescrições de seu dogma, todas as arestas que se projectavam das discrepancias entre o seu sentir e o seu pensar.

— Então, Voleta, que me contas do passeio? — Notando-lhe as bordas do vestido, humedecidas. — Mas tu te molhaste? — E Pedro alarmou-se.

— Um descuido... — explicou evasiva.

— E os teus cabellos tambem... e este chapéo cheio de areia.... afinal que significa isso? — inquiriu acre, examinando-a de ponta a ponta.

— Deixa-me em socego... Quero dormir...

— Não deves estar zangada... E's uma victoriosa...

— Se voltei eu mesma não é devido á ti ou aos teus ensinamentos — e deu-lhe as costas.

— Voleta, tu me offendes... — Pedro aproximou-se e seus olhos castanhos mais se embraseavam....

— Digo-te a verdade... — proferiu infinitamente provocadora.

— Seja por mim ou não, venceste --- accrescentou seu marido contrafeito, rebatendo rudezas.

Pareceu á Senhora Andreia que um duende lhe penetrava em o sangue.

— Não totalmente.... — E sorriu: ella queria vingar-se e cural-o da mania tola de fazel-a socialista.

— Não totalmente? — repetiu segurando-a pelos pulsos.

— Larga-me, a culpa é tua.

— Não és uma irresponsavel — e suas arterias se entumeciam.

— Trago o peccado original....

— Mas a religião, a educação o apagaram, o eliminaram....

— Tambem Deus disse — foge da tentação...

E a Senhora Andreia tinha a impressão de se haver transportado de exilios longinquos para dizer um sim ou um não, para definir um destino.

— Explica-te, tu me torturas... Que se passou entre ti e elle? — Em o seu cerebro, em o seu coração gizavam-se, suspeitas diras, sévas.

— Que te adianta saber agora?

— Não comprehendes que a minha dignidade o reclama?... — e as suas pupillas se dilatavam desmesuradas, ameaçadoras...

— Como és incoherente!... Estás violando as tuas theorias e a minha liberdade... Porque me obrigaste a ir sózinha apezar dos meus protestos... Eu temia d'elle, de mim, da noite, do mar, do ermo... — verberou zurzida de esplendores e de audacias... O seu collo nú ainda mais se desnudava das rendas e das fitas da camisa.

— Basta de divagações.... Tu te acovardas ante a verdade... — Em o senso de Pedro raivava a sanha da indignação ultima.

— Se visses como as minhas cellulas deliravam e me emparedavam dentro do seu delirio... — A Senhora Andreia se unificava total em uma unica visão.

— Oh, angustia, oh, desespero... E eu que pretendia fazer de ti um sêr extraordinario. — A cara de Pedro Andreia se cobria de livores cinerios.

— Qualquer mulher nas mesmas circumstancias teria sossobrado — disse altiva, a fremir, com os pulsos machucados...

Ambos agora em silencio se encaravam, um o disco do outro, um o farpão do outro....

Voleta acabou por se confranger; afinal elle era igual aos outros homens: fraco, sujeito á duvida, á desconfiança.

— Não percebes que te estou mentindo, que te amarguro de proposito, que são em os teus commentarios que residem a falta, o delicto que não existem?

— Pesada de lassidão e de infortunio, deixou-se cahir sobre o sofá.

Pedro Andreia que continuava a fital-a, a estagnar sobre ella a sua alma triturada de paixão, de ciume, de louco desatino, descobria, entretanto, horrorisado, assombrado que a sua furia, o seu rancor entibiavam, empanavam-se, volatilizavam-se...

E á medida que seus olhos percorriam o corpo de Voleta estreito e longo qual fresco egypcio, o seu amôr, o seu desejo, e todos os seus reclamos insubordinados, bradavam, estuavam infrênes, avidos, rapaces...

A soccorrer-se á efficiencia, á sanidade de suas doutrinas, a invocar, em vão, a inteireza de seu caracter, fóra de si, atado ao deslumbramento d'ella, seus joelhos dobraram-se, seus braços estenderam-se...

— Larga-me.... Tu me injuriaste... Estou impura... — esquivou-se agil, tigrina, colleante...

Mais tarde, insomne, a debater-se em mil conjecturas e pensamentos Voleta se explicava a si: «E' em os extremos que o homem torna a entrar em a realidade do eu que Deus lhe deu.... Em casos identicos a este, a mentira prevalece como a verdade de uma virtude...»

III CAPITULO

«Que l'avenir et la chose la plus
lointaine soient pour toi la cause
de ton aujourd'hui...»

Nietzsche.

— Paulo, rolo na vida á guisa de um instante ardente, integral, congregado em si... Nada me fixará — dizia-lhe a Senhora Andreia.

— Mas será possível que te não deixes retratar? Quero ter-te sempre deante de mim, mesmo em linhas mortas, vazias de mobilidades...

— Que nada de mim se misture a ti, nem em pensamento...

— Ha dias em que procuramos o peccado, apesar de nós.... Hoje, por exemplo, quero o vicio. Essa phrase de Tuy já me scandalizou, agora porém comprehendendo-a e sinto-a — retrucou Paulo Terencio.

— O que me acabas de dizer, recebo em as mãos... Vés? — e ella mergulhou-as em um concavo de marmore, onde a agua se renovava, incessante. — Estou pura... Perdôo-te, meu irmão....

— Não sou teu irmão, nada sou de Pedro.... Sou um estranho que te ama — exclamou exaltado.

— O mesmo tecto, o mesmo carinho, a mesma benção pairava entre ambos.... Desvendaram juntos a supremacia da Vida.

— Amo-te, qu'importa! De resto, nada exijo de ti — e seus olhos azues enchiam-se de lagrimas.

— E' um sentimento que não te dignifica....

— Não consigo refrear-me, impôr-me disciplinas....

— A honra é fragil, quebradiça.

— Que posso eu! que posso eu! — repetia a premer as fontes.

A Senhora Andreia que o não amava conservava a alma fria, o coração frio: em sua bôcca, não rodava o beijo, o estertor, a agonia do desejo. Afigurava-se-lhe ser um idolo vivo, um corpo gasto em jejuns, em cilícios, em genuflexões prolongadas.

As phrases, as inflexões de Paulo cahiam-lhe aos pés como flôres ressequidas, murchas, como lamentos, queixumes vãos....

— Sou a tua dignidade, a tua harmonia — depois com alacridade — o riso, a graça da irmãzinha que perdeste e que vive em mim.....

— E's Voleta, o psalmo febril da minha adoração e do meu corpo — accentuava cile de proposito cada palavra.

— Oh, desassissado, renuncia a mim... Detesta-me... Nunca terás o meu peccado... — Ella se dirigiu para a sua escrivaninha, em' o outro lado da sala.

Paulo Terencio que a seguia com o olhar, divizava em esse seu gesto, uma negação formal aos seus desígnios, ás suas aspirações, a fuga decisiva d'ella do seu eu... Ah, pudesse elle transformar-se em um rythmo isolado não tangido, surdo, discordante das contingencias humanas... trazer em o senso a indiferença, que tudo nivela, absorve e assimila em a sua magia, branca, improductiva: força silente em repouso, rival ingente da força activa, agitada.... reverso fusco, esteril,... impre-

cação odiosa, raiva, somnolencia do movimento, da curiosidade...

— Paulo, vaes assignar-me aqui qualquer cousa para os pobres—e Voleta apresentou-lhe uma folha de papel em branco.

Depois de consideral-a: — Nada darei... tambem sou um infeliz, soffro muito e ninguem me consola — ajuntou impaciente, aborrecido.

— Olha que é para matar a fome, para vestir, para comprar remedios...

— Mas é um mal que a gente remedeia, allivia instantaneamente.... é um mal benigno,... Quanto ao meu, é satanico, incuravel...

— Tu te vingas em innocentes.

— Para o Destino não ha victimas propicias... todas são eguaes.

— E' uma crueldade dupla, a tua — verberou contrariada.

— Bem sabes que a minha dôr tem arrojós máos... destróe, fere....

— O homem retém a colera, o dissabor... glorifica-os....

— Cala-te, não sabes o que são instinctos lesados, offendidos — respondeu Paulo, levantando-se.

— Não sahirás sem me deixar qualquer cousa — disse Voleta indo-lhe ao encontro.

— Toma, fica com tudo..... Dou a ti e não aos pobres. — frisou entregando-lhe a carteira e de novo sentou-se.

— Vem a ser a mesma cousa — e agradeceu rindo muito.

Depois de haver separado o dinheiro, a Senhora Andreia poz-se a mexer, a abrir todos os papeis que encontrava tentando em alguns decifrar pseudony-

mos, em outros completar iniciais inculcando-lhes a hierarchia segundo o perfume fino ou vulgar.

— A vida de vocês homens solteiros é para mim uma avidez... Agita-me total — proferiu de palpebras quasi unidas.

Paulo apenas discernia duas listas escuras, em um rosto fustigado de ardentias e de fulgores.

— Entretanto outr'ora não te interessava...

E elle era todo ironia.

— E' uma curiosidade mobil que vem e que vae — explicou enrubecendo.

— Ah, não me illudes..... Eu bem percebo a luta, que se trava em ti..... E's da virtude pela vontade.... Não podes ser uma virtuosa, — redarguiu tilintando de malicia e de prazer.

— Desde que a não viole, sel-o-ei; maior será a minha victoria — respondeu firme com entono.

— Pertences á categoria das mulheres que só transigem por amor — suspirou triste.

— Tu te enganas, o amor afinal reduz-se a um luzir intensivo, breve, a um escarcéo que passa...—mas suas veias já freMIam para o amor que deveria ser.

— Um escarcéo que passa? que será? — repetiu Zenira que vinha de entrar.

—O amor, querida, que á feição da vida, é instavel, inseguro, fluctuante, betado ás eventualidades do momento — disse de proposito afim de aborrecer o companheiro.

— Deve ser permanente, e reverenciado.... Não concorda, Senhor Paulo?

— Ao certo, não sei.... Em todo o caso, não é um theorema — e os seus olhos procuravam os da Senhora Andreia. Era visível o seu máo humor; a

presença da Senhorinha Sieg o açamava, entibiava-lhe a exuberância da expressão.

— Enquanto subjectivo grita, retoíça-se em sublimizes.... Epithalamios precedem-lhe a morte — redarguiu Voleta com a vaidade levemente picada pela phrase de Paulo: embora nada sentisse por elle aprazia-lhe, entretanto, ter sob o seu dominio, o seu mando, essa paixão immensuravel.

— Exaggeras.... confundes.... Ainda não sabes o que seja o amôr — concluiu afflicto.

— O amor não morre — proferiu Zenira, olhos ao céu, em sonhos.

— Não fossem as suas settas hervadas e filho de Venus..... — sibilou entre dentes, Voleta.

— Serás a victima sanguinea da sua rapacidade.... Estou a ver-te, a dizer — osso contra osso, fibra contra fibra.

— Que os bons deoses me protejam..... ninguem me haverá.... — exclamou com esforço, ao viez presa de todos os espasmos dos vergeis, pelo senso da Luz.

— Mas Voleta não póde mais amar..... Ella ama o Mestre — pronunciou Zenira pallida, a voz cortada: Pedro Andreia lhe era o Mestre e o Heroe.

Paulo Terencio a não supportava, a achava burguesia, por demais solida e equilibrada, totalmente mondada de subtilezas, de sombras estonteantes: ella agia e pensava sem ultrapassar o cyclô mesquinho, sedição dos preconceitos e das regras correntes em o socialismo.

— Porventura acredita que Voleta e Pedro se amam, porque são casados?—acudiu impaciente, rude.

Zenira apenas voltou para a Senhora Andreia olhos dolorosos, cheios de interrogações e reticencias.

— Somos amigos..... Uma sólida amizade nos une um ao outro — pronunciou devagar tentando resumir em poucas palavras todo um mundo de fogo e cinzas que lhe ia em a alma.

— Porque não se allia aos trabalhos do Mestre, não o acompanha, não o auxilia? — suggeriu-lhe a amiga com interesse.

— De nada vale.... Eu me não irmano aos meus actos como tu.... elles ficariam estranhos, imperfeitos.

— Acabaria por vencer.....

— E' que meus nervos desejam al de muito surprehendente, de muito immensuravel... Não nasci para pregar a egualdade....

— A egualdade é um principio divino e natural, — exclamou Zenira com beatitude....

— A propria selecção a rompe....

— A moral a não tolera — exclamou Paulo que em mente comparava os gestos aristocratas, a 'belleza patricia de Voleta com a sobriedade mascula e a pelle amarellada da Senhorinha Sieg. — Eis aqui um exemplo decisivo de vulto, de quanto é falha a sua affirmativa — accrescentou elle, apontando a Senhora Andreia.

— Sim, mas creio que ella representa uma transição, a curva da especie em caminho para a perfeição.... — explicou Zenira, calma.

— Sermos qualquer cousa deixada de lado, um tropeço da grande natureza, um desvio em o schema da Vida..... é devéras original..... Sou unica — e Voleta brejeira, infantina levantou-se e a segurar de leve o vestido, fez-lhes uma larga reverencia. Seus cabellos meio soltos, esvoaçavam em desordens deliciasas,

— Senhorinha Sieg, peço dizer-me que comprehende por perfeição? — inquiriu Paulo em tom secco, cortante.

— Que pergunta audaz... Definição classica ou nossa?

— Não, por certo.... A individual, isto é, a d'ella socialisada.... — retorquiu elle, em tom de mofa.

— Perfeição — repetiu Zenira pensativa — é perdemos a nossa individualidade e renascermos para o proveito de outrem....

— Tolice, é extirparmos de nós o que nos aborrece, afflige, entristece... — interrompeu pressuroso.

— Quanto egoismo!... — verberou Zenira timida.

— Hei por perfeição tudo o que me abala profundamente, vertiginosamente. — proferiu de vagar, a Senhora Andreia trazendo em as'cellulas, volições duplas para o extase maravilhoso.

As arterias de Paulo bateram com o mesmo movimento das brazas sob o halito fresco do vento.

— Mas o mal tambem desequilibra..... — pronunciou baixo.

— Sim, mas provoca aversão, terror... é deprimente -- objectou desdenhosa.

— Não o tens então como perfeição? — teimou elle.

— Apenas enquanto o considero a condição do bem.

— E o perigo?

— E' a bella demencia de Eva,.... está em mim..... — E a cabeça de Voleta se atirou para traz sobre as almofadas: subia e descia-lhe pela medula, o alarido de paixões luzidias, intactas, em poz a dôr, o arroubo, o tormento, a desfibração,...

A Senhorinha Sieg alheia, a nada prestava atenção: todo o seu coração pertencia ao Mestre bem amado e mal comprehendido: cada vez mais se lhe evidenciavam a sinceridade, a nobreza, o puritanismo, a equidade das theorias d'elle...

Em a sua admiração aureolava-o de excellencias, emprestava-lhe attributos, prerogativas, dignidades excepcionaes... Os seus devaneios se dilatavam, rompiam as balizas do presente, presidiam á scenas vindouras, viam-no acclamado por milhares de vózes laudatorias, immortalizado em bronze, a flâmula directriz, o incitamento, o emulo soberbo da juventude ardega e abnegada.

— Pelo que vejo, não podes amar a Pascal. Elle o lia presentemente.

— Venero-o. E' o meu santo... nunca violou a razão, nem a moral, — redarguiu Voleta vivaz.

N'esse instante annunciaram o chá.

— Dir-se-iam olhos de noviças moribundas — exclamou Paulo curvando-se sobre dous nelumbos de palôres impressionantes que boiavam á tona da agua de um raso centro de mesa, azul faience...

— A minha homenagem pertence á Rousseau — disse Zenira servindo o chá.

— Não o supporto, é um tyranno que falhou — proferiu elle, cerrando as persianas: a tarde insolitamente fria e nebulosa d'esse fim de Outubro o enervava.

— Um innovador que venceu... — emendou Zenira espantada.

— ...a origem ainda hoje de todas essas sequencias rubras — retorquiu a Senhora Andreia offerecendo-lhe mãe-bentas, enroladas em tiras de bananeira.

— Evoca-me o Brasil das nossas avós... — e Paulo tirou uma.

— Dos papagaios, das rêdes, das violas, dos lundús... toda uma poesia sertaneja... — enumerou com chiiste Voleta.

— Olhe, Senhor Paulo... Rousseau permanece porque é magnifico de humanidade... — verberou Zenira com entusiasmo.

-- Dá-me a impressão de um Demolidor que morresse com a picareta soerguida para o golpe que não chegou a desferir...

— Eu por mim, admiro-lhe a violencia da sensibilidade... Imagina que ao se referir á «Zaïra» de Voltaire declarou que as amantes devem preferir morrer pela mão do amante, a serem mediocrementemente amadas... — exclamou a Senhora Andreia, as faces em fogo, porem sem segunda tenção...

-- Arrepiam-me esses excessos... — murmurou a Senhorinha Sieg, estremecendo.

Paulo Terencio nada respondeu; as phrases da Senhora Andreia moviam-lhe os mysterios, desentranhavam-lhe todas as ambições e faculdades para um dominio, uma prepotencia... e por amor a ella, n'aquelle momento, desejou a gloria, o heroismo, a erudição excelsa.....

— Se lêsse os mesmos livros que leio, não seria assim original — proferiu Zenira passando-lhe o braço pela cintura.

— Por piedade, não a estraguem, não lhe apaguem as radiosidades.... Ah, ella não os lerá — acudiu Paulo vehemente.

— O Senhor teme a nossa força..... — e Zenira encarou-o.

— Infeliz da mulher que não nos evoque lendas, e suscite pensamentos.... — proferiu sarcástico.

— Que sacrilegio dirigirmos a sociedade pela imaginação fallaciosa....

— E's por demais objectiva, Zenira.... A imaginação tem os misteres de um deus, — e as mãos esguias de Voleta brincavam com os nelumbos que boiavam.

— Eu gosto de tudo prevêr, de tudo classificar, seriar.... Afinal descendo de allemães — e Zenira forçou um sorriso.

— As minhas percepções são felinas, rapidas, irrequietas... — atalhou Voleta sacudida de fragores secretos.

Pareceu a Paulo que os olhos d'ella se alongavam, frechados de irradiações pesadas, sombrias.... e um suspiro profundo, quasi um gemido lhe sahiu dos labios...

— Dir-se-ia um ai, abafado em tempo. — exclamou Voleta maliciosa.

— Nem sei. 'Com elle se me foi a alma... garanto-te que morri — disse-lhe Paulo, despedindo-se.

— E assim chegará á veihice sem nada haver feito.... — observou a Senhorinha Sieg logo que elle se ausentou.

— Mas que representam os nossos esforços, senão goso, tentativa de prazer para nós mesmos? — E essas palavras assumiram resonancias supremas.

— Não falle assim... Temos o bem do proximo acima do nosso...

— O praticarmos a philantropia é tambem um gozo.... o fundamento resta identico.

— Não envenenemos as intenções.... separemos as imperfeições da generosidade... — retorquiu Zê-

nira, embora alcançasse a veracidade d'essas afirmações: trabalhava por amôr ao proximo ou para a repleção de um instincto? Ella propria o ignorava tão identificadas, tão baralhadas essas proposições lhe pairavam em o senso. Era-lhe habito inveterado precisar, accentuar, esclarecer o que se lhe antolhava dubio, vago, incerto.... d'ahi a sua falta de crença, a sua insensibilidade para os arroubos de Deus e da Immortalidade.

Filha de paes pobres, mas honrados, Zenira havia de forçosamente soffrer a actuação do ambiente modesto, parcimonioso, restricto, em que vivera e fôra educada: as suas sensações, á força de se bridarem constantemente, ficaram extaticas: ella desconhecia essa ancia infinita, hostil, insaciavel para o luxo, para o requinte, para o esthetismo da Vida que dilacera o coração dos artistas e as almas de hierarchias seculares.

— Preciso estar com o Mestre — disse erguendo-se.

A Senhora Andreia levou-a até á bibliotheca e ao abrir a porta, exclamou:

— Pedro, aqui está a discipula bem amada — e Voleta retirou-se para o parque, em um recanto onde o arvoredado era denso, compacto, livre, selvagem.... onde as folhas cahidas se ajuntavam, se amontoavam para haver sobre a sua senilidade, o vigor, a animação, o estrepito dos insectos em amando.

A natureza sembrava guardar uma paz, um echo, sons amortecidos, o arremédo da Vida...

A luz que fugia se enlaçava em as sombras que avançavam.

Engrinaldada de ramas verdes, fusionada ao delirio dos renovos e das vergontas, irmã admiravel dos

vegetaes, Voleta sentia acudir-lhe aos plasmos o segredo, as transformações, os alaridos, as tempestades, as convulsões formidaveis da terra, em transfundindo para as raizes, para as sementes, para os germens, o esto, o dynamismo, a pulsação vital, maravilhosa, unica.....

— «A vida perfeita está em mim.... — murmurou — a minha dôr não tem forma, não é uma saudade, a rememoração de uma cousa que já foi.... a agitação de um Destino.....»

A herva rasteira que se lhe curvava sob os pés ainda retinha a peçonha de serpes estrebuchantes.... Enchiam o ether resaibos, vestígios ainda quentes, ainda vibrantes de anarchias impuras, turbulentas... e Voleta não distinguia se accusavam o gemido, a agonia de sensações que se findavam ou a algazarra desabrida, louca, intoleravel de sensações que renasciam...

— «Eu sou a minha propria lividez, o meu coração é um extase solitario... — exclamou embrenhando as mãos pelas lianas, pelos cipós que baloiçavam...—«E' só o espirito que sabe da ebriez de sermos de nós mesmas, uma transcendencia intangivel» — accrescentou em seguida.

A lua subia lenta, enorme, desfeita, lurida... Voleta a percebia atravez de espaços minusculos, e pensou: «Embora morta é uma amante sequiosa, sorve incessantemente as ultimas caricias do Dia á terra... rouba ao mar, o beijo longo, inteiro, a febre, a alma azougada dos sóes que morrem... A meia noite então, o seu ardor medra, se torna nefasto... queima-se em flammas que não são suas, exgotta, haure, arrebatá, attrahe á sua massa inerte, o calor, a paixão, a effervescencia, as irradiações immensuraveis da Luz imperecivel...»

Unindo as mãos balbuciou a seguinte prece: «Senhor, porque me não fizeste igual ás outras mulheres, que desconhecem o tormento e que amam apenas com os seus sorrisos e os seus gestos subteis?

«Concedei-me que torne a encontrar em o casamento a minha satisfação, o meu deleite, a minha visão dan-sante.....

«Senhor, resuscitae o meu amôr.

«Meu coração se distende para as Vossas Volições, a espera do Milagre, da Ordem sublimada.

«Que o meu riso seja a eclosão vera, os corymbos da alegria, a espuma rendilhada de um sentimento violento.....

«Dae a demencia ao meu beijo.

«Mas por ventura deverei trazer sempre a candidez dos fremitos innocentes, a palavra divina em o paganismo do meu corpo?....»

E a lua cheia bem em frente vertia-lhe o seu palor, a sua lubricidade silente de Amorosa do Infinito.

Ao entrar levava para o marido esse desejo insubmisso, acerado, de pertencer a alguém, de haver em seus nervos, em suas sensações, outras sensações, uma potencia, uma força, uma obsessão...

— Trago-te a caricia agreste do arvoredado inculto — e suas mãos acariciavam a cara de Pedro, misturando-lhe os cabellos, o bigode.

— Não faças isso..... basta..... não gosto de festas — exclamou elle, a esquivar-se, a afastar-se.

— Acanha-te a presença de Zenira? — interrogou, picada, orgulhosa.

— Oh, não... embora devamos respeito-a... — desculpou-se Pedro, alisando os cabellos.

— Por acaso ignoras que o homem e a mulher se beijam? — inquiriu Voleta da outra, fingindo ligeirezas.

— Desculpe, Voleta, o Mestre exaggera — balbuciou Zenira, embaraçada, de olhos baixos, dirigindo-se para o outro lado.

— Assim farás d'ella uma hypocrita — e essa phrase levava azedumes.

— Apenas uma cortezia á innocencia e nada mais — observou solemne, meio irritado.

— E' de resto uma caricia ingenua, uma caricia de casamento, como dizes — accentuou ella com certa malicia.

— As caricias de amôr são simples, exclusivas— replicou abstracto.

Voleta não se podia explicar esse máo humor surdo que principiava de notar em seu marido:

— «Serão porventura, os effeitos de uma convivencia de oito annos?

«Será possível que essa existencia a dous afrouxe, diminua, empane o esplendor, a magnificencia, a pulsação cheia da emoção radiosa?» — raciocinava. Como se esvaíam, se entibiavam as fulgurações, o impeto, o arremesso de seu coração que continha a maestria, as propulsões, os motivos maximos do universo inteiro... Os seus momentos, as suas horas não eram mais guirlandas tecidas de verberações, o extase allucinante que prendera Alcestes a Admetus, uma plenitude que se desata...

E Voleta apavorada, tremia ante a realidade incolor, a monotonia, a insipidez que a aguardava, existencia em fóra... A rudeza, a acrimonia de Pedro, a sua irritabilidade incomprehensivel n'estes ultimos tempos, a desviavam d'elle, lhe amorteciam os senti-

mentos, as determinações, o proposito que se impuzera de amal-o com fervor, com admiração, com todas as intemperanças de sua alma enamorada.

N'esse instante houve a impressão de que cada faculdade sua, cada atomo expunha a sua fome, a sua exigencia, o seu unico desejo... Do mais remoto do seu intimo se esgueirava uma anciedade. Voleta extremeceu de ponta a ponta.

Pedro com os cotovellos apoiados na janella, encarava as estrellas que apontavam tardas, lentas, vagas, rosas, mas scintillantes taes quaes fossem plasmadas de essencias fulgidas, de aço, de espelhos liquefeitos...

Zenira sentada no canto de um sofá de couro, abria e fechava uma bolsa de seda já gasta; sobre o seu embaraço, a sua timidez se espalhava uma grande calma, uma beatitude, um suave apaziguamento.

— Zenira, um grande amigo meu, um socialista emerito, Osborne está a chegar... Vem da Suíssa.... uma ameaça de tuberculose ha bastante tempo o reteve lá — dizia Pedro por etapas a caminhar, mas a sua attenção se collava á sua mulher que debruçada sobre a mesa de trabalho se assemelhava á um longo lyrio em arco: ella vestia roupagens claras, fluctuantes, em rendas brancas.

Voleta já vinha notando que esse homem, embora de longe, fascinava seu marido: toda a vez que recebia cartas d'elle, Pedro mudava, tornava-se nervoso, irritadiço, indifferente a tudo o que não concernisse á socialismo, á syndicato, á proletariado....

Os olhos de Pedro, porém, apenas divisavam n'esse corpo de elasticidades estonteantes — o peccado, a seducção, o mal dos homens. — «Ah, porque não tinha ella as mesmas linhas duras, rectas de Zenira, as

suas formas neutras, sem curvas provocadoras....» — suspirava ferozmente ciumento. — Oh! essa sua belleza quebradiça, flexuosa era-lhe um tormento, uma agonia, o estorvo perfido que o inhibia de pôr em pratica suas convicções... o obstaculo, o empeco, a barreira poderosa que se antepunha á realisação cabal de suas theorias.

— Tu o conheces, Voleta — ajuntou affectando tranquillidade. — Faz seis annos que Osborne esteve aqui, em casa....

— Não me recordo... — respondeu continuando a lêr um livro que abrira á esmo.

— Disseste até que a sua fronte parecia carregar o universo... que em o olhando, experimentavas a sensação de peso — accrescentou.

— Ah, sim... de olhos ambiguos.... — redarguiu alheia a tudo, inteira n'essa phrase que vinha de lêr e que lhe trazia ineditismos extraordinarios: «Le destin des hommes est disposé pour d'heureux moments — toute la vie en a de tels.»

E indecisa interrogava se o seu momento feliz já chegára, passára ou se ainda se librava invisivel á feição de um guizo de ouro, impregnado de sons aureos, prestes a estrugir festivo, ridente, estrepitoso sobre as suas horas mortas? Rapidos, intempestivos, os seus melhores instantes accorriam, alinhavam-se, enfileiravam-se para o exame... sentia-os fanados, fracos, indecisos, sonhos imbelles, ficções de alegria, tentativas de esforços.... Com um gesto impaciente, Voleta ergueu-se e murmurou: — Virá ainda.... espero-o.... nas minhas palpações ha uma pulsação nova, timida, ingente....

— Estás com o geito de quem acaba de derra-

mar veneno aos deoses..... os teus musculos se contraem — pronunciou Pedro com sarcasmo, a encaral-a.

— Ao contrario venho de inundar-me de essencias..... dir-se-ia que todas as rosas do universo me vicejam em o sangue. Ah, que estridor! — exclamou premendo as faces com as mãos, livida, ante as surpresas que cria adivinhar enclausuradas em o fado que a sua imaginação doirava.....

— Que promessa fizeste para que te recompensem assim? — inquiriu elle a admiral-a apesar de si.

— Dei-me á inconsciencia das forças que urdem.....

— E's minha e da minha vontade por enquanto — exclamou autoritario, brusco, sem reflectir.

Depois de fital-o por algum tempo Voleta disse reforçando cada palavra:

— Não sou tua nem de ninguém — e sahio.

— Como é offensivo o seu orgulho.... Eila me fuge.... nunca me será uma discipula — proferiu a meia voz. — A mulher de luxo é uma frivolidade irritante — ajuntou exacerbado.

Reparando em Zenira, humilde, de olhos baixos, sentada no mesmo lugar, exclamou:

— Ainda estás ahi?!

— Espero as suas ordens, — balbuciou com a voz tremula, triste, a soffrer pelo mestre bem amado.

Todo o seu ser se levantava para elle como palavras vivas, ladainhas de affecto, de submissão.

— Vem — e Pedro acenou-lhe com a mão. Depois de remexer uma gaveta disse-lhe mostrando uns papeis:

— Copia, faz uma lettra lisivel, meuda.... attenta bem quando digo que a sociedade é um corpo, um

agregado de individuos pensantes, com as mesmas funcções que um organismo humano.

— Então somos nós as suas células?—interrogou surpresa.

— Mas então? as cellulas tambem teem vestigios de consciencia, de sensibilidade.... — respondeu ampliando a sua explicação á pergunta que ella não fizera, que não chegara a ser formulada, mas que percebera em seus olhos.

— Mas, Mestre, e as células dos animaes?

— Só possuem sensibilidade; são baldas de raciocinio, de juizo, comprehendes?

— Ah, sim — respondeu Zenira alliviada. Por amor a elle, entregava-se de continuo a estudos profundos e açacalava tanto as suas faculdades que a força do habito, já as tinha sempre alertas, sempre vigilantes, promptas a surprehenderem o minimo erro, a minima falta, uma contradicção. Ella zelava pelo renome de Pedro, como a gente zela a mocidade, a belleza, a perfeição, o mesmo cuidado, a mesma paixão, a mesma pertinacia doentia.

Por vezes passava grande parte da noite a consultar dictionarios, a manuzear livros, á cata de uma palavra technica, ou então em busca de informações certas, de significação apropriada, do vocabulo justo. E tudo isso, fazia de mánso, á surdina, ás escondidas, sem nada revelar.

— E' tarde, vae-te, filha de minhas ideias, sucção de mim mesmo. — Pedro a prender-lhe ambas as mãos, enviava-lhe em seus sorrisos, sem o saber, a sua maxima recompensa.

Meio curvada, como se houvesse sobre os hombros o peso de todos os infortunios, estranha á ardentia de um céu, todo branco, apartado das trevas que

teciam a noite, Zenira caminhava apressada, absorta em si, transfigurada: oh, aquelle sorriso estava-lhe em os labios, em a retina, sobre o rosto á guisa de um lichen encantado.

E mais tarde ao aquecer o jantar, ao estender a toalha sobre uma mesa exigua, sentia-se tão leve, tão ligeira, como se tudo lhe passasse pelas mãos sem ser d'ellas tocado: «E' o dever cumprido, o trabalho executado que nos empresta esta alegria — repetia em seu intimo. — A vida é um caminho direito. infeliz d'aquelle que olha para o lado... Ah, se Voleta fosse menos formosa, e do nosso meio, quanto seria feliz o Mestre querido.... Mas acima d'ella, elle ama o seu ideal....»

— Ao pronunciar essa phrase Zenira teve a impressão de que bandas de espicanardo lhe enfaixavam o corpo e a alma: um pensamento máo, viscoso, ras-tejava, insinuava-se, engrossava, ia explodir, quando a offegar, ruborisada, afflicta, alarmada, proferiu alto, emphatica afim de tresmalhal-o, de assustal-o, de estrangulal-o: — «Que ambos sejam um só, uma mesma vontade, um unico amor».....

E seus olhos apresentavam a mesma lizura brilhante das superficies unidas, transparentes, sem fundo....

IV CAPITULO

«Ein ewig Räthsel bleiben, will ich
mir...»

Schiller.

— Chamam-me á São Paulo, querem que faça uma conferencia sobre o «Individuo como factor do Progresso social», — disse Pedro Andreia á mulher.

— Ainda estás convalescente.... não deverias viajar por enquanto — retorquiu pressurosa Voleta.

— A vida é trabalho, soffrimento, fealdade e agonia — accrescentou azedo.

— São visões pessoas, tuas e não minhas....

— Porque levas vida de belleza... os teus minutos são tecidos de sonhos, de chimeras voejantes....

— Oh, os meus sonhos são o que eu quizeria viver.... são o que me falta em a minha solidão, em o abandono em que me deixas.... Ah, estou enfiada de ser eu, só eu, dentro de mim... — e suas mãos brancas e frementes se apertavam.

— Tu me irritas com o teu sentimentalismo constante. Trabalha, trabalha, sê positiva...

— Ah, sim, como Zenira... Mas lembra-te de que sou a bisneta de um vice-rei....

Parecia a Pedro Andreia que á figura de Voleta se additava o entono, a magestade, as medidas, o desdém dos perfis realengos que um severo protocollo modela.

E como elle se sentia simples, obscuro, desprovido de fausto, de grandeza, o mero descendente de um general revolucionario, a unica preeminencia que blazonava em a sua longa linha genealogica, sempre burguezia, sempre igual.

Era-lhe impossivel comprehender essas acuidades essas volições que são os reflexos transcendentales das naturezas privilegiadas que uma feliz selecção bruniu, acerou para a magnificencia, o esplendor da vida maravilhosa....

— Não ficarás só.... — ajuntou Pedro depois de uma pequena pausa. — Nossos amigos virão verte.... De resto o tempo está lindo, poderás passear....

Voleta fitava o vacuo, immobil; afigurava-se-lhe ser um alvo a receber uma flecha, depois outra flecha até mudar de feição, de não mais ser elle mesmo....

Interpretando mal o seu mutismo, Pedro Andreia soltou a seguinte phrase atochada de sarcasmos:

— Naturalmente te farão a côrte.... Bem sei que os homens preferem as mulheres de hierarchias....

— Devéras?..... Ignorava.... Porque me deixas então?.... Será falta de dignidade tua.... — respondeu devagar, livida, a dominar-se....

Retractando-se, os olhos em os olhos d'ella, Pedro ajuntou manso:

—Que me importam as apparencias..... Quero-te ao meu lado, livre, espontanea.... Quero-te longe de mim, fiel, total minha, defendida pelo meu eu...

— Não exaggeres.... Não me tentes... Quantas vezes hei dito, voltando a cara: d'esta agua não beberei.... Quantas vezes, a tremer, me hei afastado... — e a voz da Senhora Andreia apresentava a mesma toada de voz, de propheta: soita, incorporea, singela.

— E' a educação das energias pelo raciocinio — atalhou vivaz e em mente exclamou jubiloso — Serão os effeitos dos meus ensinamentos?

— Que sei eu!

— Garanto-te.... é um methodo efficaz a persuasão lenta.....

— Penso serem antes principios ingenitos ou talvez os conselhos do meu eminente confessor.....

Represava-lhe o coração e a sua curiosidade luminosa, tilintante, uma grande angustia: o dever, a obrigação lhe appareciam com toda a sua cohorte sedição, usada, cheirando a bolor, a cousa velha, gasta, prompta a ser removida, a adquirir outras funcções e para si, murmurou: — Eu sou uma terra sem agua...

— Estarei de volta para o jantar — exclamou Pedro atarefado.

A Senhora Andreia deixou-se ficar, em o seu «studio» todo forrado de vermelho, em a saleta de Agni, como a chamava: Agni, o deus do fogo, dos sete raios, «forte da força, poderoso do poder, sabio da sabedoria» e pensava:

—«Será possível, que para vivermos seja myster não raciocinarmos..... Vida, encantamento, gesto de um deus, hei-te, em as mãos, em os labios, em as mi-

nhas visceras como uma gemma, um arpejo, um astro frenetico, uma volupia, um sacrilegio incandescente, fatal....

«Quando cerro, contra o seio, o teu coração desordenado, fremo com o teu fremito e esvaio-me e morro e revivo, frechada de fulgurações, fulminada de ti, Eu, a tua Eleita, a tua amante ajaezada de soes.... offerta-me a tua offerenda, dá-me a tua dadiva que a tomarei sem olhar para atraz...

E as rosas rubras ennegrecidas de sombras, lançavam atravez dos espelhos, laivos de flagellações, o espasmo sangüineo da bocca de S. João Baptista.

— E' preciso que eu saia — proferia a es- torcer-se como uma nuvem, como uma serpe — que eu passe aos espaços, ás outras substancias, os desdobramentos, a esplendencia epica, do meu sêr.... Ah, eu quizeria ter o prestigio, a potencia da Lei das XII Taboas, reger os povos, trazer atreladas ao meu jugo, as consciencias dos cinco mundos, ser a responsabilidade da Terra perante Deus....

E a Senhora Andreia decidiu-se a ir, essa tarde, á recepção com que o casal Daniel Ribeiro iniciava a «season».

Izabel Clarisse, a dona da casa, fôra collega sua de Primeira Communhão.

Durante o mutismo forçado d'esses tres dias decorridos entre espiras de incenso e hosannas e revoadas de céu e de suspiros que eram preces a se evolverem: Jesus olhae para mim, ambas andavam sempre uma ao lado da outra em a capella e em o dormitório, ambas testemunhas da emoção profunda que as agitava e que as fazia excederem-se em actos de fé e de adoração....

Ah, nunca Voleta se poderia esquecer da sollicitude, do carinho da amiguinha em os instantes em que seus nervos se distendiam em arroubos mais fortes, mais incisivos como em aquella noite quando, agarrada á companheira, lhe narrava, aterrorisada, o sonho que acabava de ter: as palavras demonio erguidas ao geito de duas columnas a lhe barrarem o caminho..... e depois em a occasião de receber os Sacramentos, presa ao chão, hebetada de escrúpulos e de receios, um bloco, hirta, sem iniciativa...

Longa, esbelta, ardente e vivaz, solta dentro de crêpes claros e ombreada por um largo chapéo de plumas pretas, a Senhora Andreia entrou em os salões de penumbras roseas do Senhor Daniel Ribeiro.

— Oh, a bella fugitiva! — exclamou Izabel Clarisse vindo-lhe ao encontro com os seus cabellos puxados para a nuca e os seus olhos furiosamente negros. — Com certeza atravessou ameias, pontes levadiças.....

— Venho de uma torre de crystal toda enlurada... — accrescentou ella a gracejar.

— Mas seus olhos trazem violencias que imploram — ajuntou Daniel Ribeiro saudando-a e examinando-a de alto a baixo; repetia-lhe uma phrase que ouvira na vespera.

— Meus olhos mentem, então.... Carrego hoje, dolencias innumeraveis..... — E dir-se-ia que sobre a sua belleza abaixavam véos, nebulosidades, as mãos gelidas de Hermione.

— Sabe dizer cousas tão lindas.... Dá-me a impressão de ser um jardim florido, uma cithara sempre em musica..... — observou-lhe o dono da casa de novo com uma phrase não sua.

E assim a conversarem, lado a lado, atravessavam as salas: todos os olhares se convergiam para ella, de resto muito pouco conhecida.

— Tenho uma surpresa a fazer-lhe.... Vae receber os louvores dos primeiros geranios d'este anno — e elle a introduziu em uma saleta ogiva, rodeada de «vitraux.»

A Senhora Andreia abeirou-se, porém recuou: geranios em festões, em circulos, entrelaçados, dentro de jarrões, em listas, a treparem pelas paredes, se multiplicavam satanicos, em estridencias rubras, desorientantes.....

— E' bello, mas é terrivel..... allucina-me — proferiu entrando.

— E' a mania da moda a selecção de uma só ruança..... Que remedio, senão seguirmos os seus decretos.

— A sua fidelidade será tamanha assim, em tudo? — indagou Voleta ironica.

— A fidelidade é feminina, não nos pertence — atalhou Daniel Ribeiro.

— Ah, sim deve ser nossa, bem nossa, e dos homens tambem, sobretudo dos casados — accrescentou pressurosa, ella que lhe sabia dos peccadilhos.

— O casamento então, seria insupportavel, uma infindavel monotonia — ajuntou prazenteiro.

— Francamente, é a mais tola das seriedades — exclamou, distrahida.

— Tem razão, lhe não devemos prestar muita attenção. — respondeu meio perplexo, a perguntar em seu intimo, se não seria uma allusão, um remoque ás suas estroinices.

— Que genio bondoso o trouxe a nossa casa! — exclamou, em seguida ao divisar um amigo seu, o Dr. Roberto Annes de Azurára, parado adeante de um dos *Vitraux*, que ficava proximo a entrada.

— Que formosa obra de arte.... Sómente os italianos sabem reproduzir a Grecia antiga — observou-lhe o recém chegado a mostrar os musculos retezados de Agamemnon abraçando o escudo do Temor, em luta com Iphidamus.

— Arripia-me, preferiria evocações sentimentaes.... pés trançados, revondas de tunicas.

Emquanto ambos fallavam, a Senhora Andreia se achegára mais para o fundo.

Essa obsessão encarnada principiava de fazer-lhe mal, de actuar-lhe em os nervos, de transmittir-lhe ao senso, o lunatismo, a grita d'esses corymbos que haviam a côr da pulsação cheia, da Vida a vicejar..... a côr do crime, da realleza, das pupillas dementadas.....

O sangue d'essas flôres inoculava em o sangue de Voleta, o seu estridor admiravel..... parecia-lhe que ás suas arterias mil labios se collavam, a roubar-lhe o fremito, a consciencia, o esto suprêmo, a vitalidade: era a bocca de Joachim a sorver em a taça maravilhosa o Porvir infinito... era o Desejo a exaltar-lhe em os atomos o desejo lucido para o que se affirmaria ainda.... era a tempestade d'ella mesma em seus embates estereis..... Rûgia, troava-lhe em o seu todo a Vida esplendente, a força, a utilidade da Vida fecunda que se prodigalisa, se entrega, se abre á pilhagem voraz, sediciosa de Instinctos que querem continuar, persistir, ser a Luz perenne do Reino da Terra.

A Senhora Andreia reclamava ar, espaço, outras

visões..... suffocava-a essa vertigem incandescente.....
Ella apoiou-se contra o espaldar de uma cadeira.

— Sente-se mal.... Que tem? — interrogou-lhe Roberto Annes, approximando-se..... Seu companheiro que alguém viera chamar o deixara havia pouco.....

— Oh, o sortilegio d'essas flôres — murmurou offegante, de pupillas dilatadas.....

— O frescor da tarde far-lhe-á bem — accrescentou escancarando uma pequena janella.

Roberto Annes fallava de manso, suavemente e via como ella vibrava, zurzida de ardores e de agonias, tal qual as mulheres de Angelico de Fiesole que, embora moribundas, desfallecidas, trazem em a retina a inquietude magnifica da Vida viva...

A calma, o equilibrio tornavam á Senhora Andreia: a lividez opalina de um crepusculo de inverno disseminava pelo ether mansidão, blandicias, tranquillidades.....

A fragrancia exquisita, reincidente de seiva e de folhagem lidadas pelo sol se partia em o rosto, em a garganta de Voleta, á guisa de rythmos passionaes..... O coração das Trevas depunha-lhe em os labios uma unica melodia, um thesouro — a sua consistencia...

Roberto Annes soffria da fascinação que surdia d'ella e o enovelava.....

A Senhora Andreia já em pleno dominio de seus nervos e ardendo de radiosidades, disse-lhe:

— São sensações bizarras, que me veem apezar meu e da minha vontade tenaz.....

E a Senhora Andreia notou que os seus olhos eram verdes, longos como ervilhas tenras e a bocca fina, resoluta...

Roberto Annes sorriu ao raciocinar: a vontade tenaz não se expressaria tão levemente sobre o casamento, como ella o acabava de fazer.... Frio, glacial, retorquiu:

— A vontade, forte, pede coiraças de bronze.... é por demais fragil....

A dubiedade, o insolito d'essas palavras a puzeram confusa, surpresa.

— Entretanto amo as tragedias intimas....—accen- tuou altiva...

Afigurava-se á Roberto Annes que os oíhos de Voleta se afilavam e feriam como pontas de aço...

— Oh. sim, mas com certeza se rende á ellas, liba-lhes os venenos... E' como lhe digo, uma fra- queza.... — elle gozava em repetir á essa mulher eston- teante, a verdade que talvez a sua belleza a privasse de ouvir.

A Senhora Andreia fitou-o, a impertinencia d'esse desconhecido de maneiras tão polidas e tão attrahentes já a impacientava.

— Na realidade essas tragedias são o atticismo de meus espasmos.... estão em mim quaes abelhas de oiro....

— Cuidado para que não descambem em melo- drama — proferiu irritado da destreza com que ella desnudava a sua maneira estranha de ser e da indifferença que mostrava ante os commentarios que d'ahi poderiam derivar.

— Não confunda.... O melodrama esconde uma queda, enquanto em toda tragedia existe uma redem- pção.—e com um ligeiro aceno da cabeça sahio sem esperar pela resposta.

Roberto Annes continuou em o mesmo lugar que dir-se-ia ainda guardar o perfil maravilhoso de Vo- leta e a sua arrogancia: nunca vira uma mulher tão ímbuida de si mesma.... e tão habil em sua defesa...

As phrases que emittia, sahiam-lhe envoltas em pedaços de consciencia... traziam fragmentos de coração, de fibras.... manifestavam espirito e essencia, substancia e intelligencia: prenuncios incontestaveis, justificativas cabaes de uma alma rija, equilibrada, embora morbidamente poetica.....

Roberto Annes se convencia de que a vontade d'ella afinal não era como a principio suppuzera, um alarde embahidor, uma dissimulação.... E a conjecturar assim, o medico eminente penetrou em o salão.

Elle se sabia o noivo ambicionado das moças, o melhor partido da epocha, em a opinião das mães.... e essa convicção que sempre avultava quando em sociedade, lhe era motivo de dissabor, de grande aborrecimento, a razão mesmo por que bastantes vezes não comparecia a certas festas... Desde menino dedicára-se aos estudos com ancia desordenada e homem votára-se total á sciencia e ao conhecimento profundo da philosophia antiga e moderna..... Nada mais exigia: era um saceado, um satisfeito, o senhor da sua felicidade e do seu eu.

A vida para a sua avidez immensuravel empós poderios e ascetismos transcendentos não se reduzia á uma lide incessante, de cousas finitas, á uma serie interminavel de dissensões ou á um roseiral ateadado de fulgores e de deslumbramentos a suscitar a gula, a rivalidade, a insidia entre os simples mortaes..... estirava-se-lhe, desdobrava-se-lhe porém em belleza, em mysterios, em realidades sumptuosas que lhe clamavam: — desata-me, elucida-me, despetala-me, eu quero ser o teu talisman, a tua insomnia, o teu tormento excelso.....

E elle de retorno, se mostrava para essa Vida da-

divosa, um servo, um deus, uma ideia enamorada, um instinto victorioso....

De volta do trabalho, fechava-se com os seus livros em a sua «Villa» em o topo de uma collina, dentro de jasmineiros e palmeiras antigas, maltratadas pelos ventos do sul.

De pé em um dos angulos do salão, em o meio d'aquellas luzes fusionadas, d'aquellas ondulações de plumas e de charpas, a hombrear perfis de sorrisos em marfim, Roberto Annes a si perguntava, porque viera a recepção, porque acquiescera justamente n'este dia ás sollicitações reiteradas de seu amigo e cliente, Daniel Ribeiro?

— Meu Deus, que distracção e entretanto não é poeta—exclamou a Senhorinha Isis de Pina e Souza, que lhe trazia todas as graças, todo o sabor picante dos seus vinte annos.

— Estás deveras linda, Isis, mas os teus olhos não são mais de crystal como ha quatro annos atrás. — disse revistando-os.

— Eram, então; olhos de adolescente e depois você os viu em pleno mar, banhados de luz intensa....

— E de malicia.... e de perseguições tambem — accrescentou a rir.

— E' que eu já o amava, Roberto.... e tinha ciumes d'aquellas estrangeiras que o rodavam.....

— E ainda m'o repetes, menina desassizada. Quantos corações has tentado?

— Tres, mas não gosto de nenhum; por enquanto apenas namoro.

— E gozas com isso?

— Não sei, as vezes faço-o tão inconsciente que nada sinto — disse rindo muito e tomando-lhe o braço — vamos sentar, estou cançadissima, é a se-

gunda recepção a que assisto hoje depois de uma noite de theatro.

— E te contentas com ser libellula de salão?

— Muito, pois os dias se succedem em festas, em alegrias.....

— Pensas encontrar um marido n'essa folia?

— Talvez, mas ainda é cedo, quero antes de me fixar, divertir-me... Oh, é delicioso! — E a sua bocca se rasgava em risos sonorosos de natureza sadia, nova.

Ao ouvil-a, Roberto Annes pensava: essa impaciencia de se usar, de se dispersar evidencia forças, energias que bem orientadas, bem aproveitadas fariam da mulher um typo de belleza e selecção... E' pena que a educação frivola, soporifera que lhe outorgam as desvie, as contamine, as degenerere, transformando-as em caracteristicos menores, em o distinctivo emfim, mediocre da menina moderna — nevroses aferventadas, obsessão pruriente para se livrar de toda e qualquer sujeição, ardor dansatriz... Flôr ainda inviscerada e já empossada pelo terror da finalidade de uma juventude que apenas se accentua....

— Mas levas para o casamento um coração fanado.... residuos embaciados.

N'esse instante sentiu que não se dirigia a ella sómente, mas á todas as moças que se dão atravez dos olhos, dos labios, de sorrisos cúmplices.

— E os rapazes, que nos offerecem? Um coração mutilado por centenas de paixões.....

— E' uma verdade que precisa desaparecer e por isso não deve ser imitada.

Roberto Annes pronunciou essa phrase machinalmente: vinha de avistar atravez de espaços que um

feliz acaso enfiara instantaneo, o rosto illuminado da Senhora Andreia.

— Quando essa perfeição chegar, estarei passada, com sulcos profundos ao redor da minha linda bocca.— ajuntou grave a examinar as suas mãos gordinhas, mãos de caricias, porém sem alma, sem espirito, sem abalos.

— Sempre a mesma preocupação do immediato. — respondeu aerio a acompanhar os gestos de Voleta.

— Roberto, repara n'aquelle rapaz, moreno, todo largo — exclamou Isis.

— De geito de americano? — inquiriu com o olhar fixo em o perfil de Voleta que ora irradiava como um espelho embutido de fulgurações... ora se embruscava triste, enigmatico.

— Tem rudezas que seduzem...—exclamou ella, unindo as palpebras....

Essa objecção o chamou á conversa:

— Será possível que admires a falta de delicadeza?

— O louvor continuo enfara.... E' tão monotono, tão agua e assucar — redarguiu Isis lassa, os movimentos frouxos.

— E' triste que aos vinte annos, soffras do mal dos velhos — a saciedade... O louvor em a tua idade é uma ebriez que se ajouja a outra ebriez, é a escada de Jacob, para a alegria de vós outras... — e retornou á Voleta como se ella fôra um nimbo, um festim de luz.

A Senhorinha de Pina e Souza continuava a fallar:

— Achei tanta graça quando, em meio de um «fox-trot» elle me disse — Prefiro a suavidade das louras que trazem primavéras em a cabeça.... E eu

que tenho a noite em os cabellos e que sou morena.... Não ha duvida, que foi por demais franco.... mas gostei....

Se Roberto Annes attentasse ao que a sua companheira contava, descobriria logo que tratava de consolar-se e de illudir-se, mas elle engolphava-se mais e mais, em a curiosidade que o subjugava: analysava cuidadosamente a expressão, os sorrisos e os olhares da Senhora Andreia e se apercebia de como os seus cilijs admiraveis, eram longos e esfumados. Depois de observá-la por algum tempo disse para si: «Não veio aqui buscar o amor e o prazer.... ha qualquer cousa de fugidio e de persistente, como se alguma angustia lhe bailasse em o intimo...» E via o desejo dos homens, que a cercavam, nimbá-la, á guisa de um halito phosphorescente e murmurou — «Não o retém...» N'esse momento Roberto sentiu apezar seu, repentinamente, em as suas visceras, o alarde d'essa mulher que desconhecia, que abordara hoje pela primeira vez e a quem chamava em mente — a Senhora do Luar, por causa do tecido prateado de suas vestes....

Voleta lhe apparecia como a alma luzidia, o ly-rismo de um Pean....

E o medico eminente ergueo-se; uma ancia irresistivel o incitava a desvendar os veos que a encobriam e que a isolavam d'elle.

A Senhorinha de Pina e Souza tambem se levantou e mal interpretando o seu silencio, disse:

— Porque essa tristeza, se ha todos os corações, inclusive o meu?

— Para a tua pouca idade o maior soffrimento se restringe aos amores infelizes.... hein? Não quero o teu coraçãozinho.... guarda-o para quem se encontre

como tu em as abas da vida, para aquelle que ainda murmura — eu chego... — Elle se achava a pequena distancia da Senhora Andreia e esforçava-se em vão por immobilisar em suas pupillas glaucas, as pupillas d'ella, calidas, de nogueira, estriadas de verde.

— Mas é você de quem eu gosto...

Roberto Annes achou graça, em a franqueza, em a juvenilidade confiante com que Isis lhe confirmava o seu segredo.

— E' fantasia e audacia dos teus vinte annos.... Aos quarenta annos o homem aspira a um coração tragico que queime como o coração do sol...

Essas ultimas palavras não foram para a sua amiguinha.... foram atiradas ao ether á feição da mensagem, de promessa, em o minuto, em que os olhos de Voleta pararam em os seus, inteiriços, intactos, vazios de tenções, de préludios e pensou: nada d'ella veio a mim....

E já uma certa irritação o agastava quando Izabel Clarisse acercou-se:

— Sabe Dr. que está dando ao meu salão uma nota erudita. Invejam-me a honra de uma presença tão extraordinaria...

— Impossivel.... pois se sou um taciturno...

— Porque deseja..., — replicou entre os dentes e a esparzir sobre elle, a impetuosidade de sua alma apaixonada e sensual.

— Engana-se... E' porque não amo — redarguiu decidido, concentrado em si, avaro de todos os seus sentidos, de todas as suas manifestações...

— Ha de amar e soffrer e lembrar-se de mim — exclamou ella rindo muito.

— Iza, convença-o de que aceite o meu coraçãozinho — supplicava Isis entre sorrisos.

— Ah, você também?

— Desde os 16 annos.

— Comprehando, pois se é irresistivel....

— Era nostalgico.... Parecia uma tarde de verão... E eu o seguia por toda parte no tombadilho, no «fumoir», pelos «halls»....

— Com uma constancia enervante.... Quasi não era senhor das minhas horas — atalhou pensativo, embutido em a sua preocupação.

— Olha, Isis, os homens assim, não amam as mocinhas como você — accrescentou ella em tom significativo, encarando-o soffrega por adivinhar o effeito d'essa sua asserção.

Roberto Annes impassivel, replicou:

— Rendo-me á virtude.

— Elle não é igual á maioria dos homens — affirmou convencida Isis, a quem as viagens em os paizes estrangeiros e o mergulhar continuo em a sociedade emprestavam perspicacias, intuições mais ou menos justas sobre a vida e a humanidade.

— A virtude apezar de tediosa é sempre uma surpresa, é sempre patricia, — retrucou a Senhora Daniel Ribeiro, sarcastica.

— Como essas senhoras são impudentes.—foi a exclamação que lhe acudiu, mas alto respondeu:

— Depende de quem a exerce.... De resto, a virtude sempre tem homenagens...

E em mente comparava a leviandade, a fatuidade d'essa senhora que cria topar em cada homem um adorador, um vassallo seu, com a altivez, a dignidade magnifica da «Senhora do Luar»....

Talvez actuasse em ambas um forte atavismo ou desigualdade de educação.... descobria em Isabel Clarisse um especimen em declínio, quasi eliminado pelo

progresso: a mulher que tem consciencia da sua consciencia sómente quando jungida ao discernimento do marido, que a não perde de vista.... Em quanto a outra de posse integral do seu eu, sem vigia, se patenteava viril e doirada, uma folia e um laurel, a mulher que ri, a mulher que discerne.

Um suspiro dorido sahiu d'elle para ella que poucos passos separavam.

— Vou apresentar-lhe a uma amiguinha que tem **belleza** e tambem virtude — fallou-lhe a Senhora Daniel Ribeiro, ao ouvido.

— E' então uma «avis rara», um poema inédito — aventou ironico, porém de pulsações aceleradas.

— Senhora Pedro de Andreia — pronunciou Izabel Clarisse.

— Mas já nos conhecemos.... — e Roberto Annes sentiu em a sua mão aspera de facultativo em lida com desinfectantes, a mão fina, expressiva, de magnolia, de Voleta.

Os dous ficaram a sós; a Senhora Daniel Ribeiro se fôra, obrigada a repartir entre os seus convivas um pouco da sua graça, da sua belleza irrequieta de morena incendiada; Isis de braço com o *americano* se apartara em pós um refugio, onde pudessem trocar olhares meigos, confidencias persuasivas.

— E eu que ignorava haver-me com uma das glórias do meu paiz!--disse Voleta enrubecendo e alcançando só agora a razão da sua franqueza oriunda das potencias, das plenitudes de sua natureza privilegiada, unica....

— Por isso soube ser deliciosamente espontanea... Tive por tempôs em a retina a raiz do seu bem

e do seu mal — elle riu-se satisfeito do que vinha de ouvir.

— Mas hei um fundo que é a minha magia, a volupia inviolavel de minha alma -- explicou aspirando um bouquet de violetas que lhe tapava a metade do rosto.

— E' uma virgindade moral, então? — interrogou de sobranceiras franzidas a experimentar o sabor acre d'essa palavra perturbante.

— Sim -- respondeu a Senhora Andreia, a cara inteira mergulhada em as violetas que, dir-se-ia refflorirem ao contacto de sua epiderme feita de claudades.

— Mesmo em amando, nunca cederia esse lado intangivel do seu eu? — E a voz de Roberto Annes era uma caricia, um som mavioso.

— Não, porque é o prestigio maximo da minha individualidade perante mim mesma.... — retorquiu erma d'elle, embora carregasse sobre os hombros a vehemencia de seus olhos glaucos.

— Já sei... é Cyanê a solitaria, á quem os corações immaculados sacrificavam columbas — ajuntou baixo.

Depois de uma certa hesitação, a Senhora Andreia, disse: — Eu sou como aquella princeza da lenda que não tinha coração e que sob uma amendoeira em flôr o tecia com os relampagos que se desfrechavam das orlas do Céu...

— E ainda não o teceu? — indagou elle entre sério e risonho.

— Não — e Voleta não mentia: a sua aima estava ao geito de uma terra desvairada.

O medico eminente a escutava com o poder da sua intelligencia e da sua sensibilidade e havia em

os olhos a côr plumbea da vaga, quando desnorreada, pela ausencia do sol...

— Que faz então, de tanta belleza, de tanta mocidade? — inquiriu abrupto, intempestivo, sem pensar, atenazado pelo desejo insano de resarcir n'ella a seu frenesi pela novidade, pelo caso desconhecido ou quiçá de encontrar n'essa creatura fragil, radiosa, o triumpho integral de seu sentimento sempre atormentado, sempre jugulado pelo estudo, pela carreira que abraçara.

— São os meus attributos egregios... eu sou a amante da Belleza eterna...

N'um gesto impulsivo, elle apanhou de uma amphora algumas rosas e offertou-as a murmurar:

— Ha o meu culto, a minha admiração....

— São por demais grandiosos... suffocam-me... — e Voleta poz-se a andar lentamente, lentamente: toda a emoção do medico lhe palpitava em as narinas, em os labios, em as veias... ella fugia ao encantamento do seu pallôr, dos seus cabellos negros, escoregadios e da fascinação invencivel do seu espirito.

Roberto Annes percebia em a Senhora Andreia a mesma negação entre o vento e a nuvem — eu quero, eu não quero, ficas eu vou — e exaltava com o coração impregnado de exaltação, o seu esforço surpreendente para o dever, para o decoro da sua condição de mulher casada, não livre, senhora de um senhor seu...

E admirava-se extraordinariamente de como podia em um temperamento tão vibratil e nervoso prevalecer uma expressão violentamente suggestiva de interioridade. Ah, se lhe fosse permittido ter em as mãos ao geito de forma concreta, a consciencia de Voleta, nua, desligada de convenções, de receios, de tenacida-

des, illuminada d'ella propria, imagem da sua imagem, esplendor seu...

E Roberto Annes seguia-lhe o rasto sinuoso com uma devoção augusta.

Antes de entrar em o salão principal a Senhora Andreia voltou-se e estendeu-lhe as mãos:

— Dr. desejo tambem recebel-o em minha casa... Não seja avaro de suas excellencias...

— Certamente irei vel-a... a sua intelligencia prodigiosa me é uma bella surpresa — e beijou-lhe a mão.

Affigurava-se á Voleta que em a sua mão restara um asterio de fogo, um gilvaz cruciante.

Ella se sentia alada, plena, immensa... Estuava-lhe em cada atomo um prodigio, uma gloria, uma subliméz: — «Meu Deus porque esse bulício, esse alvoroço?... Que o calice da ebríez multifórme se afaste de mim... Eu não chamo o amôr... Eu o temo...»

E Voleta declinou o automovel, premida pela necessidade de se fatigar, de minorar, de açamar a invasão de fulgores que a emmalhavam total. E a palmar esse trecho do Flamengo, emprestava á noite que se espalhava, scintillações de aço, uma ardencia juvenil, trefega.

Nictheroy do outro lado com os seus luzerios trepidantes evocava um templo monstruoso em officios sobrehumanos....

Eros a espreitava com seus olhos de esmeralda e incrustava em o ether, em a sua pulsação, o estridor inclemente....

A todo o instante arripiava-lhe as gazes da saia e as plumas do chapéo, o ar deslocado pelos vehiculos que passavam... e a Senhora Andreia assim, agitada

de brisas, de movimento, parecia um sonho fébril que o vento despetalava.

Ao chegar em casa, Gonçalo de Tuy que a precedera alguns minutos, ainda no «hall», cumprimentando-a, observou:

— Tenho a impressão de que uma aléa florida com todos os seus aromas está entrando... Que nos traz?

— Todos os segredos adventícios d'aquellas bôccas, em idyllos, á beira-mar, as suas juras.... Tome-os, tome-os — repetiu ella alegre, contente, sacudindo os braços para cima.

— São passaros de passagem... Não os quero... que se vão — retorquiu elle, recordando-se em esse gesto de Voleta, dos campanarios de sua aldeia, que, ao repicar da alleluia, haviam o mesmo esto, a mesma alacridade.

— Fanaram-se... foram-se para reviver.... Assim o amor — proferiu Voleta ainda não crente em a sua eternidade...

O Poeta ponderou de si para si ao vel-a desaparecer pelas escadarias: — lembra uma essencia a se vaporizar....

Paulo Terencio que, havia meia hora não fazia outra cousa senão espiar em o relógio, amuou-se ao certificar-se de que só a abordaria durante o jantar.

A' mesa, cheio de amargor, disse:

— Como são intoleraveis essas recepções...

— Aposto que só fallaste sobre futilidades, sobre o comprimento das saias, das mangas... — interrompeu-o Pedro, meio aspero.

— E das sete pulseiras da felicidade — atalhou ironico Paulo que detestava sabel-a em qualquer reunião.

— Estão enganados... fallamos da estulticia, da presumpção dos homens, das suas maneiras graves e não graves....

--- Referirem-se d'essa maneira á uma Senhora de acuidades maravilhosas... Vocês não a comprehendem — exclamou incisivo Gonçalo de Tuy.

Paulo teve impetos de protestar, porém achou mais prudente calar-se.

— Para a frivolidade, para o precioso — acudiu Pedro.

— Senhor Tuy, meu marido ainda fluctua, ainda não se fixou, d'ahi o nenhum valor das suas opiniões — proferiu de olhos excessivamente brilhantes.

— D. Voleta é o começo e o fim de si mesma, quanto a ti, Pedro, és por enquanto, um passadiço — proferiu o Poeta vivaz.

— Compara-me antes á um motor, á força que age, que desloca — retorquiu contrafeito: sua mulher vizara justo.

— E eu sou a força que reage — exclamou a Senhora Andreia entre sorrisos.

Pedro Andreia mordeu os labios: havia em seu despeito, em seu ciunço, a attracção irresistivel d'ella, imperial e divinamente turbulenta.

Uma semana depois, em a vespera da partida de seu marido para São Paulo, Voleta, com os cabellos em arco, ao feitiço de uma aureola tragica, sem festões, sem resplendores, pensava a passear de um lado para o outro: «Um presentimento forte me avassalla.. Tenho quasi certeza de que a fatalidade terrivel com as suas faixas sanguineas, se approxima.... Meu Deus, até agora, o homem ha sido para a minha intelligencia apenas um incidente admiravel, um grande motivo em a insipidez da vida....

Ah, se eu tiver de quebrar esta resistencia, que é o heroismo das minhas magnitudes...

«Ah, se eu tiver de estender os meus pulsos ao jugo da Delicia e da Dôr.... apropriar-me d'esse acaso que se desvenda á minha nostalgia, a murmurar...

— Sou o teu Paraíso....

«Sêr Magdalena, porem sem os seus extases, as suas aromatas, os seus cabellos de poemas e exaltações....

«Céos, não mais proferir em minhas orações: Senhor, fazei que eu seja como Sta. Catharina de Bologna que apesar de morta, Vos adorava, sentada em uma cadeira portatil....

«Deus, que vigiaes os mortaes, que sois lampada inextinguivel, soccorrei-me...»

E sobre a sua belleza esguia se abatia a mesma agonia branca, lunática, inquieta dos lyrios pelas trevas...

V CAPITULO

«Ô mon âme tous les bandeaux tombent: C'est l'Aurore! C'est l'Aurore!»

D'Annunzio.

— Que orgia de violetas! — exclamou Izabel Clarisse relanceando os olhos pela saleta da Senhora Andreia.

— Levantei-me hoje com essa obsessão.... Se a não satisfizesse, adoeceria....

— Reflexo de algum mal secreto?

— Apenas o memento de uma saudade doirada....

— Ah, sim, Pedro está ausente.... Que mulherzinha fiel e poetica... Como te louvo... Como quizera ser como tu...

Pelo rosto porém de Voleta, perpassavam sombras luridas e mestas: não o fizera em attenção á Andreia mas aos olhos glaucos, quentes do medico eminente.

Pedro não merecia de forma alguma essa delicadeza, essa rememoração magnifica, e subtil — as cartas raras que d'elle lhe advinham mais se asseme-

lhavam a preceitos de moral, a trechos de mestre a discípulo, do que missivas de marido.

Eram phrases que sabiam a sentenças, a ordens, lategos que desagregavam integralidades e suscitavam reacções: «Sê vigilante, porque a esposa é como o alvor intenso, o minimo descuido a denigra, a vilipendia.»

«E's livre como eu, porém murada por mim: a minha honra, a minha dignidade estão em ti.... zela-me em ti.»

«Que te seja espectro ou devaneio lindo, qu'importa! Sê immaculada enquanto te escudares sob o meu nome.»

Pedro Andreia á força de se polir, de se açacular, de se ajustar ás suas doutrinas, perdia a sua personalidade, tornando-se apenas o intercessor, o medianoeiro escrupuloso de um credo.

Violeta perplexa vivia entre os seus rugidos de panthera e a sua indiferença acintosa, gelida.

— Mas se és tão querida, tão amimada por um marido que te consagra um verdadeiro sentimento.

Parecia a Violeta que seu coração se enchia de escabiosas violaceas.

— E a minha instabilidade? Não me posso immobilisar, bem sabes d'isto — e Izabel Clarisse ria satisfeita, barulhenta.

— E essa impureza não te persegue a consciencia, as vigílias? — indagou-lhe abrupta a Senhora Andreia.

— O amor é uma delicia, porque rompel-a com razões?

— Mas isso não é amor, querida, porém inconsequencia... desordem...

— Talvez para ti que és romantica; é o mal de vocês, lacrimarem sobre um só amor....

— Chamas amôr pertencer a um homem, depois a outro, receber sobre um beijo apagado, outro beijo?

— Voleta havia, em todas as suas visceras, o mesmo horror dos corpos, subjugados pela força, pela violência bruta.

— Garanto-te que ha sempre um esquecimento e uma surpresa magnifica.... E' de resto, uma renovação.... — Izabel Clarisse avivava com um lapis «Dorin» o rubor de seus labios.

— O amôr se acaba porque te entregas...—pronunciou furtiva Voleta para quem esse assumpto, outr'ora motivo de sarcasmo, de zombaria, assumia agora, importancia, considerações graves.

— Seria então uma infantilidade, um platonismo ingenuo, de menina.... — observou a amiga com um muchocho.

— A abstenção o fecunda, o nobiliza, lhe é o fiador da eternidade..... — e a Senhora Andreia attestava em a sua convicção a tara sublimada dos eleitos.

— Não tens experiencia, tudo ignoras....

— E a humilhação que soffremos quando se quebra... — As mãos de Voleta se torciam plenas de agonia.

— Mas é uma morte sem ruido.... e depois a gente se sente tão leve, tão adoravelmente leve.... — Dir-se-ia que todas as intemperies secretas dos corações alanceados, encontravam n'ella a sua vindicta.

— Porque te não emendas? Sê para o homem apenas uma miragem inaccessa,... a belleza que o surpreendeu, a mulher que o perturbou.... Já tens um marido.... — Atenazavam Voleta fremitos de com- paixão e de sinceridade.

— Tu me moralisas porque desconheces o delirio saboroso d'esses amores prohibidos. — Mudando de tom — os maridos beijam, ás pressas como se cumprissem uma obrigação.... enquanto o nosso amante nos toma a bocca de uma só vez, tal qual colhesse uma flôr satanica e ao murmurarmos — já me vou — supplica-nos a deter-nos pelos hombros, olhos em nossos olhos. — Espera, ainda não. — Percebes a differença? — E a Senhora Daniel Ribeiro cria haver triumphado.

Por minutos, Voleta calou-se: essa vertigem que é a enfeodação de uma alma em outra alma se lhe insinuava em a sensibilidade, em o raciocinio....

— Porventura o amor em o casamento se reveste sempre de fragilidade e de escassez — perorava eila em mente, lembrando-se ao mesmo tempo de certo proverbio que lera em um livro do seculo XVII — «Quando Hymeneo entra pela porta, Cupido salta pela janella.»

Em todo o caso era mistér reagir, disciplinar, enrijar o character, a sua inteireza, sêr forte ante o infortunio, esposar-o, fazer d'elle uma volupia de transportes regios, poder exclaimar em a hora ultima, ao descoser-se a Vida da Vida, suppliciada de deslumbra-mentos: — «Senhor, eu tambem estou crucificada!...» Deixar á terra, ao azul, ás gargantas contorcidas de soluços, uma culminancia fulgurante, a musica creada das energias perfeitas!....

— Essa folia a que te reportas é labareda, que o vento desfia.... é intensa justamente porque é ephemera, porque tem certeza de que uma tragedia ou um fim a espreitam vorazes... glorificam o hoje devido ao amanhã se lhe antolhar duvidoso, quiçá impossivel... Depois que nos resta? Uma saudade e e

o rancor de não sermos mais o que d'antes eramos.... — e a voz de Voleta se impregnava de lassidões excessivas...

— Duas lindas Senhoras,... violetas.... olhos dolentes... murmurios esparsos... Aonde estou? — interrogou Gonçalo de Tuy emergindo de entre os reposteiros.....

— Em o Septimo Jardim — respondeu a Senhora Andreia, retractando-se.

— Uma reverencia para Semiramis, a rainha de tez baça. — exclamou Izabel Clarisse referindo-se á si propria.

— A Senhora, é a seiva que reverdece a vida — proferiu dirigindo-se a ella — E D. Voleta, a divina Rhéa ladeada de duas serpes de prata — arre-matou Tuy sentando-se em uma cadeirinha doirada cheia de almofadas azues.

— Prefiro ser Orgêe, a amiguinha de Apollo que dizia sim, e dizia não, a suspirar pelo esplendor....

De joelhos unidos, erecta, enigmatica, Voleta se assemelhava á gravura pintada em tela de oiro.

— Comparo-a antes á Menê, a cidade de exhalções flammanes, onde os carbunculos, as saphiras, as sardonicas em nupcias incessantes, arremessavam ao céo, um ardor ingente, infecundo — disse o Poeta sómente para os seus ouvidos.

A Senhora Daniel Ribeiro se mirava em um longo espelho encravado entre duas tulipas de onyx negro.

Voleta apprehendeu a significação dupla d'essas palavras, mas sem lhe dar a perceber, pronunciou cheia de alacridade:

— Oh, ineditismo estranho, ser eu uma urna de pedras preciosas com todos os seus lampejos....

— É quem a irá roubar? — interrogou o Poeta, queimando-se de sortilegios profanos....

— A loucura de um Esculapio! — replicou depressa, hilariante, sem pensar..... mas ao ter consciencia do que vinha de dizer, corou furiosamente.

— Por Zeus! São pessoas positivas,... que não nasceram para os seus venenos.

— Mas esse tem magias imperiaes — exclamou Voleta a rir, a gracejar.

Izabel Clarisse que ainda se conservava adeante do espelho a collocar o véo e que através d'elle via a meiguice do Poeta para com a sua amiga, exclamou maliciosa:

— Que vejo! Um idyllo....

— Por piedade não macules a nossa amizade.... Considero-o parente meu — respondeu a Senhora Andreia perplexa ante os poderes multiplos, as significações, as esperanças que aquella palavra indica, espalha e nutre.

— Sou o que deseja que lhe seja — redarguiu secco, reservado.

— Como os poetas são gentis e flexuosos. — continuou a Senhora Daniel Ribeiro alheia ao mal estar que causava. — Preciso ir-me embóra... Deixo-te aos cuidados das Musas e do seu Vate favorito.

— Ainda não... fica mais — supplicou-lhe Voleta retendo-a pelo braço: as charpas nitentes que lhe pendiam dos hombros se revolviam, se confundiam á semelhança sua.

— Impossivel, a minha licença é restricta e de precisão ingleza.... — dizia em um gargalhar que lhe deixava a nú, as gengivas roseas, de polpa de goiaba.

— Feliz de D. Voleta que frue a mais ampla das liberdades — replicou Gonçalo de Tuy folheando um livro.

— Porém não a gozas.... E's quasi virgem accrescentou Izabel Clarisse baixo para a amiga.

Essa objecção cahiu em Voleta ao geito de uma revelação, de um aviso e, por segundos pareceu-lhe lobrigar por entre os interstícios, as frinchas do Destino Magnifico, um Eden e um Extase.

Gonçalo de Tuy, embóra apparentemente distraído, ouvira o que a outra dissera á surdina: as suas sobrançelhas se contrahiram; elle detestava essas insinuações que em seu curso macio, suave, desvirtuam, corrompem os caracteres frageis, mulheris.

Em o seu conceito, entretanto, não acreditava Voleta capaz de violar, de empanar o esplendor apollíneo de sua alma e do seu corpo, com a chaga da infidelidade: quantas vezes esquecido em um vão de janella ou protegido por alguma cortina não tinha sido testemunha involuntaria da distincção, da subtileza, da finura com que ella invariavelmente se esquivava de certos galanteios mais ou menos exaggerados.

E no emtanto Voleta não ignorava ser a legenda, a inconsequencia rubra, absorvente d'aquelles que a cercavam e que trahiam em os semblantes annuviados, decompostos, juras mais intimas, decepções, fadiga de atenções baldadas....

— Mas tambem — continuava o Poeta — se por ventura vier a amar, permanecerá assim soberba de renuncias, uma victoria cingida de deslumbraamentos, um heroismo em resonancias infindas? ou a Devota dionysiaca da Paixão?

Como o incommodava essa incerteza, essa supposição que só o futuro deveria aclarar, decidir....

Persuadido da impossibilidade de vir a possuil-a e de haver de retorno o seu amor, Gonçalo de Tuy a divinisava, a queria impecavel, o caminho sublimado; a sciintillação de seus sonhos, o arroubo admiravel para a sua eternidade. Dorido, tristonho concluia para si:

— Eu bem sei que ella será a amante lucida de seu amôr..... Quem arrebatará essa Flôr tempestuosa e chammejante? Quem lhe dirá a bôcca em a bôcca: Eu sou tu, tu és eu?.....

Ao deparar a Senhora Andreia, que vinha de acompanhar Izabel Clarisse até ao vestibulo, observou ironico:

— Essa sua amiga é uma grande amorosa..... E' como eu, vive do prazer e para o prazer...

— Não comprehendo — retorquiu Voleta fria.

— Pois se ella propria se denuncia, confirma as maledicencias que correm....

— São phrases floridas, para alegrar e nada mais... Para que envenenal-as?

— Eu por mim, não a censuro, mas a sociedade lhe não perdoará..... Aconselhe-a que salve as apparencias... que minta....

— Izabel Clarisse prescindia d'esse ardil....—acrescentou amarga Voleta.

— A imprudencia da mulher moderna é pueril, irreflectida... Porque abandonar a dissimulação, se ella se não pertence, e ainda depende de alguém mais poderoso? — e o seu riso grosso, cavo, reboava sinistro dentro da fragilidade elegante dos moveis á Luiz XV. — De resto a dissimulação em a mulher é ficção de pureza.... é uma bella hypocrisia que doira, empresta seducções e até virgindades.... E' uma força que acaba por convencer — rematou a rir: re-

cordando-se do que se dera com Magdala já rapariga airada, já musa bohemia, a revestir-se de innocencias, de virtudes em recebendo as declarações amorosas de um rapaz de vinte annos. — Mesmo sob o ponto de vista ethico, a dissimulação se torna, em muitas occasiões o guarda, a defesa do lar, da felicidade.... — continuava o Poeta a perorar e a fumar o seu 'cachimbo.

A Senhora Andreia abstracta, surda á sua arenga, abeirou-se das violetas e com as narinas, e os cabellos sequiosos, aspirava a fragrancia, os espasmos estranhos, envolventes, funebres d'essa flôr de paixão e de volupia austera.... e em a sua exaltação murmurava-lhes: — «Sois os soluços dos corações opprimidos... Sois os labios de Pan em repouso, a orgia, a furia, os gilvazes, a compuncção dos amôres cruentos... Em a vossa nostalgia perfida, descubro a febre, o torpor, a vertigem dos corpos exangues, abatidos, sem follego.... Oh, reliquias de caricias defunctas, passae-me o disfarce da vossa desordem, do vosso encantamento.... Dae-me a vossa coragem de venturas duplas....»

Dir-se-ia que a enrodilhavam tilintações ardegas, gemidos roucos, abafados....

O mutismo impertinente de Voleta fez com que Gonçalo de Tuy que ainda fallava, silenciasse. Instintivamente se voltou e encarou-a: uma fluidez lyrica, attica, violenta a ambiava.... ella inteira se lhe apresentava como sendo a musica, a immaterialidade tangente de um poema sobrehumano.

— E' a mais linda expressão da vida extraordinaria — bradou elle. — Sê minha, Senhora — accrescentou em seguida, respeitoso, cheio de venerações, naturalmente, sem má tensão, como se rogasse aos

santos: a vossa protecção, a vossa protecção — que ella se não zangou e a sorrir respondeu-lhe:

— Amae-me vós todos, em a minha belleza, em a vossa intelligencia... Ah, jamais me havereis face a face, como o amante e a amante....

A Senhora Andreia forcejava, em vão por dirimir, atalhar os tumultos que lhe lavravam em o intimo: reluzia-lhe apezar seu em o senso, a phosphorescencia de esmeralda, de onda, dos olhos de Roberto Annes.

Gonçalo de Tuy, que continuava a fital-a em a meio escuridão, achava que ella se alteava, se alongava, qual nuvem que foge, se evapora.

— Desde que a conheço, as minhas noites hão sido brancas — proferiu, humilde.

— Oh, ainda ignoro a agua onde a minha alma se deverá reflectir.... Céos, que me aguarda! — exclamou alheia á elle, nostalgica, as pupillas voltadas para as violetas que, em morrendo, sembravam entoar epithalamios a um amôr que se esboçava....

— Eros a fareja — murmurou o Poeta em seu segredo. — Noto que se transforma — ajuntou alto.

— Hoje sou menos que hontem — disse Voleta enigmatica reportando-se, de preferencia, á si mesma.

— Amar, Senhora, não é vituperio.... Amar, é tornarmo-nos divindades.... é engendrarmos primaveras..., suffocarmo-nos de rosas, de peans..... é bradarmos para o universo — eu sou a tua festa, o teu escarcéo, a tua omnipotencia —, e em os seus olhos e em sua frente se poisava a turbulencia da esperanza reverdecida.

— O amor, Senhor Tuy, é uma mentira luzidia — retorquiu altiva, não confiante.

— E' setta hervada que inutiliza ou mata....

— Julgo ser antes uma curiosidade immensa em pôs a nossa belleza, o ineditismo do nosso corpo.

Parecia ao Poeta que as palavras de Voleta vinham ocas, desannexadas de convicção,... ou talvez mero recurso do momento, ou estratagemas de um capricho subito.

— Oh, scepticismo salutar, moço de quem ainda não amou, de quem apenas traz o fragor sensual. — E o seu ciume latente, informe, a encobria de irritações.

A Senhora Andreia via enfileirarem-se-lhe em o pensamento o amanhã, as antecipações que lhe palpitavam em os sentidos: n'esse instante se encontrava total em o porvir, emmaranhada de deslumbra-mentos, a Rosa violenta das contingencias, o Nucleo soberbo de forças guiadoras.

Pela vez primeira o Poeta descobria dentro d'ella, o bem e o mal quasi potencias inconciliaveis, a se alternarem..., e a refugiar-se-lhe em as pregas da saia e em os membros escorregadios, o abraçamento do ether, dos horizontes ao meio dia....

— Como clareia! como clareia! -- exclamava perturbado, a premer as fontes.

Voleta sem lhe comprehender estremeceu assustada, presa do mesmo medo que a gente tem das apparições dos mortos, das salas escuras: a cara de Tuy estava tal qual a cara d'aquelle rei da Escossia, côr de amethysta, que ora ardia ora se queimava....

Recuando até á porta em busca do botão da luz electrica, Voleta divisava atravez da janella, a seguil-a, a persistir diabolicamente, uma lua cheia dilatada, sybilina, larga, enxaguada em sangue.

Ao accender das lampadas as suas mãos, as suas narinas afiladas, fremiam.

— Mandar-lhe-ei flôres.... está tão só — disse-lhe o Poeta.

Durante dias intermináveis a Senhora Andreia foi victima até á dor physica de uma languidez pruriente, azoicante, de uma folia immensuravel.... zunia-lhe em as arterias o mesmo alarido das alvoradas pela posse do dia, das horas, da amplidão, do vacuo.....

Em o isolamento em que jazia, erma de carinhos, de protecção, de alento, mais se avolumava a exaltação de todo o seu sêr para a grande felicidade, para a allucinação, a delicia de quem ouve: és minha.....

— Ah, meu Deus! — exclamou certa vez após a leitura de um romance fragoroso de paixão, emquanto contemplava as tintas baças da tarde que expirava, ao geito de um cysne branco de azas abertas, moribundas.... — Foge-se-me do senso a esplendida Unidade, essa consciencia da Consciencia universal, essa linda demencia que grita—Serei o que sou....— Depois de uma pausa — Já me estaciona em as ceilulas a vertigem lurida de tudo o que evolue, é breve, escasso, alácree, estonteante.... de tudo o que chega, surprehende, é relativo, ephemero... Oh, tormento romanesco, és o riso da minha tempestade....»

E subiam-lhe pela garganta, pelos pulsos, bailavam-lhe em as roupas, em a nudez, as sombras escapas de todas as anfractuosidades da Terra: a sombra fantástica do Mar cantante... a sombra sombria da Sombra... a sombra nivea da Luz.... a sombra infantina, vivaz da Ramaria, sobre as aguas.... a sombra macábra, cahotica das Cousas instaveis.....

E assim Voleta collada ás sombras, enleada n'ellas, era-lhes o viço, a intemperança, a essencia vibratil....

Manhãs após, quando pedia pelo téléphone para que lhe trouxessem a afilhadinha Mimi, afim de alegrar a casa, surgiu-lhe Zenira mais abatida, mais cansada:

— Queira desculpar-me não ter vindo.... Meu Pae está doente.

— Nada sou para ti, quando o Mestre está ausente — proferiu a Senhora Andreia sem malícia.

A Senhorinha Sieg enrubeceu.

— Ha sido a minha irmã, a minha protectora, como esquecel-a?

— Mas que tem o Senhor Sieg? — inquiriu Voleta sentando-se.

— Uma nova crise cardiaca..... Como temo pela sua vida! — e os seus olhos se enchiam de lagrimas.

— Elle é robusto.... Não desanimes.... De resto a medicina hoje tem tantos recursos....

— Mas os nossos haveres são tão poucos.... Depois esses dias não hei podido trabalhar — e a sua cabeça pendeu, merencoria.

— Garanto-te que nada te faltará — com a face contra a sua face, Voleta continuou — pharmacia, medico, dieta, tudo te darei.... Quem o está tratando? — As suas mãos aristocraticas alisavam-lhe os cabellos curtos, aloirados.

— Um jovem doutor que móra na mesma pensão que nós — explicou Zenira em prantos: a generosidade de Voleta ia-lhe além da expectativa, tomava-a em bando.

— E' necessario ouvir á um professor, entendes?

Ao aventurar essa proposição, a Senhora Andreia tinha a impressão de que toadas febricitantes lhe repercutiam em os nervos: uma algazarra ensurdecedora, renitente a impellia a dizer — chama ao Dr. Roberto Annes de Azurára.

Essa aproximação mystica d'elle á ella, essa probabilidade objectiva de trazel-o ao seu alcance, de desviar-o do seu destino, a decompunha, a desvaivava totalmente.

— Não me attenderão — retrucou a outra, tímida.

— Combina com o medico assistente — insistia Voleta, meio pffegante, a voz cortada.

Depois de uma pausa Zenira lhe communicou:

— O mestre escreveu-me...

— Que te contou elle? — inquiriu Voleta lassa, sem interesse.

— Que a primeira conferencia provocou conflictos... que á sahida o vaiaram — hesitou, olhos no chão.

— Pedro exagera, expõe-se — atalhou a Senhora Andreia acria, perdida em si.

— Mas os operarios que são multidão da «Alliança Fabril», o victoriaram, o cobriram de flôres... — proseguiu ruborizando-se, contente.

— Aceita os meus parabens... Muito concorreste com a tua operosidade para esse successo — e abraçou-a indulgente, piedosa.

Como se lhe patenteavam mesquinhas e enfezadas as aspirações, o jubilo de Pedro e da sua Discipula, ante os abysmos, as oscillações, os apogêos formidaveis que se lhe estagnavam em o entendimento, em os sentidos....

— Ah, se eu fosse assim como ambos: comediada, uma só cadencia, lisa, unida, sem arestas, o reflexo dos meus semelhantes... A vida me seria tão facil. — raciocinava enquanto tirava de uma gaveta algumas notas e as passava á bolsa da Senhorinha Sieg, repetindo-lhe:

— Não quero que cousa alguma falte ao teu pae.

— Que continues a ser a digna companheira do Mestre — pronunciou Zenira grave, emocionada: esse vaticínio lhe representava o cimo de todas as bem-aventuranças, o paraíso multicôr das suas ambições...

Em ficando só, logo á sahida da Senhorinha Sieg, Voleta sentiu encolherem-se, embruscarem-se todas as radiosidades, todo o festim da sua alma illuminada: a realidade com o seu sequito azinhavrado se espraiaava, adeante da sua sensibilidade, dos seus dias vindouros, macilenta, fatidica, insolúvel: entre ella e o marido se accentuava, se definia a indifferença, sugadora iniqua da ventura, da ridencia, do esto dos corações amantes: em as cartas que recebera, Pedro se não referira aos seus projectos, ao que lhe occorria nem ás suas resoluções. Afinal vinha de saber d'elle, do que lhe havia succedido, sómente por intermedio de Zenira, a discipula bem amada.

E no emtanto que praticara, ella, a mulhersinha pressurosa, a amorosazinha felina, que lhe levara ao casar-se, o seu coração e a sua alma azul e violenta? Quantas vezes não fugira á adoração alheia?

Quantas vezes as suas palpebras se não abaixaram para impedir hymeneus em seus olhos?....

E o seu desdem patricio ao deslizar sobre lisonjas ambiguas, serpentinhas.... E o seu escrupulo adamantino ao alijar do seu eu o desejo dos homens.... E as mentiras que a sua bôcca engalanava, empurpuraava por amor a elle. E Voleta se apercebia que tudo era nada, que o zelo, o ciúme, o egoismo, o fervor com que guardava o corpo, a alma para o amor, a alma de Pedro eram pó, cinzas, particulas mortas, residuos esparsos...

— Ai de mim, que fazer, que fazer, — suspirava a torcer as mãos, desorientada ante a solidão, a aridez que a ameaçava: sem pae, sem mãe, sem filhos — ella o refugio unico, a meia noite de todas as propulsões, de todos os trabalhos, de todas as intensidades de uma raça.... o som visível de rythmos já findos.... Voleta fremiu, houve o mesmo gesto do arvoredo ao ouvir os apellidos do Dia pela Noite: inteira se estreitava, se aconchegava, fazia um só massa.... Percorria-lhe o dorso o presentimento de que nunca seria um começo, o elo flammante de uma guirlanda rija, eterna... o fio millenario que solda a vida á vida....

Sombria, profundamente abalada, prenhe de intenções brancas e de determinismos aureos, a Senhora Andreia pegou da penna e escreveu a seguinte carta ao marido:

«Pedro

«Não posso ser eu mesma, desde que não estás «junto á mim esculpido em o mesmo ar, em a mesma «ondulação que me cinge: a tua cabeça contra a minha cabeça, o teu queixinho sobre o meu hombro «que tanto amas.

«Sinto-me desoladoramente só, tenho medo e soffro..

«Espio a noite e invejo o céu que em a sua «longitude inaccessa ha o amor, a veneração, a solidicitude das estrellas: elle e ellas á symbolisarem «perennemente a devoção, a fidelidade, a união una, «indissolúvel que á tudo preside.

«Vem para a tua Voleta que te quer e chama «por ti.....»

Ao expressar-se d'essa maneira, ao assumir a apparencia de um amor ainda experto, ainda anhelante, ao vasar esses lampejos calidos de paixão sobre a uni-

formidade incuriosa, sem soffreguidões, sem coleras, que já a subjugavam, a Senhora Andreia obedecera á uma reacção brusca de sua sensibilidade e da sua dignidade alvorotadas: rendera-se á uma necessidade imperiosa, magna do seu sêr espirital e physico: dir-se-ia um brado racional, um brado reflexo que a movera, a obrigara a esse desafôgo, a essa expansão inopinada....

Pelo seu pensamento, perpassara então, veloz, celere, a ronda vaporosa, rutila do que deve haver de extraordinario, de admiravel, de magnifico em a existencia a dous: a mesma contumacia, a mesma ancia doirada, vezána dos vergeis pela pulsação sacrilega dos vãos ardentes e insidiosos.....

Mas que acuidades tinha Voleta para impedir que se lhe descollassem formalmente do coração as raizes recurvas de um amor que havia sido e silenciar os epicedios que lhe reboavam altisonos em o senso por amôr a um amôr, que não era mais...

Como poderia agir, se as suas energias se afracavam, abafadas pelo vozear em côro de instinctos, em se arrogando direitos que a natureza lhes outorgára: — Aceita o amôr que vem...

Ella assistia exangue ao triumpho, á vingança da sua Inconsciencia.....

Resumbrando porém propositos varonis, recobrando todo o seu alento esparso, presentindo ao redor de si os fados revoarem solemnes, preságos, balbuciou:

— Mater admirabilis vedae-me o mal... saberei resistir....

Decorrida uma semana, ao receber o olhar afflitivo, inquisidor de Paulo Terencio que havia muito não vinha, absorvido por um concurso que lhe roubava todo o tempo, a Senhora Andreia disse:

— Não sei te explicar o que ha em mim... E' como se trouxesse um termo, um fim, um está tudo acabado.

Paulo a seguia; a varanda cheirava a agua, a herva molhada, a terra humida; o sol e a sombra a se cambiarem, ora poisavam sobre as tranças de Voleta, phalenas de oiro, ora mariposas nocturnas.

— E entretanto és a vida que fulge, querida...

— Mas, que vale, se sete véos lhe amortecem as irradiações...

— De ordinario, a mulher que soffre é incôlor, pende á feição de lyrios que não supportaram os seus proprios ardores....

— O meu soffrimento não se resigna, é voraz, clama pela alegria...

— E' porque tens uma mocidade faminta — Paulo se prendia á graça, á faceirice de seu corpo que balouçava como uma rêde sob jasmineiros.

— Em minha consciencia existe um unico som — eu não quero soffrer, eu não quero soffrer.... E essas palavras se debruavam de prazeres vagos, longinquos, excessivamente deleitosos.

— Tu me appareces como um gladio, que a lividez do luar suavisasse a subtileza fatal do gume...

— Sou a innocencia que reage contra o Destino que a abandona.... Entendes?

N'esse instante o sol a moldava inteira qual arnez fulgurante.

— Como, se hás a minha adoração?

E Voleta via-lhe em o olhar a mesma idolatria, o fanatismo d'aquelles soldados que se apunhalavam diante da victoria.

— Agradeço-te, meu irmão...,

— Nada sou teu, nem de teu marido.... — exclamou irritado.

Sobre ambos se detinha o aroma forte dos junquinhos.

— O mesmo tectó os abrigou; partilhavam da mesma refeição — proferiu Voleta encharcada de candidez.

— Mas eu era a creança sem mãe, o indesejavel, vivia relegado pelos cantos da casa....

— Como vês, não cabe a Pedro a responsabilidade d'essas injustiças — interrompeu-o Voleta, accesa.

— Sim, indirectamente... Nas férias, por exemplo, quando eu voltava, cheio de premios, em casa, ninguem fazia alardes... as caricias eram frias, forçadas e elle que só trazia menções honrosas, havia todos os beijos, todos os enthusiasmos...

— E teu Pae? — interrogou Voleta, calando em a verdade do seu resentimento.

— Cegueiras de amor.... hebetismos de paixão — accrescentou sombrio.

N'esse momento do outro lado da varanda se approximavam duas creanças de mãos dadas; a mais velha ajudava a menor que trazia um minusculo bouquet de myosotis.

— Oh, Mimi, que gracinha estás com esse aventalinho?

E a pequenina entregou á Dindinha as flôres, com um mexer de labios que ninguem entendeu.

— Agora, diz bom dia a este senhor.... Foi elle quem te mandou a boneca de cabellos compridos — segredou-lhe Voleta ao ouvido.

Mimi continuava immovel.

— E' a Dona Dindinha que está mandando — insinuou-lhe a irmãzinha.

E Mimi depois de muita reluctancia e bem contra gosto estendeu-lhe a mãozinha.

— Olha, para mim, Mimi. Aonde estão os teus olhos? — indagou-lhe a gracejar a Senhora Andreia.

E a pecurrucha com o dedinho os apontou.

— Oh, Mimi a tua boquinha fugiu, está lá longe, em cima d'aquella folha.

Mimi assustada apalpou a bôcca e resmungou contente — *Tá qui.*

— Agora Mimi vae comer docinho... — Voleta com muito carinho desceu-a do collo.

— *Diz* adeus a Dona Dindinha — balbuciou-lhe a irmãzinha.

Ella a sorrir deu um beijo na palma da mão e em seguida soprou-o em direcção á madrinha.

— Muito bonito o beijinho de Mimi — ajuntou a Senhora Andreia afagando-a.... — Está guardado aqui -- e mostrou-lhe a face.

Emquanto as meninas se retiravam Pauão exclamou:

— Que mãezinha adoravel não serias, que bella maternidade... Meu Deus, será possível que não realise o prodigio maximo da minha vida? — exclamou com a cabeça entre as mãos convulsas.

— Ainda essa obcessão defesa? — Voleta contrahiuse total.

— Vês, estou contaminado de ti — e seus olhos se velavam.

— Cuida de outra cousa.... Nunca serei a tua folia — lançou-lhe orgulhosa.

Paulo Terencio houve essa phrase como um symbolo vermelho e replicou:

— Depende de mim e não de ti — e todo tra um desejo nefasto. — Não assanhes a minha

maldade... Não se regeita bruscamente, asperamente o amor de um homem, comprehendes? — Paulo offegava e mordia os labios na sua raiva.

A Senhora Andreia com a physionomia alterada, ergueu-se — «o amor d'elle é uma conflagração, uma potencia irada — pensava afastando-se. — Que differença do meu amor e do de Pedro, quando 'noivos... havia tanta meiguice, tanta leveza....

— Voleta, não te importes... Sou um impulsivo — exclamou afflicto seguindo-lhe as pegadas...

— Tu me irritas e offendes com as tuas ameaças — verberou a fremir, e a ter em os nervos a violencia d'elle.

— E' a sizania da paixão....

— Tyrannisa-a, esmigalha-a... oh! faze assim — e Voleta tomou uma rosa da cintura e destruiu-a com frenesi.

— Vou saceal-a de amôres delirantes, multiplos— respondeu Paulo despeitado.

Fingindo ingenuidade, Voleta replicou vivaz:

— Será o mais sanguineo dos sacrificios e o mais perfeito.... Eu te saúdo ó Adonis... — e curvou levemente o joelho.

— Brincas? E no 'emtanto vejo-te sempre em meus sonhos, como a Viuva da Alegria.... mantos violaceos a te annuiarem a belleza, os gestos helle-nos...—Mudando de tom — Vaes soffrer, porque amarás com os teus nervos e a tua intelligencia em agônias infindaveis....

— Que a paixão venha e se vá... Céos, que eu nunca a detenha... Que ella me não profane — ajuntou Voleta com sinceridade, com vehemencia, resollida a dominar os outros em se dominando a si.

— Sejamons bons amigos — accrescentou em seguida, offerendo-lhe petunias que vinha de colher.

— Não as acceito... A flôr é uma dadiva que tem sequencias....

— Levam-te a minha amizade....

— Tambem não a quero — proferiu recusando.

Voleta tinha a impressão de ser um idolozinho de jade que se virava para aqui, para alli: a adoração, a raiva, as imprecações de Paulo lhe chegavam á guisa de ex-votos, de incenso, de paineis escurecidos, lhe ficavam na base, sobre a vaidade, ao longo do seu perfil attico, de idyllo mural.

— Por vezes penso seres a flamma arida que animava os prophetas...

— Ah, eu sou para ti, aquelle beijo ardente e mystico, beijo de exaltação e de crença que Santa Catharina de Sena deu em a bocca morta de uma cabeça decepada — retorquiu totalmente separada d'elle, dentro dos compartimentos do seu eu.

Paulo Terencio que apenas discernia em a existencia, em a humanidade, o seu prazer, as suas volições, a ebriez de seu egoismo e do seu triumpho, sem o saber, desvendava, á Senhora Andreia, a vertigem immensuravel e bella, o espasmo da Vida surprehendente...

A sua paixão perturbante e sensual deixava em a feminilidade de Voleta fermentos, particulas que se desdobravam em tilintações aureas, em hymnarios: o desvario de Paulo despertava o desvario d'ella pelo Dr. Roberto Annes.

N'essa tarde ao vizitar o Senhor Sieg com os braços cheios de flôres, Voleta murmurava: dar-lhe-ei alegria, animo.

E, quando sentada, á cabeceira do velho lhe alisava o hombro, sobre as cobertas, elle ria beatifico, confiante, suggestionado pelo carinho, pela belleza da sua bemfeitora.

— Dona Voleta, segui o seu conselho, pedi ao Dr. Ramiro que trouxesse um Professor.

— A quem chamaram? — E uma unica espectativa lhe fuzilava em o rosto.

— Ao Dr. Roberto Annes, de quem elle é interno...

— Ah, sim, — e nada mais disse, subjugada por viva emoção.

— Com os novos remedios tem melhorado bastante.... O Professor ha vindo diariamente.

A Senhora Andreia quiz indagar se elle viria hoje, mas não ousou: o seu character, a sua dignidade se oppunham.

— Não imagina o quanto é delicado...

— Os scientistas geralmente são pouco amaveis — atallhou expansiva.

— E a minucia com que examina, enthusiasma a gente... Não é verdade, Papae?

— Tem pena da muita idade e do soffrimento — proferiu o enfermo reconhecido.

— Mas trata-se de um clinico eminente — advertiu a Senhora Andreia attenta ao minimo ruido que faziam no corredor, pensando avistal-o, a todo o instante na porta.

— A sua visita com certeza me traz a saude — pronunciou, lento, o doente, olhando-a com infinita ternura.

— Se assim é, tornarei a vir. — retorquiu, apertando-lhe a mão.

Uma forte e subita indecisão principiou de aquotual-a cruelmente: Voleta não queria que Roberto Annes recebesse o seu determinismo augusto, a sua alma alagada de canticos e de effluvios estonteantes em um quarto farejado pela morte, que ainda guardava rouquejos de moribundo.... E, depois, nunca iria para o amôr retezada de annuencias, de premeditações, deliberadamente. — «A minha lampada não se apagará — repetiu, para si.

Dir-se-hia que a vizinhança do peccado lhe revigorava a resistencia, a defesa, a repulsa. Esses receios, essas esquivanças, se originavam justamente das probabilidades latentes, hiantes, das incoherencias, dos esplendores que lhe lavraram em o intimo: ella se comparava á esses toxicos que, intactos em seus envolucros, permanecem inócuos, isentos de damnos, de morticínios...

Assim que a Senhora Andreia sahio, o Dr. Roberto Annes entrou.

Insciamente, elle logo percebeu qualquer cousa de mais alegre, de mais colorido; por vezes, mesmo uma tenue restea de perfume lhe roçava as narinhas, evocando-lhe recordações imprecisas, vagas, indeterminadas.

— O nosso doente vae muito melhor — observou tomando-lhe o pulso.

— A vista de uma mulher bonita auxilia a curar-nos — disse o Senhor Sieg com um riso de chocalho.

— A Senhora Pedro Andreia acaba de estar aqui — explicou Zenira.

— E' a nossa fada branca,... a nossa riqueza — atalhou o velho.

— Referem-se á D. Voleta, a amiga da familia Daniel Ribeiro? — interrogou o medico alvorotado.

Desde que a vira, nada mais ouvira ao seu respeito, embora a buscasse com pertinácia, tacitamente: ficára-lhe na retina, na imaginação como uma solli-citação luminosa.

— E' ella mesma — acudiu Zenira, pressurosa.

— E' bella, Doutor, como o mar do Dantzig, em dia de verão — exclamou o doente.

Essa comparação fez rir ao Professor que por seu turno, indagou:

— Realmente é bella, assim?

— Brilha muito... E' sempre nova... — dizia o Senhor Sieg.

— Tem reflexos admiraveis — murmurou Roberto Annes, para si, sombrio, pensativo.

— E que prazer vel-a fazer a caridade.... com que paixão dá — ajuntou Zenira com calor.

Agora o medico se explicava, porque encontrava em esta atmospheria modesta, sem pretensões, certo conforto, certa largueza, remedios caros, pequenas guloseimas de quem dispõe de dinheiro immediato.

Um orgulho immenso se apoderou d'elle ao certificar-se das excellencias que a ornavam, que a tornavam tão endeosada pelos seus intimos.

— E' uma creatura que deve ser muito feliz — insinuou á guisa de engodo.

— Nem tanto.... O marido é um socialista que mais parece amar as suas theorias que a formosa Senhora — ajuntou lentamente o Senhor Sieg.

— Não, meu Pae, o Mestre a venera — interrompeu alacre, Zenira.

— Qual Doutor, vive sempre só ou com os amigos d'elle... uns senhores villões que para nada prestam — accrescentou desdenhoso o velho.

As pulsações de Roberto Annes se acceleraram, as suas sobrancelhas se uniram, sombras tristes lhe toldavam a pallidez.

— Seria uma perfidia ou uma innocencia? — e aventurou a seguinte phrase, affectando desinteresse:

— Os amigos são sempre dedicados, nobres,...

— A virtude é inteira d'ella... Creia-me Doutor, é uma santa.... — retorquiu o doente emocionado:

O Dr. Roberto Annes abriu a janella: aquelle choque repentino entre um *não* e um *sim*, uma supposição e uma eventualidade o desequilibrara.

Ao approximar-se do enfermo disse:

— Agora, socegue, não falle mais... Em breve estará de pé — e despediu-se.

Zenira embaraçada, contrariada por causa das referencias de seu pae ao Mestre querido, murmurou-lhe um «até amanhã» merencorio.

Durante todo o tracto, Roberto Annes pensava em Voleta:

«E' uma personalidade que remonta á subliméz.... Ah, se vier a ser minha.... Tarde ou cedo hade aquiescer».

E deleitava-se em rememorar-lhe a figura ondulante, serpentina, um enleio, um gozo, uma contenda radiosa....

Roberto Annes já não era mais elle mesmo, com a sua paz, a sua attenção, a sua soberba indifferença para tudo o que não fosse locubração scientifica, caso clinico á resolver.... em as suas reflexões, em a sua solidão surdia agora uma estridencia, uma inopportuniidade, uma eiva alheia que o impacientava e o aborrecia... exigia-se integro, extratificado, uno, tenso, indemne para os seus estudos e pesquisas de laboratorio.

Entretanto no dia seguinte em não encontrando Voleta em visita ao enfermo, como suppunha, se ficou mal humorado, embruscado, incapaz de qualquer iniciativa — a sua vida se descosia, se emmaranhava, infantil, tolamente de um modo vulgar, elle quasi se odeava.

A Senhora Andreia chegou em casa com o seu lyrismo e a sua nostalgia profundamente alterados: estribava-se a se vedar o mal somente sobre os esforços da sua debilidade e dos seus proprios recursos. Como se sentia extenuada de tanta mystificação, de tanto embuste para haver o que não tinha?! Como lhe pesava collocar sobre a consciencia, sobre as plenitudes, ficções, apparencias bastardas, não dos seus instinctos, não dos seus sentimentos....

Como lhe attribulava ser a caryatiide varonil do Dever, da Obrigação, do que já Era...

Como lhe custava ajustar-se aos seus moídes inflexíveis, ás suas paredes inabalaveis...

E em sua afflicção não cessava de perguntar: — Porque sendo inherente á nós; demandam, entretanto, flagícios, torturas, vigílias, contorsões inauditas?...»

E pela primeira vez apalpava com a sua sensibilidade excessivamente espiritual, a virtude, anjo ou demonio que o homem acceta ou repelle, mas que a todos deslumbra com as suas apothéoses fulgidas.

A virtude é bem o apanagio dos predestinados, a palma virente, as luzes sobrenaturaes que se lhe terçam sobre o perfil, a fascinação que abre ou fecha todo um porvir, toda uma existencia, toda uma alma.

O nosso corpo primaveril, a nossa delicia, o nosso extase lhe são o manjar opimo, a seiva nutriz, a sua volupia insaciavel, voraz...

—«Não serei de resto, uma intrusa, a portadora do mal, a chamma que ateia — conjecturava a Senhora Andreia dias após, em se preparando para visitar de novo o doente:

No fim de meia hora, quando já dizia adeus ao Senhor Sieg e abraçava Zenira, a porta se abriu e o medico eminente appareceu.

Voleta extremamente perturbada pronunciou qualquer cousa que apenas fora ouvida por ella mesma; forte rubor lhe ia e vinha pela face.

O Dr. Roberto Annes embora virtualmente abalado com essa quasi surpresa, se quedou ao parecer impassivel.

—Ainda não soou meia noite para que a fada se vá — disse entre sorrisos.

—A fada teme a escuridão....—proferiu ella baixo, fallando a custo.

— Tem razão, é tarde... se permittir acompanhá-la-ei.

Voleta havia sobre a sua fronte, dentro dos olhos, em a bocca, a fronte, os olhos, a bocca de Roberto Annes. Estava n'elle qual morta viva.

— A fada já não tem mais medo — atalhou a rir, alácre.

— Porque recusar tão magnifica companhia? — objectou Zenira a meia voz.

— Que não nos roubem a bôa fada — ajuntou o enfermo.

Em as pupillas de Roberto Annes bailava uma ancia, uma angustia...

A Senhora Andreia em o auge do embaraço, se sentia paralyzada, dubia, incapaz de qualquer iniciativa.

— Doutor, que a sua vontade prevaleça — respondeu seria, indefinida, encaminhando-se para a janella. Em baixo, no pateo proximo, creanças faziam a ronda sob um vozerio alegre, ruidoso: em o coração de Voleta uma prece subia — «Senhora das Victorias, ponho-vos aos pés essa corôa de vidas virgens e toda a musica de suas boccas immaculadas».

— Dir-se-á 'que resa....

Era o Dr. Roberto Annes que já tendo examinado o doente, se abeirára d'ella.

— Adivinhou...

As reticencias sibyllinas da 'Senhora Andreia, as faixas purpureas que a enovelavam, o insolito de suas respostas e do seu modo de agir, o inebriavam: — Assemelha-se ás estrellas: a sua luz vem a mim atravez de negroses, de distancias atras — pensava elle.

Lado a lado em o automovel, acariciados pelo mesmo vento, levados pela mesma velocidade, irmanados, unidos pela mesma força mechanica, ambos entretanto conservavam a sua individualidade separada, distincta.

— Mas resa tanto assim? — rompeu o medico o silencio: ficara, devéras, impressionado.

— Por vezes, sómente... Ha dias porém que sou uma ímpia, uma grega de olhos fadicos, em busca do seu deus.

Voleta, mais confiante, mais serenada abandonava a sua attitude de defesa, assumia a de receptiva.

— Se a visse, á noite, buliçosa, de véos fluctuantes, á passo esquivo, exclamaria: — E' Hygeia que fugiu da frisa do Parthenon e anda a procura de Poseidon.

Voleta discriminou n'essas palavras al de subentendido e respondeu vivaz:

— Ella não desce do seu altar... Espera a oração. o incenso...

— Terá veias rotas... dilacerações pungentes... células ardendo de amor inveterado... — accrescentou rapido.

— Mas esquece-se de que é de marmore e não freme e tem a cabeça assim....! — e Voleta voiveu a cabeça para o lado da rua. Sabia que a emoção lhe descozia os labios, a eurythmia dos traços; era mistér, portanto, escondel-a.

— Em tudo, ha uma pulsação ingênita ou adquirida, sensível á reacção — articulou de vagar, reparando-lhe em as espaduas, escorregadias, admiraveis sob o casaco de panno azul marinho.

Voleta extremeceu em se apercebendo de que a conversa se restringia, tomava uma feição quasi exclusiva e instinctivamente se achegou mais ao fundo do automovel, como que se isolando do companheiro: ambos estavam em penumbras.

— Qu'importa, se a intenção não importa, Doutor! — Uma tristeza infinita se assenhorava d'ella ao ser obrigada a refugar o que a sua alma supplicava, com espasmos, com estridor, com inclemencia... A sua physionomia, os seus braços, as suas mãos se relaxavam, perdiam a forma da vida que é.

Roberto Annes notava essas cambiantes bruscas, essas passagens repentinas de um humor a outro humor e tentava rastrear a causa d'essa inquietude constante: «Qualquer sentimento alheio presentemente lhe vioia o socego, lhe empresta esse dualismo torturante, essa radiosidade estranha... Por emquanto oscilla... não se orienta...» — eram as conjecturas que lhe occorriam.

E em seu silencio, continuava a sublimar a pudicicia, o recato, a distincção que ella mesma tramava sobre o seu corpo maravilhoso á feição de tunicas corrosivas, afugentadoras: de Voleta nada lhe vinha... estava-lhe ao lado tal qual uma figurinha de marfim com o seu manto de pregas duplas e castas.

Guardava-se ao envez de se offerecer; desegualava-se das muitas mulheres que lhe iam ao consultorio, não enfermas, porém levadas da doce perspectiva de arranjamem algum delicto passional.

Oh, como elle abominava essa casta de mulheres, flôres á toña da vida, sem filamentos, sem raizes, infusas de prazeres multifôrmes que se esgueiram de manso, imperceptivelmente em o pouco caso dos homens.

— Doutor, queira olhar a lua que está linda — exclamou a Senhora Andreia que principiava de enervar-se.

— Deus meu, parece que sahiu do banho... está limpida, lavada em demasia.... Não gosto assim — retorquiu, meio inclinado afim de melhor enxergal-a.

— Oh, eu tambem a prefiro com sombras que lhe deem qualquer cousa de lenda, de incomprehensivel, uma expressão de divindade... Não é mesmo?

Roberto Annes só discernia em a sua compaheira o brilho dos olhos, dos dentes e os contornos: já se fazia escuro.

— E' feminina, é preciso ter mysterio, aléns que nos torturem, que nos forcem, apezar nosso, a dizer. é, não é...—e vertia-lhe sobre o perfil as mil côres da sua paixão que nascia.

Esses conceitos tombaram sobre o senso de Voleta ao geito de tuberosas esbrazeadas, candentes, a crestarem-lhe a pelle, o sangue, a imaginação.

N'esse instante o automovel parou; eram chegados. Ao ajudal-a a descer, o medico sentiu em a palma da mão, contra as veias, as pulsações, a ardencia d'esse corpo esguio brandido por sensações innumeraveis e proferiu em mente: — E' a mais surprehendente das creaturas...

— Agora, tem que conhecer o palacio encantado da fadazinha — accrescentou Voleta a sorrir, dolorosa.

E levou-o para o seu salão de rendas e laque branco.

Ao entrar Roberto Annes houve a impressão de fragilidade, de uma belleza irrereal, quebradiça: tudo se lhe antolhava pequeno, leve, extremamente delicado como feito de proposito para a esvelteza de seu corpo maravilhoso: almofadas de oiro se espalhavam sobre as cadeiras, em os tapetes, nos vãos á lembrarem manchas de sol, pedaços de luz, de reverberações...

Rosas mortificadas de extases, de paixão, rosas empallidecidas, sugadas por volupias infindas, emergiam de gargalos escancarados, achatados.

A Senhora Andreia tirou o casaco e o chapéo; as mangas curtas da blusa de seda lhe punham a descoberto os braços de esmalte branco, de magnolias trituradas...

— Seja o hospede bemvindo — balbuciou despetalando adeante d'elle algumas d'essas rosas de palóres impressionantes.

Roberto Annes achou muita graça n'esse gesto de esthetismos hellenos e depois de uma pausa com os olhos fitos nos seus cabellos que reluziam com assomos impacientes, reveis, disse a meia vóz, grave, emocionado:

— Só anheio uma felicidade... e para obtel-a entrego a minha vida em holocausto...

Essas phrases de sons liturgicos, incisivas, e lúridas, rasgaram a alma, o coração, os pulsos de Voleta que se alçaram em offerenda augusta, divina.... ella era uma voragem, uma adoração, um estertor, uma unica sêde...

Quasi a desfallecer, suas palpebras baixaram, seus pés, suas mãos se contrahiram violentos... uns segundos mais e se trahiria... cumpria-lhe sem tardança repudiar, engeitar as suas sensações, a sua intemperança, o seu *eu* intoxicado d'elle.... Com um esforço supremo, a affectar indifferença, ingenuidade, ligeireza, os labios repuxados em rictos de falsa incredulidade exclamou:

— Será possível que uma só felicidade seja sufficiente para todos nós? — e parecia inquirir não de Roberto, mas do destino, dos numes tutelares, das sequencias vindoiras...

Immobilisada, estratificada, em deslumbramentos, saboreava em o íntimo a magnitude, a subliméz, a perfeição do amor d'elle.

— Uma só felicidade representa complexidades prodigiosas, capazes de resarcir todas as fomes das almas patricias — explicou Roberto Annes com sollicitude, com meiguice, esculpindo em suas cellulas, em a sua vitalidade esplendida, a espiritualidade ardente, versatil de Voleta.

— Na verdade, reproduz-nos a attitude apollinea do «em vão». E' uma detença... é um nihilismo... — proferiu a Senhora Andreia, lassa, inteira presa aos olhares glaucos, enluarados de Roberto Annes.

Por instantes suas almas se arrostraram impudicas.

— Diga antes uma estagnação turgida de promessas excelsas — atalhou com enthusiasmo, com calor.

Uma mecha de cabello se lhe rolou pela testa, larga, ampla.

— Talvez... Que sei eu! — exclamou Voleta com um sacudir de hombros, evasiva, aeria, atida á beileza austera d'aquella cabeça enfaixada de negroses lisos, macios, reluzentes.

— Espero possuir essa felicidade e retel-a com fervor, com audacias incriveis... — As suas palavras sahiam reprimidas, contidas, impregnadas de resoluções, de imminencias....

A Senhora Andreia fremiu: talvez uma ameaça, um desafio... a vehemencia de Roberto Annes, lhe floria a vaidade, lhe fazia palpar o heroismo, as sensações multiplas, o seu amôr.

Offegante, profundamente abalada, temendo succumbir á fascinação d'elle, approximou-se da mesa e com os dedos insoffridos rompeu o papel de seda que encobria um bouquet de cravos lindos, rubros, dadiya promettida de Gonçalo de Tuy.... Sempre silenciosa, levou-os ás narinas, escondeu a bocca, a sua perturbação e recuperando a eurythmia perdida, exclamou finalmente:

— Emquanto toma tudo a serio, eu brinco com os eventos.... E assim, como a Vida é leve, e luzidia.... Como lhe oiço o retinir das campainhas.

Voleta procurava desnortear-o, desviar-se da paixão que começava de avassallar-a.

Em a physionomia do medico se esboçava uma suspeita, uma ironia dolorosa ao espreitar-lhe os movimentos. As phrases que lhe batiam em o ouvido accusavam uma disparidade formal entre a alegria vivaz, alácree da essencia das ideias e as sonoridades graves, solemnes, nostalgicas que as agazalhavam.

— Mas estudo-a em a sua origem, em a sua

função, em a sua finalidade, em o nosso ser... E' a realidade passando.... se indo embora, para retroceder, tornar a ser — arrematou taciturno.

— A vida, Dr. é a minha paixão... Por vezes a surprehendo a segredar-me, agarrada a mim: és a minha eleita...

Pareceu á Roberto Annes que todas as scintillações escapas, voejantes do universo se aninhavam em o perfil de Voleta que se transformára.

— Em a ouvindo e em a olhando, acudiu-me uma comparação: com certeza — e sorria e mostrava uns dentes sadios, alvos, dentro de labios finos, serpentinos, de cantos esquivos — é a Casa da Manhã, de Eôs, a geradora da Aurora — e levantou-se.

— ...a Amante das Iniciações e dos Apogêos... — terminou rindo muito, brejeira.

— Só, só? — interrogou estendendo-lhe as mãos.

— Eu sou um jardim defeso — ajuntou simulando seriedade e dobrando os braços para traz.

— E' a minha festa... e o meu zelo maximo — accrescentou o medico baixo, com o pensamento e os seus atomos famintos.

O inesperado d'esse dito abrangeu a Senhora Andreia em massa, como se lhe houvessem descarregado um golpe sobre o corpo e o espirito: toda tremia, panica.

Roberto Annes que a enfrentava, via-lhe a impetuosidade, a angustia, a luta ingente...

Separavam-nos apenas possibilidades temerosas, immensuraveis... Ella se apresentava assim imbelles e indefesa á sua inteireza de homem educado e á sua cubiça. ao geito de uma porcellana sumptuosamente admiravel e ephemera.

Depois de considerá-la algum tempo com ternura, com amor, com respeito, supplicou-lhe:

— Permite-me vê-la quando quizer?

A Senhora Andreia na mesma posição, após um curto silencio, ajuntou quasi imperceptivel:

— A casa é sua, Doutor.

Roberto Annes curvou-se reverente.

Dentro do seu automovel, saturado do perfume de Voleta, a imitar-lhe o modo, premendo contra a bocca algumas flôres que lhe haviam cahido da cintura, o medico eminente raciocinava:

— Meus Deus, é tão fluidica, tão instavel que nunca se deixa ser achada... foge de mim continuamente.... Essa sua malleabilidade tonteia, perturba, em-presta-lhe aos membros uma simultaneidade de incoherencias ineditas.... Ah como a desejo e a amo, e a quero minha....

Essa noite em o seu gabinete, rodeado de livros, a fumar ininterruptamente, Roberto Annes testemunhava as transformações, as alterações que se operavam em si — Ah, se pudessemos restringir o amor somente ás nossas horas de lazer!? — exclamou sentindo que esse sentimento ainda se não adaptára aos seus habitos mentaes, ás suas occupações quotidianas que o hostilizavam como a um intruso, a um importuno.

As suas cogitações scientificas, as suas meditações não se findavam mais integralmente, não tinham por successão a quietude, a satisfação apaziguante de outr'ora; restavam-lhes ancias, resquícios vivos, prurientes empós uma actualidade, um seguimento, uma serie, um além mais agudo, mais rutilo...

A paixão que o invadia, desfreiada e fragorosa ameaçava refundir, mutilar estados seus nitidos de consciencia, principios basicos, inconcussos... Coincidia

n'elle a mesma contracção, mixto de receio e de de-
leite, da Luz, ao ceder ás Trevas, a sua soberania, os
seus attributos, a sua vigilancia esperta.

Com que rancor e assombro, Roberto Annes ana-
lysava e sondava o poder, a fascinação do amôr que
desloca todos os valores, altera a essencia dos con-
ceitos, vicia as proporções, justifica iniquidades, e ni-
vela o possivel ao impossivel, ao absurdo...

E' o arbitro fatal, cego, egoista, desvairado, de si
e da humanidade.....

Quanta intuição maravilhosa se lhe erguia dos
penetraes do senso.... Quanta ideia anteriormente repel-
lida se lhe inculcava agora em o cerebro, acerada,
agil, soberba, victoriosa qual trophéo de honra....

As circumstancias o empuxavam, o instigavam á
acção, ao dispendio, ao milagre duplo, lhe extrahiam
da insensibilidade, do não sentir, todas as capacida-
des morbidas, a intrepidez, o ardor, o prodigio im-
perial.....

— Ah, que o amôr é rude, é beilo, é selvagem,
é indomavel..... — dizia alto, esquerdeando o olhar
para o ar negro da noite que armava lá fóra, em
circuitos, guirlandas de tulipas, festões em prata diluida,
liquefeita....

VI CAPITULO

«und vor deinem Gesicht will ich
leiden und geniessen....»

Goethe.

«A que me vêm sustos, temores, presagios, si o Infinito entrou em mim com as suas inebriações aciculadas... Tudo habita na minha ideia: o bem, o mal, a punição, a lagrima, a recompensa, o laurel da caridade, o espasmo da gloria.... Eu não sou mais o lyrismo das manhãs, a musa febril da solidão, o lume intacto da virtude....

«Eu sou o sistro flammigero de Sapho... a imprecação allucinada das penedias, quando o trovão abalrôa n'outro trovão... o Peccado infausto que as sombras escurecem e divinizam...»

Era a amorosa que se iniciava, que se desannexava de lethargias doiradas...

Suas mãos se estenderam para o mar que se agitava lá em baixo, incessante, tumultuario, em o afan desordenado de vencer a terra, de conquistá-la, de absorvel-a total....

—Como o mundo é juvenil! — exclamou Voleta do alto de um outeiro que lhe ficava em o fundo do pomar, enclausurado por uma vegetação densa, bravia, que parecia levantar ao ether, á amplidão, a sua demencia contumaz, festiva, de renascer sempre, infallivelmente.

E ella calava em o mutismo azougado, em a resignação insubmissa d'essas ramas misturadas umas ás outras, ao geito de caras humanas, de bôccas com bôccas, de olhos com olhos, em caricias mortas vivas... Ah, faltava-lhes o vento, esse amante das cousas estaveis para estreital-as mais ainda, para incentival-as com arrepios novos, novas fomes, novos delirios....

Passaros fugentes em revoada zurziam céleres o ar, impregnado de azul.... Abelhas crivadas de pollens, escaravelhos metallicos, lavandeiras nervosas, azas irisdadas, fogachos esparsos iam e vinham atordoados pela resina, pelo verniz que gottejava dos troncos e dos galhos.

A Senhora Andreia tinha a impressão de que a terra toda proclamava atravez das suas aguas, dos seus serros, dentro das suas lapas, pelas suas mil anfractuosidades o deslumbramento da ebriez unica!

Era como se o Orbe inteiro fosse um exterior, uma tragedia amorosa, uma contenda passionall...

Em seu intimo, um cantico se levantou: «Pai-xão, esto da Immaterialidade, Fatalismo radioso do sangue, eu me dou a ti erma de volições e de antagonismos... Conduze-me pelas tuas veredas de flocos de ouro e de genuflexões de deoses.... ó silencio, ó ambição do meu senso, ó folia, incbriamento, eclosão da minha Intelligencia, sê a minha seducção, o meu proprio exito...»

O sol do meio dia a nimbrava de clarões, pai-

rava sobre ella como se fora um symbolo fulgurante... dir-se-ia o baptismo da Luz Immaculada, a benção augusta das Elevações...

Voleta experimentava até aos ossos, até á medulla o erotismo sedicioso, impune d'esse amante violento: — O prodigio da vida está em mim — articulou, offegante.

De retorno a casa, encontrou sobre a mesa a seguinte missiva de Pedro:

Voleta

«A tua carta me fez acreditar que provinha de «uma creança grande: não nos encontramos mais em «o periodo de sentimentalismo em o casamento. Oito «annos de vida a dous já desfez toda essa phantasia «amorosa que tens e que exiges de mim. Precisamos «de nos occupar de cousas mais serias e elevadas «que se relacionem ao bem publico, á patria.

«Sê forte, reage contra ti mesmá, abandona definitivamente esse teu aristocratismo que só ha servido para te aborrecer e a mim.

«Ainda me demorarei alguns dias.

«Espero que continues a ser prudente em os teus «actos, apezar da liberdade de que frues.

«Saudades do teu marido

Pedro.»

P. S. Desculpa-me a demora da resposta.»

Com um gesto de impaciencia a Senhora Andreia rasgou a carta e proferiu em mente: «O' Destino ambiguo e máo, tu me envolves ao mesmo tempo em as cintas escarlates das Eumenides e em as charpas aromatizadas de Aphrodite.... Porque ages comigo á semelhança d'aquella divindade phenicia que

sorria e exultava ao dar o abraço mortífero a infantes sadios que não queriam morrer?....

E a enxugar as lagrimas que lhe deslisavam uma a uma repetia a mesma phrase que David dissera entre hozannas: — Eu achei a dôr, a tribulação...

— Porque tanta tristeza.... Dir-se-ia que a cobre um véo de escabiosas... Vejo-a toda violacea... — exclamou Gonçalo de Tuy, essa tarde.

As primeiras estrellas principiavam de espiar os vãos fuscos dos céos e as saliências soturnas da terra.

Voleta soffria do seu soffrimento e da ausencia d'elle: já havia decorrido alguns dias e Roberto Annes não apparecia.

— Meu Deus, sou toda dôr, porque tudo desejo— respondeu antes a si que á observação do Poeta.

— Entretanto é divindade... ha destinos seus e de outrem ao seu dispôr....

— Porém como é torturante a decisão... escolhermos isso, aquillo, ou permanecermos aonde estamos.... Oh, é terrivel!

E as suas mãos se apertavam, se machucavam em a sua agonia.

— Busque a luz... E' um direito natural que a especie concede ao individuo. — Tuy se expressava baixo, mas convincente e em seu pensamento não cessava de inquirir — Quem será elle?

— Nunca poderá comprehender o quanto actuaem a educação, os principios em que fomos creados...

— A sua intelligencia é assaz poderosa para se insurgir contra esses preconceitos, fculados por nós em momentos de egoismo, de interesses alvejados.... São nada mais que o ciúme, o zelo, ou a raiva do homem contra o homem. Entende?

— Sim, mas qu'importa! Estão em nós e em mim, furiosamente... Ah, gritam-me á una, em o sangue, em a consciencia, com as suas cem bôccas ..

E Gonçalo de Tuy discernia na sua angustia a belleza, a subliméz netta, classica de uma alma prodigiosa.

— O prazer é homenagem nossa á Dionysios, o Renovador. — declarou serio.

N'esse momento assomou, á porta da saíeta, o Dr. Roberto Annes. Como se tratava de um facultativo, Felicia o fizera entrar sem prévio consentimento:

— Uma viagem inesperada... um doente que exigia a minha presença, inhibiu-me de vir vel-a.... Como tem passado?

O medico eminente fallava depressa, de um só fôlego, cheio de enthusiasmo.

A Senhora Andreia muito confusa pelo imprevisto d'essa vizita, não desejada na occasião, devida á presença de Tuy, saudou-o tranquillamente, sem effusão, sem arruido: embora conhecesse a perspicacia, a malicia do companheiro não o temia: entre ambos existia uma franca e respeitosa confiança.

Roberto Annes percebeu logo al de estranho, de muito sobrio em o modo pelo qual Voleta a elle se dirigia; mas ao avistar Gonçalo de Tuy comprehendeu immediatamente e ractando-se, disse solemne:

--Nós outros, medicos, nem sempre podemos attender com urgencia a todos os chamados...

— Mas sente-se enferma? — indagou o Poeta surpreso.

— Oh, uma languidez extenuante, uma especie de fadiga mortal — explicou a Senhora Andreia alliada.

— A melancolia corróe as cellulas — exclamou Tuy. — E' preciso destruir a causa, do contrario de nada valerão remedios e quejandos...

— E' realmente, assim, Dona Voleta? — e a voz de Roberto Annes era uma melodia, um nocturno.

— Não, o Senhor Tuy exaggera...

— A sua doença Doutor, é toda moral... Então ultimamente males mysteriosos a pungem.... Percebolhe em os olhos, em as mãos que se torcem....

A mesma dissonancia, a mesma intemperança açavam o coração, os pulsos de Voleta e de Roberto Annes.

— Talvez effeitos de nervos por demais sensiveis... — atalhou o medico.

— Uma mocidade ardente entregue a si, a tomar de si o seu proprio alimento.... Quem pôde resistir? — verberava Tuy indignado como seprehendesse alguem.

— Desde menina que sou de compleição franzina — accrescentou ella ão auge do embaraço, endereçando-se ao medico.

— Oh, conheci-a ainda de vestidos pelos joelhos e de chapéos enormes, floridos... Tinha saude e bellas côres...

— Mas tambem seguia um regimen todo especial...

— Era a perola da casa — continuou Tuy. — Só se ouvia: Aonde está Voleta? E o paesizado, estudioso, advogado de renome, largava os livros e ia tiral-a de sobre os gramados.... Com que gosto rolava pela relva macia, com o seu cãozinho «Bitú» — e uma saudade infinita resumbrava de toda a sua pessoa.

O medico ouvia-o silencioso; em attenção á Voleta

não o inquiria sobre o que tanto o atormentava: tudo ignorava d'ella e tudo ansiava saber.

— Lembra-se d'aquella vez que cahi no poço, por causa de uma rã muito verde e que ao tirarem-me, eu gritava — morri, morri — interrogou-lhe, fugindo ao assumpto.

— E que custo para convencer-a de que vivia.... Gritava sempre — Não sou mais eu, sou outra.... — accrescentou.

— Mas é uma linda originalidade, — ajuntou a meia voz o medico.

— Divisei n'esse facto uma parabola: o seu hymeneu com a terra e data d'ahi o seu ineditismo, a sua maneira unica — replicou Tuy.

— Não creia Dr.; são devaneios de Poeta.... —affirmações de um observador que muito a admira — concluiu Tuy.

Essa phrase produziu em Roberto Annes certo mal estar; uma nova curiosidade se lhe fixou em o cerebro: — que haveria entre elle e ella?

— A admiração em demasia tem olhos de Lynce... as cousas se lhe tornam transparentes como a tunica de Ossian — objectou ironico a sorrir.

— A admiração é uma ponte para os sentimentos maximos — e a voz de Tuy tremia...

A Senhora Andreia, em percebendo o desafio que se ia estabelecer entre ambos, atalhou vivamente:

— Mas ha admirações que não sobem.... Que permanecem em baixo, aos nossos pés — e encarou Gonçalo de Tuy severa, cheia de acrimonia.

— Senhora, perdão. De resto que mal lhe fazem os meus sentimentos? São regosijos intimos, segredos... — respondeu o Poeta picado, presentindo em

o ambiente, qualquer cousa ainda de muito evasivo, de muito indeciso.

— Porque external-os, então? — respondeu a Senhora Andreia com entono, as narinas a fremirem.

De forma alguma queria que pairasse em Roberto Annes a minima suspeita sobre a sua honra: defender-se-ia integralmente, abertamente.

— Eu mesmo não sei.... talvez por vulcanicas artes... Senhora, sou um cão da casa... As minhas palavras nada significam... Doutor não lhes dê outra interpretação senão a verdadeira -- um amor sem esperança e sem querer, sempre rechaçado, sempre amaldiçoado, sempre desprezado -- concluiu Tuy desalentado, após haver apprehendido a angustia, as indagações silentes que se agglomeravam em os olhos do medico.

— E' um amiguinho transgressor, porém muito estimado e muito considerado por todos nós -- exclamou Voleta extremamente sensibilizada ante a sua humilidade.

— As amizades antigas adquirem direitos, privilegios especiaes.... São quasi uma paternidade -- accrescentou Roberto Annes serenado, juvenil....

— Sómente em ultima necessidade, por injuncção das circumstancias... assim como no meu caso -- replicou o Poeta, encolhendo os hombros...

— Comprehando... não governamos as nossas paixões....

Essa phrase feriu os ouvidos da Senhora Andreia como uma revelação. Seria uma hypocrisia ou uma affirmação? O futuro lhe desvendaria.

— Será possível que o Esculapio eminente que vive a arrancar da Morte a Vida, se não governe? -- inquiriu maligna, sorridente.

— A morte é o inimigo inoportuno, de emboscada....

—.... e a paixão, a nossa deidade — exclamou Tuy interrompendo-o.

—.... para a qual não temos reticencias — proseguiu o medico — e que cabe a nós differir tenazmente a occasião da sua investida.... Já a paixão é um lunatismo absorvente, demolidor porém magnifico.... Sente a differença?... — e um sorriso leve, fino lhe affluio aos labios enquanto seus olhos lhe murmuravam — amo-a.

— Abro e fecho as minhas paixões — balbuciou a Senhora Andreia com a alma, e a bocca, ao vez, dessemelhantes de sua feição normal.

— E' fragil para essa tormenta... — aventou o medico, com os dentes cerrados...

— Digo-lhe, núa ainda de insurreições acres, — atalhou o Poeta a examinar um cofrezinho de madeira rendilhada.

— Deus meu, fazem-me medo... Realmente não sei que seja... o peccado, a virtude dançam em mim... allucinam-me as suas choréas... — e inclinou-se para a frente, não ousando encaral-os.

Afigurava-se a Roberto Annes que nevoas travadas de ardentias lhe debruavam a fronte, os gestos maravilhosos: Voleta apparentava ser uma camelia dentro de outras camelias, um luor enfaixado de outros luores: a sua pelle, os seus braços, o seu vestido muito brancos se illuminavam de palôres luzentes...

— Oh! Será uma grande amorosa... — objectou Tuy, do vão da janella.

— Como sabe, Senhor Tuy? — gaguejou profundamente confusa.

— Pois, se ha sempre evitado o prazer e a folia... E' uma natureza tensa, lisa....

— A espera de uma Infinitude radiosa, não é verdade? — proferiu com muita meiguice Roberto Annes.

— Que cousa horrivel, assistirmos á analyse de nós mesmas.... não sentem a indelicadeza? Como punição, ambos estão despedidos — accrescentou rindo muito, e levantando-se, deu a cada um d'elles, uma das mãos.

Durante algum tempo a Senhora Andreia se queidou no mesmo lugar sobre as almofadas: experimentava sensações morbidas, exquisitas, de elasticidade, de extensão, como se fôra um passadiço esguio ou um rio alongado, fusiforme: o seu *eu* adheria ao seu proprio *eu*, os seus instinctos agonizados, aturridos, atarantados, se buscavam, se contrahiam tomados de um só desatino, de um só furor. Pulsava-lhe em cada cellula o rythmo egual ao de onda liberta, esgalga, batida pela raiva dos elementos.

No dia immediato, pela volta das 3 horas, chamaram-na ao telephone: como de costume, Voleta o attendeu, crente de que se tratava de alguma amiga.

— Culpe essa minha ousadia á belleza do dia e á uma saudade intemerata...

— Oh, é o medico eminente — e Voleta emudeceu: corria-lhe pelos nervos uma ancia incontida, pruriente, avassallante.

— ... que deseja saber da sua saude.... e que lhe vem participar que acaba de enviar geranios para as suas lindas mãos... Lembra-se? São as flôres que a annunciaram a mim... São as flôres da minha paixão.

— As minhas mãos o abençoam por essa dadiva de poesia excessiva — retorquiu frouxa, quasi aphona.

A voz d'elle ouvida assim, somente pelos seus ouvidos e vinda assim fechada, ás escondidas, sómente para o seu entendimento — liame invisível de exaltações e de reticencias admiraveis, caricia resonante que os assimilava e os aprisionava, era para Voleta, um toxico, um encantamento.

— Levam-lhe a minha fidelidade...

Voleta notou que elle hesitara ao pronunciar essa palavra:

— Guardal-a-ei na vida e na morte, — balbuciou lenta, estertorada.

— Não sei se lhe dirão aquelle «intermezzo» de Heine, que lhes ensinei e que começa assim:

«Du bist wie eine Blume so reine, und schöne, und hold...»

— Oh, é meu, esse poeta de coração dilacerado...
Oiga:

— «Mir ist als ob ich die Hände auf dir legen sollte betend dass Gott dich erhalte so rein, und schön, und hold...» — respondeu ella citando as estrophes restantes porém masculisando-as. E a sua voz parecia uma hora crepuscular que se esvae de manso, involuntariamente.

Oh, Voleta tributava um culto fervoroso á esse Vate de olhos metaphysicos e vivia á recitar-lhe os versos, que são amôr, amôr sedicioso, amôr inviolado, transido pelas sete dôres.

— Que honra e que prazer haver sobre o meu destino, essas mãos musicaes, em attitudo de supplica e de protecção.... Rendo-me total, á dominação d'ellas...

I — «Tu és como uma flôr, tão pura, tão bella e tão nobre.»

II — «Parece-me que deveria poisar sobre ti as minhas mãos pedindo á Deus que te conserve assim tão puro, tão bello e tão nobre.»

E reluzia-lhe em o espirito, em a consciência, em as horas vindoiras, a certeza de uma fatalidade.

Roberto Annes aporfiava em se bridar, em re-frear a sua impetuosidade, o seu delirio: receiava ame-drontal-a ou quiçá offendel-a: sabia-a altiva e digna.

Ah, pudesse confessar-lhe o que o seu coração, e a sua intelligencia tramavam por amôr a ella!

Ah, pudesse deixar escapar como um silvo de volupia — offereço a ti, tu mesma em mim, por que eu sou tu...

Ah, pudesse gritar-lhe estas phrases relampeantes:

— «Vem, eu sou o Amôr rapacioso que sequestra e espolia...

— «Vem, que em meu labio tange a delicia da morte...»

— Olha, a minha Vida vae em busca da legenda de seu perfil antigo....

E desligou.

A Senhora Andreia livre da primeira impressão que de tão surpreendente e intempestiva a puzera atoleimada, hebetada, volvia ao que era.

A sua alma se dilatava, se irradiava, cantava a grande ebriez, cantava a esperança, onde cupidos adejam, cantava o hymno dos corações que se amam, se beijam, mas se não tocam.... Gizava-se-lhe em os atemos, em a intelligencia, o prestigio, a fascinação das tardes tropicaes, das luas cheias, das fronteiras co-rodadas de exitos....

A espalmar as mãos sobre os geranios que chegavam, dizia a esmo: «Glorias nitentes dos Apogêos, realeza dos Horizontes, scintillações de Azas illuminadas, sois eu mesma, vinde á mim, á minha

alma enamorada...» Depois de uma pausa encostando nas flôres a face, os cabellos, accrescentou de vagar, altamente emocionada:

«Amôr, que posso eu contra ti, que me offereces o mel, o incenso, a myrrha e o cilicio?»

A vida se lhe tornava uma promessa phosphorescente de albores regios, um festim de nupcias...

Os dias, os minutos rolavam-lhe sobre o *eu* á guisa de resplendores, de collares desfeitos, de milagres sobrehumanos: em tudo Voleta divisava o seu ultimo deleite, a sua ultima clemencia, a dança da Eternidadê.

Viver — e era como se em suas cellulas se inviscerassem as plenitudes igneas, desordenadas da genese...

Viver — e era como se a emparedassem os suspiros, o langor, a demencia das bôccas que se unem...

Viver — e se lhe detinham em o sangue, em a imaginação os sonhos ardentes do Amôr victorioso..

«Vida excessiva, magnificencia minha — dizia pela manhã, em forma de prece, como se concentrasse em a sua garganta, em suas mãos, a vida invencivel — dou-te em recompensa os meus cabellos que são como milhares de linguas a te louvarem e a minha sensibilidade que é o meu Paraíso immensuravel...»

A Senhora Andreia se não podia explicar porque em presença de Roberto Annes se tornava temerosa, pusillanime, timida, extraordinariamente ajuizada, capaz do governo da exteriorisação de seus sentimentos. Dir-se-ia que se lhe seccavam, de subito, as fontes da Alegria, do Azul, da Vertigem imperiosa...

O seu raciocinio logo se tornava efficaç, terrivel,

obumbrante, como um não transcendente a lhe recompor o trilho da vida.

— «Serei eu o meu proprio inferno? Aonde estará a minha verdade? No meu instante mystico ou no meu instante dionysíaco? — ponderava enquanto vestia.

Mimi, sentadinha no chão a observava:

— *Ta* bonita como a *Pinceza* que tinha o *papa-tinho de crys.á*.

— Adivinha, que vou te trazer?

— *Ballinha de socolate....*

— Uma *néneca* grande assim...

— De *pépeu*?

— Sim e de lacinho de fita...

— *Pra baptisá* — e os cachinhos de Mimi baloiçavam.

— E passear de automovel.

— Mimi tambem?

— Por certo, e com a vestidinho de rendas....

— Ah, que *bão!* que *bão!* — exclamou a pequerrucha a bater palmas.

Tomando-a em os braços e beijando-a, a ella, a buliçosa companheirinha da sua solidão, sahiu: Voleta ia á costureira escolher uns vestidos modelos, chegados havia pouco de Paris.

Grande foi o seu contentamento em lá encontrar Izabel, Clarisse e Isis; sentia uma necessidade imensa de se expandir, de rir, de dizer tolices, de tagarellar.

— Felicita-me — disse-lhe a amiga ao ouvido, logo após os cumprimentos.

— Mas... é dia do teu anniversario? — indagou Voleta.

— Não — e deu uma risada — é porque amo deveras.

— Então recebe um abraço... embora não seja a primeira vez...

— Este é real, é serio... Ah, como desorganisa a gente!...

— Não acredito... é mais um caso teu.

— Vocês não me auxiliam... Que tal acham este vestido de crêpe marfim? — exclamou Isis.

— O teu typo pede uma côr mais accentuada — observou Izabel Clarisse.

— Mas elle só aprecia as nuanças delicadas — objectou a mocinha.

— Elle quem? Já é noiva?

— Entre os dois... Refere-se ao Raymundo, ao americano, como lhe chamavamos.... Não o conheces?

— De espadas largas, amorenado, que vi em tua casa? E está muito apaixonada? — inquiriu Voleta.

— Assim, assim, não é Isis?

— Um dia eu gosto d'elle, outro dia já não gosto.... Não sei porque — respondeu a Senhorinha de Pina e Souza, rindo muito.

— Então, não te cases — redarguiu Voleta, admirada.

— Isis não ama porque já ama... Posso contar?

— Ah, póde... que mal ha n'isso!...

— E' ao Doutor Roberto Annes....

A Senhora Andreia apoiou-se ao balcão... a vista se lhe turvava, seu corpo já se inclinava...

— E elle? — indagou afinal, a custo resfolegando.

— Trata-a como a uma creança.... Não a leva a serio — explicou Izabel Clarisse distrahida.

— Esses homens preferem as mulheres de maior idade — accrescentou a pequena.

— E' natural... E's muito mocinha para uma pessoa tão grave, tão sizuda.

— Aprecio-o justamente por essa razão.

Voleta mirou-a de alto a baixo, espantada de encontrar tanto discernimento em tanto estouvamento. E em mente raciocinava — Não será por desporto ou por desfazio precoce? Ah! que a adolescencia nossa coeva já se adianta saceada, resarcida....

— E eu gosto dos homens que riem — exclamou a Senhora Daniel Ribeiro ratificando alto o seu segredo.

Voleta absorva, cada vez mais se convencia de como, em a consciencia de toda a mulher, lateja a imagem de um homem: sanção delirante de uma finalidade biologica, causalidade potencial das suas resoluções e preferencias... «Na verdade, se elle não existisse,—ponderava,—o peccado, o mal, a nossa vezania, a nossa mentira deixariam de ser...»

— Então não vens? — indagou Izabel Clarisse puxando-a pelo braço.

— Para onde? — respondeu Voleta sobresaltada.

— Para a Exposição... Deixa os vestidos para outra occasião.

— Oh, a bella ideia — exclamou a Senhora Andreia dando curso ao desejo furioso de se estender, se desdobrar até a linha perfeita da vida.

Ao transporem, o portão, Isis repetiu alto a divisa que o encimava: «Independencia ou Morte!»

— E' um «motto» altivo que lembra capacetes, cocáes revoltos, mavorcios.... Com certeza a vóz que o pronunciou devia ser estridula, berrante... — exclamou a Senhora Andreia.

— Mas creio, que com Domitilia se conservava mansa, mesmo uma carícia nos arrufos — objectou maliciosa a Senhora Daniel Ribeiro.

— Era um dissoluto que desconhecia a ternura, a pausa allucinante dos corações que se enfrentam — concluiu Voleta a receber sobre si a lisongeria curiosa dos olhares que passavam..

— E's venenosa!... — segredou-lhe Izabel Clarisse cotejando porém em espirito, como Ernesto de Oliveira a amava: talvez ao modo de Pedro I que se poderia denominar — o Crú.

— Admitto tambem a violencia no amôr — accrescentou Voleta finalmente, as pupillas immobis, fixas no seu pensar.

— E o meu Americano quando me aperta o braço sob a furia do ciúme! Quasi me faz chorar... Oh é rude! — ajuntou Isis.

— Francamente ò teu noivo te sabe amar — atalhou Izabel Clarisse vertendo alegrias.

— Por isso mesmo, não reclamo... Soffro calada a sorrir — explicou a Senhorinha Pina e Souza, com ares de gravidade.

A Senhora Andreia nada respondeu: o amôr para o seu romantismo devia ser qualquer cousa de intenso e de lethal.

— Aonde está o mar?... Porque o esconderam? dizia a esmo a espreitar um caminho que a levasse a elle...

— Chamas attenção... Talvez julguem andares a procura de teu amante — proferiu, por de traz do iequê. a Senhora Daniel Ribeiro.

— Sou a amorosa d'elle, aquella que lhe deu o fremito humano — e Voleta se afastava das companheiras, celere, agil, festiva.

— Repara em quem vem ahí--observou a Senhora Daniel Ribeiro, de soslaio a Isis.

-- Oh, que delícia! E' elle. — Mudando de tom — Que acaso magnifico Doutor — e Isis curvou o joelho de leve.

— A quem devemos essa felicidade — accrescentou Izabel Clarisse enigmatica.

— Inaugurou-se hoje o Pavilhão de Hygiene — respondeu secco com o olhar além.

E Roberto Annes embaraçado na sua myopia, não podia certificar-se se aquella silhueta nervosa que se dirigia para o caes, era a de Voleta.

— Já viram muita cousa? — inquiriu aerio.

— Chegamos apenas... mas Voleta antes de tudo quiz espiar o mar — ajuntou a mocinha apontando para a outra.

-- E já é tão tarde e ainda temos que tomar chá... — respondeu agastada a Senhora Daniel Ribeiro

-- E depois o Raymundo é tão impaciente...
-- Isis observava o effeito d'essa phrase no medico eminente.

Roberto Annes se transformára, ao saber da presença da Senhora Andreia; em todo o seu ser se patenteavam agora reflexos de ardimento, de designios juvenis, acrados....

— Não se ama sem soffrer — disse rindo.

— Por isso mesmo é que não quero amar.

— Mas, não és noiva? — inquiriu serio.

— Qu'importa isso!

— Insistes?

— Oh, todas nós nos casamos porque temos de nos casar.

— Vocês mulheres nos venceram então... são mais bandoleiras e perfidas que nós...

— Apenas imitamos aos senhores -- interrompeu Izabel Clarisse sarcástica.

— O homem se refaz e a mulher não.

— E' um conceito antigo que passa.

— Será possível que tenhamos sempre o segundo lugar?—interrogou Isis meio alheia do assumpto.

— Menina cala-te; ainda não é da tua competencia — verberou autoritario, o medico.

— Que homem zangado! — resmungou com muchochos.

Acariciando-a, respondeu — Filha, é porque eu te quero pura — dirigindo-se á Izabel Clarisse:

— A mulher é o nosso egoismo supremo, o nosso esthetismo cruel.

Pareceu a Voleta que se approximava, que o medico tinha o sabor do sangue e do gladio: cria surprehender-lhe na bocca, no olhar uma vehemencia acida, incomprehensivel.

E a Senhora Daniel Ribeiro a suspirar, pensava reportando-se a elle — como será perfeito no amor...

— Oh, estou sentindo o cheiro do mar! Quem m'o traz? — exclamou Roberto Annes voltando-se para a Senhora Andreia.

— E' Anadyomene sem as suas serpes mas com os seus sonhos — respondeu ella altamente emocionada, olhos baixos.

— Sempre inedita — murmurou a reparar-lhe em a cintura, um laivo rubro, os seus geranios. As suas pulsações se acceleraram.

— Visitemos o pavilhão americano — proferiu Izabel Clarisse ligeiramente despeitada.

A Senhorinha de Pina e Souza corria ao subir os degrãos da escada; o seu bulício muito bem assentava á mocidade esplendente de sua pelle e de seus olhos grandes, humidos, cheios de inquietudes puberes...

Voleta vaporosa dentro das fitas voejantes de seu vestido «marrocain» caminhava entre o medico eminente e Izabel Clarisse; a sua perturbação era tamanha que nada via, as cousas tomavam um aspecto global salpicado aqui, ali, de tons escuros e brilhantes.

— Estas salas são muito interessantes — proferiu Roberto Annes chamando-lhes a atenção para os effeitos de varios especimens de molestias contagiosas, es-crupulosamente concretizadas, que se ostentavam sobre as mesas.

— Todos os leigos devem ver esses exemplos afim de estarem aptos a se defender — disse.

— Prefiro sabel-as'em theoria — e Voleta passou a cutra sala.

— Já estou ficando triste — observou a Senhora Daniel Ribeiro.

— Vejamos a Cruz Vermelha...

— Até parece uma festa — exclamou Isis a lér em cartazes enormes a relação dos altos feitos d'essa instituição gloriosa.

— Esses americanos são extraordinarios... Realizam formulas novas, lançam todo um futuro — pronunciava a esmo Roberto Annes.

— Oh, a orientação racional de belleza que elles imprimem á educação da criança — e a Senhora Andreia esforçando-se por ser natural repetia, em voz alta o seguinte distico: «Cultivae a imaginação das

crianças tendo apenas o cuidado de distinguir entre a verdade e a fantasia.»

Roberto Annes um pouco atraz reparava-lhe em o corpo, em as linhas finamente curvas que conhecia e que ao mesmo tempo desconhecia... tal qual uma ilha, um chão sabido, estudado, mas inteiro virgem, secreto, não lobrigado pelas suas visões, pelos seus sentidos..

Izabel Clarisse olhava de preferencia os passantes e regosijava-se da admiração que o seu typo de morena incendiada de desejo, n'elles provocava: o americano, de sentinella, esguio e louro andava de um lado para o outro tendo sempre a cabeça voltada para essas tres mulheres formosas e dessemelhantes.

Prestes a sahirem, Isis n'um gesto expansivo exclamou:

— Oh, esse aqui me diz respeito! — Em voz alta: — «As fadas, os papões e os policias devem ser os amigos das crianças e não os seus inimigos». Se me houvessem habituado á amisade d'essa trilogia feroz eu não teria até hoje medo dos quartos escuros — ajuntou a rir.

— Estás bem garantida com o Raymundo — retorquiu Izabel Clarisse.

— Ainda podemos vêr o pavilhão mexicano, é o unico que nos falta — annunciou Isis, verificando as horas.

— E' muito original, é inteiro mexicano — informou o medico.

As fitas voejantes da saia de Voleta lhe enlaçavam as mãos, as pernas: elle a seguia á pequena distancia.

— Como as côres são vivas e os desenhos uni-

formes -- exclamou ella a examinar as louças, a tapeçaria, os vasos.

— Lá em cima verão cousas bizarras — ajuntou o medico.

— Ah, eu fico, não ousou subir tanta escada -- disse Izabel Clarisse, que pretendia conservar perfectos os traços do seu rosto lindo para o seu amante, que deveria encontrar no Bar-Inglez.

— Um instante e estaremos de volta -- respondeu Isis, beijando-a.

— Como é suggestiva esta canção -- exclamou a Senhora Andreia deante de um painel «Y yo le digo que no, porque me muero de frio.»

E por instantes ficou-se parada, a tentar arrancar d'aquella mulher de cabeça triste, inclinada sobre uma cesta de ananazes e de goiabas o enigma d'essas palavras tristes.

— Renegaria ella a um amôr? -- murmurou-lhe ao ouvido Roberto Annes -- E' a morte inevitavel. — Mudando de tom: — Venha vêr um scenario maravilhoso -- e levou-a a janella.

Adiante de ambos, soberba e arrogante, a cercar o espaço e a algemar o impeto das aguas, a Serra dos Orgãos se alçava em ondulações de serpe enraivada... Ao consideral-a Voleta exclamou apontando-a:

-- Nada apresenta de espiritual... dá-me a ideia de peso, de cousa obtusa, da propria pedra emfim, em mutismos inexoraveis... Até parece apossar-se com cubiça, do pedaço de chão que a sustenta -- accrescentou hilariante.

-- Não serão as rochas onde Eros envisca os farpões com que nos fere? -- interrogou pausadamente, fitando-a.

Um desejo allucinado de baixar o rosto, as narinas, os labios, a sua desordem sobre a radiosidade do corpo da bem amada o atordoava desesperadamente.

Afigurava-se a Senhora Andreia que o paiôr, a belleza classica de Roberto se ajustava a ella, como uma mascara de verberações, de encantamentos.

—Repara em como os elementos se amam—balbuciou elle acompanhando-lhe o olhar preso ao cinto do horizonte, á sahida da barra.

As azas das gaivotas que passavam em revoada, desferiam no ether gemidos, ais, soluços de ventura, de alegria desassizada.

— Como as sensações se tornam pungentes n'esta hora dubia, profunda — observou Voleta generalizando os seus sentimentos.

No azul immenso, na atmosphaera lucida, ao geito de um clarim sonoro e agudo o Verão ensaiava a sua festa ardente, a sua bacchanal de Luz e Sol.

— E' quando sentimos mais acerbamente o fim, a destruição de tudo... e então o nosso coração se agita soffregõ de caricias — respondeu elle engolphando-se em o seu ardor.

E sobre o hombro nú de Voleta, o bafo quente, a sombra sem sombra do seu perfil, se fixava como uma rosa de fogo.

Todo esse hymno illuminado de uma primavera que se despetala, toda essa nostalgia opulenta de um crepusculo renitente, que se não quer ir embora, se abatia sobre ella como uma supplica incessante, como uma visão phantastica.... E Voleta divisava na amplidão, no céo, de todos os lados, rosciraes, alas de namorados, alardes de ebriez multiphas... Insensivelmente ergueu a cabeça, e offereceu a Roberto, aos seus olhos glaucos, atravez de suas pupillas de

ambar e mel, a sua tortura, o seu corpo liso de extases immensuraveis. Dir-se-ia abrirem-se-lhe em o sangue as magnolias redivivas de Chactas com a sua emoção unica....

O medico n'uma angustia passional a possuiu total n'esse seu olhar sobrehumano, divino...

A Senhora Andreia esgueirou-se furtivamente pelos armários e se deteve ante umas estatuetas que retinham o flagrante de uma attitude esperta provocadora: refazia-se, offegava.

— Mas, attenta Isis no geito lindamente aggressivo que ellas todas trahem. — E Voleta chamava a outra e curvava-se sobre os tampos de vidro e fallava depressa — «L' que olhos extensos teem... Deixa-me vêr, são como os teus assim, afunilados... Que analogia! — e seus labios se distendiam n'um riso ficticio.

— Aquelle Senhor me está dizendo que estas figurinhas representam uma dansa genuinamente mexicana — informou a mocinha muito interessada, a reviralas entre os dedos.

— Estas côres gritantes, estes desenhos de linhas rijas, a physionomia, o gesto das mulheres e dos homens revelam uma raça ainda sob a influencia da sua origem, das suas tradições; ha muito de instinctivo n'elles — atalhou Roberto Annes approximando-se e examinando os retratos que pendiam das paredes.

Elle apresentava essa pallidez ardega, viva, clara de Vesper ainda enfaixada de luores diurnos.

— Parecem amar o amôr, sómente por amôr ao amôr — e um leve arrepio cortou o dorso da Senhora Andreia.

O atticismo agudo d'essa observação calou em Roberto Annes — a acuidade, o romantismo d'ella o surprehendia: na realidade era essa mesma a sua opi-

não sobre essas mulheres de olhos infinitos e de boccas perturbantes.

— Porque diz assim?

— Não sei... Por intuição forte... — A Senhora Andreia não ousou olhal-o: todo o seu sêr fugia, ia para elle, á semelhança d'aquella nuvem que um impulso fatal impellia para Cassandra.

— Dê-me a mão, não va cahir... a escada é por demais estreita... Lê muito? — indagou o Dr. Roberto Annes.

— Oh, sim... Sou uma viciada — sua mão dentro da mão d'elle palpitava, como um passaro que carrega a fadiga das longitudes...

— Mas só romances? — e buscava-lhe os olhos para a folia do seu desejo.

— Não, e a biologia tambem — respondeu Voleta aerea, ouvindo de suas arterias, de seus atomos, n'uma toada longinqua, além, além:

« Tu e eu — e enlaça-me o rythmo dos corações que se dão.

« Tu e eu — repete a onda ao silencio estuante.

« Tu e eu — murmuram os horizontes ás horas que deslisam.

« Tu e eu — e a eternidade nos abençoa.

— E' antes, por afinidade que a prefere.... E' o estudo da Vida viva em funcção incessante... Oh, a Senhora representa o seu mais extraordinario simile: em seu corpo se encontram todos os movimentos, todas as ancias dynamicas que a engendram. — exclamou Roberto Annes com um fervor concentrado.

— Tem razão... Eu sou a vida que se desentranha de outras vidas — respondeu séria, os gestos sobrios, em tom quasi religioso, como se annunciasse

um augurio: Elles se achavam agora lado a lado, a procura de Izabel Clarisse. Isis sumira.

— Sabe que me deslumbra? E' a maxima perfeição da imperfeição... Já notei que nunca é a mesma...

— Isto é, ha momentos que, magias, halos phosphorescentes me ambiam.... já outras vezes, é como se fora esculpida n'uma medalha ou n'um sarcophago...— e Voleta entre sorrisos cedia á paixão, ao encanto, á admiração d'elle.... Todas as scintillações que até agora se lhe conservavam em penumbras, embaciadas pela sua vontade poderosa, se abriam estridulas, exuberantes e sequiosas.

— Izabel Clarisse já está na calçada a espera de vocês — exclamou a pequena, açodada.

— Vimos cousas bizarras, silhuetas exquisitas, chapéus de Far-West, dragões de guelascancaradas, um mundo — exclamou a Senhora Andreia de um só folego, rosada, tilintante de alegria.

— Conheço tudo isso atravez dos Cinemas.... — redarguiu a Senhora Daniel Ribeiro apresentando-a ao Engenheiro Ernesto de Oliveira — grande amigo de meu marido — accrescentou em seguida.

Roberto Annes já o conhecia de vista e nutria forte antipathia por elle: sabia-o, leão dos salões, do Club dos Diarios e de Petropolis. Patenteava nas maçãs macilentas, no tom glabro da pelle, resquícios de orgias continuas.

O medico eminente não mais deixou a Senhora Andreia.

— Não leve a mal.... mas seus olhos têm a côr do chá e variam como elle quando está fraco ou forte.

— Que graça! E os seus, ah, lembram os marmores verdes de Donyssa — exclamou, a rir.

— Mas não são frios... — atalhou Roberto Annes vivamente.

— Por certo que não... são o marmore e a chamma — ajuntou a gracejar.

-- Que preferes Voleta, um coração cheio ou vazio? — interrogou-lhe abrupta a Senhora Daniel Ribeiro.

-- A não ser magnificamente cheio como dizes, prefiro-o vazio, porque assim, traz uma esperança ruída...

— E' hieratica e agil pelo que oiço... — redarguiu o engenheiro — O meu pelo menos nunca está solitario — completou dardejando á Izabel Clarisse um olhar quente.

— Mas isso vale por uma neutralidade — disse a Senhora Andreia com laivos de sarcasmo: oh, ella abominava os amôres successivos...

Ernesto de Oliveira olhou-a surpreso, — esta aqui ao menos sabe pensar — ponderou para si.

— Vem a ser então uma doação e uma concessão... sem rupturas, sem remorsos, sem agonias que doirem.... — articulou grave o medico.

— Oh, amarmos, rodeados de sustos e de soffrimentos, é execravel — retorquiu Izabel Clarisse.

-- Possuirmos a mulher como possuímos em os nossos olhos uma paysagem, livremente, totalmente, ao abrigo de todo o cuidado e do tetrico o que acontecerá, é o novo paraíso — explicou pausadamente entre os tragos de chá, o feroso engenheiro.

— Oh, a bella equidade da inconsciencia! — sentenciou ironica a Senhora Andreia.

— A sua intelligencia me faz medo. — E Ernesto de Oliveira curvou-se ligeiramente.

Pareceu a Roberto Annes que em o ar que os circumdava se embutia a belleza sonora de sua bem amada.

— O amor abrange dores infinitas... — emittiu o medico com os olhos cravados n'ella.

A Senhora Andreia empallideceu: afigurava-se-lhe apalpar as profundezas insondaveis do amor inveterado, uno, imperecivel do primeiro homem, da primeira mulher, da infancia do mundo e dos elementos.

— Não sou um sonhador... — e ao redor de seus labios, se accentuou uma aureola fanada, de pregas varias...

— Naturalmente o Senhor Ernesto apenas sorri para o amor — retorquiu a Senhora Andreia.

— Já é o sufficiente... Porque torturar-nos quanto a sua duração, a sua veracidade... — observou a Senhora Daniel Ribeiro complacente.

— Cada mulher é um ideal que ainda não sabiamos da sua existencia em nós — accrescentou o engenheiro a fixar Voleta cuja intelligencia e vivacidade o impressionavam.

— E' a inercia em a sua plenitude, é o sensualismo indolente de D. Juan de Lord Byron... — accrescentou impaciente Roberto Annes.

— Enganamo-nos tanto... Quantas vezes julgamos encontrar um heroe, em um pusillanime — atalhou Izabel Clarisse, as pupillas em desafio para o medico.

— N'esse caso, que eu seja a mulher sem adoração, a mulher que não admira—e um arrepio incisivo percorreu os membros de Voleta.

Ernesto de Oliveira encarou-a e via-lhe a bocca refulgir como um circulo de fogo.

Roberto Annes sentiu as suas sensações bandear, tal qual a vida se fosse e viesse: oh, essa phrase

lhe acutilava as visceras, os tendões, o mais extraordinario de sua alma excelsa:

— Bemaventurado de quem se uniu ao seu Ideal...
— proferiu sombrio, pausadamente.

A Senhora Andreia em um relance, se apercebeu da significação dupla das palavras que emittira, irreflectidamente: acostumada a não ter sobre si reflexo de ninguém, a ser unica, o seu proprio echo, a sua propria refracção, habituara-se a enunciar o que pensava, o que lhe jazia em o amago, lidimo, crystallino, aquillo que lhe emanava das cellulas, do sangue — ella só ella.

Voleta inteira se ennuviou, em creando a sua dôr.

Ainda dentro da Exposição a caminho de casa, por vezes tentava apagar a impressão triste que suscitara n'elle.

Isis com o braço em o seu, fallava sem cessar, contava-lhe as novidades mundanas e por tempos, como para desculpar a ausencia do noivo, dizia-lhe: — ah, o Raymundo não veio porque teve com certeza muito trabalho.

A pequena distancia, a Senhora Daniel Ribeiro e o engenheiro conversavam:

— Essa tua amiga é uma mulher febril... parece que todas as emoções a brandem.

— E' uma monja que detesta o amôr — acudiu a companheira pressurosa.

— Duvido, não creio...

E um silencio curto, afflictivo para Izabel Clarisse pairou sobre os dous: — iria elle se enamorar?

Como que adivinhando o que se passava em o cerebro da amante, disse-lhe alácre:

— Amo a tua paixão de volupia. — Ernesto de

Oliveira, apenas teve em resposta o bater dos cílios d'ella, que se esvaia em espasmos de ventura.

— Faremos em breve uma longa excursão á Tijuca e conto com a tua presença — disse a Senhora Daniel Ribeiro ao despedir-se de Voleta — não te esqueças, fazemos questão da tua pessoa.

A Senhora Andreia, apezar do mal estar que engendrara e que tanto a torturava para que fosse desaggravado, recomposto, estuava vertiginosa ao recordar-se do ardor, da intensidade dos olhares e das palavras do seu bem amado: estava qual artifice prodigioso e a sua filigrana rendilhada,... era o fulgor e as suas trepidações immensuraveis... Lembrava essas papoulas de auroras e de crepusculos fusionados que, após haverem bebido a impureza absorvente das noites azues, se dobram sobre si mesma para o seu lubrico festim.

Ao entregar á Mimi a boneca promettida entre beijos e abraços, raciocinava: — «Afimal essas phrases cortantes, ambiguas, são necessarias, algumas vezes, beneficiam ao amôr... são serpes de scintillações fadicas que desnorteiam para o maximo...»

Impossibilitada de conciliar o somno, Voleta enrolou-se n'um chále de franjas escaletes e foi-se para o gradil, florido de estephanotes que circundava a loggia do quarto de dormir, em o primeiro pavimento.

Reparando n'essa flôr esguia, murmurou apertando-as entre os dedos:

— O' Flôr fatal, flôr da Discordia, palôr dos labios em colera, flôr dos corações em peccado, dá-me uma felicidade, dá-me uma audacia vehemente...»

Seus olhares se derramaram sobre os bambuaes, sobre as laranjeiras, chegaram ao céu e detiveram-se em

um crescente perfeito e em mente observou: «Como é tranquillo e casto o amôr da lua ás cousas da terra.... é um amôr sem tormentos, sem angustias, sem rasgos, dessedenta-se em o que lhe offerecem, vive do instante, á superficie, diz, simplesmente — amo-te....

«Já o amôr do Sol é violento, corrosivo, destruidor, é amôr humano, insaciavel, turbulento, voraz, desce até ao amago, até ao fim, até a seiva, levando o delirio, o furor, a vida, a morte, o extase da Luz.... Grita sempre — mais, ainda mais! Reproduze-te, rompe as trevas, incendeia-te, canta.... E' o amôr dos amantes.»

Alguns minutos depois, Voleta via sobre as suas mãos o luar depositar o seu tributo de vassallagem, de fidelidade...

E assim a Senhora Andreia continuava a viver das suas magnificencias, dentro das visões surprehendentes de sua imaginação de amorosa.

Paulo que viera despedir-se por ter de partir para uma cidade do interior, onde ia leccionar a cadeira de Historia Natural, lhe dissera:

— Tens qualquer cousa de não teu, porém de muito saboroso....

Ella sorriu e enrubecendo respondeu evasiva:

— Entretanto sou eu mesma em a minha mesma vida.

— Prodigios da intelligencia e dos teus nervos magnificos, furiosamente femininos.

— Tens razão, sou extremamente feminina...

—...e Pedro quer masculinizar-te, extrahir de ti, essas sombras mobis, nimbos de seducções — interrompeu elle.

Ao ouvir o nome de Pedro, a Senhora Andreia extremeceu, havia muito que não pensava no marido: a sua actualidade era tão leve, tão diaphana, tão radiosa...

— Mas não me transformará — exclamou Voleta alácere, inteira em Roberto Annes.

— Seria uma profanação — disse Paulo com entusiasmo.

— No que se relaciona ao meu *eu* sou uma misoneista.... desculpa o termo tecnico — accrescentou a rir, esfusiante de alegria.

— Também no coração? — interrogou abrupto, a fixal-a.

Essa pergunta a desnorteou, Voleta a não esperava:

— Com certeza... Porque não? — balbuciou, meio confusa, velada pelos olhares verdes de Roberto Annes: em mentindo, todo o seu ser se unia mais ainda ao do medico eminente.

— Mas a mulher é sequiosa de amor e te abandonam e te deixam a sós e te forçam a companhia de homens.... Oh, impiedade, oh iniquidade de um maníaco — e toda a raiva de Paulo se exteriorisava em seus labios que se afilavam.

— Que posso eu faser? Bem sabes o quanto heilutado... Ah, se elle me amasse, me acariciasse... como os eventos teriam sido outros — murmurou para si...

— Nada tens a te censurar. Sempre te ergueste acima dos meus desvarios... E eu sou um allucinado...

— Apenas um senhor professor muito ajuizado, que certamente grangeará louros e felicidades na nova carreira — proferiu Voleta entre sorrisos e mesuras a disfarçar a conversa.

— Vocês mulheres esperam pela felicidade, nós,

homens, a temos quando a queremos... — respondeu, mal humorado.

— Na realidade a nossa paciencia nos é um damno — replicou a Senhora Andreia enigmatica.

— Mas devem ser assim — acudiu de prompto Paulo, temendo que ella se appropriasse das suas theorias revolucionarias e as executasse: soffria acerbamente ao conjecturar que Voleta poderia vir a ser de alguém, que não elle.

— Ingenho, 'que sabemos nós de nós mesmas? — exclamou picada, calando em o sentido escondido da phrase que acabava de ouvir.

— E's por demais resvaladia, escorregas, não te deixas aprisionar... Eu te admiro.

— Quando voltares não me repetirás essa lisonja.

— Porque?

— Ver-me-ás assim — e Voleta faceira esticou todos os cabellos para traz.

— Oh, é a madonna de Fiametti, a tentadora, a desconhecida...

— Ah, estarei então como Zenira, amareila, e magra — e esgalgou-se alongando o busto.

— Será Seila consumida pelo medo de morrer virgem...

— Meu Deus, dize-me afinal uma cousa que não seja amável — fallou, a gracejar.

— Odeio-te — exclamou elle levantando-se.

Ao dar-lhe o abraço de adeus, Paulo havia os olhos mareados de lagrimas e Voleta com a cabeça rente ao seu hombro lhe repetia emocionada:

— Has a bençam. e a grande amizade da tua irmãzinha.

A Senhora Andreia não o ludibriava em se expressando de tal maneira e em dissimulando a alegria que

experimentava ao vel-o partir, ao sabel-o longe, afastado, inhibido de molestal-a, de importunal-a com declarações reiteradas de um amôr que a aborrecia e a amedrontava. Em seu intimo regosijava-se com os bons numes de haverem-na preservado de algum drama nefasto e tenebroso.

Dias mais deslisaram sem que nada de extraordinario turbasse os transportes, os esplendores secretos que a enrodilhavam; ao findar porém da semana uma inquietação subita, morbida, inexplicavel, principiou de tortural-a: em o seu inebriamento a Senhora Andreia não notara que gesto algum de Roberto Annes se lhe fizera annunciar... que nada d'elle viera á sua alma loucamente enamorada.

— Que será! que será! — murmurava afflicta, receiosa de ter, por acaso, desconfiado ou quiçá se esquecido da paixão formidavel que os ligava em espirito.

E devorada de ancias e de lugubres presagios, a Senhora Andreia passava as horas attenta a todos os rumores, atoleimada, aeria, hesitante, ora tomando o phone do apparelho, ora largando-o ao ouvir um allô guttural que, em a sua exacerbação, não lograva discernir se era a vóz do medico ou a de qualquer outra pessoa.

— «Senhor, eu o amarei sómente com os meus olhos e o meu coração, em a minha consciencia, como amo a Vós» — balbuciava durante a noite, as palpebras ardendo de vigílias.

Sollicitava o seu amôr, sem submissão, sem reticencias, altiva, em arroubos, unanime de lealdade e de abstinencias, certa de que entre elles jámais se atearia a flamma invencivel do peccado que desvaira e fragmenta.

Essa supplica sublimava o brado dos seus átomos, o culto, a effervescencia do seu entendimento e tudo mais que os mezes e o tempo ainda distante, peticassem de rutilo e de soberbo.

Em a sua imaginação via sua oração alçar-se ao céu, á guiza de uma arvore imberbe, fremente de gorgeios, de verdor, de lindas efflorescencias.

Nunca o seu orgulho se abatera, nunca se curvára ás injunções das occorrencias...

Mas agora uma resignação dolorosa, passiva, lhe estagnava as volições, as potencias, os surtos magnificos, forçando-a a reprezar-se á tona de si mesma, á beira do seu eu physico, á semelhança dos colibris, que só acodem ao assucar, ao pollen de oiro e ignoram a flôr, o caule, a semente, as intemperies do clima.

Gonçalo de Tuy ao reparar em as rendas negras e em as rosas roseas á fimbria da saia negra que envolviam a brancura de esmalte da Senhora Andreia, dolente e romantica, objectou:

— A tristeza não se coaduna com a mocidade nem com a belleza e entretanto empresta á mulher qualquer cousa de sphynge...

— Comprehando..... é uma estridencia demoiidora — replicou Voleta as pupillas vidradas, baças, abatida tal qual um veleiro, de onde, os jocos do vento e do sol e os risos do ether se houvessem retirado.

— Está ao nosso alcance o estrangulal-a — affirmou o Poeta, fixando-a.

— Nem sempre... Enlaça-nos em demasia, assenhorea-se, aggressiva, de nós — suspirou.

— Oh, esses são os pesadellos roazes do amôr... dilaceram.

— O amôr terá esse prestigio? — interrogou inteira ao vuez.

— Duvida ainda? — E toda a ironia do Poeta se refugiava n'essa interrogação.

— Mas não é um accidente que se devora a si proprio? — E uma oppressão subita a opprimia.

— Sim quando é capricho, desejo.... apenas um incendio...

Ao ouvil-o dissertar assim, as lagrimas que difficilmente, a Senhora Andreia sustinha á borda das palpebras, principiaram de correr, abundantes.

— Por Zeus, que disse eu? — enxergando n'esse pranto desfeito, a confirmação cabal das suas suspeitas: ella amava e soffria por qualquer motivo concernente á esse amôr....

— Com a sua formosura e a sua intelligencia não póde soffrer... Olhe, lembre-se de que é egregia... que só recebe dadas augustas...—dizia a esmo, a segurar-lhe as mãos com uma ternura quasi paternal, sem ousar porém ferir directamente o assumpto.

Ao olhal-a, Gonçalo de Tuy recordava-se da sua amante morta: a mesma elasticidade de membros, a mesma vehemencia, o mesmo clangor hysterico. Em seu intimo, se esboçava um desejo malefico, feroz, de torcel-a, de arrancar da vida, do corpo, da bôcca, das mãos d'ella como corymbos derradeiros da paixão — o riso, o riso do Triumpho — deixal-o gravado, petrificado em seus labios, como elle ficára em os labios gelidos de Magdala, a symbolisar a demonstração do Amôr triumphante.

— Senhora, não chore, só a morte é irremediavel... tudo mais ageitamos ao nosso sabor... Eu sou o viuvo da saudade e entretanto não derramo prantos.

Tento reviver cousas idas... — As suas phrases sa-
hiam acompanhadas de longos suspiros.

Por momentos, ficou immerso em um profundo
silencio a contemplar Voleta atirada sobre as almo-
fadas, a chorar, sem alento, saturada de amôr, magni-
fica de soffrimento, e pensava: — «Oh, mulher ma-
ravilhosa, és quasi Virgem... ainda desconheces a ca-
nicia que estarrece e decompõe. Que será de ti ao
experimentar-lhe a vertigem, o abraçamento....» E la-
mentava que sobre esse corpo de luores maravilhosos,
o destino se comprazesse com adextrar a sua raiva, o
seu damno, a sua fatalidade...

Volvendo-se para a Senhora Andreia disse:

— Mas ainda soluça... Ah, está necessitando de
um calmante.... os nervos estão por demais desarran-
jados.... Só um medico logrará o milagre. — E levan-
tou-se, tocado de subito pela ideia de que talvez fosse
Roberto Annes a causa de tanto reboição.

— Meu Deus, que faz? — exclamou a Senhora
Andreia assombrada, ao ouvil-o pronunciar o nome do
medico eminente.

— Apenas chamo-o para examinal-a, porque está
realmente doente.... Como? — disse com a bocca
no phone — Ah, sim, é um amigo que deseja fallar-
lhe. Então está para chegar a todo instante? Está bem,
obrigado.»

— Ha quasi uma semana que se ausentou e é
esperado já... — explicou á Senhora Andreia que
nesse momento supremo sentia desatarem-se-lhe, dos mus-
culos, das fibras, das suas pulsações, todos os liames,
todos os elos, todos os entraves da Angustia, do Des-
engano, da Desesperança: renascia fulgida, illuminada,
em nupcias, sob arcos de roseirae, em reverberações...

— Não se incommode Sr. Tuy, nós mulheres somos assim extremamente mobis, exaggeradas — disse, a voz cortada entre sorrisos e lagrimas.

Gonçalo de Tuy, encarando-a, envolvia-a em re-
gios paganismos: Voleta lhe parecia ser um chão tro-
pical, o devaneio nocturno de Pan, o Apogêo da dôr,
da esperança, a Bravura, a Violencia que penetram
em a natureza, em o sangue humano, em as substan-
cias organicas e inorganicas...

Ella patenteava o mesmo amôr da Creação aos
Sete Dias: carregava o universo, os elementos, as
germinações e tudo o que ha de surprehendente e de
immensuravel, e de perfeito e de excessivo.

Durante o jantar ao se dirigir a Senhora Andreia,
a voz de Gonçalo de Tuy revestia-se de uma ternura
indizível, pretoito, homenagem da sua alma erma, a
alma d'ella deslumbrada, aberta, em extases sobre-
humanos...

— Mas não acredita que já houvesse morrido? --
insistia o Poeta.

— E' então um cadaver redivivo? — Voleta re-
cuou, insensivelmente.

— Sim... Já me haviam jogado de lado, de mis-
tura com os outros mortos e lembro-me de que na
minha semi-inconsciencia, ao reviver, eu experimentava
a sensação da dança: em o unico ponto vivo meu, ao
redor de mim, eu via os meus companheiros e tudo
onde os meus olhos batiam, dançarem, dançarem...

— Que sensação atordoante essa da vida que se
reincarna, que torna á vida -- exclamou a Senhora
Andreia coberta de sombras lividas.

— Cantei-a num poema de treze versos, em
rythmos vezinas, em rythmos que deïram... — juntou.

Voleta sentia estrugir sobre a bocca, em os cabellos, a turbulencia funesta de seus olhos.

— Então as suas horas devem trazer rastros fulgurantes — pronunciou, fixa.

— Ao contrario, cerca-as, o halito da Morte... são trovas entenebradas... com todas as jubilações monstruosas do nada — explicou taciturno.

Depois de um curto silencio Gonçalo de Tuy disse:

— Sabe que Pithô sorriu n'outro dia...

— Devéras? — interrogou Voleta simulando espanto.

Pithô era um corvo de ebano negro que, do alto de uma estante, lhe vigiava os livros e no seu dizer, viera directamente dos pés de Demeter, a Pranteadeira.

—....no momento em que eu convergia sobre a cabeça de «Antígona» raios azinhavrados, clarões violaceos...

— Que horror! — voltou a Senhora Andreia, arripiada, como se no furor macabro aqueïas viboras enfaixadas de tons metallicos se lhe enroscassem pelo corpo; pois conhecia o quadro, uma beïia copia do de Da Vinci.

— Queria satanizal-as vincular-lhes uma locomoção e garanto-lhe que cheguei a perceber-lhes a viscosidade, distender-se, retrahir-se...

— Dona Voleta, acabam de perguntar pelo telephone se o Senhor Andreia já está de volta — era a creada que entrava.

— E' D. Zenira, quem indaga?

— Não, Senhora, é voz de homem.

— Naturalmente algum amigo de Pedro — explicou Voleta ao Poeta, alardeando indiferença, porém offegante, emocionada: seria Roberto Annes?

Pela frente, pelos olhos do Poeta deslisou uma longa perfidia sob uma beatitude infinitamente romantica e fallou:

— Como a vida é maravilhosa para quem é feliz!

— Oh, Mimi vem dar boa noite ao Senhor Tuy — proferiu a Senhora Andreia, ruborisada, profundamente perturbada, escondendo o seu embaraço nos affagos que dispensava á menina que nunes tuteiares haviam feito espiar, á porta.

— Mimi tem medo... Elle tá zangado — e assustadinha segurava-se mais á madrinha.

— Elle não está zangado não, elle gosta de Mimi e vae trazer amanhã um brinquedinho — segurando-lhe o bracinho a Senhora Andreia a encaminhou para o Poeta que lhe beijou as mãozinhas.

— Cada vez que olho essa pequena mais problematica acho a sua origem... A finura, a nobreza de seus traços, a sua intelligencia lucida me convencem de que ha uma mancha bemdicta em a sua paternidade... — dizia Tuy em a reparando.

— Chut! Respeitemos a maternidade, esse dominio só nosso, mysterio concreto, insondavel, ante o qual esbarra a boa ou má vontade do homem e a sua curiosidade sempre incansavel, sempre suspeita — disse a Senhora Andreia, altiva, dona de forças egre-gias...

— Na verdade ha toda a realeza, todas as prerogativas do Pensamento... — repartiu elle.

— E' um segredo imperial entrè Deus e nós...

— Bemdigo-o tanto, que para mim, a mulher sendo mãe, eleva-se acima da sua culpa.

— Receba o applauso, o louvor meu e de todas as mulheres ausentes e soffredoras, Senhor Tuy, — disse, á bater palmas.

Horas depois Voleta recebia um envelope grande, estreitando um bouquet de violetas escuras, com as seguintes linhas:

— «Recebei o desespero, o supplicio, o tormento, a agonia de quem ha vivido de Vós e por Vós.

Roberto Annes».

Ao premer as violetas contra o seio, Voleta dansou a victoria do encantamento do seu amor.

Ao despedir-se das Senhoras Andreia e Daniel Ribeiro em a Exposição, Roberto Annes se dirigiu directamente para sua casa: desejava a solidão amiga das suas salas, das suas paredes brancas, dos seus livros tão amados.

Aquellas palavras de Voleta lhe tilintavam em os ouvidos, dentro do cerebro, em a irritação dos seus nervos e do seu sangue:

— Será possível que o amor seja tão fraco e bambo que se creia de continuo ameaçado, prestes a ser extincto...? Por causa de uma phrase dita talvez para encenação, á tóa, sem significação, sem fito, me debato em duvidas atrozés... E esta paixão que está em mim, para qué fim? — perguntava a si mesmo, descobrindo em esse fragor intempestivo, allucinante, que o seu *eu* arrastava após de si, o impeto, a intrepidez, a vezania de gerações passadas porém, ainda anhelantes, ainda perseguidas por furores sedentos, de festas de amor — Deus meu, sou quasi um

irresponsavel, onde a immaculabilidade do meu caracter, onde os filamentos d'essa fé esplendida que me atava outr'ora ao dever, á honra, á consciencia de um Deus?

Mas, a sua natureza combativa, affeita á luta, á disciplina, ás imposições de sua vontade, repellia a inercia, o em vão de conjecturas oucas, fallaciosas: essa sua atribulação demandava movimento, iniciativas, outros expedientes, queria usar-se, desaparecer, transformar-se em energias propulsoras, uteis, em acções prodigiosas. Elle sentia as suas tendencias, as suas inclinações evoluírem, resolutas, contumazes, famintas, monopolizadoras.

Em o hospital ao auscultar os doentes, perdia a noção do tempo, a investigar, a rastrear até ao infinitamente pequeno, até á minima parcella, como se identificasse n'um mappa ou n'uma carta geographica o mal e as suas relações multiplas. E da pathologia passava para a physiologia a estabelecer as differenças, a encarecer as fusões, a precisar as manifestações da vida, sadia, ardente, que é, da sua eurythmia, da sua perfeição e da dissonancia, da falha, da descida da vida doente que fenece, se esvae.

Certa vez em o seu enthusiasmo alou-se até á metaphysica, entrou em um mundo a parte da experiencia, largou a materia, a substancia objectiva, demonstrando como apezar das modalidades, das dessemelhanças especificas, existe o *ser, em si*, liame das qualidades, dos phenomenos, do que é finito, transitorio, decomponivel..., o *eu* absoluto, o sinete flammante de Deus em ás cousas creadas...

— A metaphysica, proclamava, vem elucidar, definir o que ha de incomprehensivel, de mysterioso, de inexplicavel em certos conceitos biologicos.. Não

nos é licito negal-a, como requerem as doutrinas positivas, porque seria tambem fazermos affirmações *a priori*, sem base alguma scientifica... Sêde crentes, caros discipulos. A crença é balsamo, é luz, é incendio de auroras em nossos corações, é o cantico juvenil do que virá a ser, é o germen verde, summarento da alegria eterna....

E os discipulos arrebatados applaudiam o Professor que nunca se mostrára tão eloquente, tão impecavel de sciencia.

— Viver — dizia Roberto Annes andando em a sua bibliotheca de um lado para o outro — é tra-sermos o desejo, a audacia da Victoria; é embutirmos em os obstaculos, em as forças negativas, a nossa força; a nossa lei.... é ascendermos lucidos, soberbos, cheios de tenacidades e resoluções, com gestos claros e decisivos, ao alto, para o fructo promissor, para o nosso sonho fulgurante...

E foi assim em esse estado de incitamento que Roberto Annes teve de deixar o Rio, ás pressas, em uma triste e nevoenta madrugada, para acudir ao irmão que se morria de uma febre insidiosa, em Friburgo.

Durante horas consecutivas a ganhar da molestia a saude, com atenções e cuidados duplos, vigilante, incansado, a sitiar, a prevenir surpresas e possibilidades nefastas, elle viveu o medico e o anoroso, doidamente enamorado: ao injectar sôros estimulantes, ao debruçar-se sobre o enfermo quasi moribundo, irmão seu, entidade da sua entidade, plasma do seu plasma, ente unico em o universo igual a elle, amôr seu beatifico, inalteravel, Roberto Annes se queimava em o exclusivismo de uma paixão que crescia, crescia tenebrosa, avassallante, reluzente, glorificadora...

Um ai, um estertor do doente, correspondia-lhe

em o intimo, a um gemido relevado porém de luz... e Roberto Annes resentia-se amargamente de lhe não ser mais possível offerter-lhe a sua Dôr nitida, limpida, açacalada, radiosa de dôr...

E no seu afan de paladino intrepido da vida, obrigava a sua cunhada ao repouso.

— Velarei sozinho... Não te pertences, trazes em ti uma vida nova que exige de ti vida...

— Antonio é tudo para mim... Deixa-me... — exclamava ella em soluços.

— E' pelo filhinho d'elle que tens de zelar e não por ti — insistia Roberto Annes com meiguice, esforçando-se por enternecel-a.

— Mas Antonio é o meu amôr...

-- O outro é mais ainda porque é o amôr d'elle inviscerado em ti. Comprehendes?

— Ah, se eu tivesse certeza de que não morrerá — e as palavras lhe saham esmigalhadas, convulsas e os seus grandes olhos azues, em luto, se encravavam em a bocca do cunhado como que tentando arrancar o que lhe não queria revelar.

Roberto Annes instinctivamente em um atordoamento mystico se calou: dir-se-ia que sua alma se despregava de seu envolucro, do lugar onde se encontrava e em genuflexão adeante de Christo recitava uma supplica sanguinea.

Minutos depois, transfigurado, empallidecido, com o olhar em chamma, emprestando a cada palavra, todo o seu som, toda a sua significação, disse:

—Juro-te que Antonio não morrerá.

Era tal a firmeza, a convicção com que se expressava, que Anna Maria confiante acquiescera:

— Pois bem, irei deitar-me.

Uma calma augusta, solemne, admiravel de espi-

ritualidade e de aureas expectativas adejava em torno dos gestos, da cabeça apollinea do medico eminente.

E Roberto Annes no seu mutismo commentava ao vê-la menina e já mulher ainda cheia de candidez e de innocencia: oh, a belleza, o ineditismo da juventude... ha um mixto de virgineo, de prece, de nevoas, de brisa, que ondula, fluctua sem se precisar...

Durante as primeiras noites não fazia senão entrar e sahir de um quarto em o outro quarto, a compôr, a reatar, a encaminhar com discernimento e empenhos sobrehumanos, a vida mortal, a vida da Terra, do Homem, da Planta, do Animal, a Revelação ephemera da Vida imperecivel...

E quando Antonio livre de perigo lhe balbuciou do fundo dos travesseiros:

— Has qualquer cousa que não tinhas, uma energia extraordinaria... Que ha, Roberto?

— Que pode ser? Não adivinhas?

— Por acaso estarás apaixonado? — e uma satisfação lhe resumbrava na physionomia.

— Tu o disseste, caro irmão... Amo.

E os dous de mãos dadas se olharam longamente.

— Sê muito feliz.... assim como o sou — accrescentou em voz debil o mais moço sem proseguir: com certeza Roberto tudo lhe relataria no momento opportuno.

Em se despedindo de Anna Maria, disse:

— Antonio já está de saude porém muito fraco, o resto depende de ti e d'elle... ambos teem que seguir as recommendações aqui escriptas. E' preciso que o Dr. Alberto o vizite diariamente. Deixo-os, pelo que vejo, ainda em plena lua de mel... E quando descerem, virão para a minha casa. Entendes?

Sómente no dia de regresso é que lhe foi permitido admirar o bello edificio do Collegio Anchieta, já não mais o mesmo onde se educara. Oh, como amava aquella casa onde Jesuitas illustres e bondosos o haviam instruido e polido e escoimado o character e a intelligencia: uma saudade aguda o impellia a olhal-o mais uma vez, afim de deixar a sua devoção nova, sobre aquellas paragens que eram as mesmas e que talvez ainda retivessem em a sua superficie ou em camadas sotopostas, uma recordação de seus devaneios extravagantes de adolescente, da sua ancía para qualquer coisa de extraordinario, de mais superior, de mais desconhecido. E Roberto Annes ficou-se de pé em o automovel a contemplar aquelles sitios tão ricos de seus gestos de collegial, das suas visões de infancia.

Infelizmente não lhe sobrava tempo para percorrer aquellas salas e dar a cada um de seus professores o seu abraço reconhecido, a sua gratidão magnifica.

E o triumphador emerito após haver lidado pela alma infinita do irmão bem amado, a resplandecer sob a Paz divinamente colleante do Exito, estreitado n'um comboio exiguo, incommodo, vivia a palpitação do seu Amôr luminoso, extasiava-se ante a ebriez cantante do seu *eu* impregnado do senso de Voleta — pairava n'ella, em seus cilios, contra as suas veias, emmaranhado em seus cabellos, onde todos os perfumes se vinham immortalizar... E o seu coração, as suas mãos, os seus tendões se torciam em sangue, aggressivos, sedentos, insubordinados.

Agora mais do que nunca as suas ambições de gloria tomavam incrementos mais vastos, mais altisonos: queria depôr adiante d'ella a eclosão sumptua-

ria do seu successo, os trophéos, as palmas virentes das suas noites laboriosas.

E Voleta se lhe apresentava á imaginação envolta em o deslumbramento de sua belleza admiravel: «Cheira a seiva, a manhãs suffocadas de irradiações... E' agil, esquivia e como Syrinx, indemne de toda a pilhagem amorosa... — E orgulhoso accrescentava — Oh, a desaparidade flagrante, original que existe entre a sua bocca e os seus olhos! E' uma bocca festiva que parece trazer pendentes, ao redor dos labios, guizos e soalhos resonantes... e os seus olhos, oh, são poços trevosos de onde emergem lyrios de naphta... olhos de escuridão e de folhas verdes, olhos de antros, de tumulos vazios onde arde a illuminal-os, a abraza-os, o lume da Decomposição...

Esse amôr immenso o inundava de viço, de inspirações, de estos, de magnitudes egregias...

* Sobre o tombadilho da barca, Roberto Annes via o mar fino, unido, escorregadio a reter em seus atomos as sombras breves das querenas, dos mastros e a sombra soturna, nostalgica das collinas que o aprisionavam... Do céo, dos horizontes, das casarias da cidade, das torres das igrejas, do proprio mar que a prôa fendia e rasgava, esfuzilavam scintillações de aço, de espadas desnudas, de destinos promissores: dir-se-ia o desatino, a folia reprimida do meio-dia a se disseminar agora, a se expandir amplidão afóra.

Ao desembarcar, o seu primeiro gesto foi desalterar a sua saudade, enviar á sua bem amada, a sua dôr dentro de violetas.

No dia seguinte, inopinadamente, sem aviso previo, levado por uma resolução subita, Roberto Annes appareceu em casa da Senhora Andreia e fez-se conduzir até á saleta onde se encontrava.

Voleta vinha de vestir o vestido de rendas pretas bordejado de rosas, o vestido que a vestia na hora da sua alegria; aos seus pés, do fundo de uma caçoila esgalga, de bronze lavrado, subia uma espira de incenso que ora baioçava, ora se aprumava, ora tornava a oscillar, tal qual uma serpe que bailasse... seus braços brancos enrodilhados de penumbras e de aromatas eram como aléas enluaradas de bogarys e tuberosas.

— Oh, a linda fada minha — dizia elle desatando as rosas que trazia e á medida que as collocava no chão, nos joelhos, nas mãos, nos hombros, na cabeça de Voleta ajuntava:

—E' a minha immortalidade, o meu destino, a minha sciencia.... é a minha veneração, o meu respeito, a minha adoração, o meu desespero... é a minha honra, o meu unico amôr... vê, nada mais me resta, de-lhe tudo...

E Voleta assim florida de rosas, entrançada de rosas, sobre peanha de rosas, Rosa Magnifica de encantos innumeraveis symbolisava todos os estros radiosos que fixam em o universo, o Amor, a Beileza, o Heroismo, o Prazer, o Desejo....

— Festejo o meu momento feliz, o meu momento maximo — murmurava á surdina.

— Ah, meu amigo, como eu soffri, como eu soffri!—suspirou eila a cabeça contra o seu hombro.

—Mas se eu te tinha em mim — balbuciou Roberto Annes a apertal-a em seus braços, a havelarente a si como a musica e o silencio, as frondes e o ar immenso.

— Tu foste a minha dôr pungente — e a sua

mãozinha espalmada passava lenta pela cara, pela cabeça de Roberto Annes n'uma carícia atordoante.

— Eu sou o teu amor — gaguejou elle a respiração presa, abafada.

— E's o meu amôr, o meu amôr — repetia deslumbrada, em apogêos...

Essas palavras revolteavam em torno dos ouvidos do medico, á guiza de rythmos dementados.

— E's minha, mas só minha... — e em o seu desvario tomou em a bôcca, a bôcca de Voleta inerte de exaltações...

A Senhora Andreia lassa, frouxa, esvaecia-se de intemperanças e de fragores lunaticos, abatia-se inteira, pesada de morbidez e de extases insuperaveis... era Amebeia, a voluptuosa, á espera da Hora violenta... era Illion crepitando em chammas... era a sombra de fogo do Fogo em escarcêos...

— Amo-te, amo-te — murmurou com o perfil voltado para o perfil d'ella, totalmente obsedado por essas palavras que lhe não saham do cerebro e das arterias amotinadas...

Dolorosa, cortada de espasmos cruciantes, Voleta disse:

— Ah, que o amôr, em mim, é uma delicia fatal.

Roberto Annes esforçava-se para haver a sua integridade.

— Tu me trazes a angustia e o esplendor — e entre as suas mãos, a face de Voleta empallidçia, como os nenuphars sob o beijo de doze horas do sol.

— Para ti abdico de tudo... excepto da minha virtude... — e um riso triste, incolor se lhe ajustava aos labios: ella vinha de proferir uma sentença, um veredictum; vinha de lançar entre ambos um Zainph inexoravel factor de amôres immortaes e renitentes.

— Aceito o que me dás... Sou teu, infinitamente teu — enunciou alto, mas em seu amago dizia — eu te haverei total como o tempo ha o universo e a sua creatura — e sobre os dedos de Voleta que se separavam, se encurvavam, depunha o seu beijo, a sua ufanía e a sua rendição — Que me dão elles? — exclamou em seguida:

— Espera... — disse ella com vivacidade; depois de pensar um pouco, accrescentou:

— Oh, este aqui, te traz as lagrimas sanguineas de Laodannia, defunta por amôr ao seu amôr...

— E este?

— Os jacinthos e as guirlandas com que os amantes orlavam a porta de suas amantes.

— E est'outro?

— A vingança lurida de Chryseia que a fez abrir o leito e o coração, ao amôr profano.

— Ah, este não... — disse elle serio — E aquelle?

— As offerendas das cestas mysticas de Cythercia.

— E este pequeninho? — interrogou segurando-lhe ambas as mãos.

— Oh, a minha paixão, o meu *eu* em eclosões de ti. --

Elles ainda se achavam em os tons opacos, du-bios, em as penumbras claras, indecisas de uma sala de persianas cerradas. Espalhava-se em o ambiente um cheiro forte de nardo, de cinamomo, de raizes ressequidas....: a caçoila queimava, queimava sempre, lançava em o ar um suspiro crebro, monotono.

Um toque de campainha fez com que ambos estremecessem sobresaltados; a Senhora Andreia levantou-se celere, compoz os cabellos, apanhou todas as rosas que lhe foi possível, collocou-as nos vasos, sa-

cudiu as almofadas, abriu as janellas e depois se sentou com todas as regras de um severo protocollo.

Ella arranjara tudo tão apressadamente, que as cousas pareciam ainda mover-se, trahir a sua azafama.

Felicia entrou apresentando-lhe uma salva de prata com um cartão:

— Huberto Osborne, internacionalista — leu a Senhora Andreia. — Quem será? — Depois de curta reflexão ajuntou: — Ah, é o amigo esperado de Pedro.

Volvendo-se para a creada ordenou:

— Faça-o entrar.

— Ah, Roberto, que tens, que emmagreceste! — exclamou cheia de doçura, notando só agora o seu abatimento.

— Passei sem dormir com o meu irmão enfermo — explicou apertando contra o peito as mãos d'ella:

— Oh, essas tuas mãos são poemas que me perseguem, são os meus sonhos burilados em marfim — e beijou-as pela última vez.

N'um movimento rapido Voleta passou a mão pelos seus olhos, pela sua bôcca, pelo seu queixo, a dizer:

— E's meu, és meu.

— Senhora Andreia? — E uma voz sibilante sibilou perto da porta.

— Senhor, ha muito que o esperamos — titubeou totalmente aeria. — Teria elle visto? — acudia-lhe de todos os atomos do sêr.

— Doutor, é com prazer que o vejo....

— Está tão mais robusto que, devêras, não lograria reconhecê-lo — respondeu grave o medico.

— Graças a sua sciencia, aos seus remedios — disse com os dentes cerrados,

— A sua apparencia é sadia, o regimen dos sanatorios, o bom clima o curaram certamente — observou, em voz surda, o medico.

— Pretendo trabalhar muito, recuperar o tempo perdido, auxiliar ao nosso amigo Andreia — e os seus olhos de uma côr ambigua qûe Voleta ainda não conseguira classificar, se detinham n'ella, iam-lhe de ponta a pontá, vagarosos, perscrutadores.

— Temo que Pedro gaste em vão a sua saude e o seu tempo — adiantou afim de dizer alguma coisa.

— Todo o culto exige sacrificios,... reclama sangue — e um riso que não era riso affiorou-lhe aos labios.

A Senhora Andreia, sem saber porque, sentiu n'esse instante, uma aversão intensa contra elle:

— O Senhor pensa assim porque é solteiro... — ajuntou.

— Oh, mas acredita que os casados sejam mais chorados do que nós, celibatarios? — e uma alegria perfida se lhe assoalhava por toda a physionomia, emquanto as suas maneiras se conservavam em uma reserva puritana.

Voleta teve a impressão de que uma vibora se escapara de uma moita relvosa.

— Sim, bem sei que nem todos os maridos são dignos do nosso pranto — volveu tirando todo o proveito da sua phrase.

— A Senhora Andreia tem razão. Ha alguns ingenuos que deixam as esposas para correr em poz um passaro azul — e o medico continuou a fumar enviando porém á Voleta a sua adoração.

— E quando ellas recalcitram?... Que fazer?

— Persuadil-as... tudo obtemos da mulher amada...

— Oh, Doutor, nos não sobra tempo para isso — e Osborne rio-se francamente, como se lhe viessem de aprender um caso exquisitamente humorístico.

— Então porque desposar uma aristocrata? — indagou Roberto Annes frio.

— Eis ahí a nossa infelicidade, tem razão: são mulheres que nunca sabem o que querem — e as suas pupillas rodavam pelos tapetes, pela mobília, pelos quadros, de um requinte altamente artístico.

— E uma vez casados? Que lhes resta então? — inquiriu a Senhora Andreia sarcástica.

— Oh, se contendem, devem separar-se... Que mal ha n'isso? Nada é eterno.... — e n'um sacudir de hombros esse homem cria dar a paz e resolver problemas que embora rotos com lisura e acquiescencia juridica e religiosa, claudicam sempre, até ao tumulto.

— E as rupturas da nossa alma, dos nossos devaneios de moça?

— Creia que se refazem... As laranjeiras não murçam e depois não renascem? Assim nós....

— «Como esse homem de aço simpliirica a vida! Será possível que em a sua consciencia nada o accuse, nada o incommode, nada relucte em se adaptar á essa transmutação de valores? Não soffrerá elle o que tão amargamente soffro, á menor transgressão, á minima violação das regras, dos preceitos estatuidos por uma ethica inflexivel?» — raciocinava a Senhora Andreia: e alto disse, o oíhar esgazeado:

— Afinal que nos adianta essa separação que ha perennemente a inquietal-a, a envenenal-a, a sanção de Deus?

— Amedronta-a tanto o divorcio, Senhora Andreia?

— Não, porque me não acquiesceria a elle — disse com entono.

— E' uma questão puramente pessoal, de resto... A educação de Dona Voleta nunca a deixaria accietal-o, tornal-o viavel — ponderou o medico.

— Entretanto os casaes que não passaram pela igreja são até os mais felizes — atalhou o Sr. Osborne.

Roberto Annes era sensível apezar seu, ao sabor acre, á vertigem flammante do amor que resiste, que se obstina....

— Cumpre a nós, Sr. Osborne, donos de energias e de forças, não desarraigarmos a fé, a crença das creaturas, nem a sua submissão ingênita ás tradições, ás maximas universaes que até hoje hão presidido o equilibrio das sociedades e das familias — verberou incisivo.

Voleta, atravez de enthusiasmos silentes, lhe enviava virtualmente enamorada o louvor de sua alma maraviñosa.

— São simples preconceitos... retardamento ainda, — murmurou Osborne entre dentes e voltando-se para a Senhora Andreia disse:

— Telephonei hontem para informar-me da chegada de Andreia.

— De positivo nada lhe posso adiantar.... Dentro de quatro ou cinco dias, ou amanhã.

— Vamos iniciar grandes luctas — informou elle.

— Ah, sim... — respondeu evasiva.

Como era penoso á Voleta disciplinar-se, achar as suas ideias ás perguntas do Internacionalista... Affigurava-se-lhe praticar uma especie de mimetismo d'aquillo que geralmente se deve responder em taes occasiões: ardia-lhe em os labios a repuxal-os, a in-

cendial-os o beijo do seu amôr; por tempos, baixava as palpebras afim de encobrir o leve estrabismo que existia em os seus olhos, em a expressão do seu rosto.

— Senhora Andreia, os meus respeitos.

— Doutor, até breve — e Huberto Osborne retirou-se.

— Que agonia, deixar-te n'um meio tão arido, a mercê de ti mesma.... Este homem, aqui, por exemplo, me parece um impostor, um máo — disse Roberto Annes sombrio.

— Tenho a ti por escudo — ataihou eíla com ternura.

— Sim, meu amôr te resguarda, te ampara, te faz eu mesmo... Entendes? Meu Deus, como te amo! — exclamou abraçando-a longamente, effusivamente.

Ao achar-se só, a Senhora Andreia poz-se a considerar, como o seu acanhamento, a sua timidez infinita perante Roberto Annes, se haviam obliterado, desaparecido: não perdera a compostura, tinha certeza de que não se degradára em lhe confessando o seu amôr e em lhe dando de retorno o beijo de sua alma doidamente apaixonada... Ao contrario; d'esses embates, d'essas lutas acerbas que se travavam em seus instinctos, em as suas immoderações entre os gritos de alarma da sua consciencia, sahira triumphante, limpa, a filha bemdicta de Jesus... podia, portanto empunhar o facho accesso da Fama radiosa e luzir-se com as estridencias aladas da Purificação.

Cingida das tres corôas, envolta em as tres rutilações sobrehumanas, a despetalar sobre si todas as roças da sala, a Senhora Andreia celebrava a sua

absolvição, o seu Amôr apollinêo, as suas nupcias transcendentés.

Roberto Annes de retorno em cumprindo a nobre missão de clinico ponderava — «A beileza moral de Voleta não provem de um exgottamento, de uma lassidão, de um empobrecimento de plethoras, nem do medo do escandalo, da maledicencia ou do proprio marido... Será um acto consciente, volitivo, oriundo da reflexão?... fructo de uma apprendizagem, de um treinamento indefesso para a perfeição, para um ideal?... Em todo caso é uma virtude vitalizada, plena, exuberante, um culto, uma soberba idoiatria...»

E o medico sentia vicejar em todo o seu ser a multiplicidade de santos arroubos, as fulgidas abstinencias em que se excederam os seus antepassados que se consagraram a Deus.... Corria mesmo, á surdina, em a familia que uma tia avó ao morrer fôra assistida por uma pomba muito alva e muito linda que penetrara ruidosa pela janella, em nimbo de luz e postara-se á sua cabeceira até ao derradeiro momento.... E o sobrenatural e o maravilhoso d'esse facto, ficou em a familia como o mais prodigioso dos legados, como a mais gloriosa das heranças...

VII CAPITULO

«Ah me! I am not thine... I am a
part of thee».

Schelley.

E Voleta, encharcada de amôr, experimentava a
sensação de sêr a hora estridente, o desatino da
Luz...

Ao andar de um lado para o outro, em uma
aléa bordejada de lilazes e de jasmins do cabo,
proferia a meia vóz:

«Debalde, chamo a mim todas as sombras bem-
dictas, todas as desintegralisações dos amôres impla-
caveis, que já foram....

«Debalde, invoco a clemencia vivaz e insacia-
vel da Primavera...

«Debalde, as minhas mãos supplicam anhelantes
á Lua radiosa...

«Debalde, os meus cabellos perfumam as brisas
e fazem fremir o ether...

«Debalde, o meu perfil se offerece aos Hori-
zontes como um coração magnífico e estranho.

«Roberto, has a minha intelligencia, o meu corpo, a minha belleza como laudanas, recompensas de mim mesma, á tua paixão, á tua gloria, á tua perfeição».

E parou: uma nuvem branca, porosa, esguia, vinha de prender por instantes, o sol em declínio... Voleta ao fital-a, via-a fugir rapida, orgulhosa, prenhe de esplendores... Dir-se-hia proclamar em delirio, á terra, aos cimos, á immensidade, aos vãos — «Fui amante do sol, elle me violou...» E ensanguentada, alagada de rubores qual tocha de exaltações, corria a incendiar o occaso, as outras nuvens, as montanhas, os astros silenciosos... tudo ao redor estacionava, ardia em o mesmo rythmo, em o mesmo estardalhaço, em a mesma ignação, á guiza de um só elemento, de uma unica substancia, de um só fermento...

Voleta assistia extasiada á glorificação da natureza, ao Hymeneu do Sol, á Perda de uma Virgindade...

Subia-lhe á garganta convulsa, aos pulsos, ás narinas, essa vertigem fragmentada, a bradar-lhe em côro — hymeneu, hymeneu, hymeneu...

Com os braços repletos de lilazes, a Senhora Andreia entrou em o escriptorio de seu marido. Pedro depois que regressára de S. Paulo, mostrava-se alienado de todas as cousas, soturno, extremamente retrahido: nada contára, nem de nada indagára; o seu olhar jungido aos seus pensamentos apresentava al de sombrio, de pouco accessivel, de muito intimo.

A's perguntas de sua mulher respondia:

— Sinto-me exausto... Só depois te direi da minha vida em S. Paulo. — Com o sobro'oiho carregado accrescentava — Deixa-me em socego.

A Senhora Andreia alliviada, refazia-se, volvia ao que era, libertava-se de mil dissabores...

Como temera os primeiros encontros!

Como notava o gesto de defesa que a sós, as suas faculdades em sobresalto ensaiavam.

Como via o seu segredo radicar-se de manso, e debruçar insciantemente a sua bôcca, os seus cilios, os seus gestos, sempre que pensava em o marido...

E depois a expressão de culpa, de portadora de um peccado irrequieto que, por vezes, lhe turbava o rythmo claro, admiravel dos traços...

E as dilacerações cruentas, interminaveis ao formular hypotheses acerbas, panicas que só lhe asseguravam sequencias pessimas...

Era com fervor intenso que agradecia aos nunes generosos a transformação por que passára Pedro: so-
brava-lhe, pois, tempo bastante, para se adaptar á nova situação.

E o seu espirito n'essa paz inopinada se esclarecia, se justificava, cobrava alento, realçava-se de ideias, de illações que a rehabilitavam perante a sua propria consciencia:

— «De facto, eu bem sei que, na pratica, em os actos de todos os dias — raciocinava — o que prevalece geralmente em o individuo, é a submissão á não passividade dos seus instinctos... Tambem não ignoro que em o schema da vida e da moral se ingerem inesperadamente paixões, revoltas, ousadias, insurreições a exigirem uma compensação, uma equivalencia mais incisiva, mais acre, mais selvagem... Não devo portanto, torturar-me... De resto o meu peccado não foi violado... conserva-se integro, imperial com todos os seus recursos e abalos fulminantes...

«Meu Deus não é por amôr a Vós, que me guardo, pura, lisa, brilhante, como os céos desnudos, insolados... nem em respeito á ti, Dever, sonho eva-

porado, logo que a Dignidade te rompe... nem por deferencia a Vós, meus semelhantes, almas hostis, envenenadas quando privadas de caridade, de benevolencia, de amor ao proximo...»

E assim, limpa de remorsos, a Senhora Andreia conseguiu normalizar-se, enfrentar o marido, ser ella mesma, com o seu orgulho e o seu romantismo e o seu deslumbramento.

— Toma, Zenira, essas flôres e vê se com ellas consegues alegrar o Mestre — disse a Senhora Andreia.

— Será difficil... Anda taciturno... Ignoro o que lhe aconteceu — respondeu triste.

— Mas não o festejaram, não o applaudiram? — interrogou-lhe Voleta.

— Supponho que houve forte divergencia entre as varias associações — accrescentou a Senhorinha Sieg.

— E aonde está a solidariedade tão decantada?

— Elles ainda não se encontram bem organisados, e depois temem uma scisão em o partido, que muito o enfraqueceria...

— Vocês pleiteam ideaes em contradição com a natureza do homem actual...

— Mas nós repudiamos os exaltados, que opinam pelo terror, pela destruição...

— Osborne será um d'elles...

Zenira fitou-a: como teria adivinhado? Considerando-o quasi irmão de Pedro ajuntou, desculpando-o.

— E' uma força de inercia que não age.

— E' violentamente antipathico.

— Com certeza é porque te não fez a côrte — disse o marido que entrava: parára de proposito á porta para escutar.

— Garanto-te que não ousaria.

— Como, então?

— Não lhe daria ensejo — replicou altiva.

— Entretanto é sympathico e muito intelligente apesar de seus olhos serem ambíguos... — affirmou Pedro ironico, a repetir-lhe a phrase que ella lhe dissera, certa vez, acintosamente.

— Seus olhos são cinzentos, frios, perfidos.. — emendou, vivaz.

— Lamento essa tua aversão. — Voltando-se cheio de aborrecimento — Não gosto de almofadas! Levem-nas d'aqui... não sou homem de luxo... Que não dirão os meus amigos, os meus companheiros se as virem?... Elles que labutam na necessidade... — e atirou-as no meio da outra sala.

A Senhorinha Sieg muito perturbada, confundia as letras, trocava a pontuação e mais se curvava sobre a sua machina dactylographica.

— Pelo que observo, deificas as tuas theorias, pretendes fundar um dogma — acudiu Voleta sarcastica.

Na realidade havia para Pedro em o socialismo, qualquer cousa de sagrado e de divino; inculcava aos seus conceitos um character religioso, augusto, embora se conservasse um pensador, um independente, sem liame algum com qualquer religião.

— Que te vale dizer da subliméz do pensamento que se inviscera em a acção?

— Por acaso, não ignoras que q pratico diariamente? — E a Senhora Andreia mostrava em o rosto a agonia fúlgida da vontade que se refreia.

— Tu te exerces sobre futilidades, nonadas ...

— Que se me tornam mais crueis porque se relacionam com o que hei de mais intimo, de mais magnifico. — Ella toda estava para Roberto Annes á guiza de uma ara em sangue, em fumo, em chammas...

— Se te applicasses a cuidar do proximo... a remediar-lhe a miseria...

— Tu te reportas á caridade, á philantropia?... Que outro entretenimento tenho tido, desde que me casei?

— Concordo que ha sido um desporto, quando devia ser a tua preocupação constante, o teu unico fito....

— O unico? Ah, não — protestou intempestiva.

— Aspiras a outros, então? -- E elle se congregava em uma só curiosidade.

— Que te importa saber? — retorquiu Voleta com entono.

— Dize... — repetiu Pedro enfrentando-a.

— Nada te adianta, nem á mim.

— E's livre... — proferiu com desdém.

— Não; sou tua até a mórte... Foi um Deus que te uniu a mim... Entendes?

— Méra ficção... Se me amas... fica commigo e apprende a pensar segundo eu penso... — Todos os seus musculos se reíaxaram.

— Ah, nunca fundirás o meu eu em o equilibrio informe das tuas ideias...

— Diverges em extremo das mulheres tuas contemporaneas... — sentenciou amargo, admirando-lhe porém em o intimo, a belleza subtil, a intelligencia acerada...

— Oh, bella superioridade minha, guiae as outras mulheres, mostrae-lhes como vive um coração ermo de toda a ventura.

— Compreendeste mal... quiz dizer que és a indisciplina, a desordem, a ovelha desassissada — e virou-lhe as costas.

Pedro rendia-se á impotencia de conciliar, de harmonizar o seu amor e o seu ciume com os preceitos de um liberalismo assustador, incongruente: não podia exercer a minima pressão sobre os sentimentos ou a pessoa de sua mulher sem que trahisse o seu credo... E d'esse conflicto incessante, originava-se um humor desigual, uma irritação perenne, um estado intoleravel para si e para Voleta.

Ao envez de attrahil-a, de grangear-lhe a estima perdida, de chamal-a a si, de elevar-se a ella pelo carinho, pela ternura, a invectivava, a humilhava com phrases amargas, indelicadas.

— Meu Deus, eu sou a Dôr solitaria, a Dôr fecunda, a Dôr que conduz á Immortalidade — exclamou Voleta com os olhos inundados de lagrimas: a sua alma n'esse instante esbrugada de toda a sensação de fidelidade estacionou sobre Roberto Annes como uma floração maravilhosa, excelsa...

— Não me molestes... faze do teu tempo, o que desejares... Mas eu te quero responsavel — ajuntou, autoritario.

— Porque essa insistencia, essa hypocrisia de liberdade, então?

— Porque te educaram n'ella...

— E' equivocada, supprime-a.

— E' demasiado tarde...

— Ha occasiões, em que praticarmos uma virtude seria cavar uma ruina... O nosso instincto de conservação é cavilloso e muita vez o responsavel da nossa inconsequência — retorquiu a Senhora Andreia a custo, reprimindo a sua indignação.

A' medida que a ouvia, Pedro ia descozendo o que continha de geral e de allusivo em as suas phrases e, se apropriando da virulencia, do toxico, dirigido a sua pessoa.

Em suas mãos que se arredondavam, mallograva-se o impeto vezano que promanava do seu coração e do seu cerebro.

Depois de fital-a por largo tempo, tomou um livro e, com voz tremula, poz-se a dictar á Zenira trechos traduzidos de Marx.

Mais tarde, a Senhora Andreia em a solidão da sua saleta côr de fogo exclamava: «Meu Deus, quanta tribulação!... Ah, pudesse eu dansar sobre o perigo, ter a audacia do vento, a sua indiferença soberba!...»

Tirando da gaveta para reler a ultima carta de Roberto Annes, assim se expressava: «Não será um prodigio sobrehumano ou talvez uma ditosa concessão da natureza o fusionarem-se ao mesmo tempo em mim, a tristeza e a alegria, o delirio de uma a superar o estertor da outra.... Eis a minha jubilação maxima....» — ajuntou beijando a carta.

«Minha Voleta

«Que não faria o teu amor para estrangular esse «não maldicto que um Destino sem entranhas lançou «entre nós dous...

«Que não faria o teu amôr para te haver ade-
«ante d'elle dia e noite a receber e a devolver o
«frenesi selvagem de um amôr surprehendente.

«Meus olhos te buscam, eu te reclamo, a minha
«bocca te beija, as minhas mãos te acariciam.

«Cobrem-me total a nostalgia, a delicia, as scin-
«tillações que envolvem esse teu corpo juvenil, perfu-

«mado e branco como as flôres de liz ao receberem
«o baptismo das alvoradas...

«Vivo emparedado, isolado em ti, acorrentado,
«preso aos esplendores, á fascinação da tua alma ad-
«miravel.

«Qu'importa que esse meu sonho fulgurante me
«desvie constantemente para mundos increados, se elle
«é tu e tu és eu.

«Falla-me de ti ou escreve-me para que não perca
«essa eurythmia tão necessaria á minha profissão de
«responsabilidades multiplas.

«Eu em ti, deslumbrado de ti.

Roberto Annes».

A Senhora Andreia pegou na penna e endereçou-
lhe as seguintes linhas:

«Meu Roberto

«A tua carta me é como um brado de vida,
«a eclosão delirante de um apogêo, a resurreição de
«todo o meu sêr, para a subliméz, o arrojo, a pro-
«messa divina — tu e eu, um só — alarma e em-
«bevecimento meu, loucura, cantico, desarrazoamento,
«insania do meu sangue e do meu espirito.

«Ando em ti, inviscerada em teus atomos a dizer-te
«— a minha pupilla fugiu para a tua retina... os teus
«beijos surdem de meus labios... a minha belleza e o
«meu pallôr são os labores de marfim com que encubro
«o teu perfil de pensador...

«Tu e eu, azas que remontam para o Azul, para
«a grande Ebriez....

«Tu e eu, almas entrançadas para a vertigem
única...

«Tu e eu, em agonia, em transe, o capricho, a
folia de um Fado ironico.

«Quero ver-me em o teu ólhar glauco e em essa tua cabeça modelada por deoses.

«Esta noite ás 9 horas estarei á janella do primeiro andar.

«Em união em ti.

Voleta».

A' hora aprazada a Senhora Andreia postou-se á sacada da frente que dava para a rua.

Passo a passo viu o medico approximar-se e ligeiramente deter-se, adeante d'ella: o jardim os separava de uns cinco metros; n'esse momento Voleta deixou cahir as flôres que havia trazido para homenageal-o.

Roberto Annes, sem chapéo, acênava-lhe com a cabeça e com as mãos, a sorrir.

Meia hora depois dizia-lhe pelo telephone:

— Percebi a idolatria sensual do luar que te encobria e vi como o arvoredado te divinিসava... ouve, sou tão avaro, de ti, que tenho ciumes da areia onde freme a sombra do teu perfil... Amo-te..., — e desligou.

Osborne e Pedro Andreia na bibliotheca conversavam:

— Censuram-te certamente pelo que observam, pela apparencia, és o unico rico entre todos nós..

— Já expliquei que a fortuna não é minha, que gozo do que não me pertence — respondeu Andreia, sombrio.

— Não acreditam, riem-se e allegam teu casamento com uma aristocrata.

— Hei dado provas cabaes que sou tão socialista quanto vocês o são...

— Trazem para exemplo João Huno que se desfez da mulher e da herança.... uma frivolidade que nada altera — continuou Osborne, a apparentar indifferença.

— Mas João Huno é um estrangeiro... age conforme ás leis de seu paiz. A sua mulher pode casar-se novamente.

— Crendices rotineiras... Questão de habito.... que por enquanto scandalisa...

— E' preferivel entretanto que este gesto parta de Voleta que não communga com as nossas ideias — accrescentou Pedro para si.

— Poderias ser o leader d'esta parte da America, se não fossem esses senões... Querem-te de mãos callosas.... e igual a elles... Mas eu já lhes contei da tua sinceridade e que isso em nada altera — concuiu Osborne, com a sua phrase costumeira, o seu trabalho de sapa.

— Bem sabes que distribui entre varias associações o que recebi de meus paes e por teu intermedio mandei para a Argentina um cheque que já não era mais dinheiro meu...

— Somos donos do que pertence aos outros... não ha privilegios... Apenas praticaste a justiça, entregaste o que não era teu... — Osborne não ignorava que se tratava do dinheiro de Voleta, que Pedro tirára e na sua perfidia visava o que ainda restava.

— Tens razão, é um dos nossos pontos capitais a não existencia da propriedade.

—... e tambem a abolição do dinheiro e do utilitarismo — accrescentou Osborne escondendo, sob impossibilidades, a sua satisfação.

— Nós, os chefes, afinal, temos a obrigação de dar o exemplo efficaz — e de toda a pessoa de Pedro se despregavam lampejos de vivo enthusiasmo.

— Vou propor-te para delegado geral do Brasil em o proximo Congresso dos Socialistas a reunir-se

em Buenos Ayres. A tua eloquencia, a tua dialectica de um empirismo lucido, impressionará favoravelmente o auditorio...

— Exporei a situação nossa actual muito mais ampliada após a guerra.

— Na verdade dominamos a massa operaria — e com essa phrase Osborne despediu-se, risonho, contente.

Pedro Andreia, sentado em o fundo de uma confortavel poltrona, embevecia-se do que acabava de ouvir, orgulhoso da confiança que grangeara dos seus collegas e das responsabilidades immensas que lhe adviriam do novo encargo: mais uma vez se convenia da necessidade premente de jugular os seus proprios escrupulos, de revigorar as suas resoluções afim de se eximir de um amôr effeminado que nenhum proveito additava á sua causa.

— «O casamento, pensava, deve ser um contracto de cooperações mutuas, que se desdobrarão até á collectividade... e não um parasitismo improficuo, uma feira, aonde um dos conjuges alardêa a sua ociosidade perniciosa, a sua vaidade....»

Voltando-se abrupto para a Senhora Sieg que seriava uns papeis, perguntou-lhe:

— Zenira, pretendes algum dia casar-te?

— Não, Mestre.

— Mas porque?

— Não amo — e enrubeceu.

— Mas o casamento prescinde d'esse sentimento.

— Embora...

— E' um meio de sermos util á Patria, de lhe fornecermos quem a defenda.

— Será intoleravel se o separarmos do amôr — disse a meia voz.

Andreia encarou-a. Como se lhe antolhava absorvente, inabalavel, esse sentimento em o seio feminino...

— E' uma suggestão que será eliminada.... Também és romântica?...

— Não Senhor... — balbuciou de cabeça baixa, a sorrir.

Andreia calou-se e continuou a inquirir em seu silencio:

«Como vingar essa proposição, como convencer á mulher que o casamento é um meio de tornal-a mãe, de eternizar a raça, de transmittir o germen e nada mais....Ah, que serei indefesso em a labuta... Na verdade não se transmudam consciencias, facilmente...»

E assim esporeado por estímulos mais incisivos, mais vigorosos, Pedro Andreia se dedicava aos seus affazeres socialistas, com ardor e vehemencia indomitas.

A Senhora Andreia não lograva resarcir a sua alma faminta sómente com o escrever, ou com o ouvir atravez do telephone a voz de Roberto Annes: angustava para os olhos em os olhos d'elle, sentir sob as mãos sedentas, os seus cabellos corredios, negros, a linha classica de sua cabeça nimbada de espiritualidades... Toda se distendia para o medico eminente, turbulenta, alacre, em louca effervescencia. Voleta estava-lhe qual portico do Mundo que aparta um deus da humanidade.

— «Quero ver-te, segurar-te as mãos, beijar-te, oh, beijar-te tão allucinadamente que, ao deixar-te, apenas haverei de mim os meus ossos... Entendes? Quero olhar-te, olhar-te...»

Ao receber phrases semelhantes a essas, permanencia immersa em silencias fervidos, profundos; attingia

a sua culminancia, a sua plenitude á feição de uma flôr desabrochada, a que nada mais resta senão esperar, esperar...

— Ha um mutismo superior e indecifrável.... Que ha? — indagou Gonçalo de Tuy offerecendo-lhe as primeiras papoulas da estação.

— Enlanguêço entre um sim e um não — suspirou sem olhal-o, divinamente branca.

— Não se torture mais... Fixe-se em o sim... E' o conselho de um velho amigo.

— Attente que se trata apenas da efflorescencia de um sim... Comprehende? — insistiu a Senhora Andreia.

— Tanto melhor...

— E depois... Ah, céos como eu soffro! — exclamou sem proseguir.

— Recorde-se que á dôr devemos ajoujar a alegria.

— E' o que felizmente a natureza se encarregou de fazer por mim... Na realidade a minha dôr scintilla, offusca... — e Voleta inteira se illuminava.

— Eu percebo... é Aphrodite que a tenta com as suas doze astucias...

— Oh, não; faz-me a ronda apenas — respondeu a rir.

— Bella mocidade.... o festim da vida lhe pertence.

A Senhora Andreia abriu um cofresinho de faïence e ouro e offereceu-lhe bonbons.

— Tive um sonho estranho esta noite, que me perturba ainda... afigurava-se-me ser uma còlurna de crystal onde o som de todas as cousas vinha bater...

— Que tragedia de fragores — exclamou ella em a vezania dos seus pensamentos.

— E não calcula a plangencia, o uivo do cypreste... tal qual a lividez do som,... risos sobre dentes amarrellecidos...

Voleta encolheu-se medrosa, parecia-lhe que os cabellos do poeta se moviam, cresciam... Ella se impressionava devéras.

Essa tarde, durante o jantar, em um collante vestido roxo tenro, trazendo papoulas á cintura, disse ao Senhor Osborne, seu vizinho.

— E' deveras singular,... mas por vezes me apavora o que ha de sobrenatural em certas pessoas..

— Refere-se á mim? — indagou dubio, mirando-a de alto a baixo.

— O Senhor é inteiro da terra — replicou pressurosa.

— Porque ha individuos que me temem e entretanto sou inoffensivo — concluiu calmo.

— Eu por mim, não o temo — pronunciou lenta, encarando-o.

— Porque havia?... porque havia? — repetia desageitado.

E Voleta gozava do embaraço em que o collocava.

— Olha, Osborne, lembra-te de que te entretens com uma authentica aristocrata deliciosamente culta — disse-lhe accentuando Gonçalo de Tuy.

— Ah, sim, eu bem sei — e em mente a comparava a uma estatuazinha que vira em um museu de Düsseldorf.

— E não me teme? — Voleta mostrava uns dentes alvos, brilhantes, humidos de saliva.

— Cuidado, as mulheres são felinas.... de estrategias infalliveis — acudiu o Poeta.

— Terrivelmente embaraçosas — ajuntou Pedro distrahido, a procurar umas notas em a carteira.

— As tramas da mulher são de seda.... rompem-se facilmente — respondeu o internacionalista com desdém.

— Mas tem visco e bastantes vezes se assemelham ás de Medeia que carbonisavam — insinuou Gonçalo de Tuy.

— A mim, não me alteram — respondeu secco, os lábios comprimidos.

— E' tão facil para certos homens arredarem a mulher que os estorva — disse a Senhora Andreia, seria, sombria.

Osborne se remexeu, tossiu, bebeu um trago d'água. Gonçalo de Tuy olhou-a, comprehendeu-lhe o alcance, o alvo e gratulou-se da sua coragem.

— Mas existem mulheres que parecem amarradas aos maridos por Satanaz — retorquiu Osborne com os olhos no prato.

— Oh, são as grandes Virtuosas, as esposas insignes — exclamou Voleta refreando-se, disfarçando sob um jubilo barulhento, a sua colera, a sua raiva contra esse homem de nacionalidade incerta. — São as que merecem os nossos louvores, a nossa veneração... Bebamos a saude d'essas Senhoras santificadas que supportam até o tumulto uma missão infeliz — e enchendo as taças de champanha fez com que todos a acompanhassem.

Os olhos do Poeta se encravavam então ora n'um, ora n'outro, como a deter em ambos a explosão, a virulencia, a raiva prestes a se desencadear sobre Voleta; em mente Gonçalo de Tuy se comparava áquelle gato de Picinello que espreitava junto a um buraco com os seguintes dizeres: — *ut capiat vigilat* (vigia para caçar).

Findo o jantar, a Senhora Andreia retirou-se para a sua saleta.

Gonçalo de Tuy a accender um cigarro approximou-se de Osborne e proferiu pausadamente sem malícia apparente:

— Descobri a razão porque abriram inquerito sobre a morte de Mirka Huno...

— Repetes uma vil calúnia — retorquiu Andreia.

— João Huno é um bom, um probo... A policia nada apurou... — explicou Osborne impassivel, nenhuma contracção. nenhum musculo sahira fóra do lugar, sómente a côr de ocre da sua pelle se accentuou em excesso.

— Mas a suspeita permanece — repiçou o Poeta a testa franzida.

— E' uma vingança contra nós, que de resto, em nada altera — accrescentou Osborne.

— São perversidades que servem para avultar o nosso enthusiasmo — pronunciou Pedro com fervor.

Meia hora depois, Gonçalo de Tuy ao lado da Senhora Andreia lhe dizia:

— Os meus parabens! E' altiva e digna como seu Pae.

— E' por isso que zelo tanto o meu character, d'ahi a minha intrepidez, a minha franqueza...

— Osborne devia ter morrido por onde andou.

— Mas porque?

— E' um farçante de ideias, portanto muito perigoso.

— Não me atemorisa.

— Mas exerce grande influencia em Pedro.

— Que fazer?

— Observe-o e evite-o.... Não se esqueça do meu aviso — e baixinho em os seus ouvidos:

— Convenceu a Andreia que repartisse a herança entre varias aggremações e fornecesse dinheiro a João Huno para o processo...

— Oh, oh, — e nesse oh, Voleta agazalhava todas as exquisitices, todas as mudanças e o enfado, e a irritação de seu marido, em esses ultimos tempos.

A' meia-noite, em esse instante unico que é e que não é, em que a Escuridão diz á Luz — espera... instante intenso em que se baralham a offerenda derradeira de um dia com as fulgurações estridentes de um Resurgimento, a Senhora Andreia se recolheu aos seus aposentos, entre as suas rendas tão amadas.

Ennovelavam-lhe a alma gazas luminosas, gazas cinerias, soalhas em delirio, soluços de epicedios, a visagem emmurchecida da Dôr.

Empurrando o preguiçeiro até a varanda que contornava o quarto, estirou-se sobre elle: era-lhe impossivel permanecer entre paredes, dentro do leito, sob reposteiros...

A infinitude do seu sentir demandava amplidão, larguezas extraordinarias. Pouco a pouco, o ambiente lhe agia em a sensibilidade, em o lyrismo, em o seu coraçãozinho estuando de ardores innumeraveis: afaçavam-lhe os ouvidos, o riso imberbe das phalenas e das corollas que se abriam á vida e o silencio das sombras, esse silencio perfumado, turgido, azougado, que torna o peccado propicio e que faz com que a vida caminhe em a vida, se propague, reverdeça, prosiga, germine, ceda á outro sêr a tocha inextinguivel, o atomo do Cyclo Eterno.

Voleta cria ouvir resoar em o espaço sobre todas

as formas, em a sua juventude, o piso veloz do tempo louco e insaciavel.

Um pouco mais além, as frondes espessas das mangueiras, a exuberancia allucinante dos jamelões, as folhas espalmadas das fructeiras de pão, feridas de luar, relampeavam quaes viseiras de lanceiros.

Parecia-lhe que o azul, as estrellas baixavam, traziam-lhe legendas em rosaceas de prata, poisavam-lhe em a face, o seu mysterio imperial, a sua luxuria augusta...

Ella era uma canção de Rhodes, com os seus iris, as suas clamydes de fogo, a mangerona de Kôs, a bakkaris irresistivel, os amôres sem manhãs...

«Nunes bondosos — suspirou Voleta á meia voz — fazei com que eu viva a minha festa.... Encorajae o meu intento... Permitti que veja o meu amôr... Se pecar dae-me o castigo que deste a Daphne,... ou cntão soltae atraz de mim a vibora adormecida em o braço de Ariana...»

E sobre o seu corpo abrazado rolavam cortejos luminosos de esperanças aureas... rumores abafados de beijos infindaveis, absorventes, lethaes....

Importunada pela ideia de ver a Roberto Annes, a Senhora Andreia decidiu-se finalmente a vizitalo em o seu consultorio como qualquer outra doente, fazer-lhe essa surpresa acima da vida e da morte.

Esguia, em um elegantissimo costume azul marino, furtiva e apressada, um feixe de violetas ao lado, dispoz-se a sahir.

— Vaes á Izabel Clarisse? — indagou-lhe o marido que entrava com Osborne.

Ah, como a achava linda e graciosa, uma flôr de carne e de intelligencia.

— Não — respondeu, incisiva.

— Para onde vaes, então? — insistiu Pedro, calculando a sua admiração, e o seu ciume avassallante.

— Para onde eu quero. De resto nunca te importaste com os meus actos...

— Nem me importo agora... E' uma curiosidade vã... — disse, amargo.

— Mas a Senhora é livre, não podes intervir, Andreia... Isso não é justo — insinuou baixo Osborne.

— Fraqueza humana — accrescentou Pedro -- ainda uma imperfeição....

— Se te não apraz, não sahirei — exclamou Voleta, retrocedendo livida, os olhos no chão.

— Não consinto... Tens que ir já, mesmo que seja para o mal — pronunciou Pedro offegante.

— Não irei... Não sou um automato que perfaz o que lhe é imposto... — E tirou o chapéo...

— Intercede, Osborne...

— Não retalhes a tua responsabilidade... O teu amigo nada tem commigo — retrucou com entono...

— Se ias para o mal, a vergonha, a insidia pairam igualmente em ti... Contaminam-te.... desvirtuam-te... E's uma mulher maculada....

— Não percas a compostura... isso em nada altera... João Huno nunca insultou a sua mulher,... depois todos nós somos donos do nosso eu — proferiu Osborne impassivel, apenas em seus olhos havia um fulgor inusual.

— Culpa a ti todo o mal, toda a impureza que me advier... Nunca mais serei para ti o que hei sido. Entendes? — e a colera da Senhora Andreia se apoiava em cada palavra que proferia.

— Fechei-te no dever...

— Oh, abominação! ouvirmos a todo o momento, dever, verdade, direito, talvez seja devido a isso, que principio de adorar o erro — concluiu ella.

— E vaes sahir?

— Porque não? Afinal não mereces o meu sacrificio. — Repoz o chapéo

— Ora bem, olha Osborne, felizmente estou alliado. Detesto impôr-me... iria soffrer com essa quebra das nossas doutrinas.

— Do contrario, não serias um socialista, mas sim um vil burguez — respondeu Osborne com desdem.

— Essas aristocratas nos transtornam os nervos... — disse Pedro triste ao amigo, ao entrarem em a bibliotheca.

Osborne trazia ainda em as cellulas, em as suas visões, o encantamento de Voleta: ah, nunca lidára com uma mulher assim tão complexa, tão cheia de alternativas atordoantes, tão impregnada de romantismo e de espiritualidades radiosas... nem Rosalinda com as suas madeixas de ouro tismado, fecunda como as laranjeiras estivaes... nem Taydida, esgalga, de lascivias lunaticas... nem Carmencita com os seus tornozelos incendiarios e a bocca fria... nem Arminda de joelhos ageis, enroscados em aspides de oiro... o haviam fascinao assim totalmente, até á inquietude, até á oppressão.

— São difficeis de ser manejadas e muito recalitrantes... Verdadeiras bonecas de mostruario rico... — exclamava Osborne a esmo, como se a si dirigisse.

— Impossivel existir reciprocidade entre temperamentos tão diversos — objectou Pedro.

— Necessitamos de quem seja como nós... Annullemos as relações unilateraes — alvitrou emphatico o companheiro.

— Só seguindo os nossos preceitos...

— Qu'importa... Lutemos com a palavra e o exemplo... A vontade é força sómente quando se objectiva, quando se torna acção... — retorquiu o internacionalista, antes respondendo a intuitos secretos, que a observação de seu amigo.

— Mas, Osborne, se em cima da minha vontade, está o dever... — proferiu o outro em um impulso de grande sinceridade...

— Como separas tu a vontade do dever? Hão de irmanar-se, fazer uma só unidade — explicou surprezo o amigo — Dize-me o que ha em ti, que um se acha longe do outro?

— O meu dever manda identificar-me com a nossa causa e a minha vontade...

— Acaba — disse Osborne a estremecer, apesar seu, em percebendo a immensidade do amor d'elle a mulher.

— ...exige que attraia Voleta... que lhe testemunhe a minha dedicação, o meu affecto... — e Pedro titubeava.

— E' uma indignidade amarmos sem ser amados — proseguiu Osborne, aspero, guttural.

— Não te arreceis... eu proprio, envergonho-me, d'essa pusillanimidade — e os traços de Andreia se desviavam em angustias innumeraveis.

— Ella já não te ama... já t'o disse... Arranca essa velleidade do teu eu... Amor de mulher é nada... é um desporto que nos diverte por instantes... Que vale? Muito pouco, segundo a quantidade de maior ou menor energia que armazena... A mulher não é um fim, porém um meio, uma etapa para o nosso fim. Percebes a differença? — concluiu Osborne sempre na mesma toada fria, insensivel.

— Tens razão, é horrível perdermos a tranquillidade por motivo tão futil... certamente me desfarei d'esse sentimento importuno e archaico....

— Garanto-te que essa tua victoria te será recompensada. Um poeta já declarou: «que é só das aguias privativo, fitar do sol, os raios» — accrescentou Huberto Osborne batendo-lhe jovialmente no hombro.

— Mas conto com o teu auxilio; és bem um creador de valores... — disse com enthusiasmo Pedro Andreia.

— Dous annos de convivencia com Jaurês e Scheideman, são uma bella apprendizagem — ajuntou com orgulho o Internacionalista.

Enfunados de exasperos renovadores, conscios de serem os depositarios das innovações libertarias e egualitarias futuras, ambos se sentaram á mesa de trabalho, cada um a redigir o seu pamphleto rubro contra as classes constituídas d'aquém e d'além mar.... Em quanto laboravam para demolir as instituições e a sociedade em a sua revindicta natural, para, a seu turno, opprimirem e governar, a Senhora Andreia, a grande dama, em cujo sangue circulava o sangue de um vice-rei e de uma marquezia, seguia nostalgica, a suster as lagrimas, os soluços, a rechassar uma dôr mais ingente, mais poderosa que o seu corpo estreito poderia supportar....

Em um angulo da rua, chamou a um taxi e fez-se conduzir ao consultorio do Dr. Roberto Annes.

A sala estava repleta: Voleta escolheu um lugar de onde não pudesse ser vista, mesmo que a porta ficasse aberta; de dentro lhe vinha um ruido surdo de voz de homem: ella fremiu.

Os moveis eram sóbrios, de authentico estylo in-

glez, e as cortinas que corriam ao longo das portas, tinham uma côr escura de pinhão.

Para se distrahir, se acalmar, poz-se a reparar em os retratos que a enfrentavam: um era de Fraenkel Klemperer que, com os seus olhos claros de madgyai arguto, parecia ainda buscar o segredo inexpugnável da Vida que não fenece... Grasset que ella tanto admirava, sorria a sua beatitude, a sua fé maravilhosa de scientista que affirma e demonstra... Ao deparar com a physionomia de Ehrlich a sua attenção se deteve por instantes: fugia tanto á banalidade, patenteava uma tal gravidade soturna, um ineditismo tão austero que chegou a experimentar a impressão do cosmos, de ser elle um dos forjadores da genese da saude.

As pessoas, que a cercavam, apparentavam uma resignação, uma parada, um objectivismo enervante: — terão alma, sensibilidade, preferencias, caprichos? — ponderava em as observando. — ou serão sempre assim, apenas com as grandes linhas primitivas que se gizaram em o homem, ao despertar-lhe a consciencia de sêr superior, ao largarem-se-lhes os ultimos vinculos que lhe outorgavam a fixidez de uma especie....

Ao chegar-lhe a vez, leve tremor lhe agitou os membros: o reposteiro da entrada já se afastava para deixar passar o novo consulente... ella hesitava; por fim, sentindo-se o alvo de todos os olhares, ergueo-se e entrou.

Ambos se arrostaram como os céos de Abril e o mar cantante... ambos estremeceram como se sobre elles tombassem fragmentos de noites enluradas, o espasmo rutilo do Universo em contorsões de amôr...

Ambos foram um para o outro em desvarios, em paixão, em reclamos vampyricos.

— Querido, eu não te trago o ramo dos suppli-
cantes, enrolado de lã branca... Trago-te eu mesma,
o meu coração, a minha belleza — murmurou Voleta.

— Foi a minha allucinação de ti que te trouxe
a mim... Eu te sabia vir entre azas illuminadas... entre
azas em doces idylls.

— Hymnos me rodeiavam...

— E eu a te esperar impaciente e a repetir —
mas o meu amor não vem?... — as suas boccas
eram como uma guirlanda de nupcias.

— Que o teu appello é renitente... tenáz... —

E os seus cabellos, que se misturavam, velavam
uma só cabeça.

— E' bravo e soffrêgo.

Dir-se-hia abraça-os a linha de fogo que se irra-
dia em torno do Orbe.

— Vence... domina...

E em os beijos d'esses amorosos havia qualquer
coisa de mortal, de muito intenso, de nunca mais:
era como o beijo dos corpos ainda indemnes á terra
fria... das folhas moribundas á hora aguda... era o
triumpho multiplo da vida esplendente.

— Mas eu quizera de ti o que é anterior á
mim' e ao teu casamento.

— Porque custaste a vir?...

Esgorjava-os o silencio das petunias e das anemo-
nas esgorjadas de ardores.

— Buscava-te sem cessar... Tinha certeza de que
vivas e que padecias por minha causa e para não
soffrer o teu soffrimento entreguei-me total ao estudo...

E sentaram-se.

— O dia em que senti que era no mundo, — principiou Voleta — a mulher sem o homem que Deus lhe havia dado, conheci a Dôr: esposei-a e tornei-me o vigieiro do meu proprio caminho... Andei entre os homens como se fossem vergeis floridos, ridentes... e discriminava em cada um, a sua individualidade, o seu feitio, alheios ao meu.... Regeitei as offrendas, que me offertavam... — Quando virá, aonde estará o homem que será meu? — perguntava a miude, a mim, ao meu destino, á noite profunda, a tudo que olhava.... Depois de muito esperar, vi-te em penumbras de crepusculos, em flammass, em vertigens e exclamei — Achei o homem que Deus me deu.... será meu.... — e ella toda se immobilisava, se enrijava tal qual a Mulher Febril, ao calar as suas prophcias...

— Eu te quero minha... possessão minha... — Roberto era um estrabismo, uma effervescencia deirante.

— Sim, sou tua, como o mar é do céu.... assim, longinqua, longinqua... — e a voz de Voleta se rompia, se desfazia em a garganta, em a sua lassidão immensuravel.

Por minutos, ambos permaneceram em apogêos, arrebatados de si, dentro da pulsação estridente da **Vida a dous...** da **Vezania a dous...** do **Encantamento a dous.**

— Ama,... não raciocina,... sê sentimento — balbuciou Roberto com os labios presos á sua fronte.

— Rasga-me as veias, mas não exijas nada mais de mim...

— Não temo eventualidades — exclamou a preme-la contra o peito como o bem mais precioso, que os deoses lhe podiam conceder...

— Eu temo a mim mesma... Macular-me! Meu Deus, eu morreria... — Voleta se desprende de elle, e assim de pé, esguia, os cabellos revoltos, plena de duvidas, claridades e escuridões a se cambiarem sobre o seu perfil, assemelhava-se á filha de Jorio retornando do Além, em o Umbral da vida maravilhosa.

— Piedade! Piedade! ó Musa de mantos rubros e inviolaveis!... — e Roberto Annes de novo a estreitava de manso, infinitamente, pungentemente.

— Eu não quero que o meu amôr seja o suicidio lento das tuas integridades — proferiu Voleta após uma pausa.

— Mas é o meu inebriamento, a minha gloria... uma potencia ceadora e feraz — atalhou o medico com exaltações na voz e no coração.

— Terás que dizer — é a minha ascendencia... é a minha perfeição... — Voleta á medida que fallava passava-lhe com seus beijos, a sua adoração, e essa força ignota, inexplicavel, porém prodigiosa, formidavel que lhe defendia o corpo.

— Depois que te amo hei a impressão de trazer o infinito em cada volição... — proferiu elle com entusiasmo.

— Desde creança que tudo vivifico.... que cultuo o Heroismo multiplo...

E Roberto Annes a lobrigava em emanações argenteas,... em fluidos luminosos.

— Mas tu não contas com a fatalidade... quanta vez ella subtrahе todos os nossos esforços para os bons propositos... Como eu temo aquillo que eu não sei! Como eu temo de vir a ser aquillo que vaes abominar... — e premia as fontes.

— Mas Roberto tu não és um impulsivo, um inconsequente — disse grave a acaricial-o.

— Não se trata d'isso. Ouve, em nós existem por assim dizer factores que agem sempre de um modo identico, que não mudam, que reteem os caracteristicos do homem, creatura moral... mas sobre essa fixidez passam alterações successivas, um dynamismo incessante, continuo que modificam a nossa individualidade, que fazem com que, por momentos, não sejamos o mesmo... E' d'ahi que provém o meu medo... o meu receio de me não revelar, em certas circumstancias, o homem admiravel que exiges de mim...

— Mas a tua consciencia então não reage? — exclamou Voleta, calando em o sentido da exposição que acabava de ouvir.

— A consciencia é o elo que liga o individuo ao seu eu, aquillo que reintegra o individuo ao proprio individuo, o que prende o sêr e as suas modalidades varias, ao sêr em si.... E' a propriedade extatica do homem... é justamente a sua immutabilidade... comprehendeste, Senhora da minha Paixão?

— No emtanto, eu affirmo que te amo — retorquiu a gracejar e a tecer com os labios um cyclo sanguineo ao redor do pescoço nú do medico eminente.

— Porém não assumes a responsabilidade de te não exceder, de não peccar, quando a sós commigo — suas palpebras desciam sobre pupillas obliquas, ao vize, em agonias.

— Nunca, oh, nunca eu terei essa fraqueza — exclamou com vehemencia embora todas as suas articulações se affrouxassem, todos os seus musculos se relaxassem.... embora se sentisse, uma só fome, um só desvario...

— Eu por mim não faço esta affirmação.... Ah, que loucura — e largou-a e foi encostar-se á mesa.

Volêta rolou sobre a outra ponta do sofá, emaranhada em seus cabellos, inerte, vazia, solta de todo o intento, como sendo apenas uma das germinações da vida fecunda.

Quando mais calmo, Roberto se approximou e disse-lhe as mãos em as suas mãos.

— E' preciso que saibas que o meu amor congrega todas as minhas abstinencias, e todas as minhas renuncias por amor á sciencia... Eu jámais tive o senso pratico da minha juventude e da minha liberdade,... estados negativos que percorria quasi indifferente, distrahido, sem apprehender-lhes o deleite, a opporrtunidade unica... Devido a isso a minha paixão tem rugidos apavorantes, desejos tão vastos que me aalarmam — em seus olhos sombras e irradiações se revolviam.

— Roberto, eu te supplico... sê a minha perseverança... a minha protecção... a minha virtude.... Auxilia-me... — Voleta era um só clamor.

— Mas a minha vontade impelle-me para a pilhagem... — E a sua voz se abafava.

— Ah, refreia-a, com as tuas magnitudes superiores... — impiorava-lhe de mãos erguidas.

Depois de um silencio:

— O homem que amar é um barbaro, acerado de requintes máos...

— Tu és o eleito que dá saúde ao enfermo, que distilla o balsamo sobre a chaga que corróe... Tu és o homem que não perde a honra. — seus dedos afilados acariciavam a cabeça do bem amado.

— Pedes-me cousas sobrehumanas que tentarei realisar, em homenagem a ti, tambem sobrehumana....

— A minha vida está em a tua vida assim — e a Senhora Andreia uniu o seu pulso ao pulso d'elle.

Em seguida, Voleta lhe enfiou pela gola da camisa as violetas do seu corpete, a dizer baixinho:

— Feneceram em mim e agora irão morrer em ti -- eu e tu integraes, como o heliantho com as suas miú e uma folhas....

Em o intimo, ella se comparava ás penedias zurzidas pela ira, pelo fragor, pela rudeza dos elementos enfurecidos... as suas visceras se descollavam...; Voleta soffria...

— São horas de deixar-te — e poz-se a enrollar os cabellos mirando-se em a porta envidraçada de um armario.

Roberto Annes ao vel-a com os braços erguidos para o alto, a fremir de arrancos silentes exclamou:

— Trazes a belleza agil, o impeto soberbo, de Victoria Aptera...

— E' uma bella comparação. O infinito é o meu amante... Eu sou o symbolo da Vida que segue — proferiu a rir.

E ao se beijarem lentamente, apaixonadamente, Roberto e Voleta permutavam desesperanças, fidelidades, angustias, violencias, amôr inveterado....

Em casa, a Senhora Andreia comprehendeu haver-se tornado a curiosidade do marido e de Osborne. E discernia que não era a curiosidade fresca, juvenil de quem pretende descobrir uma boa noticia, um attractivo, um lindo segredo, porém uma curiosidade ruim, tendenciosa que se apparelhava para um flagrante, um delicto, um embuste ou uma iniquidade...

Esses quatro olhos que a olhavam de soslaio, eram quatro sentinellas a lhe interpretarem os movimentos, eram quatro candeias a lhe porem o lume em os gestos, em os passos.

Mas a Senhora Andreia debruada de ardentias

e de phosphorescencias, atada á subliméz do seu amôr, deslizava serena, altiva, sem lhes dar a perceber que também percebia a trama, o ardil, a manobra engenhosa de ambos.

Instigado por Osborne que mais se rendia á fascinação de Voleta, Pedro certa manhã disse á mulher:

— Poderias copiar estas laudas que teem de ser multiplicadas.

— Mas Zenira já o faz... De resto, não pertenco á categoria de mulher abelha — ajuntou.

— Com que satisfação gabas a tua ociosidade...

— Adoro os meus defeitos...

— Também a mentira? — fuzilava em o olhar de Pedro uma hostilidade.

— E' a minha garantia...

— Eu te desconheço... Aonde está o teu outro eu? — a sua voz reboava como um trovão.

— Tu o exterminaste com a tua indiferença e a tua aspereza — e ia sahir.

— Espera... Ouve... Então o que era meu, de ti, já não existe mais?

— O que houver de inalteravel em a minha pessoa, será sempre teu, bem o sabes — disse com a voz presa.

— Mas não vês que a submissão é uma cousa morta... Que vale estarmos juntos se não nos amamos mais? — E seus labios se afastaram em riso de nofa.

Os musculos de Osborne se dilatavam de satisfação: com um acenar da cabeça não cessava de applaudir ao amigo.

— Será a historia da mumia e do sarcophago: um não é o outro e entretanto um está no outro

até o fundo dos seculos — retorquiu Voleta impaciente.

— A liberdade no amor é a sua unica verdade — proferiu Osborne mellifluo.

As narinas da Senhora Andreia bateram de indignação — Meu Deus como me iançam para o peccado — ia exclamar mas reteve-se e apenas respondeu:

— Oh, Senhor Osborne, parece-me authoridade, no assumpto... Quantas mulheres já abandonou? — e os olhos seus se prendiam aos olhos d'elle.

— Cuido de cousas mais graves... nunca ameí. Considero a mulher como um collega — Elle parecia feito de vidro, de pedra de rocha.

— Devéras? — e Voleta ria-se, tomada de subito de nervosa hilaridade...

— Osborne não é um histrião; não mente... — asseverou Pedro rancoroso.

— Sim, assim como eu, só em caso urgente, em extrema necessidade, quando o outro lado se nos antolha uma queda fatal... — pronunciou pausadamente, sentindo affluir a todos os seus instinctos e volições um aiarde satânico para o desafio, para a lucta..

Uma ancia louca, um desejo insubmisso a instigava, a entoar alli, á perversidade de um e ao fanatismo do outro, os epithalamos de sua alma em rodopios de amor...

Ah, pudesse desfibrar ante elles o extase admiravel que se lhe estacionava em o coração, á guisa de uma flôr em chammas...

Ah, pudesse gritar á fraude de ambos: eu trago em as arterias a affirmacão ardente que abebera o meu amor.

Ah, pudesse atirar entre elles como um gladio de gumes duplos: violei o dever, amo e sou amada....

Huberto Osborne a fixava ainda, como se fosse uma substancia inerte.

— E' assim que usas a tua mentira — Pedro exacerbado abria e fechava as mãos.

— Por certo, quando aspiro a paz ou quando escondendo a minha felicidade — Voleta esforçava-se por conservar-se natural em a ambiguidade d'essas phrases.

— Por acaso amas alguém? — e o marido enfrentou-a ameaçador, irritado.

— Mas não sabes que minto? — Ella retirou-se da sala tendo em a bocca apezar seu, sorrisos que se concatenavam, se desfiavam, se descosiam ao saborear o nectar escarmentado da vingança.

— E' o salvo-conducto de toda mulher...—resmungou para si o Internacionalista.

Pedro teve impetos de seguil-a, de agarral-a, de extrahir-lhe das entranhas a verdade, de machucar-lhe a brancura dos braços e dos pulsos, de atiral-a ao chão á feição de uma cousa vil, sem preço, sem estimação... humilhal-a, oh, humilhal-a como Cassandra ao ser arrastada pelas tranças, fóra do templo de Minerva.

Osborne interveio taciturno, os traços comprimidos, enrijados, tal qual surgisse de uma armadura de ferro; o momento decisivo para agir ainda não era chegado: faltava-lhe a fortuna de Voleta, a sua belleza, o seu corpo, a sua morbidez alada; pretendia desdentar-se, saciar-se em esses nervos creadores de vertigens e de deslumbramentos mortiferos...

-- Não vês que é uma senhora honesta que se desvirtua em represalia a ti? Alem d'isso não se trata de uma escrava... — accrescentou em tom authoritario.

— Que seja de outrem pouco importa, mas não em a minha companhia — replicou Pedro aturdido.

— Tu sabes que ella não é de ninguém... depois a pessoa em falta não é altiça, não reage, não é sublime — escapou-lhe essa palavra sem querer.

— São supposições—redarguiu Andreia mais calmo e mais cheio de veneração pelo amigo.

— Sou justo... D. Voleta se não deixa intimidar, defende com denodo o que acredita ser o seu direito—retorquiu Osborne calcando, dissimulando todo o seu entusiasmo por essa mulher fragil, mas de caracter indomito que mesmo em a dôr, sob a infelicidade, rica, formosa, magnifica de espiritualidades se atinha ao seu casamento infortunado sómente por amor a uma abstracção, a uma ordem transcendente. Oh, a seiva radiosa excelsa d'essa creatura, talhada para os maximos heroismos... Sem deixar transparecer a minima emoção, subjugado finalmente pelo desejo vehemente de conquista e de exito, insensivel aos meios que empregava para triumphar, aferrado ás suas convicções de que toda a presa pertence áquelle que a arrebatava pela usurpação, pelo dólo, ou pela força, Osborne arrematou:

— Talvez eu tambem esteja no erro... Essas aristocratas mystificam tanto...

— Zenira, por exemplo, trabalha, é simples, bôa, sustenta a si e ao pae...

— E' um typo finalizado do sexo...

— Porque não a tomas para ti? Seria uma optima auxiliar.

Antes de responder, Osborne olhou-o e leu-lhe em a physionomia muita sinceridade: achava-a sem graça, sem donaire:

— Não a pretendo por companheira...

— Ella não se opporia.

— Mas é que... prefiro alguém livre, sem pae, sem mãe, sem parentes... prompta para a acção — e em seu pensamento Voleta bailava como uma possibilidade ruidosa.

— Zenira possui recursos extraordinarios, efficazes, garanto-te — dizia Pedro effusivo...

— Talvez te sirva para mais tarde. E' natural que te prefira a mim... és mais moço, comprehendes? Escolherei uma de mais idade — explicou Osborne serio, ao inocular em o amigo uma gotta de veneno, ao atirar-lhe a semente tabida: d'ahi por diante Zenira se tornou para o mestre bem amado o typo modelar...

Em esse instante a Senhorinha Sieg, acompanhada da Senhora Andreia, entrou em a bibliotheca... Ao deixar a amiga, Voleta sentiu cahir-lhe da cintura, a carta de Paulo Terencio que Pedro lh'a entregou, dizendo:

— Tenho nas mãos o teu segredo.

— Enganas-te, é uma carta de teu irmão — disse secca.

— E como vae elle?

— Muito contente.

— Desejaria lel-a...

— Espera... eu mesma a lerei... a lettra é illegivel... ha difficuldade para decifral-a. — A Senhora Andreia muito confusa e a affectar muita attenção se poz, lentamente, a parodiar a verdadeira carta e mesmo por tempos a improvisar certos trechos.

De costas para Osborne cuja perspicacia malina temia, começou a leitura com voz desegual:

«Cara irmã

«Não é uma carta triste que te dirijo embora as grandes saudades tuas e do querido irmão.

«Esta vida de bucolismos intermináveis, em contacto directo com a natureza, nos fortifica e nos sã-nêa o espirito e os sentimentos.

«As subtilezas de uma civilização extremada e aborrecida se transformam em este bemdicto torrão em uma existencia simples, agradável, muito propicia á nós, cidadãos, habituados ás exigencias de um rigoroso protocollo.

«Compreendo as preferencias dos intellectuaes por estas paragens de um lyrismo tão cheio de poesia mansa.

«Dedico-me com sollicitude aos meus discipulos, rapazes estudiosos e de intelligencia clara.

«Continuo nas minhas excursões scientificas atraz de alguma novidade não classificada; de resto tenho para mim, que a nossa flora tão exuberante e exotica ainda reserva thezouros para quem d'ella cuidar com amor e assiduidade....

«O povo do logar é bom e trabalhador, porém ainda ha muita coisa por fazer.

«Que noticias me dás do nosso Rio e do nosso mar?

«Saudades a Pedro — Ainda muito radical? Abraços do irmão.

Paulo.»

Mal a Senhora Andreia acabou a leitura, dobrou a carta e dissimulando alacridade disse, entre sorrisos e rubores:

— Como a vida do campo modifica a gente...

Até parece que Paulo perdeu o máo genio... Ha tanta serenidade na sua carta...

E retirou-se immediatamente afim de recompor-se e de destruir essa carta corrosiva, alagada de volupias incoerciveis e allucinantes... os seus tornozelos, as suas mãos, os seus tendões retrahiam-se doridos: estava tal qual uma tuberosa pesada de aromas e de arrepios calidos, tal qual um pedaço de chão amordaçado pelos esplendores dos céos tropicaes.

— Que loucura malsinada enviar phrases d'essas, a uma mulher que o ha sempre repellido... — E com um gesto de máo humor, queimou essa carta capaz de incendiar o proprio fogo...

«Voleta minha, apesar de ti e de tudo que te separa de mim.

«Não é o meu amor que aqui vae, porém o meu desejo, o meu lunatismo por ti, mais fero, mais selvatico que o furor das Menades ao estraçalharem as carnes de Orphêo.

«Este contacto com a natureza rude, virgem de iniciativas humanas, ainda com o cheiro de flamma e de vaporações do ventre do Nada, faz de mim um barbaro...

«Hei a illusão de remontar a contra veia, o curso dos seculos idos...

«Aqui todas as subtilezas da civilisação ruem para deixar a nós, pobres mortaes, uma unica realidade — um ardor turbulento, aggressivo, que nos assalta em bando, totalmente.

«Agora comprehendendo o erotismo estranho que obrigava a Pasiphaë a ajustar ao ouvido, o clamor que lhe vinha dos escampados vizinhos.

«Em tudo lobrigamos o appello de um instincto por outro instincto em a pujança de uma linda inconsci-

encia... «Cria, cria, gritam-nos o vento e as ramas agrestes a se prenderem ás nossas roupas... «cria, cria» lançam-nos os passaros em revonda, aos casaes, e á porfia, os buzios revirados de touros embravecidos... «cria, cria» passa-nos em o bramido das tempestades a se disseminarem pelo ether a dentro.

«E estes pinheiraes que fendem resolutos o ar, tontos de seiva, e de luz me emprestam um sadismo de fauno amoroso.

«Ah, como te hei querido aqui, tu adelgada, Rosa de pallôres mysteriosos, eburnea flôr de intelligencia, de olhos famintos e enigmaticos a verem o que ninguém vê...

«Ah, se eu te tivesse em as mãos! Que seria de ti e de mim? Chyméra Imperial, Taça lyrica de meu sonho, eu te quebraria afim de que não mais houvessem de ti o que eu, com o meu amôr implacavel, houvera das tuas nevroses e da tua belleza...

«Perdôa-me. Amo-te sempre

Paulo.»

E todo o resto do dia a Senhora Andreia passou azoinada, inteira presa á sua exaltação, inteira enovelada em Roberto Annes, a sentir rebentar em cada pulsação um—eu sou tua, um—eu te amo... Dir-se-iam canticos vermelhos de frondes chagadas de sóes... murmurios de florestas e de humus em o seu vae e vem incessante de produzir... modulações incoherentes de mãos a se esvair em mãos, de bôccas a sangrarem em outras bôccas, de corpos em langôres infernaes...

Do fundo do parque, das abas de um riacho côr de ferrugem e de flamma velha, que timbrava em ser riacho, subia-lhe a toada pesada, larga, chata, monotona dos sapos, e das rãs em genuflexão ás sombras que se agglomeravam...

Tres pancadas na porta interromperam o encantamento em que a Senhora Andreia jazia: era a creada Felicia que lhe trazia em uma salva, um envelope esguio: convite do Senhor e da Senhora Daniel Ribeiro para assistirem, da frisa de ambos, á representação de Thais.

«...Iremos buscar-te, caso teu marido não possa vir. Lembramo-nos de ti porque has qualquer cousa d'essa egypcia de paixão e mysticismo» — terminava com esses termos, o cartão.

A principio a Senhora Andreia reluctava indecisa, por fim acquiesceu, seria uma noite de menos em companhia de Osborne; Pedro porém declinou, não iria de fórma alguma e com os seus maximos agradecimentos devolveu a entrada.

A Senhora Andreia immediatamente resolveu aproveitar-se d'esse ensejo para vêr o seu bem amado: com muita habilidade e cautela insinuou ao marido e aos dois amigos, Gonçalo de Tuy acabava de chegar, que abandonassem por instantes o escriptorio para melhor ventilar-o pois a fumaça que n'elle havia sufocava, infeccionava os pulmões; assim ella poderia servir-se do telephone livremente, sem sustos.

— O salão está tão lindo e tão vazio... Ha tanto tempo que ninguem o vizita, acabará por entristecer — disse riñdo, chamando-os com as mãos.

— Entristecer como? — indagou o Poeta admirando-a; notava que Voleta não era mais só, que o outro já lhe agia em as plenitudes e gozava enormemente do amor que d'ella se evolava.

— Oh, ficando velho e mofado e desbotado — atalhou escoltando-os: o tic-tac das suas sandalias de setim rosa resoava em o corredor estreito como uma musica estranha.

— Só exijo que fumem com parcimonia — ajuntou com um leve meneio de hombros e de cadeiras.

Todos lhe observavam a elasticidade, a leveza do espirito e dos gestos.

— E' ridicula essa tua alegria... até pareces uma collegial... — exclamou Pedro de máo humor: a sua beêllez, o seu encanto o provocavam.

— E' a graça do sexo... — proferiu com bonhomia o Poeta.

— Eros habita em mim — teve Voleta impetos de dizer, porém conteve-se:

— Oh, a variedade sabe a mel — accrescentou entre sorrisos dubios — Até já... vou preparar-me — e sahiu gizando uma longa reverencia.

Pedro mordeu os labios.

Osborne a olhava sempre, indeterminadamente, mudo, extatico; nunca a vira assim, de branco, cheia de rendas, os cabellos a doudejarem-lhe pelas espaldas, com tregeitos byzantinos.

Cerradas as portas, Voleta tomou o phone e pediu a ligação desejada.

— E' o teu amôr que te faíia... que se esvae de saudades e que te ama doidamente.

— Vem a mim que não posso mais.... já estava decidido ir a tua casa.

— Vou ao Municipal com Izâbel Clarisse e quero que também vás.

— Sim, irei. Sabes? Amo-te com furor... Esta noite a tua alma unificou-se a minha. Morri e resuscitei — fallava elle com a voz surda, talvez com a bocca no phone.

As arterias de Voleta tiveram o mesmo movimento das azas moribundas e das serpes em agônias lethaes...

— Eu mesma em ti — balbuciou largando o aparelho.

Temos após, envolvida em seu vestido de scintillações de prata, qual Egeria velada de orvalho e de luar, a Senhora Andreia appareceu adeante d'aquelles tres homens como o symbolo esplendido da mulher moderna: efflorescencia regia de gerações continuas, perfeição ultima de selecções innumeraveis.... E enquanto presidia a mesa, sentia descer-lhe peios hombros, peios braços, ora o desejo de um, ora o desejo de todos, por vezes pacifico, por vezes a renhiem pela primazia...

Elles pouco fallavam, estavam taciturnos, fomentando, ao parecer, a sua ideia virente, o seu segredo cubicado: a Senhora Andreia tinha certeza de estar sendo n'esse instante a seiva dionysiaca, absorvente do senso de cada um d'elles... a sua vaidade não se enfunava porque amava com heroismo e escarcéos sumptuosos.

— Que impressão ha de Thaïs, romance? — indagou, rompendo o silencio, Voleta de Tuy.

— Um veneno... A mulher que attrae e que foge... o mais maravilhoso *não* que conheço.

A Senhora Andreia percebeu a alfinetada, sorriu e pensou: os homens são assim mesmo, para eiles só ha delicto quando perpetrado com outra pessoa que não a sua.

— Paginas onde a luxuria, a folia santa de uma hysterica são infelizmente endeosadas — retrucou Pedro a fingir desdem.

— E a sua opinião, Senhor Osborne?

— Não me apraz essa casta de mulher -- e ficou impassivel.

Ao olhal-o, Voleta teve a impressão de que uma

effigie acabava de largar o seu silencio para retomá-lo incontinentemente.

— Não são para nós... são poemas de desperdícios — disse Gonçalo de Tuy com malícia e desalento.

— ...e também donas de generosidades excessivas — ajuntou Voleta ardega, dentro da sua febre de amor: afigurava-se-lhe que o dynamismo do universo lhe estava em as paredes adeigadas do corpo.

— Em breve a mulher terá que se sustentar, para não morrer de fome — mastigou o internacionalista amuado.

— Não blasphemes,... Ellas são o orgulho de uma civilização... — redarguiu o Poeta....

— Sr. Osborne, não me parece ser um vencido ou um despeitado da sorte para se expressar assim contra a nossa vida de belleza... — disse Voleta significativa, sorridente.

Gonçalo de Tuy abanou-lhe a cabeça em signal de approvação.

— Sou pobre... nada pretendo e nada possuo...

— Isso é prenuncio de gozos futuros... Eu por mim, agouro-lhe cousas lindas... muita riqueza e uma mulherzinha assim como eu... — disse Voleta, incredula, com ar de mofa.

— Pensas por acaso, que attinges á Osborne com as tuas phrases acidas? Elle está acima de todos nós... — atalhou colerico seu marido.

— Uso apenas da minha liberdade de pensamento apprendida em a eschola de vocês... O Sr. Osborne que é um adepto fervoroso se não poderá molestar... — respondeu lenta, acalmando-se a custo.

— Não lhe dê attenção Senhora, Andreia estima-

me demais... Depois isso em nada altera — accrescentou humilde, temeroso de grangear-lhe a antipathia.

— Que cada um seja como é e não como não é... — proferiu em tom axiomático Gonçalo de Tuy.

Em se tratando de um bohemio inoffensivo, de temperamento bizarro, ambos deixaram que essa phrase cahisse e se volatizasse por si mesma.

Um ruido de automovel, que se approximava, annunciou á Senhora Andreia, que era hora de partir: enfiou a capa e sahiu accelerada.

— Hum, que perfume delicioso... Como está perfumada! E como é vaporoso.... vae e vem — exclamou Daniel Ribeiro apertando-lhe a mão, e sorvendo-o.

— E' estridente assim, logo ao começo, depois desaparece — respondeu Voleta.

— Aposto como é muito antigo e como tem um nome oriental — disse Izabel Clarisse a beijal-a.

— Sê discreta, Iza!... Não o diga... Cada um deve ter o seu perfume particular... — volveu Daniel Ribeiro cheio de si pela phrase que vinha de proferir.

— Absolutamente ainda não cogitei d'essa novidade — exclamou a Senhora Andreia, dissimulando: mais do que nunca, tñmbrava em conservar sob o mais rigoroso sigillo o nome da sua essencia predilecta, unica: essencia que a continha total em a sua immaterialidade e que devia ser por toda parte e em qualquer circumstancia o pregoeiro do seu eu ao seu bem amado... essencia que devia fazel-a surdir com os seus esplendores e as suas magnitudes da insensibilidade e do hebetismo das cousas animadas e inanimadas.

Ella queria entalhar em Roberto Annes esse perfume, que seria em os seus plasmas, durante a sua au-

sencia, o brado reincidente do seu Impeto e da sua Paixão excelsa...

Ao entrarem em a frisa, o salão já estava em penumbras e no palco uma silhueta esbelta e loura, de tulles transparentes e membros impeccaveis, cantava a sua luxuria, empunhava em as mãos que se estiravam quaes nelumbros ao alvorecer o frenesi do Desejo incontido, a ancia do Bulicio imperioso...

Corria pelo dorso de Voleta o fremito immensuravel da grande Arte: a morte e a vida em purpura e oiro, o rictus avassallante da Ebriez immutavel, a magia intensa do que é breve, ephemero, divinamente escasso, se lhe enroscavam pelos membros, pelos tendões, á guisa de silvos encantados, de choréas flammantes... Seus olhos se encheram de lagrimas.... chorar o que? — indagava de si, profundamente perturbada. — O teu amor luminoso, defeso... a tua grande magua... — respondiam-lhe os atomos, a razão, a sua inconsciencia a se renderem em massa á esse amante morbido dos corações, das almas em sangue, em dôr aberta, não humilhados, não encurvados, não sugados, porém scherbos, integros, famintos de radiosidades vindoiras, erectos, á espera do premio luzidio, do louro frondente... E assim, murada de eurythmias admiraveis, em a vertigem do rythmo, ella se assemelhava ao Estro apollineo do Genio a abalar a Forma peregrina.

Tudo se lhe baralhava ante os olhos: as personagens se transformavam, perdiam a sua unidade immediata, o seu character supposto... Voleta apenas distinguia caryatides escorregadias, visões felinas, atticas, fugidas do Templo de Cnida... Não era uma egypcia de baixo relevo, de balsato, hirta, monotona, de movimentos restrictos e parcos que alli cantava o seu desvario atordoante...

Na sua impressionabilidade extremada não percebera que Roberto Annes já se achava na mesma frisa, atrás, meio reclinado, a olhá-lhe as espaldas esguias, claras, oh, deslumbrantes de claridades... capazes de illuminar atrios escuros, negroses de lua nova...

A Senhora Andreia sentiu de subito, rente á sua sua epiderme um sopro caído, tal qual lhe houvessem jogado uma flôr aquecida por labios febris, voltou-se abrupta e deu com a cara do medico bem em frente a sua cara...

— Que bella e rara surpresa — e apertou-lhe a mão.

O resto do primeiro acto Voleta teve sempre quasi ao longo do seu perfil, o perfil d'elle como em uma legenda, e em mente accrescentou a seguinte divisa — «Por bem» — a mesma do rei D. João I «que desejava assimilar em si, a individualidade aventureira, guerreira do rei Arthur».

O idealismo, o refreamento, a immaculabilidade que existia em o amor de ambos, imprimia em Voleta um fulgor inedito, um acervo de irradiações extraordinarias... uma infinitude de alegrias, ermas de remorsos, de horas mortas, de reticencias, de constrangimentos... emprestava-lhe a alegria estardalhante dos espelhos ao se cobrirem com a nudez maravilhosa de um sol á pino: ella alli deante do seu amôr, resplendia e scintillava...

— Iza, agradeço-te esta hora de gozo infinito — disse levantando-se.

— Vês, todos os binoculos se dirigem para aqui... E's a figura de sensação — observou-lhe a amiga sahindo.

— Não é de admirar... tens um typo extremamente original e os teus cabellos, são cheios de espiritualidades... evocam-me o lyrismo de Anacreonte.
— disse-lhe o medico quasi ao ouvido.

— São teus — suspirou baixo.

— Só? — interrogou a gracejar.

— E a bocca tambem e os olhos e o queixinho — respondeu Voleta infantina, embaraçada, doida de amor.

— Mas és total minha... Como me tentas n'esse alarme de reverberações... Fazes-me perder o juizo — murmurava-lhe entre os dentes.

— Não acredito... Um scientista nunca perde a cabeça — respondeu Voleta seria. Como temia que elle se tornasse ousado ou pusillanime, o homem fraco, incapaz de sustentar a turbulencia dos seus instinctos, o homem impulsivo que rompe, dentro do arrebatamento, o voto de uma perfeição.

Voleta tinha consciencia das hesitações terríveis, dos instantes cúmplices, vezanos, que inopinadamente, a accommettiam... Queria encontrar n'elle sempre identica, sempre completa, sempre prompta, essa força purificadora, essa força de repressão, superior, santanaria, que seria a sua defesa, a sua preservação contra o peccado.

Assim sob a égide do seu bem amado, os seus momentos a sós com elle se revestiriam então de leveza, de diaphaneidades dansantes, de tilintações argenteas: permaneceria, ella mesma, estonteante e festiva, alada e sinuosa a se reluzir com os sorrisos multiformes de Sosandra, a graça fremente da Acropole.

— Terei de viver além de mim por amor a ti... — e os olhos glaucos de Roberto Annes ardiam envoltos em chammass verdes...

— Eu te amo, eu te amo, morro em ti — balbuciou Voleta baixinho sentindo que todo o seu sêr, a sua alma tomavam a forma de um beijo.

— Oh, a grande dama que tanta curiosidade está suscitando... — disse o Dr. Ernesto de Oliveira entrando em companhia de Izabel Clarisse. Imperceptivelmente a fronte do medico eminente se franziu.

— E' natural... sou uma desconhecida — gaguejou Voleta ainda muito emocionada.

— E' a frisa mais attrahente... Daniel Ribeiro está orgulhoso — informou entusiasmado.

— Realmente Iza, assim, de rendas pretas e de rosas rubras lembra Inês de la Sierra... — observou Voleta devolvendo a lisonja para cima da amiga.

— Ha sido o successo da temporada... E' deveras fatal — accrescentou o engenheiro, os olhos fitos na morena incendiaria.

— Não acha que a impressão dominante da sala, é de peso?...

— Já descobri a causa.... é porque se tratam de casaes, marido e mulher um ao lado do outro. — retrucou o engenheiro, bregeiro.

Todos se riram.

— Talvez o effeito de pinturas exaggeradas... -- disse Izabel Clarisse.

— E ha tanta cara bonita que prescinde d'esses artificios — objectou a Senhora Andreia, alienada de tudo.

— Sabe, estão a me indagar se é uma captiva de Mythilene que resuscitou -- disse Daniel Ribeiro dirigindo-se á Senhora Andreia.

-- E é essa a sua originalidade, sobre um accentuado classicismo a morbidez do nosso tempo -- accrescentou o engenheiro como authoridade.

Roberto Annes se quedava immovel, sombrio, no fundo da frisa.

Voleta agradecia entre sorrisos discretos.

As luzes de novo se amorteceram.

Ao segundo acto a Senhora Andreia pouca attenção prestou: logo ao sentar-se, sobre o espaldar da cadeira, sentiu a mão de Roberto Annes encostar-se a sua pelle, afagar-lhe a espadua desnuda: o esto, a loucura, a insania que os jungia, incutiac-lhe em os gestos, em os olhares, em o proprio silencio um desejo devorador, uma audacia violenta, que os isolava do resto da humanidade.

Thaïs, je t'apporte la vie eternelle... — resooou em os nervos de Voleta á guisa de um prodigio de amôr, de uma certeza turgida de sins innumeraveis e eternos.

Ao abaixar do panno, parecia-lhe carregar todas as plenitudes dos amôres defunctos, inviolaveis.

— Thaïs já é branca, já recuperou a virtude — observou alguem que entrava, um amigo intimo de Daniel Ribeiro.

— Oh, a paz na alma feminina, então — exclamou o engenheiro.

— Porque? — inquiriu Voleta sem comprehender.

— Não sabe que as mulheres guardam a virtude alheia, isto é, a virtude das outras mulheres? — explicou-lhe o engenheiro ironico.

— E ainda não é tudo... ficam terrivelmente ferinas e impiedosas, quando a virtude das outras se macula — ajuntou a sorrir, Roberto Annes.

— Não será por solidariedade? — interrogou o Senhor estranho de unhas e sapatos muito polidos.

— Na maledicencia pode ser... — retrucou sarcastica, Izabel Clarisse.

— E a virtude d'essas censoras, d'essas guardians, aonde fica? — inquiriu a Senhora Andreia, sem malicia apparente.

— Oh, desvirtua-se á socapa, ás escondidas, naturalmente — explicou o engenheiro em mesuras.

— A virtude quando nos satisfaz é um dom celeste.... quando não, um tormento — disse Voleta re-toiçando-se total em o soffrimento que o seu apêgo a ella lhe proporcionava.

— A ruptura da virtude nos traz incondicionalmente felicidade, saude, alegria — disse o engenheiro.

Voleta apprehendeu o sentido d'esse conceito e em espirito concordou: na verdade a violação de uma monotonia sempre contenta... Ah, pudesse agir assim e a sua existencia se tornaria tão facil, tão exquisitamente subtil e rendilhada.

— Réspetemol-a — pronunciou grave, Daniel Ribeiro.

Todos se entreolharam; a virtude em o juizo d'elle e inferida da sua conducta se limitava a ser um lindo enfeite, sómente para a casa, para a mulher, para os que o não conheciam.

— A virtude existe mesmo em o peccado — proferiu o medico incisivo.

— Não atino — exclamou o desconhecido dos outros.

— Por exemplo, quando dous sêres sob o impulso de uma forte paixão se entregam um ao outro, perpetram um delicto, mas não destroem a virtude...

— Como? Se ella consiste justamente, em impedir a todo o transe esse delicto — vituperou Voleta de um só folego.

— A verdade, a profundeza immensa, a firmeza inabalavel dos nossos sentimentos salvam-na, conservam-lhe a integridade — redarguiu o medico, calmo.

— Muito bem dito — ajuntou baixinho Izabel Clarisse, depois de haver relanciado os olhos ao redor: o marido já havia sahido.

Voleta baixou as palpebras; essa phrase de Roberto se reportava ás suas perplexidades, á sua duvida premente, angustiosa á guisa de uma mensagem eludiativa, convincente.

— Vem a minha casa amanhã, á tarde — zuniu-lhe pelos cabellos inesperadamente, essa supplica, lançada entre dentes, de Roberto Annes, ao passar rente á ella.

— Amo como nunca amei, Voleta — murmurou-lhe Izabel Clarisse em segredo.

— Cuidado; teu marido não te perdoará... Olha, nem todo o homem vale essa dedicação unanime.

— Mas elle é sincero, é só meu...

— Não te sacrifiques, nem a tua reputação — balbuciou Voleta sevéra: ella sabia por ouvir dizer que o Dr. Ernesto de Oliveira era um cynico, um amante vulgar do sexo...

— E depois o meu amôr cresce assustadoramente.

— Prudencia, prudencia...

— Que estão confabulando? — interrogou Daniel Ribeiro meio desconfiado: toda a vez que via duas mulheres juntas, logo imaginava que a conversa devia versar sobre o adulterio.

— Estou dizendo que o nosso passeio á Tijuca se fará na proxima semana — explicou meio turbada Izabel Clarisse.

— Será magnifico o lunch, nas furnas, ao lado de um regato — ajuntou vivaz, Voleta.

— E quem vae tudo dirigir sou eu. — ajuntou orgulhoso.

— E's incomparavel, tens um «chic» todo teu — exclamou sua mulher acariciando-lhe o hombro.

Esse gesto, efflorescencia bastarda de um amor que não existia, causou em Voleta uma impressão desoladora: «Meu Deus como a mentira de amor se torna dupla, corrosiva, azinhavrada... grita, estruge, indigna... é imperdoavel, é anti-natural...» pensava a examinar em mente a sua consciencia immune, limpida, perfeita: desde que principiara a amar a Roberto Annes que o seu corpo, a sua alma se mantinham illesos, enfaixados em as suas proprias fulgurações, oxydados pelos seus proprios esplendores.

Thaïs, Thaïs, Thaïs, léve-toi.

Essa imprecação exasperada, dilacerante do monge reprobado, reboou em os nervos, em o sangue, em as visceras de Voleta á feição de um clarim de luxurias a se despetalarem sobre o deslumbamento da Belleza immaterial.

E ella offegava e empallidecia.

— Mas que tens? — indagou-lhe meigo o medico ao perceber a transformação immensa que se lhe operava em a physionomia.

— Essa luta do bem e do mal...essa queda insuperavel enervam-me, agitam-me — respondeu ennuviada.

— E's por demais impressionista... lembra-te de que é theatro — observou Izabel Clarisse.

— Amanhã, em casa, á tarde — segredou-lhe só com os labios, desprovidos de som, Roberto Annes, ao conduzi-la ao automovel.

Essas palavras curtas, mudas, emitidas ao geito de telegramma, simples, inócuas ao parecer, penetraram-lhe até á medulla, até aos ossos vertendo-lhe, animo, ousadias, intrepidez, loucos empreendimentos...

Durante o tracto Voleta pouco fallou: toda ella era uma eclosão de amôr inveterado, de amôr selvagem; fixava-se-lhe em a bôcca a nostalgia ardega do seu bem amado e brilhava-lhe em os olhos a pallidez apollinea de seu rosto.

Voleta não sabia que decidir em o meio d'essa vozeria azoicante e desordenada que a investia em bando. Muito difficil se lhe antolhava a intangibilidade da pureza. Da sua consciencia e da sua inconsciencia baralhadas, fundidas, se insurgia revel, crebra, insistente a seguinte pergunta que era um latego a fustigar-lhe os instinctos: «Quem me garantirá d'elle e de mim?»

E via assombrada, como, pouco a pouco, a sua alma vedava o seu corpo, se lhe punha por escudo, vencia, entibiava a sua insania amorosa... tresmalhava a sua tempestade sensual... Obsedada por essa ideia que a importunava atrozmente, escreveu a Robertc Annes:

«Roberto meu,

«Tu me pedes que eu vá á tua casa e entre-
«tanto quem me garante de ti e de mim?

«De resto, que sei eu d'aquillo que ainda vae
«ser? Nada ao certo... Apenas te direi que ha dias
«em que estou fóra do meu eu, separada das minhas
«acções, dentro de sombras, uma insensibilidade viva,
«febril, aturdida de sonhos a perceber sómente o mo-
«vimento das cousas que por mim resvalam... Esse
«é o meu momento epico, o meu instante de renuncia
«aurea, a minha volupia mystica, o meu tormento de
«eternidade, mesmo estuando de amôr a ti, a cara
«contra o teu hombro...

«Já outras vezes, palpitam-me em as arterias todas
«as geneses que se deverão descrystalizar dos meus

«plasmos, todas as mutações, todas as surpresas que
«doiram a sumptuosidade da vida... e então meu amigo,
«sou atenazada pela ebriez irreverente da Terra quando
«se entrega ao Sol, ao Ether, ao Vento, á Chuva, ao
«estampido dos trovões, para se diffundir, crear, sêr,
«beber a luz, sentir, viver a vida, amar, reproduzir-se...

«Sou eu e todos os meus alens irmanados á
«musica, ao lyrismo, á folia, á belleza, ao esto ad-
«miravel....

«Assim em essa vertigem de Retentora do Fre-
«mito universal, abrazada de amôr, a sós contigo,
«ambiada de rosas, enquanto em o jardim as flôres
«do Imperador e os jasmins arderão á guiza de fachos
«nupciaes e as drocenas enviarão ao azul o seu grito
«de amôr esteril, dize-me, meu amigo, quem me ga-
«rantirá de ti e de mim?

«E eu sei, que uma vez perdida a minha pureza
«nunca mais te poderia amar com os deslumbramentos
«com que te amo: defendo o meu amôr a ti, em me
«defendendo de ti... Entendes?

«O beijo do meu amôr, o beijo da minha pai-
«xão.

Voleta.»

E Roberto Annes ao lêr essas paginas saboreava em mente as contorsões d'aquelle corpo maravilhoso, zurzido de sustos e de apprehensões que, em a sua virilidade de pensador não comprehendia, nem admittia.

Como percebia arraigarem-se mais e mais em Voleta esses principios soberanos, inalteraveis, rege-dores do rythmo psychico humano, rastos talvez de vidas precedentes, vestigios de realezas, de attitudes imperiaes em contenda pela sua immundade!?

Em a sua opinião, o amôr era uma acquiescencia total do espirito e do senso... o direito incontestavel do amor mais forte, mais predominante, mais insolente...

Não vacillaria em se apoderar de Voleta apesar de todas as represalias funestas e de todos os dissabores que esse acto acarretasse.

De facto ella lhe pertencia desde que o marido se lhe mostrava gelido, indifferente... Mas que fazer ante a sua alma de monja e de bacchante, ante essa nevrose de virtudes que a incendiava e a impellia a guardar o corpo com ciumes, com furor, com zelos extraordinarios?. Parecia-lhe que a alma de Voleta se enamorava do proprio envolucro maravilhoso que a encerrava.

Nada lhe restava, pois, senão jungir a sua dignidade, a sua honra para protegel-a contra elle e contra ella:

«Querida

«Já que pões em mim a tua defesa de mim e de ti, eu te garanto de mim e de ti, mesmo que seja obrigado a recorrer á morte.

«Não te amo sob condições, com fins especiaes, embora queira e exija tudo de ti.

«De resto, devemos utilizar-nos do nosso Destino, regel-o e não nos submeter a elle, nem sermos, segundo desejas, a sua victima, o seu brinquedo, a sua «pilhagem.... seria então attribuirmos-lhe, uma direcção «intelligente, um discernimento...

«Tu me obrigas á uma separação que demanda «excellencias, prerogativas, crenças que absolutamente «não possuo e que se me deparam quasi inexequiveis «em amôr... Não sabes que em casos d'estes, os «nossos instinctos e a nossa intelligencia se nivelam,

«se unem, afim de cobrarem poderios, jurisdições, acuidades invencíveis, monopolizadoras, cegas, fataes? «Que é um ardil da especie para se não estancar, para «prevalecer, alongar-se, eternizar-se?

«Mas que isso nada importe a ti: espero-te amanhã á tarde. Vem que saberei guardar-te de ti e de mim.

«O meu amôr faminto do teu eu maravilhoso.

Roberto Annes».

A Senhora Andreia de posse d'essa carta viveu, por tempos rapidos, a vida que deveria ser sua, a vida augusta, larga, violenta que tanto amava e que tão justamente lhe cabia... a vida juvenil, exaltada, egregia que se lhe estagnava em o fundo da imaginação, e do senso....

— Não sei porque, mas dá-me a impressão de palmas, de flôres, de brisas, de gorgeios de passaros povoando o ar de festividades — disse-lhe Gonçalo de Tuy que já a vinha observando attentamente desde alguns dias.

— Tem razão, eu me sinto em apogêos. — retorquiu Voleta recebendo atravez da janela aberta o perfume das rosas triturdadas de sol, a sua vassallagem, a sua adoração.

— Influencia de Shelley ou de quem? — indagou tomando-lhe o livro.

— De Shelley e de mim... — e os seus dentes muito alvos se ajuntavam um ao outro.

— O rythmo novo, aquelle que lhe faltava entrou em o seu sêr... os meus parabens — era a primeira vez que Tuy se lhe dirigia assim directamente.

— Qual d'elles?

— O da paixão...

— Diga o da ventura, o da felicidade... — exclamou alácree.

— E' o mesmo... — ajuntou Tuy conservando os olhos no livro.

-- Engana-se, a paixão que se dá suggere a dôr, o remorso emquanto a paixão que se retém una, engendra glorias, hosannas, arco-iris.

Parecia a Tuy ter adeante dos olhos um roseiral em estrepitos pela fuga das trevas: Voleta inteira scintillava entre luores e tons roseos.

— Mas não percebe que também está urdindo outra casta de soffrimentos? julga que isso, só, lhe satisfará?

— Mas plenamente... De resto serão tristezas leves, esvoaçantes — retorquiu a Senhora Andreia a rir.

— Minerva aposenta em o seu eu.... Mantenha-se sempre assim para que se não desfaça o que é tão raro e tão admiravel — a intangibilidade do hymeneu — e Tuy ficou-se a reflectir: elle, o discipulo de Dionysius, o Incomparavel, em reverencias á uma virtude... Mas também era a unica mulher a quem adorava e a quem desejava um halo de resplendores.

— Já reparei que vöcês nunca esgotam o assumpto — observou Pedro assomando á porta em companhia de Osborne.

— Pois se amo tanto as lettras — retorquiu a Senhora Andreia emergindo das penumbras da sala como se fora o symbolo de um mytho radioso.

Pedro Andreia teve a sensação de que as suas pulsações se acceleravam.

—Estou a dizer-lhe que detesto esta edição de Shelley — exclamou Tuy, accendendo o seu cachim-

bo — contém detalhes em demazia que lhe tiram todo o sabor....

— Dos homens superiores, apenas devíamos saber do seu romantismo, dos seus amôres ánonymos — exclamou a Senhora Andreia.

— E os outros predicados não lhe interessam? — interrogou-lhe Osborne com voz fina, aguda.

— Oh, positivamente não — affirmou ella justamente o contrario do que pensava, sómente para pical-o: aprazia-lhe em extremo o character, a nobreza, o altruísmo.

— E' feio esse egoismo — retorquiu elle ruborisando-se..

— Que fazer! E' delicioso sermos nós mesmas... — exclamou Voleta, erguendo as suas mãos finas, admiraveis.

Osborne baixou os olhos: vinha de sentir até aos ossos a carícia d'essas mãos de alvores calidos, mãos ardorosas, felinas, cujos dedos esfuscados lembravam cinco aspides em extases.

— Nós humanos, temos a obrigação de corrigir-nos — redarguiu com emphase.

— Isto é despojar do nosso eu as sombras, os imprevistos.

— Porque não?

— Tornar-me um entezinho gregario.... uma imitação?

— Então? Um bello exemplo de disciplina social?

— Sou uma rebelde, Senhor Osborne, de radiosidades estranhas. — E em as pupillas de Voleta fuzilava a tragedia de sua alma loucamente enamorada.

Osborne se perdia em a sua fascinação por essa mulher unica, de espiritualidades fulgurantes e ineditas:

ella era e não era, transformava-se como o mar immenso, como a propria Vida...

— Se lhe approuver, dar-lhe-ei algumas licções sobre o socialismo... Olhe, é uma escola de aperfeiçoamento' — disse mellifluo, brandido por uma só ancia: tel-a por instantes ao seu lado, haver em a sua bôcca, o ar apenas sahido dos labios d'ella... erijir por bandeira, por signal de sujeição as roupas que a envolvessem... infiltrar-lhe de manso a sua paixão. conquistal-a, possuil-a, mesmo atravez de infracções terríveis.

Voleta estremeceu, todo o horror, toda a repulsa inscia, que elle lhe suscitava, subiu á tona:

— As minhas horas são tão occupadas... Depois seria em vão... — gaguejou, desculpando-se.

Osborne tossiu, endireitou o collarinho e proseguiu:

— Tente então escrever qualquer cousa para o Congresso a realizar-se em Buenos Ayres.... e verá como se interessará....

— Trahiria as minhas convicções — proferiu a Senhora Andreia lenta, malina....

— Oh, isso em nada altera... grangearia triumphos duplos; seu marido vae ser o nosso delegado...

— Os louros d'elle então se estenderão á mim — pronunciou distrahida.

— Mas não é a mesma cousa, precisa ter uma personalidade a parte. — Osborne curvou-se para que elle melhor ouvisse.

— Oh, contento-me com a que tenho... é tão acerada, tão luminosa — retorquiu entre sorrisos, em tom zombeteiro.

— Reflicta... Não seja impulsiva... é bastante

intelligente... Queira desculpar-me — e se foi á procura de Pedro que conversava com Gonçalo de Tuy.

— Temos muito que escrever, já são horas de trabalho.

Gonçalo de Tuy levantou-se.

— Mas porque te vaes Tuy? Espera o jantar... Poderás dar uma volta com Voleta, ainda é cedo — insistia Pedro detendo-o pelo braço.

— Hoje, não; tenho que me recolher mais cedo... sinto-me grippado — e Tuy despediu-se.

Ao apertar a mão da Senhora Andreia murmurou-lhe baixinho:

— Esteja vigilante, esse internacionalista nunca age por bem....

— Não o tomo a serio — retorquiu sombria.

Ao deixar Voleta, patenteavam-se á Osborne, mais nitidamente, mais incisivamente, os obstaculos, as barreiras formidaveis, ingentes que a separavam d'elle.

— Cada vez me convenço mais de que as aristocratas são verdadeiras nullidades doiradas. — dizia com desdem, com irritação enquanto arranjava uns papeis: era mistér consolar-se.

— Enfeites, enfeites e mais enfeites, eis a preocupação capital que as inutiliza para qualquer outra cousa... — accrescentou Pedro afflicto por alijar a influencia que a belleza de Voleta ainda n'elle exercia.

— Estive tentando se conseguia que tua mulher nos ajudasse um pouco, ao menos aparentemente.... Afinal a senhora de um delegado deve ser socialista...

— Tens razão... E' uma complicação que muito me contraria. — redarguiu Pedro desalentado.

— Depois, a ostentação, a soberbia em um ambiente onde todos são iguaes... — enunciava Osborne, gozando interiormente do damno que fazia,

— Não precisamos leval-a... Poderá ficar: — exclamou Pedro alácree...

— Oh, acreditas?

— Porque não?

— Mas se quizer ir?

— Chegarei ao extremo. Não vale a pena empanarmos os nossos ideaes por causa de uma mulher... — e os olhos de Pedro chammejavam e o seu peito se alargava, alteado de impetos extraordinarios: dir-se-ia que n'esse instante, os liames que o ligavam a Voleta tombavam um a um...

— Temos de abdicar de tudo, de seguir o appello da vida que deseja reafirmar-se.... Eu te saudo irmão meu glorioso — e ambos se apertaram a mão em preito de solidariedade.

Zenira do outro lado da sala em uma cadeira ampla que a encobria total, estremecia de jubilo e de altivez ao constatar em Pedro Andreia essa Força de Destruição e de Renovação que é o apanagio dos Predestinados, dos Guias das consciencias universaes.

Exultava ante o donodo, a afoiteza com que elle se aprestava para defender a verdade, os principios sãoos que os homens, em a sua ambição desordenada, constantemente, deturpam...

Cada vez mais o seu fanatismo, a sua admiração pelo Mestre bem amado, avultava: toda inteira acudia d'elle, era-lhe a repercussão a mais vibrante, a mais legitima, a mais fiel... As theorias, os pensamentos de Pedro se lhe entalhavam em o senso integraes, soberbos, promptos para florirem, solucionar-se...

Que lhe importava entrar para a immortalidade atravez de triumphos sanguinolentos, de heroismos sevos, se o Mestre lhe ordenasse....

Remontava-a o mesmo delirio pela collectividade: não hesitaria em se obliterar, em desaparecer, se elle o reclamasse para o bem da humanidade... atirar-se-ia resoluta, impavida, serena para o acto supremo que a deveria resgatar, salvar. Ficara-lhe em lettras de fogo, ao geito de aviso, de memorandum á sua obediencia, as seguintes palavras de Andreia: — «o individuo isolado é um accidente sem importancia que não póde servir de impeço a quem caminha para a frente, para o seu ideal, para a sua missão invencivel...»

Mas em o entusiasmo, em a fermentação de suas ideias, Zenira nunca se olvidava da figura de Voleta, maravilhosa de carinho, de bondade....

Era portanto com pezar que testemunhava a indiferença, a hostilidade progressiva entre os dois esposos já quasi adversarios.

Ella se regosijava ao verificar que todos os seus devaneios de outr'ora, embora vazios de propositos, em torno do Mestre, se haviam dispersado, volatisado ao contacto d'essa fatalidade que baixava lentamente sobre elles.

Por mais que conjecturasse, a Senhorinha Sieg se não podia explicar a causa d'essa desharmonia, d'essa irritação perenne entre sêres de excellencias extraordinarias...

E na impotencia de achar uma justificação, lobrigava em ambos as victimas imbelles, passivas daquillo que Hartman denomina de ironia da Natureza.

Foi pois com os olhos mareados de lagrimas, cheia de tristeza e de presagios sombrios que se dirigiu para Andreia, que a chamava.

— Passa a limpo estas tiras e não te esqueças de

gryphar a seguinte passagem... Mas porque choras?—
interpellou fixando-a.

— Porque... — e titubeou.

— Vamos, continua....

— Porque — repetiu quasi imperceptivel, — em vez de agarrar a felicidade que já é sua, a deixa ir se embora? — e baixou immediatamente as palpebras a tremer.

Pedro Andreia a principio não comprehendeu... depois com um ah, intempestivo, continuou, orgulhoso de poder demonstrar ao amigo a sua emancipação do casamento:

-- Naturalmente é porque ainda não é a minha felicidade.

-- Não percebe, que são casos intimos que só concernem á propria pessoa? -- interveio Osborne lançando-lhe um olhar de reprovação.

Zenira enrubeceu, encarou-o enraivecida, mas apenas murmurou:

-- Perdão — e afastou-se ainda mais triste, mais merencoria.

A Senhora Andreia ao responder a saudação de Roberto Annes, de pé em o limiar da porta da sua «villa», se suppunha uma jubilação ardente, um facho de mil lumes, o extase das Noites possuidas de paixão, a turbulencia guisalhante da vida immemorial.

- Eu te recebo como um amoroso e como um enfermo privado de sensibilidade...

E a sua voz lhe chegava enrolada em luz, dentro de espadanas iuminosas.

— Recebe-me como os heróes recebiam a victoria, em chammas, em escarceos apollíneos, sanctos... — e

a consciencia de Voleta se mostrava tranquilla, clara, tal qual um fructo que a nudez das estrellas illuminasse e afagasse.

-- Entras em o dominio teu... has a adoração de toda a casa. — Roberto Annes via-lhe sob a aba do chapéo, o palôr de lua diurna.

— Por vezes o remorso irrompe em mim... Violei a tua palpação... — proferiu de subito erguendo a cabeça, fitando-o.

Roberto Annes perplexo acolhia esses dous olhos que o olhavam como offerenda adamantina de um sacrificio admiravel.

— Mas, se já estavas annunciada em meus nervos, em meu sangue... Tu já me agitavas as horas de meditação — retorquiu, lento, bebendo-lhe a radiosidade do corpo frio e quente como a bocca de um Fauno.

Voleta sentia irromperem-se-lhe pelo senso, pela imaginação, dithyrambos alados, flamimantes:

«Io, triumpho, oh deleite immortal»

ressoava-lhe em as cellulas, em as suas mãos que se apertavam, em seus cabellos, em suas narinas.

— Roberto, não fallemos de agora, de mim e de ti... reportemos-nos ao que deveria ter sido.... Eu e tu aqui, por exemplo — proferiu ás pressas, com volubildade como quem pensa em mystificar-se a si ou aos outros.

-- Não, não. seria perigoso... De resto eu te teria sempre sobre os joelhos... Vês? — atalhou com as linhas que lhe circundavam a bôcca repuxadas em rictus de paixão allucinante.

— Oh, aninhada em teu hombro, a passar-te todas as minhas incoherencias, eu te diria: — Sou a estria aurea do teu Destino, o coração do teu

coraçãozinho... — e a sua vóz apresentava a inquietude amorosa da onda que suspira em a onda...

-- E depois, á tarde, ao te revêr, exclamaria, oh, meu amôr, o meu auge de hoje, é a mediania de amanhã... — e calou-se; todas as suas volições, todo o tumulto desassisado das suas intemperies, a impelliam para elle: seus braços se estendiam e se encolhiam em a vezânia, de agarrar ou não aquella cabeça perfeita que mãos longas e brancas sustinham...

Voleta inteira se atardava sobre Roberto, sequiosa, apaixonada, faminta, magnificada...

— Pelo amôr de Deus, dá-me a minha palavra, quebra a promessa que te fiz, de te garantir de mim e de ti — supplicava o medico taciturno cheio de amargor, de angustia, os traços convulsionados...

— Se te fallo assim é porque entre nós ha a tua honra. — redarguiu severa, a recompor-se como se ao redor de toda a sua pessoa muralhas se erigissem. — Vem mostrar-me a tua bibliotheca, o teu laboratorio, os teus quadros... quero tudo conhecer — accrescentou em seguida alacre, infantil, resolvida a se refrear, temerosa de que a exaltação de seu amôr o induzisse ao peccado.

Depois de um curto silencio.

— Querida, verás especimens curiosos, alguns authenticos, outras copias dignas... — e parecia a Roberto Annes carregar sobre si todos os pesos do universo: sentia-se entorpecido, confuso, cahótico.

— Mas és um artista.... — exclamou Voleta, percorrendo os olhos pela sala: sobre uma mesinha de Boulle varias estatuetas de marfim fixavam um passo de dança de epochas differentes; havia tornozelos esgalgos presos em argolões de bronze, seios rigidos dentro de strophion de oiro, mãos recurvas ao geito de azas vazias

de vento, braços com ondulações de serpes fugidias, tunicas escancaradas, attitudes lentas, escorregadias, evocações soberbas do mysterio e da graça feminina.

— Aprecias tanto a dança assim? — interrogou picada de repente por um presentimento máo, afflictivo — seriam reminiscencias de amôres antigos?

— Essas figuras me são apenas visões de Arte e de Belleza, renovam-me os pensamentos, após as labutas hospitalares, restabelecendo-lhes a liberdade suffocada pela sciencia e pela assistencia assidua aos doentes... Depois, a dança classica é o poema sensível das nossas paixões, a sua expressão immediata — disse o medico meio offegante: bem perto da sua bôcca estava a bôcca de Voleta em sombras, grave como a volupia da morte em o coração rutilo da Vida.

— Realisa uma ideia em rythmos, em subliméz — ajuntou lassa com os olhos pregados em os pulsos de Roberto: ah, como adorava esses pulsos de alvôres azulados: polpas imberbes, cheirosas... pulsos adolescentes, de palpitações perfectas, hierarchicas.

— Quanto ás danças orientaes, não as tolero, são symbolos onde a materia predomina — atalhou dirigindo-se para o corredor.

— Lembra-te de uma dansarina que nos vizitou ha pouco? Os seus gestos hellenos me evocavam a Grecia desnuda com as suas violetas, os seus jacinthos — exclamou Voleta guiada pelo seu bem-amado, a mão dentro da sua mão.

— Era uma alma attica enclausurada em membros vulgares — observou o medico, abrindo a porta da bibliotheca.—Não repares na desordem da mesa—avisou a sorrir.

— Sabes, experimento uma sensação de respeito... Assemelha-se á uma cathedral....

— De resto é aqui que celebro o rito da minha sciencia e que te cinjo de scintillações imperiaes em a infinitude do meu amôr...

— Pelo que oiço tudo n'esta sala é bemdicto... o meu respeito, a minha devoção — exclamou a atirar beijos a esmo aos livros e ás imagens transcendentales, esvaecidas em o ether, ás paredes, ás estantes impregnadas d'elle... n'esse instante lhe tombaram as flores da cintura.

— Homenagem a quem? -- interrogou o medico a gracejar.

— A' cabeça perfeita do meu Amôr — respondeu a Senhora Andreia admirando-lhe os cabellos negros, sêdolos.

A' custo, Roberto Annes sustinha os seus arremessos bravios, insubordinados.

— Nunca ouviste fallar de Juliana Anicia, princeza bysantina do seculo VI? — E affectava difficuldade em achar o livro a que se referia. — Que escreveu um tratado de medicina — accrescentou pausadamente....

Ambos se sabiam em aléns turbulentos, não elles, fluctuantes, com ficções e preconceitos não seus.

— ...e o illustrou com lindas illuminuras — continuou aerio, completamente emmaranhado em irrealidades que porfiavam por ser reaes.

Os dois perfis se inclinaram em um só movimento, sobre as gravuras.

— Repara em a manifesta influencia dos frescos de Pompeia e das Catacumbas — concluiu lento, excessivamente perturbado.

— Teem uma sobriedade sem rijeza -- exclamou a Senhora Andreia atordoada, tendo a impressão de ser um templo Corinthio aberto aos transportes amorosos dos Horizontes e aos fremitos cantantes do meio-dia:

a beleza masculina de Roberto Annes, os seus olhares de verdores quentes, os seus lábios finos e rubros a lhe cortarem o pallôr da face á guiza de um alfange preso de verberações igneas a desorientavam furiosamente: em esse minuto desejou vivamente uma inclemencia qualquer, uma felonía do Acaso, um mal agudo que a lançasse, isenta de responsabilidades em os braços do seu bem-amado... Suas palpebras desceram á espera do milagre.

— Os mais célebres são os de Nicandra, um poeta que versejava receitas, formulas nigromanticas — explicou, com as mãos tremulas, elle, a força que não devia affrascar: todo o perfume de Voleta, perfume posto a hora de sahir, perfume já retido em o seu vestido e misturado ao perfume unico de sua pelle e de seus cabellos, tomavam em a imaginação de Roberto Annes, o aspecto de um circulo, de uma rosa, de um heliantho que aspirava perdidamente, doidamente...

— Quanto livro... Ah, como me apraz esse teu amôr ao estudo! — exclamava a Senhora Andreia alvoroçada, tal qual trouxesse em as paredes exiguas do corpo o coração delirante das aguas violentas.

— A medicina renova-se de continuo, amplia-se infinitamente, vive do homem e para o homem — ajuntou um pouco atraz, o medico ainda a aspirar-a integral, como se ella fora um feixe de aromas.

— Assemelha-se ao tempo... que se desdobra, avança... elimina convenções e rotinas — accrescentou, languida.

— Ha pouco, a radiographia precisou a idade em que um pharaó deveria ter morrido — redarguiu serio.

— Não ultrapassem os limites... do contrario des-

cambam para a phantasia — atalhou a Senhora Andreia reparando em as linhas patricias e em a elegancia de seu costume de flanela branca.

— Ainda ha mais... por exemplo, acabam de descobrir a molestia que victimou ha 35 seculos o glorioso Amenophis IV.

— N'esse andar, vocês perdem a nossa confiança e os fóros de cientistas — accrescentou Voleta a sorrir, a cara voltada, esplendente de scintillações: raiava-lhe em o intimo o mesmo frenesi incontido das seivas para serem folha, botão, corolla... o mesmo estertor do sol em fecundando a terra juvenil; ella era um cimo rodeado de ether, de amplidões de occidentes em lagrimejamentos de sangue e de fogo.

— Mas duvida? — e seus olhos se fecharam obumbrados por tanto fulgor.

— Sim, sim — repetia bregeira, dente contra dente.

— Em quem acredita então?

— Em ti.

Roberto Annes vacillou: todo elle era uma só volupia, um só impulso, um só desarrazoamento — agarral-a, beijal-a, até a insensibilidade, até a dôr, até ao estarrecimento... mas de repente, a crestar-lhe os deslumbramentos, a espicaçar-lhe a consciencia, surdia de lethargias trepidantes, aquella phrase violenta da Senhora Andreia — entre nós dous ha a tua honra — e recuou atonito, aturdido, hebetado...

Voleta que insciamente aguardava o prodigio sobrehumano extremeceu panica; das suas entranhas, do seu amago subia, subia um silvo de angustia terebrante, a lividez do seu tormento: talvez Roberto Annes não mais a amasse com as estridencias maravilhosas que o seu sêr reclamava e desejava!

— Vês, nós medicos, somos quasi divindades — disse, a romper um silencio que se tornava embaraçoso

— Realmente teem a mesma missão dos historiadores e dos poetas — ajuntou Voleta de voz flebil, os traços estrabicos, a abrir e fechar as mãos: enfiava-lhe o rosto o livôr da paixão, e do desvario.

— Isto é, nós outros alongamos a vida em a vida... enquanto elles, eternizam uma morte — observou o medico tomando alento.

— E' bem o som infinito de uma ausencia — atalhou envolvendo-o em a sua nostalgia amorosa.

Parecia a Roberto Annes, que agora, véos a enuviavam, a toldavam ou quiçá camadas de crystal a encobriam.... oh, o seu poder de transformação...

— Querida, aquí tens, sob estas capas verdes, apparelhos que medem as nossas reacções... que registam os centesimos de segundo da visibilidade de uma sensação em a nossa physionomia...

— A minha tristeza, a minha alegria se alternam tão rapidas, que nunca conseguirias marcar-as... porém o meu medo é fixo — explicou a examinal-os com vivo interesse.

— Será possível? Mas, és deliciosa assim, com o teu medo e os teus ineditismos. — accrescentou dilatando-se, até o mais distante da força apavorante que lhe represava as paixões.

Voleta sorriu em halos multicôres: os seus sustos se esvaeciam.

— Quem sabe... talvez seja uma ascendencia — ajuntou, esquivada, serpentina.

Roberto Annes encaminhando-se para o seu quarto disse-lhe: — Eis os meus aposentos, — e permaneceu do lado de fóra.

Voleta cheia de recolhimento e de ternura olhava essas duas salas enfeodadas, uma na outra, salas brancas de cortinas também brancas a abrigarem moveis antigos, porem muito brunidos, muito lustrosos. Ao deparar com o leito, adiantou-se e parou; suas mãos afiladas de emoções innumeraveis puzeram-se a acariciar de leve, de manso, esse leito que o havia todas as noites, e que lhe era como uma lenda de bogarys e de açucenas... talvez o collo eburneo da Aurora a embalal-o... ou o sorriso argenteo de Thetis, todo espuma e luar...

De retorno a sala, dizia-lhe a premer os seios, a voz cortada:

— Ah, se soubesses do meu grande tormento — e lagrimas corriam-lhe pela face.

— E's a fiandeira da tua propria Dôr.... Eu te requieiro minha com todas as vicissitudes — exclamou com entusiasmo beijando-lhe as mãos.

— Oh, mas as consequencias moraes são torturantes, eculeas. — redarguiu saturada de paixão.

— A tua consciencia já deve estar adaptada aos processos actuaes da sociedade... Comprehando esse satanismo moral em relação ao crime, ao roubo, á uma traição... Mas não em o nosso caso.... O teu marido é culpado, é o unico responsavel, aquelle que tem a indignidade da acção nossa e da d'elle.

...Absolutamente não prescindimos do carinho, nem d'essa vida em commum, plena de intimidades vertiginosas... O homem e a mulher que se amam formam a entidade indispensavel á affirmacão de Deus e da vida. O amor regenera, alimpa os vicios, desterra como os grandes ideaes todas as eivas do individuo.... Isentos d'elle, não supportariamos o que

supportamos sob o seu dominio... — concluiu Roberto emphatico.

— Parece um vendaval, baralha-nos as faculdades, assanha-nos os instinctos, ah que horror! — exclamou agoniada, porém deslumbrada.

— Não desvalorizes os instinctos,... são verdade organicas e por vezes tambem psychicas — explicou o medico buscando-lhe os olhos.

— Tens razão, muitas vezes d'elles dependem o nosso triumpho ou a nossa derrota — respondeu a Senhora Andreia emocionada.

Agitava-lhe os atomos, as suas volições, o desejo cruciante incisivo, allucinado, de ser de Roberto.

— Se me não dou a ti... é por um acto livre, sem causa determinada — ajuntou com um menear de hombros, decisiva, como que tentando estancar a insania que a devorava. — Abomino as condições — exclamou em seguida.

— São as virtudes rijas de teus antepassados que perduram em teu sêr... E's a bella prisioneira de uma linhagem extincta — accrescentou, entre sorrisos.

— *Ich bin gefesselt* — disse Voleta em allemão, estendendo-lhe os pulsos.

A depôr em cada um, o seu beijo, Roberto Annes segredava-lhe:

— Vês, rosas te encadeam, as rosas dos meus labios e as rosas da minha adoração... Estás de ora em diante, interdicta, sagrada — e subia-lhe aos sentidos, á sua paixão, a paixão violacea de Voleta, em transe.

— São Felipe Nery por exemplo pedia terminações para o seu amor... quanto a mim — e ella hesitou um pouco — amo-te em o infinitamente, em

o sempre, em o coração do nada, em a multidão de nuvens que cortejam os pés do Senhor... E é tamanho esse amor — e seus olhos baixavam — que chego a desejar o peccado purpureo, o peccado maximo, a damnacão do homem e da mulher que se amam. -- Voleta escondeu o rosto em as mãos: afigurava-se-lhe ser um escarceo, a imprecação maravilhosa de uma origem, a fome e a sede de energias esparsas, erradias...

Ao ouvir essa confissão, Roberto Annes estremeceu até ao mais profundo de seu intimo, como se o seu cerebro e o seu senso se desaggregassem, se fraccionassem: sem pensamento, sem raciocinio, rendido á violencia do momento, tomou-a em os braços e collou-lhe á bôcca, a sua bôcca faminta das magnificencias d'ella.

Por segundos assim permaneceram uma só entidade, um só respirar, uma só volupia, ambos em a rutilancia da vida, que os seus proprios neuronas urdiam...

Ao separarem-se Voleta havia em o labio um ponto roseo vivo, a caricia do amor implacavel, o estygma chammejante de Eros....

Quando no jardim, prestes a sahir, rodeada de lyrios exclamou:

-- Só agora é que os estou vendo!

-- Abriram-se hontem para te festejar..

-- Olha, são tão immaculados que nem as sombras os embruscam. -- Segurando-os dizia lenta, cheia de romantismo, as palpebras semi-cerradas -- E' como se retivesse em as mãos a exaltação pubere de dias recém-nados, a magia lunatica dos plenilunios. Vês, ainda trazem o festim das antenas e a intemperança das moscas doiradas. -- Mudando de tom, vivaz, ala-

cre, ajuntou: — Oh, Roberto, é o nosso instante nupcial... estes lyrios são fragmentos de véos, de noivados, de flôres de lorangeira... são o ultimo sorriso das virgens ao deixarem o lar paterno...

E o perfume dos lyrios vaporizava-se, ambiava-os, ia de um ao outro, entoava ao redor de ambos o epitalamio das flôres e dos aromas.

Em direcção á casa, Voleta discernia, em tudo, onde seus olhos cahiam, em o mar, em as frondes, em os fios metallicos que circulavam pelo espaço, em os flancos azulados das montanhas, um desejo revel, uma ardencia... Dir-se-ia beijos a esvoaçarem peio ar, em busca de outros beijos, de outros incendios... Toda a natureza sembrava amar em esse instante neutro, indeciso, de reluctancias admiraveis, em que as Sombras hesitam e a Luz delira...

Olhando a lua que já se alçava do outro lado da Gloria, engrossada, larga, assoberbando todo o espaço que as pontas agudas da Serra lhe deixavam livre, a Senhora Andreia recordou-se d'aquellas quadras do seculo XV, glosadas da Canção do Figueiral e recitou-as baixinho:

«A caminhar se pozeram

«Quando a lua mais umbria

«E dava o clarão no rosto

«De la infanta que fugia...»

— «Eu quero ser o herbario do meu amor... Não verei mais ninguem, hoje... Guardar-me-hei integral, como vim de Roberto, das suas mãos, da sua vehemencia, dos seus olhares...»

Enfiada em musselinas, Voleta permaneceu em seu quarto, o resto da tarde, pretextando forte dôr de cabeça...

Oh, esse ponto escuro em seu labíio era uma ilha de volúpia, era o cantico fragoroso da cigarra abraçando o seio roseo das manhãs... era a efflorescencia sumptuaria de uma raiva maravilhosa, era a saliva, era a paixão, era o sangue, era a brutalidade, era a essencia d'elle, n'ella.....

E durante dias, Voleta viveu do seu inebriamento, da sua folia espiritual e dionysiaca, atenazada, porém, pelo desejo louco de proporcionar á Roberto Annes uma visão de arte e de belleza: dansar-lhe-ia um symbolo — A paixão de uma Nuvem.

— Estás doente? indagou-lhe o marido ao surprehendel-a atirada em um sofá, perdida em sonhos.

— Um pouco resfriada; d'ahi a minha languidez — atalhou escondendo a sua ardidez.

Minutos apóz, acudindo á uma telephonema de Izabel Clarisse, avisando-a de que o passeio á Tijuca se realisaria em o dia immediato, Voleta se viu na dura contingencia de escusar-se, allegando uma ligeira indisposição e o seu receio de complical-a mais ainda: era-lhe impossivel acquiescer depois da desculpa que dera á Pedro.

Devido ás reiteradas atencções do Senhor e da Senhora Daniel Ribeiro, Voleta afim de retribuir-lhes as constantes gentilezas, convidou-os e a toda a comitiva para, de regresso, tomarem chá, em a sua companhia.

Em seguida, inopinadamente, erma de toda e qualquer associação de ideias, lhe irrompeu um grande e lindo presentimento — talvez Roberto Annes tambem participasse da excursão..

Sem perda de tempo, se poz a providenciar para que nada deslustrasse o exito da sua recepção, que

deveria apresentar uma nota de alto requinte e distincção.

Antes que se esquecesse, mandou a Gonçalo de Tuy o seguinte bilhete:

«Espero amanhã ás 4 horas o Poeta que tem «a sua tenda sob os cyprestes...» e á Zenira, um vestido e um chapéo com algumas phrases amaveis e a sua certeza de que não deixaria de comparecer.

— Olha, Pedro, faço questão de que estejas presente... — disse ao marido, e ao Senhor Osborne: — Espero o seu auxilio.

Voleta amavel sorria movida por um impulso extraordinario de fazer o bem, de transmittir aos outros, essa exuberancia aurea que a tornava n'aquelle minuto a creatura mais feliz da humanidade.

— Que séca, encher-se a casa de gente frivola e ociosa — exclama Pedro.

— Não de assustar-se ao deparar commigo aqui, — ajuntou o internacionalista de bom humor: aprazia-lhe em extremo o participar d'essa festa elegantissima.

A Senhora Andreia guarneceu os salões de rosas lividas, de rosas que eram como lirios, como visagens de monjas..., de rosas que se diluiam, queimadas pelos seus proprios effluvios.... Eram rosas unidas, sem folhagem, a fazerem uma só rosa immensa, phantastica, estranha, atirada aqui e lá...

As luzes amortecidas se esbatiam sobre os estofos esverdeados de utma pesada mobilia Imperio, herança de seus antepassados.

— Aonde somos, em algum solar antigo? — exclamou Daniel Ribeiro, retorcendo os olhos por todos os lados.

— E' uma sala que pede minuets e cabelleiras empoadas, — observou o engenheiro.

— Justamente o ambiente para a fidalguia de sua dona — retorquiu o Dr. Roberto Annes altamente commovido.

— Senhora aliás, muito romantica e felina — accrescentou o mesmo homem do theatro, que Voleta não conhecia.

Pouco a pouco a turba viva juvenil de moças e rapazes que se encontravam em o vestibulo se approximava.

— Que delicia depois de tanta luz e de tanto vento — exclamou uma sentando-se.

— Oh, as sombras foram feitas para agora — exclamou Isis.

— Ainda trago o mar em meus olhos — ajuntou outra a quem chamavam de Helena Maria.

— E eu a cara redonda de George na minha frente, no automovel.

— Queira desculpar, não foi por meu querer — retrucou alácre o rapaz que se achava um pouco atraz.

— Não se amue Sr. George, estou gracejando.

— Não te importes, George, ella está muito contente, és tão bonito.

— Antes a cara d'elle do que as arvores.... — suspirou melliflua uma mocinha de cabellos cortados.

— Obrigado, Senhorinha Germana.

— Eu por mim, prefiro um lago, um ibis á cara de qualquer outro — exclamou Isis.

— Elles são tão presumpçosos, — atalhou com um muchocho, uma pequena de pelle iodada:

— Estão de arrufos, ella e o noivo — explicou Helena Maria, baixo.

— Ah, Isis tudo então o que disser hoje não vale — accrescentou um rapaz de casaco muito cintado, todo pendido.

— Hoje, por Deus, que eu não sou eu — exclamou a Senhorinha de Pina e Souza, ruborizando-se.

— Posso sentar-me aqui? — e o jovem bacharel apontava as almofadas que lhe ficavam aos pés.

— Não por certo.... Olha quem está lá — e mostrou-lhe o noivo.

— Depende da tua permissão apenas — redarguiu o moço picado, com um sacudir de hombros.

— Não a terá — respondeu decisiva.

— E o teu modernismo aonde fica?

— Para Você, sou da rotina — respondeu galhofeira.

— Dr. Baptista, Isis não é uma melindrosa....

— Parece-me antes uma bandeirante por demais resoluta... — concluiu entre dentes, afastando-se.

— Fui mais esperta que vocês, arranjei de modo a vir perto do meu «flirt» — disse Dulce accomodando os cabellos «á la garçonne».

— ...que me namorou todo o tempo... — atalhou maliciosa a Juracy, de olhos de china.

— E' mentira... o Luiz até estava muito preocupado a respeito de uma rima para amôr... Não é verdade? — interrogou cheia de ternura.

— Oh, horror, bolôr, oppôr, flôr, rumor — exclamaram a una, todas ellas agitadas, a torcerem-se de riso.

— Ah, deixem-me... Basta de tolices — e, de mãos nos boisos, se apartou.

— Vem cá, Luiz, eu não conto mais... — proferiu Dulce seguindo-o, nervosa, aos pulinhos.

— Oh, as lindas meninas!! — exclamou Voleta entrando: vinha de seu quarto para onde havia conhecido Izabel Clarisse e mais outras Senhoras afim de recompor o penteado.

Voleta inteira palpitava: Izabel Clarisse lhe contara que Roberto Annes era o seu hospede, e tambem lhe referira, entre sorrisos, da reluctancia d'elle em entrar, e do ar soturno que mantivera durante o passeio.

— Isis, talvez voces prefiram o jardim onde poderão brincar de ronda ou jogar o croquet — alvitrou Voleta.

— E' uma ideia magnifica, façamos a ronda — acudiram todos a um tempo.

E essa farandola garrida de mocidade e de belleza se dirigira para o jardim: os tons claros dos vestidos, as fachtas voejantes, as abas longas dos chapéos floridos lhes emprestavam al de alado, de muito aligero, de garça, de gaivota em vôo... e ellas se iam em passo rythmado, gracis, ledas, buliçosas, o embevecimento dos rapazes que as seguiam.

Voleta, olhando-as pensou:

— São o poema de amanhã, da Vida.... São o amor que vae começar.... — e foi-se para a bibliotheca:

— Não consinto em essa separação.... terão que vir para onde estamos.

E quando ao lado de Roberto Annes, lhe segredou:

— Agradeço a surpresa maravilhosa...

— Senhor Osborne, hade convir que o dinheiro é uma potencia de goso — observou Daniel Ribeiro.

— Antes de perdição — respondeu este frio.

— Se fosse assim, os pobres seriam virtuosos — ponderou o engenheiro ironico.

— E' verdade que o socialismo exige que as mulheres trabalhem? — interrogou a Senhora Daniel Ribeiro escrutando-o de alto a baixo.

— Trata-se do auxilio mutuo, colectivo... — gaguejou Osborne, confuso ante aquelle olhar flammante de investigações.

— Nós mulheres queremos o incenso, a adoração, não é mesmo? — disse Voleta deixando-os.

— Hum, é muito obstinada...

— E' mysteriosa... perturba — exclamou o engenheiro com as narinas a se dilatarem.

— Entretanto é toda do marido — insinuou Izabel Clarisse.

— Creio que não ama o amôr por desporto — atalhou Osborne acompanhando-lhe a silhueta esvelta, serpentina.

— Ama?... Amará? Quem o sabe? — aventurou o Dr. Ernesto de Oliveira.

— Eu que a conheço intimamente — ajuntou Izabel Clarisse com os olhos nos olhos de seu amante.

— Todos nós temos o nosso segredo ardente — e o engenheiro fixava-a.

— No entanto a minha vida é clara — exclamou Osborne com entono.

— Então é porque espera ainda — disse a Senhora Daniel Ribeiro, a rir.

— As mulheres não amam os desilludidos do amôr — observou o internacionalista.

— Exercem até grande fascinação n'ellas.... — proferiu o homem desconhecido.

— Em toda a mulher persiste a emoção da ma-

ternidade, eis a razão porque amam sempre — retrucou o engenheiro.

— E no homem, não haverá também a emoção da paternidade? — inquiriu a Senhora Daniel Ribeiro dubia.

— Somos artifices, sem sermos o creador de todo o instante, — replicou sombrio Osborne, com o olhar em pós a Senhora Andreia que entre Gonçalo de Tuy e Roberto Annes conversava.

A viuva Faria e Souza dedilhava ao piano uma Sonata de Beethoven que ninguem escutava.

Voleta e Roberto sentiam que os seus corações se buscavam, se estreitavam, se sorviam loucamente, desvairadamente, sob as grandes attitudes dos gestos impecaveis.

Pedro, Zenira, e Daniel Ribeiro se entretinham com uma Senhora de olhos violeta e cabellos loiros, mulher de um secretario de Embaixada, de paiz, cuja nacionalidade se definira depois da guerra: fallavam com animação e alegria, em francez.

Voleta de grupo em grupo lançava ora uma phrase amavel, ora uma ironia subtil, ora os deixava perplexos com um dito impregnado de romantismo todo seu.

— Lembra-me as mulheres de Ibsen, de d'Annunzio... — adiantou o homem desconhecido, vendo-a passar.

— Mas o fundamento é grego, classico.... E' uma dominadora — retrucou Roberto Annes triste, atassalhado pela sensação do nada, do em vão — Que lhe valia a vida sem ella? — repetia em mente.

— Tem uma intelligencia fulgida.... tudo lê... é avida de erudição.... — interveio Gonçalo de Tuy observando em o medico o effeito de suas palavras.

E os tres tinham a figura da Senhora Andreia

reproduzida infinitamente em os espelhos esguios da parede.

-- Deus meu! que fazem os tres taciturnos? --
-- exclamou approximando-se e a notar a melancolia que se accumulava sobre a fronte de Roberto Annes.

Admiramos as suas rosas... são realmente exceptionaes -- explicou o homem desconhecido.

-- Ah, se soubessem de onde veem de retorno!
-- e as suas mãos se uniram.

-- Como, de retorno? -- repetiu elle.

-- Sim....

-- Por acaso, de Delos? -- inquiriu o Poeta.

-- Oh, não de Rénan... -- disse, rindo muito, envolta em scintillações. -- Fui para elle com braçadas de rosas, em festa, como a gente vae para o seu (amante, ia dizer mas retractou-se) heróe.... Ah, que desillusão, não me satisfez.... d'ahi tel-as trazido de novo.... Eil-as, são todas essas que veem -- acrescentou, com o olhar ao vizez para o seu bem amado.

-- Tem razão, é um homem que não affirma, e quando o faz estriba-se sobre opiniões mais doutas... Nunca seria um scientista -- retorquiu o medico enovelado em seus cabellos maravilhosos que esvoaçavam ao feitio de gavinhas.

-- Desdobra-se em porquês interminaveis, resguarda as suas theorias sob attenuantes... E' um pussillamine da ideia -- ajuntou Voleta com eloquencia: a presença de Roberto lhe desafiava as magnificencias da intelligencia agil.

-- E' um escriptor que falhou, que tomou o caminho que não era o seu -- exclamou Tuy.

-- Não ha duvida é um estylista grandioso.... Fez poesia, fez romance, mas não fez philosophia

como pretendeu — redarquiou Roberto Annes, rente a Voleta.

Os dois agora se achavam lado a lado, Gonzalo de Tuy de proposito, se afastara de manso, com o companheiro.

— Já são horas do chá... Que é que o meu lindo medico toma? — indagou sorridente, mas de subito com a bocca em espasmo, balbuciou-lhe — oh, que te amo, oh que te amo... — e desapareceu.

Não escapara á Roberto Annes ao trocar com Pedro Andreia algumas palavras, um movimento por vezes convulsivo que lhe envesgava os labios e a immobildade quasi perenne das suas pupillas; era patente que em seu intimo trabalhava uma cogitação premente, unica, um fito ainda não attingido.

— Apresento-lhe o Senhor Osborne, o homem que não ama — disse á viuva Faria e Souza, Izabel Clarisse, e baixo á amiga.

— Vê se o degelas... tem uma bocca cruel, adoravel.

— E' assim tão empedernido, mesmo depois que soffreu o fulgor dos olhos de Iza? — inquiriu a viuva dulçurosa.

O internacionalista se remexeu e pensou — oh, como as mulheres me provocam.

— São bellas visões que em nada me alteram — respondeu afinal com um esboço de sorriso...

— Os mais perigosos são esses assim, que nada querem mas... que vão querendo sempre — disse malina e dubia.

Positivamente elle a detestava.

— Quanto á mim dispenso esse ardil — respondeu de sobreceño carregado.

— Vem a ser apenas um disfarce muito natural para vencer — replicou assucarada, a viuva.

— Venço pela audacia, pela força, pela violência — retorquiu impaciente, a theor de desabafo: Voleta não lhe prodigalisava a minima attenção.

— Meu Deus, como sabe ser encantador... amo tanto a esses gestos de novella... — suspirou terna.

— Não os confunda com arrojos de amor raro, infrequente — verberou reservado, de labios contrahidos.

— Tenho observado que o homem se apaixona facilmente, mas custa muito a revelal-o — accrescentou a viuva em surdina, á guisa de engodo.

Osborne percebia-lhe em os olhos uma ancia formidavel para amar.

— Talvez os atoleimados, para quem os deoses se mostraram inclementes — respondeu mordaz, louco por se vêr livre d'ella.

— Os homens enganam tanto... — suspirou a Senhora Faria e Souza esperando por uma objurgatoria efficaz.

— Até que acertou — disse o internacionalista em um riso largo.

— Eu sei que nunca alludem ao que pretendem — continuou disfarçando o seu desapontamento.

— Agora errou... porque sempre dizem de mais...

— O senhor é muito pessimista...

— Apenas muito franco. — respondeu Osborne sorvendo a ultima gotta de chá e depois accrescentou:

— Vou-me, porque não quero prival-a de uma companhia mais interessante que a minha — e levantou-se.

Ah, a aversão que lhe causava essa mulher tão vulgar, toda derretida, accessivel, sequiosa de sensa-

ções, sem ideal, sem vontade, a offerecer-se a quem a quizesse....

E Osborne retirou-se para o varandim, atraz de ar fresco, de espaços, de altitudes purificatrizes, saneadoras...

A conversa de um grupo não mui distante, lhe chegava aos ouvidos:

— A devoção em a idade-media era um embuste, visava somente afastar Satan e o seu inferno — dizia Roberto Annes a examinar uma estampa antiga representando Paracelsus em o seu laboratorio.

— Mas eram impulsos sinceros.... era uma maneira de sêr — retorquiu Pedro Andreia.

— Realmente pairava em aquelles cerebros a volupia do Desconhecido, uma especie de folia obstinada para o Além — exclamou Gonçalo de Tuy.

— Para mim nunca se sentiu tanto a agonia do mysterio — continuou o medico.

— Acreditavam a todo o instante surprehendel-o, estroncal-o — ajuntou o Poeta.

— Ah, se tivessesmos hoje aquelle ardor! — murmurou Pedro.

— Sim temos, eu, por exemplo, sou a fanatica de mim mesma — exclamou cheia de alegria, a Senhora Andreia, achegando-se.

As arterias de Osborne bateram com mais estridor.

— Isso é um egoismo vil, pernicioso... um máo exemplo para quem te ouvir — ajuntou o marido severo, pesado.

Surdiram em os olhos de Voleta os mesmos olhares de Ephigenia para os seus algozes.

As pupillas do Internacionalista se illuminaram.

Roberto Annes empallideceu e reprimindo, á custo, a voz disse vagarosamente.

— E' o privilegio peculiar a todo o ser superior...

— Como não, se nós que não somos vós, vos admiramos — exclamou o poeta accentuando cada palavra.

Pedro Andreia houve essas phrases laudatorias á guisa de reprimenda: o seu primeiro impeto, impeto humano, plausivel, desculpavel, ainda não açamado, não tragado pelas suas crenças socialistas foi investival-os, mas absteve-se: Voleta afinal, lhe não pertencia como bem dizia Osborne... porque, pois, contender, cercear uma liberdade?... — E mais uma vez se subjugou.

— Doutor, que pensa a respeito da diplomacia contemporânea? — indagou do medico, o secretario de Embaixada, acercando-se.

— Não sou um profissional, excusou-se elle.

— Mas é um pensador.

— Exijo de um diplomata o que Stendhal reclamava para um bom philosopho — secco, claro, sem illusões...

— Perfeito — exclamou Daniel Ribeiro que sempre o apoiava.

— Hoje não ha mais segredos de chancellaria... A guerra deu novo rumo ás velhas tradições...—re-darguiu o Senhor Orloff.

— E' um engano; a natureza humana não dá saltos, apenas a estrategia em se subtilizando, tornou-se mais efficiente — explicou Roberto Annes.

— Vem a ser um jogo muito intrincado — ajuntou Daniel Ribeiro, todo attenção.

— ...que demanda habilidade, talento, astucia e uma forte intuição das perspectivas — continuou o medico.

— Não precisamos de nada d'isso... basta a lealdade de parte a parte — disse entre sorrisos significativos o secretario.

— Sim, a lealdade com o seu cortejo de reticencias, de sub-entendidos — concluiu ironico Roberto Annes.

— E' um bello discipulo de Metternich — observou o Sr. Orloff para o companheiro.

— Antes de Talleyrand — corrigiu o medico voltando-se.

— Perdão, penso não haver desabono...

— Reputo quasi uma injuria: elle usurpou as suas prerogativas, venceu pela intriga soez... foi um cruel, um deshumano,... — affirmou Roberto Annes emphatico.

— Reflexos do tempo...

— Olhe, o triumpho sem dignidade representa uma quêda.

— Pontos de vista... — gaguejou o Secretario.

— Quanto á interpretação apenas — concluiu o seu interlocutor affavel.

Roberto Annes que anciava por estar a sós com Voleta, não cessava de espreital-a, de seguir-lhe os movimentos: queria collocar sobre a dôr que o marido lhe havia suscitado, a sua exaltação, a sua ebriez, a guirlanda phosphorescente de sua alma, em apogêos de amor.

— Querida, beijo-te o coração, beijo-te a bocca, a tua cabeça maravilhosa... beijo-te total como se foras esta rosa — e fechou os labios sobre a rosa que vinha de colher.

— E eu quero destruir-te em mim, assim, assim...

— e com os dentes, a Senhora Andreia despedaçava a rosa que elle lhe dera.

— E's o extremo de todas as minhas volições, de todos os meus instinctos — murmurou Roberto offegante.

— E tu és a eclosão admiravel, o encantamento de todo o meu sêr — proferiu a curvar-se sobre as rosas que a fitavam, e que pareciam deplorar o abandono em que jaziam.

— Meu Deus, tenho que deixar-te — disse Roberto agoniado.

— Estás constantemente em mim, não ouves o tropel de ti em mim? — balbuciou ella acariciando as rosas que se morriam lentamente, que deixavam em o ether, o seu fulgor, os seus espasmos, a sua doce volupia....

— Levo em a retina, em a minha ideia, a tua belleza primaveril — proferiu a meia voz.

— Deixas em a minha pelle, em os meus cabellos, a tua paixão fulgida, em hymnos... — respondeu Voleta encharcada de amôr... E separaram-se.

As phrases de ambos sahiam rapidas, incisivas, coruscantes, furiosamente tensas, como se n'ellas se estratificassem o som, a côr, a propulsão, o frenesi do ardor invencivel.

— Voleta, agradeço os momentos magnificos que me proporcionaste — disse Izabel Clarisse ao avistal-a.

— Esteve tudo ao teu sabor?

— Mas muito... — baixinho — Cada vez nos amamos mais.

— Cuidado, refrêa-te...

— Senhora Andreia, os meus vivos agradecimentos — e Roberto Annes beijou-lhe a mão....

— Já se vae? — inquiriu Voleta.

— Tenho ainda visitas medicas a fazer...

— Mas hoje é Domingo — exclamou irreflectida.

— Qu'importa...

E ambos a rirem, dirigiram-se para onde estava Pedro Andreia.

— Doutor, a casa é sua.

— Obrigado.

— Mas porque não janta connosco?

— Eis uma bôa idéia — ajuntou o internacionalista — haveríamos de conversar sobre tanta cousa de vulto.

— Dar-nos-ia immenso prazer — accrescentou por fim Voleta banhada de radiosidades.

Depois de uma pausa:

— Virei em uma d'estas noites... E' me quasi impossivel jantar fóra de casa.

Ao partir o ultimo hospede, Gonçalo de Tuy dolente e humildemente amoroso disse a Senhora Andreia:

— Voejou e deslisou... Não sei se foi serpente ou se foi phalena.

— Eu sentia-me sêr Tritonia dentro de uma nuvem ardente.

— Não é verdade, Osborne, que muito te delectaste com a viuva Faria e Souza?... Eu os observava com prudencia — ajuntou o Poeta gracejando.

— Fiquei zonzozinho... tive até vontade de fugir — retorquiu, abanando a cabeça.

— Era o caso de se pedir emprestado o escudo de Minerva — acudiu Gonçalo de Tuy.

— Deixem de exaggeros... Os homens a apreciam muito — accrescentou a Senhora Andreia.

— Custa a crêr... Nem por divertimento — ex-

clamou o internacionalista como se fallasse comsigo mesm.o.

A Senhora Andreia por mais que fizesse não era mais una: vivia ao longo da belleza mascula e viril do seu bem amado, esculpida n'elle á feição de um aral-esco palpitante, sumptuario... as suas visões, os seus silencios atordoavam-na atrozmente: em tudo ella e elle fuzionados, em nimbos, os gilvazes immarcessiveis, sanguineos do amor eterno em a face scintillante da Vida...

Todos os dias pela manhã e pelo crepusculo Voleta ensaiava em o quarto os passos da dança que ia crear para o espirito egregio de Roberto Annes: seria uma surpresa de arte e um symbolo maravilhoso. Passava horas e horas a manusear os livros de estatuaria antiga afim de bem se apossar das attitudes classicas e dos gestos alados e ao soltar as charpas e enrançar os pés, tratava de imitar a graça, o encanto, a leveza das gravuras.

Certa vez que se entretinha com uns d'esses in-folios, Pedro disse-lhe:

— Deixa isso que é um estudo esteril e vem cá.

— Que desejas?

— Eu e Osborne partiremos em breve para Buenos-Ayres.

Voleta que em o seu embevecimento não mais ouvira fallar a respeito d'essa viagem, já a havia dado por esquecida ou relegada.

— Decidiram afinal? — inquiriu sobresaltada.

— Nunca hesitamos.

— Julguei que tivesse ficado em projecto...

— Mas trata-se de uma questão importante, inadivavel...

— Porém de nenhum proveito....

— Deixa-te de needade... Não entendes d'isso...
— exclamou Pedro mal humorado. — Vim participar-te
que ficarás...

— Ah, sim? Pensas então que me deixo sêr uma
cousa resolvida?... A minha ida depende exclusiva-
mente de mim... — e sahio.

— Qual, Osborne — disse Pedro ao voltar para a
bibliotheca — só pela violencia me desfarei d'ella...
E' obstinada, malcreada...

— A mulher quando deixa de amar fica into-
leravel -- insinuou venenoso o amigo ferido pela in-
differença total de Voleta.

— Que fazer, pois?

— Arranjaste o dinheiro?

— Por emquanto não.

— Adia então a tua resolução.

— Porque? — interrogou Andreia avido.

— Não percebes que o dinheiro tem que provir
d'ella mesma? — reparando em o mutismo do amigo,
exclamou com voz de trovão:

— Vacillas?

— Não, Mestre....

— O dinheiro é teu, é d'ella, é meu.... — pro-
feriu Osborne incisivo.

— E' que terei de pedir-lhe...

— Mette a mão e pilha o cofre... isso não é
roubar, é praticar a equidade...

— Mas como? Se só lhe resta o dote? —
Pedro enraivecido via travar-se em seu intimo, o li-
gio entre a sua consciencia e as suas crenças.

— E supportaste de uma só vez, dous jugos?

— Sei que sou um indigno, um miseravel, cala-
te por piedade... — proferiu Pedro visivelmente an-
gustiado.

— Tira, ao menos, proveito da tua escravidão... Resarc-te de virulencias para transformal-as em beneficios... — A cara de Osborne coberta pelo rubor das lampadas, se assemelhava á cara de Vulcano, avermelhada pelo fogo das forjas.

— Bem, fallar-lhe-ei... pedir-lhe-ei emprestado... accumularei mentira sobre mentira — dizia de vagar Pedro sentindo sobre si todo o peso que pertencia á collectividade.

— Não haverá villania alguma... Que é de resto, a violação de uma lei, obra de legisladores, phantasia ajoujada á natureza? — explicava o internacionalista inteiramente fundido ás theorias que desenvolvia.

— Tens razão, — exclamou Pedro a desferir sóes, tumultos — agirei conforme as minhas crenças... Esses moralistas são uns retardarios, uns philisteus, aquelles que não querem evoluir. — Seus olhos desafiavam a paz, o equilibrio das normas racionais.

— Lembra-te de que somos os iniciadores, os depositarios do progresso, das mudanças, do amanhã da vida... Somos os homens do futuro... — concluiu Osborne com calor e superioridade.

Logo que o internacionalista se retirou Zenira afeirou-se do Mestre e fallou-lhe com meiguice, com ternura:

— Porque segue os planos de Osborne, elle é um radical, um nihilista.

— Carecemos justamente de cerebrações assim exaltadas, do contrario não vingaremos... Mas que temes, filha?

— O senhor é tão extraordinario que não poderia soffrer vexames... — e baixou as palpebras.

— Esses vexames se traduzem em glorias, em reacções... Não nos degradam — retorquiu commovido.

— Não a Osborne, que é de uma audacia, de um atrevimento illimitado... — disse Zenira vivaz.

— E' um «leader» de decisão e de energia, capaz de conflagrar o mundo em proveito dos opprimidos... E' um abnegado... — proferiu com admiração Andreia.

— Não creio... Não confio n'elle...

E os olhos sombrios da Senhorinha Sieg se detiveram em o cimo do arvoredor, aonde um crescente se retorcia á guiza de um buzio perdido por algum Trião.

Escabiosas violaceas se abriam agora sobre as horas de purpura de Voleta: essa viagem a Buenos-Ayres a chamara á realidade, reintegrára por momentos a sua consciencia á razão: reluctava sem saber que resolução tomar... vae, não vae, se lhe revezavam de continuo em a lucidez de seu espirito doidamente apaixonado. Todo o seu eu em extase se inclinava para ficar... mas se ficasse, tinha certeza de peccar, de não mais supportar o isolamento, a solidão sem se render aos surtos bravios, ingentes de seu sêr saturado de amôr e de volupia infrêne.

«E entretanto querem que eu não vá.... A bem considerar — raciocinava — parece que todos os accidentes se conjuram afim de me atirar, de me empurrar para Roberto... Que influencia diabolica será essa que me ronda, me fareja, me requisita, ha as suas garras sobre mim, desatinadas por me arrebatarem, me entregarem a elle? Será, pois, necessario á monotonia voraz da vida, que eu e Roberto sejamos um só?....»

Emquanto a Senhora Andreia se engolphava em essas considerações, chegavam-lhe agapanthos e petunias brancas com o seguinte bilhete:

«Voleta minha

«Mais uma vez envio flôres para as tuas mãos
«patricias.... para essas mãos de gestos illuminados,
«engendradoras de radiosidades... Mãos esguias, iden-
«ticas ás de Eva ao offerecerem o fructo prohibido...
«Mãos que são como áquella estrella que despertou
«os Magos, a dizerem-me: Vem ao teu amor... Mãos
«que me chamam, que me acenam... mãos que beijo
«delirantemente.

«A saudade do teu

Roberto...»

E a sorver com a bôcca, com os olhos o perfume d'essas flôres, Voleta tinha a impressão de sêr o templo, a adoração, o sacrificio, a vigilia do seu bem amado.

Em o dia seguinte pela manhã, enquanto a Senhora Andreia flanava pelo jardim a se inebriar de sol, de ar, Pedro approximou-se affavel e disse-lhe:

— Perdoa-me aquelle mão-humor d'outro dia... E' uma tollice minha.... Tu afinal te governas.... Se quizeres ir, dar-me-ás grande prazer...

— Ainda de nada sei — respondeu surprehendida, hebetada.

— Resolve então, aguardo a tua decisão — e afastou-se. Pedro não ousara abordar o assumpto que o obrigára a esse acto, apenas preparava o caminho....

Voleta quando voltou do seu espanto, não podia por mais que cogitasse, atinar com a razão d'essa delicadeza tão insolita, tão fóra dos habitos de seu marido...

— Que haverá? — exclamou, tornando de novo á belleza que enrodilhava o seu jardim, o seu arvoredo... Voleta via a luz avançar, deslocar as sombras, se assenhorear dos arbustos, das coróias, dos rebentos e enrolal-os em massarócas de oiro fulvo... Perpassavam pelo ether, pela sua fronte, bandos festivos de irradiações, sussurros graves de sombras em se retirando: «Eu sou a sombra inviolada, virgem, nunca tocada pela Claridade.... Trago em mim uma eternidade... Eu sou immutavel.»

Presa da mesma vertigem, da mesma allucinação da folhagem e das flôres sob o espasmo imperial do sol, murmurou: «Eu sou mobil, lesta... todos os ventos levantam a minha tempestade...»

— Que lindo bucolismo... Oh, a linda Pastora, — exclamou Zenira, apparecendo em o outro lado da aléa.

— Madrugaste — observou a Senhora Andreia, levantando-se e abraçando-a.

— E' que tenho de dactylographar a conferencia do Mestre. — Mudando de tom — está perfumada e tão branca, parece até de porcellana... E' por isso que a admiram tanto...

— A admiração dos homens faz-nos reviver — disse Voleta, descuidada.

— E' necessaria assim? — interrogou a outra em rubores...

— Estimula-nos, dá-nos mocidade e até saude — exclamou a gracejar.

Ao transporem o «hall» as duas se separaram;

logo que a Senhora Andreia penetrou em a sua saleta, divisou sobre a mesa entre outras cartas uma que reconheceu ser de Paulo.

Antes de lê-la, Voleta fechou a porta, por precaução.

«Voleta

«Não te louvo o me não escreveres; o teu silencio ao em vez de me arrefecer, irrita-me, e faz-me desejar aquillo que te não apraz que eu deseje.

«Que podes tu, contra mim? Se te hei em a minha vontade, em a minha imaginação, olhos com olhos, bôcca com bôcca, qual amante arrebatada de furores excelsos...

«Ah, quem já privou contigo, soube do teu romantismo extranho, seguiu as sinuosidades radiosas de teu corpo agil, a disseminar espaço afóra, musicas, perfumes, sonhos lascivos... nunca mais te poderá olvidar e vir a amar a uma outra mulher.... A tua belleza me intoxicou.

«E entretanto ha aqui uma mocinha que me ama, me persegue, se impõe a mim com os seus sorrisos e as suas reticencias de figurinha irreall.

«Como é quebradiço e leve o amôr das virgens, todo feito de aljofares, de serenidades benignas, de evaporações brancas... dá-me ideia de um crepusculo em primavera, em juventude, de ondas de brisas e de açucenas...

«E a fital-a, e a sorrir para o sorriso d'ella, perco-me a vestir-te segundo as horas, com as cambiantes do meu temperamento de louco.

«Pela manhã és a minha paixão mystica.... gazes te encobrem... e eu não te beijo, sem saber a razão porque...

«Ao meio dia quando o sol nivela o arvoredo
«e o homem e o animal em abraços de flamma, tu,
«querida te revolves em mim ao geito de uma vo-
«lupia estratificada em outras volupias e assim en-
«charcado de tuas nevroses, percebo todas as tentações
«dos corações que se diluem...

«A' tarde és o alarma do meu eu, em vendo
«que não és minha.... e então com os tendões, com
«os nervos em desatino, brado — clemencia para o
«meu amôr...

«E á noite, és o symbolo que eu quero rasgar,
«violar, sorver até a finalidade...

«Ainda serás de ti mesma ou és tu e mais
«alguem? Como eu temo que venhas a te apaixo-
«nar... Sei que serás surpreendente... Nunca me hei
«de esquecer d'aquella tua phrase ao offerecer-te um
«cigarro...

«Respondeste-me: — E' um vicio, um habito equi-
«voco... E eu a insistir, que destruisses esse precon-
«ceito, abandonasses esse máo vazo de tudo interpre-
«tar pelo lado ruim,... e eu a te convencer que
«buscasses a verdade em a innocencia primitiva, quando
« a intelligencia humana ainda desconhecia a per-
«versão....

«E tu o acceitaste e proferiste estas palavras
«que caracterizam a tua psychologia: — Mas atiras-
«me a perigos, a tentações terriveis, hiantes... Não sei
«se terei forças bastantes e capazes para sahir im-
«maculada...

«Ah, em a tua franqueza, tu o declaraſte.... E
«eu te repito: infelizmente nunca sahirás immaculada...

«Que te contar dos meus momentos n'estas serras
«interminaveis....

«Escandaliso a gente pacata com o que elles cha-

«mam de minhas extravagancias... Hontem ás 10 horas da noite, atravessei á cavallo, campos floridos, que cheiravam á herva moida, á semente guardada.

«Aqui não se conhece o deleite da natureza.

«Os dias para elles são como pedras que se collocam sobre outras pedras.

«Perdão pelo que te digo, sê confiante, respeito-te.

«O meu amor

Paulo».

«Como vae a Senhora da Monotonia, ainda apaixonada pelo Mestre bem amado?»

Ao terminar Voleta chorava sem saber o que fazer para entrar esse amor formidavel, porém perigoso, vão, esteril, sem correspondencia, sem echo, que tanto a impressionava...

Ella o lançaria ao silencio, ao acaso, ás suas proprias potencias desorganisadoras...

O que a perturbava total em esse momento, o que lhe absorvia os pensamentos e a attenção, o que a tornava unisona, resistente, era a sua proxima ida ou não á Buenos-Ayres e a sua provavel separação de Roberto Annes: afflicta ao sabor de suas irresoluções, nutava angustia.

Assim os dias da Senhora Andreia, se escoavam incolores, insossos e a sua sensibilidade parecia repousar dentro de tampos de vidro, como se as suas reacções tivessem entibiado, perdido o fulgor, o inebriamento, o clangor festivo da Alegria doirada.

Voleta contaria a sua viagem a Roberto Annes, logo que a decidisse formalmente.

Gonçalo de Tuy ao defrontal-a, essa noite, disse-lhe meigo:

— Que significam essas sombras... vejo que anda preocupada.

— Uma tristeza aguda, polida, demasiadamente requintada me punge... Entende? — Nuvens pairavam-lhe na fronte, nos olhos,... mas a sua bôcca sorria ao fallar.

-- Que posso eu?

-- Infelizmente nada... Depende apenas do meu *euzinho*.

-- E ousa atenazar a um *euzinho* tão formoso e tão gracil?

-- Essa mesma pergunta dirijo a mim mesma e sempre sem resultado.

-- E' porque aprofunda a vida... frua a sublimidade dos minutos...

-- Ah, se me fosse possível -- e um longo suspiro escapou-lhe dos labios.

-- Existem pessoas que se desviam do soffrimento... Ha pouco tive noticias de um amigo meu do interior que enviuvou ha tres mezes... Pois bem já está noivo.

-- Mas esse senhor não sabe amar -- exclamou Voleta, espantada.

-- E' que poucos entretêm amôres posthumos, sobretudo em essas cidadezinhas aonde faltam diversões... O casamento para esses homens indolentes, vem a ser uma ribalta, uma originalidade, uma sala de baile, o whisk da meia-noite... -- e Tuy ria de um riso grosso, bulhento, entre as fumaradas de seu cachimbo inseparavel.

-- Compreendendo... E' apenas um entretenimento para matar o tempo -- ajuntou Voleta ironica.

-- Mais ou menos e note que se trata de gente bôa, modesta, de costumes morigerados -- concluiu elle.

— Não me tenta essa felicidade de aguas que descem... O gozo para mim consiste em a fome, em a ancia que promanam da nossa consciencia lucida e dos nossos instinctos despertos...

Gonçalo de Tuy extremeceu até aos ossos e pensou: como são insondaveis os seus nervos... ah, o infinito agita-lhe a seiva, a alma egregia.

— Não deixe de vir amanhã... talvez tenhamos a visita do medico eminente — accrescentou ella depois de um silencio: havia tres noites que o esperava.

Gonçalo de Tuy então teve certeza de que a tristeza da Senhora Andreia não derivava de Roberto Annes e regosijou-se porque a queria extremamente ditosa...

Em a manhã seguinte, emquanto Voleta fallava ao telephone com o seu bem amado, Pedro atravessou o corredor e como se demorasse pela vizinhança, ella voltou-se intempestiva e disse-lhe á guiza de explicação:

— E' Izabel Clarisse que está encantada com o «vernissage» do nosso «salon» — e retornando ao phone continuou:

— Meu Deus, quanta belleza!... Digo-te que agora vou dansar a minha alegria.

E em seus ouvidos se iam abatendo á semelhança de passaros esgorjados de hymnos, as phrases apaixonadas de Roberto:

— «Estou com ciumes da tua bôcca que tambem está enamorada de ti.

— «A minha alma clama pela efflorescencia de teus mysterios...

— «Fixei em ti a minha ascendencia.

— «Logo ter-me-ás ahí a adorar-te, a receber so'bre mim a tua radiosidade excelsa.»

Em o espirito de Pedro Andreia, porém, uma suspeita surgiu que supposição alguma conseguiria esclarecer: bem percebera que a physionomia de Voleta se empurpurára toda, tal qual um valle onde o sol entrasse de subito.

A Senhora Andreia n'essa tarde ao ensaiar a dansa, adeante dos espelhos, ficou totalmente satisfeita comsigo mesma: sentia-se tão alada, tão ductil, tão divinamente sinuosa...

E depois vestiu-se de sêdas leves, longas, envolventes, para receber a Roberto Annes.

Afim de se acalmar, velar a emoção extraordinária que lhe resumbrava em os gestos, em a physionomia, postou-se á saccada.

Adeante d'ella o arvoredado alagado de noite trevosa, hirto, se arripiava sobresaltado, receioso, erigido de pavores como se peregrinassem pela redondeza espectros de cousas idas, plangencias, insidias inominaveis; ao longe, em um canto do céu, reverbéros se concatenavam, se substituíam céleres, clarão á fugir de clarão, fuzil a perseguir fuzil, em uma insanía aterradora...

A Senhora Andreia assustada retirou-se e fechou as persianas; embora soubesse de Roberto Annes já em a bibliotheca, não quiz apparecer-lhe immediatamente: era-lhe mistér dirimir toda emoção externa.

Meia hora depois ao entrar, Pedro dizia emphatico:

— A luta tende a desaparecer para dar lugar a concordia...

Assim que o medico a avistou, foi-lhe ao encontro e beijou-lhe a mão.

Voleta sentou-se defronte d'elle; sua brancura de

magnolia enluarada ainda mais resplandecia n'esse ambiente meio escuro, de tons severos.

— Devemos encarar-a como um phenomeno provisorio — accrescentou Osborne.

— Oh, então teremos a terrivel pausa sem delimitação — exclamou Gonçalo de Tuy.

— A paz continua produziria torpor intellectual -- proferiu Voleta lentamente, dolentemente.

— Quando chegarmos a esse ponto ninguem mais trabalhará — acudiu Tuy zombeteiro, porém toda a sua attenção se voltava para os dous amorosos.

— Pelo que vejo será o *ricorsi* de Vico, a *Volta-eterna* de Nietzsche... Teremos de recommençar — disse o medico a descobrir em os cabellos d'ella a mesma densidade juvenil de seus olhos.

— Mas, não póde haver reversibilidade -- respondeu Osborne procurando prender os gestos fugidios da Senhora Andreia.

— Enquanto prevalecer a ambição, a rivalidade, ha de existir a dissensão — repartiu o medico.

Voleta em seu mutismo enviava a sua adoração á fronte ardente de Roberto, fronte de pensador, alta, larga, aberta, parecendo trazer entalhado o *ergo sum* de Descartes.

— Se destruímos os obstaculos, destruiremos o sabor do exito... da victoria.... — exclamou Gonçalo de Tuy enchendo o seu cachimbo.

— Esse lado tendencioso faz parte integrante da essencia da vida — atalhou Roberto Annes a tecer, em mente, com os labios, com os olhos, poemas silentes em os braços, em a garganta de Voleta.

O Poeta percebeu al de muito excessivo e suspirou.

— A solidariedade nos defenderá contra nós mesmos — retorquiu Pedro secco, abrindo a cigarreira.

— Mas a solidariedade como uma formula dynamica e não como desafio de grupo a grupo — ajuntou o medico acalorado.

— Perfeitamente, Doutor, que essa não invada a nossa liberdade — proferiu Voleta inteira adherida n'elle, qual sortilegio fatal.

— O mal, o vicio são imprescindiveis em a sociedade — affirmou Tuy magoado, soturno ao presentiu o amor tão perto e tão longinquo... Vampyro rapace, a quem não mais poderia offerter a sua alma de vate, esplendente e magnifica...

— Blasphemas... — e essa exclamação de Pedro cahiu entre elles como si fôra um petardo.

— Machiavel e as suas theorias são de outras eras — acudiu Osborne desdenhoso — O nosso ideal consiste justamente em cicatrizar imperfeições nocivas...

— Como exaltaremos a virtude, o bem, então? — inquiriu o medico.

— Pela propria virtude — respondeu Andreia metallico.

— Mas naturalmente ella deixaria logo de ser — redarguiu Roberto Annes a sorrir. O seu coração, o seu pensamento, as suas pulsações estacionavam aos pés de Voleta, sobre os seus joelhos finos...

— Vocês acabarão em um monismo detestavel — atalhou Gonçalo de Tuy.

— Não confunda, em uma confraternidade geral — exclamou Osborne.

— Eu amo a anarchia intellectual, o que é unico, particular, novo, de cada um — proferiu a Senhora Andreia, incendiada de expectativas extraordinarias.

— Essa anarchia constitue um dos agentes principaes do progresso — explicou o medico.

— Positivamente sou uma não conformista em

tudo — exclamou a Senhora Andreia em um riso largo, os dentes muito claros a lembrarem bogarys picados de orvalho.

Todos acharam graça, excepto Pedro que lhe lançou um olhar de viez, cheio de colera.

— Não sou um equalitario nem um santo, entretanto pratiquei um acto raro, talvez, virgem — disse Gonçalo de Tuy depois de um curto silencio:

— Dormi esta noite em um antigo sofá de coiro, porque emprestei a minha cama a um pobre diabo sem pão, sem tecto, fatigado, doente.

— Eis a verdadeira benemerencia... Ah, ninguém o faria! — exclamou Voleta ruidosa. — A minha homenagem — ajuntou erguendo-se em mesuras.

— Ensinamento digno de louvor — voltou o Senhor Andreia expressivo.

— As almas grandiosas se evidenciam de ordinario exquisitamente grandes — observou o medico usando de trocadilho.

— E' um bello dever... mas um dever de todos nós — repartiu Osborne, concentrado.

— Tiremos a noção moralista... o Senhor Tuy é um heróe...—

— Precisamos D. Voleta prestigiar esse acto. — acudiu Roberto Annes aturdido peia sua graça irrequiéta. um rythmo endiabrado de creança travessa a atava de ponta á ponta.

— Para que, se é uma cousa natural? — retruceu o internacionalista, crú...

— Ah, sim, em theoria, quando peroramos — atalhou pressurosa a Senhora Andreia.

— Os demagogos criam valores novos para serem executados pelos outros, pelo rebanho — rematou ironico Gonçalo de Tuy.

— Desde que separamos o facto do factor, frustamos o nosso intento — obtemperou severo Andreia.

— Um poeta... como premial-o? — Interrogou com muita sympathia o medico, dirigindo-se á Senhora Andreia.

— Flôres?... Charutos?... Não... Ah, já sei... Elle terá que acceitar.... Mandaremos editar o seu ultimo livro de versos em uma edição ultra-artística — exclamou Voleta, estillando viva alegria.

-- Magnifico — retrucou Roberto Annes. A um gesto de recusa de Gonçalo de Tuy — Ser-lhe-ia impossivel desistir... A ideia partiu de uma amiguinha querida...

— Que me resta ante tanta generosidade, senão render-me — exclamou commovido.

-- Perdão, devemos abolir a recompensa e ensinar que a virtude, o bem, são o usual e não um accidente que merece ser galardoado — tornou Osborne, didactico.

— Fallas, por convicção ou por habito de doutrinar? — inquiriu sarcastico o Poeta.

— Como convencil-o? — retorquiu Osborne meio desageitado.

— Ora, Tuy, o nosso amigo já traz irmanado a si os grandes ideaes. — accrescentou cheio de fé e confiança, Pedro Andreia.

— Agora Doutor vou mostrar-lhe os meus livros — disse Voleta cerimoniosa ao medico.

Os dous se encaminharam para o «studio».

— Muito romance? — indagou a rir.

— Ascenda mais...

— Oh, — E Roberto Annes não acabou: assim que transpoz a porta, beijou-a longamente, perdida mente.

— Que louca saudade — ciciou Voleta dentro da sua bôcca.

— Eu te havia de beijar hoje... — murmurou Roberto, os traços alterados. — Oh, que estou sedento de ti, da tua belleza... — abafava-lhe a voz, o desejo sobrehumano.

Em seguida escancarou a porta e a Senhora Andreia accendeu a luz que jorrou bravia por todos os vãos, por todas as físgas da sala, qual corymbo gigantesco, phantastico.

— Aqui está um «Grasset» — proferiu lassa, meio inclinada, tal qual um lyrio maltratado pela tormenta...

— Preciso da tua vizita.... vem ver-me. — rogava elle insistente, profundamente tenso.

— Tenho medo...

— Eu te garantirei de mim e de ti.

— Sim, irei — balbuciou tomada de espasmos cruciantes...

Ao passar-lhe outro livro, Voleta pegou-lhe na mão e baixou sobre ella o seu rosto a repetir entre beijos — meu amôr, meu amôr...

Essas palavras penetravam em o senso de Roberto Annes á feição de tenazes candentes.

— Fallaram, ha pouco, de uma viagem á Buenos-Ayres... Não irás com certeza? — inquiriu convulsivo.

— Não sei... talvez.

— Porque me feres?... Sô clemente — articulou suffocado de emoção.

— Mas eu te amo allucinadamente... Nada ainda está decidido... — e os seus traços se estiravam em rictus de dôr azoïnante...

— Ha a terceira volupia... a da cultura — ex-

clamou Roberto protocollarmente ao ouvir o tropel de alguém que se approximava.

— Vê, Senhor Tuy, o Doutor Roberto admira-se dos meus estudos. — A voz de Voleta se esvaecia.

— Realmente allia á subliméz da belleza, a da intelligencia — replicou o Poeta notando, em ambos, os gilvazes de uma paixão incontida, turbulenta: já não mais os deleitavam as plenitudes, os transbordos dos corações que rejubilam.

— Já sabe que vae deixar-nos? — disse Roberto, apontando-a.

— Talvez... não sei ao certo — repetiu Voleta: uma tristeza immensuravel se apoderava de todo o seu sôr.

— Que se vão a sós... Que nos não carreguem a nossa preciosidade... — exclamou Tuy incisivo. — Per Jove, não va... fique... siga um conselho amigo.

E o Poeta em o seu intimo comparava esses dous ássas chammas que crepitam, consomem-se ás escondidas, longe do vento, da luz, do estardalhaço da vida...

Roberto Annes chegára em casa perturbado em transe, sem se poder conformar com a proxima separação de Voleta e sobretudo com a sua ida, em companhia de pessoas que a hostilizavam e que se lhe patenteavam totalmente indifferentes.

Afastado da sua bem amada, que lhe seriam os dias, as horas, o trabalho, desatados do deslumbramento e dos imprevistos romanticos do seu espirito e das suas attitudes heilenas?...

Onde o estimulo violento a lhe suggerir de continuo: nimba-te de glorias, estuda, embebe-te em a sciencia por amôr ao amôr do teu Amôr?...

Ah, retoiçavam-se-lhe em as volições a immen-

sidade fulgurante de Voleta e a sua folia pelos Apogêos....

Ella lhe era a arte egregia, o lyrismo, o esto apollíneo em a aridez das suas labutas e da sua Missão taciturna de batalhador da Morte.

Em a solidão do seu escriptorio ao analysar a situação da Senhora Andreia e do marido, Roberto o fazia com imparcialidade, sobranceiro a todo o sentimento de interesse ou de egoismo. — «Ambos são naturezas incisivas, de commando... um não tolera o reflexo do outro... sómente um grande amôr conseguiria amoldar a alma patricia de Voleta... — raciocinava — Pedro Andreia é culto, não banal porém torturado por um sectarismo exagerado, quasi vezá-no... E' lastima que esses dous sêres superiores, aptos a todas as delicias da vida conjugal, se estiolem, ruam sob o antagonismo insuperavel de seus psychismos....

«Que energias serão essas que sollicitam de ambos o reverso do prazer, que lhes arrebatam a felicidade, a paz, o embevecimento, a paixão para substituil-as pela intolerancia, pelo infortunio, pelo indifferentismo?

«Não serão elles limpos de culpa, irresponsaveis pelos acontecimentos vindoiros, que o Destino lhes outorgará?

«Parece-me lobrigar em a impassibilidade estarrecida do Espaço, a tacteal-os, a experimental-os, a voracidade inexoravel d'essas Potencias mysteriosas, que para se manterem, se equilibrarem hão necessidade de produzir o mal, embora os seus intentos sejam infallivelmente illudidos, desviados, colmados pelo Bem...

«Que advirá de mim e d'ella? Que accidente

admiravel, o Destino prepara e requer da nossa união?—inquiria o medico ebrio de ebrizezes surprehendentes.

E Roberto Annes descobria em esses sopros da Vida, intervallados do bem e do mal, reminiscencias, atavismos, habitos da grande Vida, filha do Abalo formidavel, surgida da Ruptura de harmonias, e da Violação abrupta do silencio, e da ordem: ancia, desvaíramento do nada para se consubstanciar, ser corpo, instincto, alma, esplendor, dominação, realeza...

E era com impaciencia quasi com desespero que Roberto Annes aguardava o Prodigio sobrehumano que resultaria d'essa collisão do Determinismo cego com o Destino Providente....

E os seus olhares a prescrutarem o além, tentavam divizar ao longe entre os fusos ageis, reluzentes do Fado omnipotente, os fios aureos de que se compõem as horas irisadas, as horas roseas da humanidade.

«Que advirá de mim e d'ella de muito magnifico, de muito ingente? — repetia deslumbrado.

A Senhora Andreia abordada pelo marido dissera:

— Hoje á tarde eu te direi ao certo se vou ou não...

— Espero que te resolves pela affirmativa... farte-á bem a travessia do mar — respondeu amavel Pedro.

— Outras paysagens, outros céos — proferiu distrahida, mortalmente languida.

Depois de uma pequena e angustiosa hesitação:

— Eu desejaria que me auxiliasses.... sem a tua acquiescencia nada poderei fazer... de resto o renome que auferir tambem reverterá em ti...— Outra

pausa: — Se te não prejudica, eu queria que me cedesses uma pequena quantia do teu dinheiro — finalisou Pedro de repente, excessivamente embaraçado.

Encarando-o por segundos, Voleta retorquiu:

— Sim, poderás sacal-o do Banco — e retirou-se.

— Agradeço-te a generosidade. A tarde espero pela tua decisão — respondeu tilintando de jubilo.

Depois ao communicar á Osborne o succedido, accrescentou porém:

— E entretanto não lhe resta mais um ceiril, em o Banco... Mas tenho uma ideia....

-- Julgam-te ainda homem de grandes recursos.... — interrompeu-o o amigo.

— Levantarei um emprestimo de vinte contos...

— E' pouco... nunca menos de cincoenta... terás que concorrer com algum dinheiro para a caixa geral.... — atalhou o outro secco.

— Só então... hypothecando parte d'este prédio....

— Assim ser-te-á facil arranjar a quantia sufficiente — disse entre sorrisos Osborne.

-- Convém não contarmos á Voleta essa transacção...

— Ella logo diria: é uma felonía — ajuntou galhofeiro o internacionalista.

— Tenho em meu poder uma procuração para todos os effeitos — declarou Pedro a desdobrar varios officios de Associações que o elegiam o seu Delegado....

— Nada ha de extraordinario... João Huno já fez o mesmo que vaes fazer... e no emtanto é um consagrado...

Pedro Andreia teve um sorriso de agradecimento em ouvindo o seu nome ao lado de um de reputação

excelsa, entre seus correligionarios embora para a burguezia fosse tido como o benemerito do mal.

A Senhora Andreia se contorcionava em a sua irresolução do vae não vae: tinha certeza de que se ficasse, não mais seria ella mesma, lisa e eburnea apesar de trespassada pelas sete dôres... Mas tambem se apavorava ao pensar dos seus dias sem Roberto Annes, sem as suas palavras de amor, que lhe eram como as caryatides floridas da sua nostalgia immensa... o auspicio, a esperança fausta, radiosa da sua infelicidade e do seu desalento.

Nesses transe Voleta inteira clamava por uma authoridade mais vibrante, por um prestigio augusto, perfeito que a enrijasse, a soccorresse, lhe fixasse a vontade, lhe dissesse incisivo -- vae. E lembrou-se então de seu confessor, jesuita erudito e santo que a conhecia desde solteira.

Esguia, vestida de escuro, com o rosto a rair, á guisa de uma flôr de crystal, de mãos cruzadas, a Senhora Andreia ouvia attenta ao que o Ministro do Senhor lhe dizia:

— Minha filha, Deus disse: voltei e recobrareis a vida... Porque macular a tua alma, tiral-a de sob o olhar de Jesús para offertal-a ao desejo do homem?

-- Meu Pae, eu amo..

— Arranca de ti esse sentimento pernicioso e haverás a paz luminosa que é afinal a annunciação de que Christo jaz em ti.

— Mesmo sob a dôr... em angustias quero amal-o
— exclamou temerosa, agitada.

— Filha, o amôr, a vaidade, a paixão, tudo desaparece adeante de um cirio funebre -- e a sua voz se velava de sons lithurgicos.

— O meu soffrer surde justamente da minha pureza. — A voz de Voleta tremia...

— Ama a virtude com o mesmo zelo de Santa Catharina de Senna que chegava a beijar a terra onde os santos padres haviam pisado... e vencerás e Deus pensará em ti... Mas minha filha, o amôr que não repouisa em o Salvador prevarica, arrasta o peccado, é frivolo, é transitorio, esvae-se... A verdadeira felicidade está em Christo... — observava-lhe o confessor paternalmente.

— Para que assumir a mascara da perfeição, se dentro de mim só vejo a elle.... a seus olhares supplices.... — balbuciou a Senhora Andreia humilde, de cabeça baixa.

— A perfeição vem de vagar, a passos lentos, mas requer sollicitudes e vigilancias peculiares... Acompanha o teu marido... foge da tentação, tem a paciencia, a firmeza sublime de Maria... Imita-a.... não te rendas... Conserva-te sempre de pé, mesmo em as tuas mais lancinantes angustias, e Deus derramará sobre ti a sua misericordia, as suas graças infinitas...

E o Padre silenciou como que deixando acalmar em seu coração a ternura extrema que lhe inspirava essa mulher formosa, abatida pelo infortunio mas ardente e aguda como uma Jaculatoria...

Havia em Voleta uma inquietude de instinctos, uma especie de turbulencia mystica e exclamou:

— Juro-lhe que nunca peccarei, apesar de amal-o excessivamente... -- e duas lagrimas rolaram-lhe pela face.

— Eu te bemdigo e te louvo, minha filha e rezarei para que Jesus te fortifique, te haja sempre n'Elle e para que esse teu sentimento se transforme...

— Não, meu Pae -- e Voleta fremiu -- eu quero

amal-o sempre, eternamente assim, como o amo agora,... embora morra...

— Filha... isso já é um amor gentilício... Que Deus se amercêe da tua fraqueza e te esclareça... Maria Santissima se apiede de ti.... — Com o index' fez-lhe na fronte uma pequena cruz.

— Meu Pae, perdão... Prometto-lhe jamais cahir, nunca me tornar indigna do Senhor — e beijou-lhe a mão.

Ao vel-a sahir, elle, do mais profundo da sua alma, implorava a bondade de Deus para ella, cujo bem maximo consistia em a magnificencia de um peccado...

Logo que a Senhora Andreia, de retorno em casa, se livrara do chapéo, atirou-se assim mesmo vestida sobre o leito: havia a sensação de ter ao longo do seu eu, sobre a sua exaltação, açamos, diaphaneidades unctuosas, macias.... sombras, refrações, de outro sêr, estranho ao seu: uma doçura expressiva, uma tristeza cantante, maviosa, qualquer cousa de muito acerado, de muito distante pairava-lhe em os sentidos, em o cerebro: estava como esses lampadarios que queimam de manso, á surdina, o seu pavio, o seu azeite, a sua devoção, a sua infallibilidade.

Tirou-a d'essa apathia de blandicias innumeraeis, o telephone.

— Querida, já te toquei e não estavas... Dize-me que ha?... Bane de mim essa duvida torturante...

— Sê a minha força... Não fraquêes... Eu vou — e a voz de Voleta sumia-se em a garganta.

— Será possível? Ah, tu me martyrisas...

— Poupa-me a tua dôr... Não vês que succumbirei.... — e um grande soluço abafava-lhe as palavras.

— Ouve, eu te amo desordenadamente... e é por isso que te reclamo... — Os musculos de Roberto tinham espasmos allucinantes...

— Mas se vivo em teu sêr, se sou tua, se somos duas eternidades vinculadas uma na outra...

— Ah, sem ti, fugirei da vida... — e a voz de Roberto era uma ameaça....

— Tu me has em o teu sangue, em as tuas veias porém fulgida de immaculabilidade — e as palavras de Voleta se entranhavam de paixão....

— Será enfim, o que quizeres... Mas vem a mim antes da tua partida.... Vem que eu saberei te garantir de mim e de ti — repetia elle a phrase que era o certificado, a garantia, a honra da sua honra.

— Sim, irei...

— Beijo-te, beijo-te com a minha razão e a minha inconsequencia por ti...

A Senhora Andreia n'essa tarde jantou sósinha; agora que decidira a sua viagem, se achava ajustada, estreitada dentro de uma só dôr contumaz, te-rebrante....

Pela volta das oito horas requisitaram-na de novo ao telephone, com urgencia: uma amiga que lhe desejava fallar immediatamente...

Mal Voleta tomou o phone e Izabel Clarisse a abordou desvairada:

— Pelo amôr de Deus salva-me... Meu marido acaba de descobrir as cartas de Ernesto de Oliveira que traziam o teu nome como disfarce... e afim de evitar uma tragedia tive que mentir, que lhe confessar que eram tuas... E elle já sahiu para te entregalas... Pelo amôr de Deus confirma... E's livre, não tens filhos... Ah, salva-me...

Essas palavras zurziam os ouvidos de Voleta ao

geito de lategos, traziam pedaços de entranhas, de filamentos osseos, revelavam o rugido, o supplicio de uma destruição...

— Sim, eu te salvarei... Socega... Adeus.

E offegante a Senhora Andreia desligou: a campainha da entrada retinia vivamente.

Daniel Ribeiro ao ser conduzido para o grande salão encontrou a Senhora Andreia a dedilhar em o piano um trecho de Wagner, severo, inhumano, prodigioso, tal qual relatasse os processos dos deoses, ao elaborarem ou polirem os proprios deoses.

Erecto, solemne, recusando-se sentar, disse:

— Senhora, é por demais fastidiosa a tarefa que aqui me traz...

Voleta a fingir surpresa, silenciou.

— Se não fosse a minha generosidade...

— Mas a que se refere? Não comprehendo...

— e as suas sobranceiras se arquearam.

— Quem fareja perigos está sempre prestes a rolar. — Um sorriso de remoque cortou-lhe a dureza, a ferocidade do rosto.

— Queira explicar-se... — Ella o fitava immovel, de pé, estratificada de altivez e de colera.

— Encontrei em o poder de Izabel essas cartas de amor que lhe pertencem. — Vendo que ella não as vinha receber as depoz sobre uma mesa proxima.

Obrigada — respondeu Voleta cheia de entono, tirando de sua dignidade offendida, influxos poderosos, que a tornavam rija, impavida, fulminante de soberbia e intrepidez...

— Lastimo que seja com um homem fatuo, gasto... — e não ousou continuar.

A Senhora Andreia dardejou-lhe um olhar de

reprimendas terríveis, um olhar onde se alternavam, sarcasmos e raivas indomáveis.

— Sinto comunicar-lhe que não mais será recebida em a casa da Senhora Daniel Ribeiro.... — e retirou-se.

Voleta creu ter adiante de si o Pontífice de sete raios, o monstruoso sacrificador das divindades.

Em seus nervos que se encolhiam desconexos, em seus traços ao viez, em as lágrimas abundantes que derramava, em a prostração cruenta que a quebrantava, em as olheiras que lhe ennegreciam as pupilas, Voleta patenteava o soffrimento, a humilhação, a vergonha atroz, irremediável, invencível que lhe trucidava as carnes e a alma por se haver posto de escudo para a amiga.

Como lhe doia, como a atormentava o merecer sem merecer, o carregar sobre a sua magnificencia, o seu heroismo scintillante, epithetos venaes, vulgaridades aleivosas...

Sentia calar-lhe até as penetraes do senso, o azinhavre corrosivo d'esse estygma que, embora falso e injusto, permanecia entretanto lucido, e como verdadeiro em o conceito de um homem.

E ella que sempre angustava ser para si e para a vida, a mulher maravilhosa, que se não dá, a virgem virginea dos rubores do Hymeneu!...

— E' o apogêo da minha caridade... Senhor, emprestae-me forças... ungi-me com o vosso santo olhar — suspirava a Senhora Andreia agoniada.

Mas cumpria-lhe espairer, reagir, reanimar-se, desfavelar da consciencia essa supposição iniqua, encarnar com amor, endeosar mesmo essa simulação que mais a achegava ao seu Deus e fazia derivar-lhe de todos os compartimentos do sêr, uma ebriez transcen-

dente, uma tilintação aurea, um arroubo, um impeto branco, o extase fulgurante das acções magnanimas... Ella inteira se dilatava, se multiplicava em mordendo o coração augusto, o coração magnifico do Sacrificio sobrehumano.

Dias depois recebia de Izabel Clarisse o seguinte cartão:

«Ignoro se agiste para commigo como mãe ou irmã; sei apenas que te admiro e te louvo, e te agradeço, a nobreza, a generosidade, o carinho extremo.

«Acredita na amizade e no reconhecimento immorredouro da tua infeliz amiga, que te beija de joelhos.

Iza.»

Pedro Andreia, que viera de realizar a transacção almejada, exultava:

— Olha, Voleta, muito me regosija a tua decisão... Embarcaremos n'estes poucos dias.

— Terás que comprar mais uma passagem para Fräulein Memmel, que acquiesceu ir connosco... Ella fir-me-á companhia...

— E' uma bella ideia... Essas velhas professoras são excellentes «touristas» ...De mais á mais terei um trabalho insano — concluiu cheio de si.

— Esses Congressos, geralmente, são por demais fatigantes — proferiu, distrahida.

— Este, por exemplo, será ruidoso e de alta relevancia social — retorquiu Pedro solemne a revêr umas laudas.

Afflorou os labios de Voleta um sorriso de ironia, pois sabia da esterilidade de taes reuniões.

— Mas afinal, tu ainda me não contaste da tua these?

— Oh, versará sobre «O radicalismo como base do triumpho» — respondeu com certo orgulho.

— Isso é o disfarce de uma tyrannia — articulou Voleta acre.

— Que nos importam os meios quando visamos alcançar a victória — exclamou Pedro hilariante e emphatico.

A Senhora Andreia nada respondeu, porém, percebeu claramente a actuação invasiva de Osborne no animo do marido.

Forte rubor lhe subio a face; confrangia-se de pezar, em descobrindo que Pedro, insciamente acobertado por um dogmatismo excessivo, relaxava o caracter, a sua integridade moral.

— Meu Deus, como é pênosa a vida — murmurou profundamente triste.

A' tarde, ao acariciar as primeiras violetas da Primavera, que lhe enviara Roberto Annes, dizia infinitamente languida, a Gonçalo de Tuy:

— Deixo nas mãos do Poeta a minha nostalgia... Quero que a cante em rimas esguias, em rimas sombrias e em luz... Ouvio?

— Direi que é viva e ardente e infinitamente sinuosa.

— E avida como uma bôcca que tem fome — accrescentou ella dolente.

— Que ordena ao Vate durante a sua ausencia? — inquiriu, impaciente.

— Oh, adorar-me por certo — replicou Voleta sorrindo.

— Na verdade deixa corações a sangrarem.

— Não posso quebrar o rythmo que me go-

verna e que preside á minha consciencia e ás minhas acções — suspirou, perturbada.

— Como a sua alma é violenta e deliciosamente exclusiva — exclamou Tuy com vehemencia.

— E inoportunamente actual — balbuciou merencoria.

— Oh, que a bemdigo, oh, que a bemdigo... E' a Unica, a Egregia. — Tuy abaixou-se e beijou-lhe reverente a fimbria da saia.

— E' a devoção silente que prestamos aos mortos, e aos santos... E eu ainda vivo e ainda não estou isenta — proferiu Voleta tomada de forte vontade de chorar. Ah, como lhe acutilava o coração, a mente o açamar, o represar a sua paixão maravilhosa, o doirar os seus instinctos sedentos...

Ella ergueu-se e escancarando as janellas exclamou abrupta:

— Eu quizera tanto vêr o arvoredado, vêr bastantes arvores juntas, enroladas de escuridão. A vista d'estas casas já me fatiga... Se fizéssemos uma volta de automovel? — A Senhora Andreia anciava ausentar-se de si, do seu soffrer, da sua angustia, da sua folia...

— Como não? Lá pelos lados do Jardim Botânico... existem verdadeiras florestas — ajuntou o Poeta pressuroso.

Minutos após em um elegante phaeton americano, ambos silenciosos, batidos de vento, ganhavam o espaço.

Essa velocidade que tambem se communicava ao intimo de Voleta, lhe proporcionava a vacuidade: ella não era ella, porém, uma sensibilidade em movimento accelerado, a receber a impressão repentina, os flagrantos agudos, a vertigem do ambiente em instabilidade continua. Afigurava-se-lhe ser uma sequencia de sen-

sações desordenadamente variegadas e leves... sempre a ultima visão...

Gonçalo de Tuy ao seu lado, olhando-a, a comparava á uma orchidéa regia dentro de um jardim abandonado; ella apresentava em a sua dolencia indefinida, arestas, laivos de insurreições, tenacidades sequiosas de rupturas.

Ao enfrentarem o Jardim Botanico, o ar cheirava tanto quanto um lenço de mulher: esse perfume espesso de folhagem verde, de chlorophylla moça, ardega, abraçada de escuridões, lhe suscitava uma delicia sagrada...

Voletá fez afrouxar a marcha do automovel e poz-se a reparar em a soffreguidão, em a lascivia, em a avareza com que a Noite, esponjosa, molle, laxa, açambarcava todo o espaço...

Os troncos roliços, claros, muito brunidos, davam-lhe a ideia de veias, de arterias, atravez das quaes corresse o sangue fecundo da Terra e da Vida estuosa...

Voleta fremia e offegava ao acolher sobre a garganta núa, sobre os cílios, as narinas, essas mensagens turbulentas, esses effluvios agrestes, atordoantes de vegetal encharcado de Primavera.

Do outro lado uma tira brilhante do Atlantico apertava o horizonte ao geito de um annel de nupcias...

De tudo ao redor ressumbrava amôr, festim, romantismo, atencas promissoras... dir-se-ia errarem em o espaço clauso, o esto do Guerreiro Branco, o langor de Iracema, os corações soluçantes das Virgens...

As magôas, os sonhos, as saudades que a affligiam, tombavam, diluiam-se, deixavam-na desnuda, radiosa de Paixão e de Deslumbramento.

— Ah, que a noite perturba... Como eu soffro, como eu soffro — repetia, as mãos sobre o peito.

— E' o momento perfido... E' o momento sublimado — disse manso Tuy a observá-la.

Voleta crepitava como um pensamento incasto.

— Conseguimos viver contra a natureza... mas não logramos gosá-la — ajuntou elle.

— Eu a goso vencendo-a, subjugando-a, dominando-a... Entende? — E inculcava a cada vocabulo a sua força potencial, o seu conteúdo integral.

— Perdão, perdão para um pobre coitado que desconhece as fidalguias de uma sensibilidade singular, divina... — replicou Tuy humilde.

— Eu adoro a vontade rija, a vontade que decompõe os nossos nervos... Eu quizerá ter a alma immune dos deoses — murmurou a Senhora Andreia attenuando, amenizando inquietações secretas.

Ao descer do automovel, proferiu, nostalgica, ao amigo de tantos annos:

— Não me abandone... Espero vel-o diariamente...

Após o jantar ao beijar Mimi que ia dormir, Voleta dizia profundamente commovida á Mãe da pequena que viera a chamá-la, receber ordens:

— Você lembre-se de que Mimi é como filha minha...

— Não ha duvida, terei todo o cuidado.

— Ella come a horas certas e quando não chove passeia na praia...

— E' por isso que já anda com uns ares de menina rica... Lá em casa não quer mais brincar com as creanças da vizinhança, nem beber agua em caneca. — concluiu a mãe contente, orgulhosa.

Voleta sorriu.

— Ficando aqui ella não estranhará...

— E' bem melhor, por causa dos luxos que já tem e que aborrecem aos outros...

— Se quizer poderá também trazer todos os seus filhos.

— Ah, Dona Voleta que bondade, será uma festa...

— E também um descanso para você...

— Oh, umas fériasinhas sem a gente esperar... é um céu... Obrigada. — exclamou a bôa Estephania limpando os olhos.

E a Senhora Andreia abraçada com Mimi lhe murmurava ao ouvido:

— Depois Mimi vae para o collegio...

— *Estudd?*

— Sim, para lêr para Dindinha.

— O *livo* do Sapo?

— Do Sapo? — E Voleta ria-se.

— Que come as *quianças*... — respondeu escondendo a carinha no hombro da madrinha.

— Você já sabe que Dindinha vae no vapor?

— E' *mentita*.

— Buscar uma carrocinha, um cavallinho, um cãesinho...

— Que *faze* au, au?

— E que corre... que come o sapo.

Depois de uma pequena pausa Mimi saltou-lhe ao peço exclamando:

— Dindinha é bôa, é *binita*.

Na tarde immediata ella telephonou para Roberto:

— Querido, amanhã ás quatro horas estarei ahí... Enrolo-te em meus cabellos perfumados e quentes como uma pyra de incenso... Sabes? atam-me os pulsos

duas joias asiaticas, duas esmeraldas ainda intactas, os teus olhos, verdes como as folhas dos abieiros...

E Voleta largou o phone: sombras esgalgas surgiam em o outro lado: eram Pedro e Osborne que avancavam passo a passo.

— A sua presença quebrará a monotonia taciturna da nossa viagem — disse Osborne affavel, detendo-se.

— O mar me attrahirá total — proferiu decisiva, afim de afugentar desde já toda e qualquer aproximação.

— Talvez... Mas a fascinação que a acompanha chegará até a mim — accrescentou elle sorridente olhando-a do pé a cabeça e notando como a desordem de seus cabellos que o calor ainda mais arripiava e a esvelteza agil de seus membros sob o amplo roupão fino, azulado, lhe emprestavam encantos e morbidez de estatua e de gente.

Depois de um curto silencio, proseguiu alácere:

— Em Buenos-Ayres mostrar-lhe-ei os lindos recantos da cidade.

— Não terá esse incommodo, levo Fraulein Memmel justamente para não molestal-os.

— Fraülein Memmel? — repetiu elle — uma senhora que faz traducções?

— Essa mesma... — informou Voleta.

— E' uma mulher muito zangada — retrucou embaraçado, ambiguo.

— Ao contrario... é risonha, communicativa — exclamou vivaz.

Osborne com um sacudir de hombros se afastou: elle ainda bem se recordava da furia d'essa allemã por causa de um beijo que, quinze annos antes, ten-

tára dar-lhe em a nuca rosea, ombreada pelo oiro de cabellos sedosos....

Mais tarde porém reconciliaram-se, embora apelas se tolerassem.

— Por vezes temo que não seja eu o teu primeiro amor — balbuciou Roberto Annes, cingindo-a com os braços.

— Apenas tenho em mim, os olhares dos homens, as suas volições, os seus desejos mortos... Vês, as minhas mãos são virgens e nunca fui profanada.

E Roberto com a bôcca em a bôcca de Voleta ciciava:

— Mesmo a ancia de beijos emmudecidos não quero que resvale pelo teu corpo... Entendes?

E os dedos esfusiados d'ella se enfiavam febris, exclusivos pelos seus cabellos negros, lisos.

— Eu sou o teu pedaço de chão... só recebo a sombra que vem de ti — e em todas as suas molleculas reverberava, tangia o perfil do seu bem amado.

A desabotoar a capa de jersey negro que a encobria total, Roberto retorquio-lhe insoffrido:

— E no emtanto ainda não és minha, realmente... não me conformo...

— E' o infinito que o meu amor te offerece com a sua lia e a sua espuma — a voz d'ella era envolvente, macia.

— Tu conseguiste fazer-me conhecer a orgia da Dôr — accrescentou elle profundamente triste.

— Eu te creei de novo com o meu amor, eu te remodelei com a minha plenitude e com a tragedia estranha que me hostiliza os instinctos... — exclamou a depôr-lhe em as palpebras, caricias vezanas...

— Ah, se soubesses das incoherencias que me agitam o sangue, para te cunhar em mim, amorosa, minha immortal — e da bôcca de Roberto se desprendiam bafagens calidas de seiva em se produzindo...

— Como me orgulho, Roberto, de ser o exito turbulento, implacavel do teu amôr — redarguiu lenta, os labios estirados tal qual uma rosa que o vento despetalasse a meio.

— Céos que differença! Ah, pudesse eu dobrar-te, torcer-te, distender-te, haver-te morta em mim... — E n'um gesto impaciente, elle passava e repassava as mãos pelos cabellos, repuxando os olhos desmesuradamente.

Afigurava-se á Voleta que a paixão, o desespero d'elle se desaggregava, e se evidenciava uno, visível, palpavel..

N'esse instante a capa escorregou-lhe dos hombros, desvendando o espiendor dos seus braços e do seu collo nú; apertava-lhe os membros uma tunica de opalas innumeraveis.

Roberto Annes ao olhal-a imaginava ter adefronte de si uma canephora de Polycleto: sob o luôr das pedrarias, musselinas transparentes, de nuanças amortecidas se sobrepunham umas ás outras, velando-a castamente.

Ao deparar com o olhar attonito de Roberto, Voleta explicou:

— Preparei-te uma surpresa... Vou dansar-te um poema «A Paixão de uma Nuvem» -- Os braços seus penderam.

— Espera, então... — E Roberto Annes apanhou de todos os vasos, as rosas lividas que ella tanto amava e espalhou-as sem caule, pelo tapete: as suas

arterias, os seus olhos se toldavam de sombras candentes, apenas distinguia massas confusas...

A Senhora Andreia percebeu-lhe o abalo, a agitação infrême; também temia sossobrar em a fogueira que ateava: estava á semelhança d'aquelles heróes que se atiravam ao mar dentro de tumulos em flammás, preparados davante pelo seu proprio heroismo...

— Oh, se tivesses uma lampada -- gaguejou sem olhai-o.

— Uma lampada? — inquiriu elle surprehendido.

— Sim, uma d'essas de reflector....

— A da minha mesa de trabalho então, te servirá.
— Roberto sahio atordoadó, em busca da lampada, cuja luz ia amal-a, ia beijal-a loucamente, desvairadamente como desejaria amal-a e beijal-a.

Ah, como lhe doiam os tendões e como lhe fazia mal a vertigem de seus pensamentos.

Depois de tudo prompto, Roberto Annes se sentou a pequena distancia; toda a sua attenção se perdia em as sinuosidades maravilhosas do corpo esguio de Voleta que, a cada meneio mudava de feição, evocando ora um symbolo, ora tomando uma significação nova, inedita... Por vezes, parecia que azas vermelhas de chymeras enfurecidas a rodeavam, ou então, que braços racimosos, em braza, a cingiam, abruptos...

E assim de vuez, entre sombras obliquas, com um listão de fogo a zurzir-lhe o dorso, Voleta lhe apparentava ser a fanfarra do Desejo dementado...

E quando de mãos reviradas para o alto, os pés trançados, a gyrar, com as ourelas da tunica incendiadas, Roberto cria descobrir n'ella, humanada, a volupia ardente dos amôres embridados...

E ao simular a angustia da Nuvem pelo Vento que tardava, Voleta tensa, adelgaçada, escorregadia, lembrava-lhe a Princeza Tii apertada em as suas malhas de mil scintillações.

De repente ella toda se transformou... agora era a amante que vinha aligera, florida de luz, em delirios, aprisionada de fulgurações innumeraveis entregar-se ao Amante, a Phebo glorioso... E Roberto convulsivo, arribatado, se fusionava em mente áquelle corpo fragil, de tuberosa, de amphora de Myrrhina que descia, se estirava, se alongava, estremecia em espasmos finaes.

Era com paixão, com ardor que imitava a morte da Nuvem possuida de sol, penetrada de sol, rarefeita, extincta, esgarçada, absorvida pelo abraço fatal, exterminador.

De um impeto Roberto Annes foi-lhe ao encontro e de joelhos encurvados, debruçado, segurava-lhe a linda cabeça: Voleta de olhos fechados, pallida e branca sob a chorea inarticulada das opalas assanhadas de irradiações, offegava.

— Que maravilha! Que maravilha! oh, meu amôr tu me enlouqueces — segredava-lhe o medico a beijar-lhe as palpebras, a bocca, a fronte, as orelhas... a sorvel-a total com os olhos, com a vontade, com as mãos, com as arterias allucinadas...

— Tu nunca mais me esquecerás, dize — e Voleta levantou-se, apoiada n'elle, rente a elle, ajogada n'elle tal qual um principio e um fim...

— Esquecer-te? Mas como, se não mais sou, se renasci em ti — dizia-lhe Roberto Annes arquejando, os labios sumidos em seus cabellos.

— Ficarei sempre, a tua flammazinha movediça — exclamou estarecida, os olhos vidrados.

—...a minha volição unica, derradeira, a mulher

que me encantou — accrescentou elle com uma ternura indizível, a acaricial-a de leve, receioso de machucal-a com o fragor da sua paixão violenta, irrepremissível: de toda a sua pessoa esfuzilava uma ancia imperiosa para sequencias immensuraveis e renovadoras... uma irrupção de iniciativas, de forças, de direitos em luta por largarem a sua forma larvar e participar do movimento da vida que é e virá a ser...

Por amôr ao seu amôr detinha-se, era um estacionário, o elemento estatico em o mechanismo universal.

— Roberto, fico-me em o teu coração na tua palpação — murmurava Voleta em o seu ouvido.

— Tu me crestaste... o meu vicio é o teu vicio... Ah, como te desejo minha, só minha, solta de todos os élos... minha perante a humanidade e dentro do meu segredo, minha pelo embate, minha mesmo como premio de uma maldição... — Enfiava-lhe o rosto uma pallidez excessiva; pareceu a Senhora Andreia que o roxo escuro da gravata lhe turbava o verde dos olhos...

— Eu te escreverei diariamente... eu te direi de ti porque eu sou tu — murmurou ella mãos com mãos, olhos com olhos.

— Aquí tens qualquer cousa meu, que te lembrará de minha dominação. — Roberto tirou do bolso duas allianças largas, de heras entrelaçadas com os seguintes dizeres gravados em o interior — *En vous ma vie, en vous ma mort.*—

Depois de as haverem beijado, um passou no dedo do outro, a que lhe era destinada, repetindo ambos a phrase acima, á guisa de voto, de jura, de sentença eterna.

— Como o esposo e a esposa — murmurou Voleta em extases.

— Ainda não és a minha esposa — moveu apenas com os lábios Roberto Annes.

— Sim, eu sou a tua esposa — accentuou erma de toda reflexão, pulsando inteira em essa phrase.

— Não, ainda não o és — e os lábios gelidos de Roberto se immobilisaram em a bôcca de Voleta que se descerrava como as azáleas para a volupia dos escaravelhos.

— Ai, ai — gemia qual morta viva em os seus braços, assaltada de ebriezes pungentes, dilacerantes.

O medico desvairado hesitava livido, a tremer: rugia-lhe em o sangue, em o espirito, com esgares satanicos, desmesurados, o prestigio tenebroso, unico da oportunidade que se apresenta e que já se vae...

Mas sómente por segundos, vacillou: a sua consciencia transcendental, integral, clarividente se oppoz immediatamente a que se tornasse um prevaricador vulgar, um ente medular...

— Espera... vaes cahir... eu nada te farei.... Sê confiante — exclamou, os traços desfeitos, a voz cava, em a sentindo collear entre as suas mãos, ao geito de serpe assustada, fugente...

— Amo-te de mais... Eu quero morrer — dizia Voleta a cara rente á cara d'elle, a soluçar.

— Não penses na morte... A morte é uma negação... e nós temos que ascender, que nos saciar de luz, que affirmar a nossa vida em mysterios surprehendedes. O Destino te deu a mim para qualquer cousa de admiravel que lhe falta ainda e de que necessita... Entendes?... — A maneira convincente com que Ro-

berto fallava enchia-a de animo e de enthusiasmos juvenis.

— Fado bemfazejo, a vossa protecção.... Eu sei a vossa louçania, o vosso arpejo, o gesto alado, dansante da vossa abundancia magnifica — proferiu ella sorrindo, em forma de prece.

Ambos se riram e por instantes se quedaram silenciosos; unidos, um contra o outro, a passarem um ao outro a sua demencia, a sua vezania, a sua vontade indomita...

Pela janella aberta vinham-lhes, a bençã das flôres e o riso do céo e as litánias amorosas do mar encimado de tuberosas e de jasmins.

— Meu Deus! Já são horas de te deixar — exclamou Voleta, erguendo-se.

— De hoje a vinte dias eu te verei aqui, porém, com al de estranho, de não teu, a te doirar os lindos gestos — proferiu melancolico o medico.

— Eu te trarei a bafagem epica do sul, o fulgor de tudo o que vir — disse a gracejar e a lacrimejar.

— Escreve-me sempre, que não vivo sem ti — exclamou decisivo a apertal-a contra si.

— Quero ver-te amanhã — balbuciou Voleta fascinada em os olhos d'elle.

— De passagem... na Avenida — pronunciou Roberto Annes entre dentes, beijando-lhe os cilios, a bocca, as faces.

— E's meu, és meu.... Eu sempre em tí....

— Teu na vida e na morte, incessantemente... Teu em triumpho — ajuntou beijando-a longamente, detidamente, illuminado d'ella.

Ao sahir, na porta, a Senhora Andreia parou estontada: la em baixo, na arcia, fileiras de roseirae

bailavam sobre a fimbria azul da agua nutante e sobre a sua cabeça, como se estivessem em conflicto com as trevas que se avizinhavam, aves nocturnas desertavam dos seus esconderijos e se despejavam pelo espaço, á semelhança de almas escurraçadas, de balas assoviantes, de presagios bastardos... Voleta extremeceu e medrosa aconchegou-se mais á capa.

VIII CAPITULO

«L'amour, c'est un désespoir résigné.»

M. de Unamuno.

A' prôa de um elegante transatlantico italiano, entre charpas ondulantes, Voleta recebia em a fronte o beijo do vento nubil, casto, oriundo do Mar e do Ether...

Seus olhos, pör segundos, se velaram de lagrimas... Ella deixava atraz de si a sua Patria bemdicta: Terra de exaltações e de lyrismos soberbos... Cortezã do Atlantico e dos Ventos do Sudoeste... Portico de oiro da America... Cofre de flammæ e de aromas... Cantico immenso de Vida nova, e forte... Sonho festivo... Alegria, Pean dos deoses e da Immortalidade...

Estendendo as mãos, ao geito de flechas luzidias, murmurou: «Oh, mar de ancias imperiaes, dá-me a vontade inexoravel dos guerreiros que jazem em a tua voragem... Passa á minha essencia, as suas volições barbaras, incomprehendidas... Faze que eu seja a theorba de uma só volupia, de um só fremito, o amor do meu Amôr...»

E os seus olhares paráram em o sol, que tomava, saudoso e terno e vezano como um olho hu-

mano: todo o horizonte era telas de purpura, terrassos sangrentos onde abelhas de oiro se immobilisavam...

Oh, as saudades pungentes, eculeas, vorazes que se lhe acutilavam as visceras, a razão, o seu eu sublimado d'Elle...

«Roberto meu» — dizia ás ondas insoffridas, em embates ardentes, na sua tarefa incessante de amarem e ser amadas...

«Roberto meu» — segredava ao seu silencio resonante como uma cisterna de agua viva...

«Roberto meu» — ciciava á nostalgia sensual que unificava o mar, o céu e as velas pandas que passavam....»

A' bordo todos a conheciam sem saber quem era.

A sua silhueta esguia, flexuosa, o seu typo classico, de eurythmias estonteantes e a vivacidade alacre de seus gestos attrahiam a attenção, a curiosidade dos passageiros.

— Não é brasileira, é por demais branca — ouvia Voleta de passagem, em varios idiomas.

A' noite, a sua recusa insistente para dansar, os seus decotes, as suas perolas e os seus olhos immensos e reluzentes a lhe emprestarem qualquer cousa de idolo, de asiatico, perturbava atrozmente os homens...

Depois as cartas enormes que escrevia de um só jacto, tensa, nervosa, os labios contrahidos... e depois as violetas duplas que lhe cingiam a cintura desde manhã cedo e que por vezes cheirava com as narinas a baterem...

E elles pensavam: — «não é uma mulher commum, é formosa e original.»

A principio, Voleta extranhava esse reboço de mil sons, esse cosmopolitismo de maneiras e de typos, trahindo cada um os habitos, os costumes da sua nacionalidade e da classe a que pertenciam: adolescentes viviam aos beijos com ephebos, talvez por amor á juventude ou á vida forte, que a luz estardalhante dos tropicos suscitava... bôccas rubras, plenas de impudicias e de fumo se escancaravam ruidosas, bulhentas para os olhares famelicos, longos, de senhores enigmaticos ante um *Whisky* ou um *Kümmel*.

E notava como essa familiaridade, essa camaradagem prejudica, empana a vaidade, o orgulho da mulher, diminuindo em o homem, a admiração, o interesse, a gentileza, a sollicitude que ella infallivelmente n'elle provoca quando encobre a sua alma, o seu corpo, a sua tragedia intima com os véos irisados das attitudes apollíneas.

Porque não apraz ao homem o achar com facilidade, sem trabalhos, sem esforços aquillo que deseja... Elle ama a luta, a difficuldade, o impossivel, o que presente, suppõe, imagina, não sabe ao certo... o que é surpresa, novidade, ineditismo, a muralha de fogo contra a qual se esbarram, em vão, as suas tentativas de conquistador.

E' o atavismo que ainda age em seus musculos, essa vitalidade brutal que lhe estimulava outr'ora a energia, fazendo-o dono absoluto de si, da féra, da natureza indomita e da mulher inbelle...

No meio d'esse intercambio de licenciosidades e de erotismos silentes, esconsos, a Senhora Andreia se fechava em si, vivia de seu romance rutilo, do seu amor divino e violento.... — «Ah, se adivinhassem os deslumbamentos que latejam em mim... — costumava pensar ao olhar essa turba alanceada de intemperanças...

«Roberto meu

«Quem te escreve não sou eu, porém tu mesmo
«diluido em mim, a acção da minha acção, o esto,
«a magia, o encantamento da minha alma aprisionada
«em ti...

«Meu amigo, que te dizer das violetas que me en-
«viaste e que encontrei sobre o leito em hymnarios
«de loucas saudades...

«Beijei-as com estridor, com paixão, com ciúme,
«com egoismo feroz.... ellas eram o teu desvario, a
«tua fidelidade, a tua renitencia, o teu adeus radioso
«á minha belleza, ao meu amor...

«E ainda agora, quando allucinada te busco e
«cerco os horizontes a indagar de ti, volto pressu-
«rosa á minha «cabine» e n'ellas mergulho os olhos, a
«cara, os cabellos avidos de ti... E assim vivo em ti
«e fóra de ti... totalmente murada pelas transparencias
«glaucas das tuas pupillas e por essas sombras que
«andam ao redor da tua fronte e dos teus labios,
«sombras sybillinas que me atenazam, e me perturbam
«sem que as possa decifrar.

«Ah, se soubesses de todos os esplendores, de
«todas as potencias, de toda a sumptuosidade. que
«o teu amor gerou em mim...

«Por vezes surprehendo-me a dizer: eu sou a
«amorosa do Destino... o Sceptro de uma omnipoten-
«cia.... Mas quando, meu amigo, penso ser um rictus
«de Dionysios logo me suggere essa força purificadora
«que nunca me abandona — és a mulher que recebeu
«o olhar de Jesus...

«Eu te amo sempre na morte e na vida.

Violeta».

— Tenho a impressão de que nos vigiam — disse Pedro inopinadamente á sua mulher; elle acabava de vir da 2.ª classe onde passava quasi o dia todo com os companheiros de outros paizes.

— Para a America não se dão a esse trabalho... — replicou ironica.

— Creio haver secretas argentinos a bordo... — accrescentou Pedro com reserva.

— Defendem-se, resguardam os seus direitos, nada de mais natural — disse Voleta simples.

— Mas são uns tolos... já é tempo de darmos novos sentidos, novas medidas ás palavras... — accrescentou Pedro, com desdem.

— Garanto-te que estamos muito contentes com os valores que já lhe são peculiares — redarguiu Voleta em alens doirados.

— Segue aqui um discipulo de Lerroux, de uma intelligencia assombrosa e depois capaz de tudo... — exclamou Pedro entusiasmado.

— Que os bons numes nos livrem de tão funesta vizinhança....

— E' um heróe que perdeu tres dedos ao dynamitar uma ponte — respondeu cheio de admiração.

— O socialismo para muitos não será porventura um refugio, um estratagemma para depredarem com diuidade? — interrogou, entrando em a cabine.

— Como ousas repetir tal vilania?

— Faço o que fazes... empresto outro sentido ao que é da rotina. — accrescentou muito calma.

— Porque zombar de homens de fé, de crenças... gente inocua, sincera — articulou Pedro com beatitude.

— Não te illudas; calculas encontrar tu mesmo, em cada um d'elles... — disse sombria.

— Não; eu sou um covarde e elles são denodados, temerarios...

— Absolutamente não és um anarchista? — E Voleta fixou-o.

— Tambem não estou parado... Por certo que mudo, evoluo... Sinto chegar-me á uma finalidade — e Pedro que se mostrava magnifico de esperanças e de bons augurios evitou-lhe o olhar.

A Senhora Andreia via compungida como seu marido cada vez mais se despia das suas convicções de reformador manso, persuasivo, da sua individualidade propria, para se ajustar aos excessos de um radicalismo incendiario, ultra revolucionario que nenhum bem lhe presagiava.

Ao descer para o jantar, trazia o vestido de opalas, o vestido que recebera o elogio do seu Amor... e em a luz discreta das bobinas rubras, sobre paredes rubras, Voleta parecia conter, reter as fulgurações escapas da luz ensombrada...

Todos os olhares se volveram para ella: uma tulipa, uma magnolia imberbe, vestida de ardentis? — «Thetis devolvida do salso elemento?» — pensou o Conde De Spersi em uma mesa, perto...

— Percebe-se que estamos em vapor italiano — disse á Osborne, ambos em *tête-a-tête*: Pedro resolveu jantar com alguns collegas na segunda classe e Fraülein Memmel se encontrava endefluxada.

— Não atino com a differença...

— Oh, allia o conforto á arte e depois, repare em a legenda romana — a loba, por toda a parte.

— Bello meio de identificação — observou o internacionalista, a sorrir e em seguida accrescentou emphatico — eu, por exemplo, se tivesse de escolher uma marca para uso particular, escolheria um crescente.

— Um crescente? — interrogou espantada.

— Sim... Na antiguidade, os patricios romanos o traziam nos sapatos, como insignia da sua nobreza — atalhou em ar de mofa.

— Oh, — exclamou Voleta affectando ingenuidade — o crescente dá ideia de Hécate mutilada... de Diana se dissimulando... E' uma dubiedade...

Era a primeira vez que Osborne a havia adiante de si, total sua, sob o seu cuidado e a sua guarda, o unico alvo dos esplendores, e dos deslumbramentos que d'ella se evolviam... E elle se embebia em esses imprevistos admiraveis que lhe emprestavam por tempos, de uma só vez, todas as realezas e todos os prestigios da graça e da belleza.

— E' deveras muito attica, Senhora Andreia, — exclamou emocionado — não conheço mulher alguma que se lhe compare...

— E no entanto hei tido da vida, apenas o seu momento violaceo... — e seus olhos se enchiam de escuridões profundas, gelidas...

Quanto mais Osborne a observava e a ouvia, mais se lhe evidenciava a impossibilidade, o fracasso da egualdade social: Voleta alli estava como o exemplo concretisado, tactil, o auge radioso de uma selecção aprimorada.

— Tenho a impressão de que do seu eu surdem todas as iniciativas potencias que criam e suffocam

os mundos — disse com entusiasmo, a voz a tremer, total arraigado em o proposito de conquistala.

— Céos que oiço! Eu sei que forjo o meu dever e abro o meu caminho — retrucou, corando.

Ao deparar pelos corredores e pelas escadas com varios creados condecorados, Voleta pensou: Meu Deus, estou rodeada de heróes... porém, nenhum se assemelha á mim... O heroismo d'essa gente representa a defesa, a conservação da vida, o instincto agindo para não ser aniquilado... quanto ao meu traduz a mais forte violencia, o heroismo da renuncia.... uma vontade consciente que se objectiva, se desaggrega da grande Vontade Una, Dominadora.

— Senhora Andreia, não entra? — indagou Osborne...

Ella preferiu ficar só, passear no tombadilho ao ar livre, ter sobre a sua cabeça um céo inquieto, movediço, feito de nuvens virgens, esgarças, ardentes, estêris, sem chuva... ouvir atravez d'ellas, o lamento, o queixume, a nostalgia argentea das estrellas pela terra, pela natureza, pelo bulicio humano.

Voleta encostou-se á amurada e estendeu os olhos para os combros verdes que se multiplicavam indefinidamente, esporeados pelo desejo immensuravel, humano do mar pelo vento... Ella divisava n'essa choréa lunatica das ondas contra a querena do vapor, a anarchia, o desespero, os gestos desvairados dos amores exagitados: iam, vinham, voltavam, relanciavam e desanimadas abatiam-se... «Onde o amante das horas calidas e trevosas, onde o amoroso de lascivias dementadas, onde? onde? — estrugia de lado a lado, de vaga em vaga atordoando a Noite e o Espaço livido...

Em o senso, em as nevroses da Senhora Andreia se formulava um grande desejo — pisar essas ondas

anhelantes, gizar sobre ellas, com seus pés, poemas arabescos, todos os festins cantantes da sua alma enamorada...

— Roberto meu, Roberto meu, — sahia-lhe dos labios como silvos cruciantes de Paixão e de Desejo...

Em o dia seguinte o Conde Donato de Spersi, Secretario da Embaixada italiana apóz lhe ser apresentado, dizia-lhe com voz dolente:

— Será possível, não creio...

— Sim, um dos meus antepassados foi chefe de uma tribu guerreira. — insistia Voleta a sorrir, sentindo um prazer enorme em mystifical-o.

— Não acredito, seus traços são puros, trahem uma ascendencia superior...

— Como explicar o meu amor á nudez e aos cabellos compridos...

— Talvez uma hellena com impurezas das mulheres do Valle de Hennar — explicou de olhos fitos em o seu pesçoço esguio, divinamente branco.

— Olhe, o fogo tambem me fascina... mas a flamma livre, solta, a bailar infrêne sobre resinas, em pleno viço — proferiu de dentes cerrados.

— Uma originalidade de mulher romantica — respondeu o italiano aspirando até á medulla, perfume inedito, d'essa flôr meridional...

A Senhora Andreia sorriu e endireitou uma mecha de cabelo que o vento assanhára.

— Quem sabe se prefere o Jardim de Inverno? — disse com polidez.

— Não; gosto muito do ar...

— E' a primeira surpresa que a America me offerece. — Seguiam lado a lado.

— Como? — e Voleta parou.

— Oh, não esperava encontrar um tão formoso espécimen de uma raça nova.

— Mas não contava com o elemento europeu? — interrogou o olhar em vizez.

— Heil-o como um additivo unilateral, porém não como base, principio primordial.

— A raça portugueza nos transmittiu todas as suas variações e os seus característicos organicos — disse Voleta altiva.

— Ah, sim, porém a influencia do clima e do ambiente, o fuscionamento com os indigenas gerou um outro rythmo, uma particularidade autochtone.... — proferiu o italiano com os olhos meio fechados, ligeiramente curvado.

— Constituimos ainda a nossa individualidade... Estamos fatigados de imitar, de naturalizar o que é dos outros.... Em breve seremos os creadores da nossa propria belleza — disse a Senhora Andreia felina, alegre, esvoaçante...

— A fascinação para nós outros, consiste justamente em esse flagrante de tradições pesadas e de coloridos intempestivos — accrescentou entre sorrisos.

— Por emquanto, não temos passado... apenas conhecemos a visagem esplendente da vida que se realisa...

— Oh, mas póde orgulhar-se do seu progresso que se operou de um modo dynamicamente violento — e offereceu-lhe um cigarro.

Voleta recusou-o com um gesto lindo de suas mãos lindas.

O Secretario ficou-se a mirar-lhe as mãos: mãos feitas para votos de fidelidade, brancas, estreitas, fervorosas... mãos réaes, innocentes, sem os estertores, as tensões latentes das mãos vingativas, que se cruzam adeante do sol, sedentas de sangue...

— Bem mostra provir de uma raça juvenil, não gasta, não usada...

— Conde, porque me falla assim? — E chegaram a escada que ia ter ao «deck» superior, subindo-a:

— Hei notado que não entretêm os habitos modernos e que ama a solidão... E' portanto uma plenitude...

N'esse instante os abordou um estafeta trazendo um radiogramma.

Ao abril-o a Senhora Andreia inteira fremia, enfunada de expectativas immensuraveis:

«Cumprimentos e saudades de

Roberto Annes».

O Conde que a espreitava discretamente afastado, fez a seguinte reflexão — dessedentou-se na ebridez...

E como se nada houvesse acontecido continuaram a sua excursão.

Ambos agora dominavam o espaço e a amplidão equorea....

Voleta caminhava cauta, a medo, rente as paredes cálidas das chaminés e dos ventiladores, não ousando adiantar-se demais, devido á falta de amurada em as bordas... O vapor tangava com donaire e faceirice feminina. Sem querer, entrava-lhe em o movimento, ajustava-se-lhe ao jogo, irmanava-se a elle, fazendo um e outro uma só unidade, um só corpo.

-- E' a minha volupia — exclamou afinal a Senhora Andreia dolente.

O Conde de Spersi estremeceu do pé á cabeça.

Voleta percebeu-lhe a emoção e pensou — Será effeito d'essa palavra de magias incendiárias?

Pela primeira vez comprehendeu a musica que se estagna em os nervos italianos.

— Realmente ha pessoas que encontram em si a sua altitude, o seu Azul, o seu paraíso... — pronunciou vagarosamente como se recitasse redondilhas.

— As minhas chimeras são insondaveis e renascem de continuo — voltou ella fitando a agua que o sol azoïnava enquanto a subjugava, a accommettia, em grita.

As suas pulsações se precipitaram: Voleta divisava ahi um symbolo porque tambem carregava um jugo, uma preponderancia faustuosa, senhorial... E instantaneamente a sua imaginação lobrigou em o vacuo, um rastilho fulgurante provindo de Roberto Annes a ella, jungindo-os, ligando-os, como a passagem do mesmo ao mesmo.

Uma saudade, uma tristeza infinita lhe toldou, lhe empanou as radiosidades, os estrepitos de sua alma extraordinaria... Seus dedos apertaram com mais vigor o radiogramma de Roberto Annes.

O Conde de Spersi notava as mudanças pelas quaes ella passava e balbuciou em seu intimo: essas sombras femininas são para nós homens, o mais aggravante dos anonymatos.

O «gongo» reboou ruidoso annunciando o lunch.

Essa tarde a Senhora Andreia não sahiu da sua cabine: chegavam-lhe já amortecidos e capazes de serem ouvidos com prazer os ruidos de certas musicas americanas e dos fox-trots desenfreados...

A's dez horas da noite embrulhada em uma mantilha hespanhola de compridas franjas negras, Voleta fugiu para o convéz afim de fazer um pouco de exercicio e respirar o ar fresco, sadio: tudo estava deserto; um nevoeiro fino principiava de se espalhar pelas enxarcias, pelos velames, pela cordagem, de se estirar ao longo do vapor como anjos enormes que

fossem dormir.... Resortia do ambiente e das cousas, uma beatitude seraphica, o sortilegio mystico dos véos brancos, das guirlandas brancas. Emergindo cada vez mais de uma escotilha, Voleta viu um vulto approximar-se; suppondo ser o italiano que talvez a farejasse, a procurasse, sumiu-se pela primeira porta em direcção ao seu «state-room».

Pela manhã enquanto a Senhora Andreia festejava as primeiras gaivotas, que feriam a agua e o céu com as suas azas recurvas e ponteagudas, o Conde abordou-a:

— Já tenho a annuencia de seu marido para jantar commigo hoje em Pocitos e tambem licença para convidal-a...

A Senhora Andreia hesitou; preferia jantar em um restaurante, aonde melhor pudesse apanhar a psychologia do povo, surprehender-lhe as usanças, as maneiras peculiares.... Mas era forçoso acquiescer... Com um leve curvar do busto o Conde lhe agradeceu.

Adeante d'elles, tomava vulto um cargueiro americano que ia rumo contrario, de velas desfaldadas, o bojo derreado, a arfar, parecia singrar com difficuldade; todos os passageiros acorreram açodados, em alvoroço, para vel-o e saudal-o, a esse mensageiro da terra, a esse outro semelhante, irmão seu, tambem exilado, tambem exposto ás mesmas intemperies, aos mesmos afortunados ou infortunados acasos... E as mãos, e os braços e os oculos de altance acenavam enquanto os signaes officiaes se trocavam.

— A bordo os minimos accidentes assumem grande importancia! — observou Osborne.

— E' porque nos tornamos infantis — respondeu

Voleta reparando em o seu elegante jaquetão: nunca o vira assim, em traje impecavel.

— As viagens, realmente nos rejuvenescem...

— Oh, mais do que as viagens, o amor — exclamou intempestiva, atenazada por um impulso irresistivel de pronunciar, de ouvir o som d'esse vocabulo chammejante, de saborear até o amago o seu travo acre, turbulento... de atirar, alli, entre elles, abertamente, claramente, o deslumbramento attico da sua alma secreta...

— Mas, engana-se, o amor é por demais escasso... — proferiu o Internacionalista de manso, sem alarde, porém exquisitamente commovido.

— Deverás? — E a Senhora Andreia esguardava sorrisos zombeteiros.

— Assim dizem...

— Então não falla por experiencia?...

Depois de escutar, com o olhar, a redondeza disse livido, contrafeito:

— Eu.... amo-a — e encarou-a com as pupillas terrivelmente immobis e com todos os seus aléns fixos n'ella.

Voleta empallideceu, totalmente desnorteada ante o imprevisto d'essa declaração: havia muito que a percebia inarticulada retida em a sua bocca, em a expressão de sua physionomia e mesmo sabia que cedo ou tarde seria dita entre suspiros ou ameaças, segundo o humor do momento.... mas nunca o supuzera capaz de emittir-a em serrehante occasião sob clamores e excitações de desembarque...

Uma grande e fugaz perplexidade pairou em seu intimo: o momento máo d'elle estava-lhe nas mãos para explodir, florear, multiplicar-se... Voleta quiz zurril-o com as seguintes phrases de verdades toxicas:

— Não lhe assiste o direito de me fazer tal confissão... Sou a mulher de seu melhor amigo... — mas recuou, preferiu não comprehendê-lo, generalizar o que era individual, trocar o fito da seta que lhe despedia e á maneira de conselho, a sorrir, disse-lhe:

— Já li algures que o amor é uma cubiça que a gente deve superar....

— E' justamente o que farei — respondeu Osborne altivo, glacial, inteiro mudado, tal qual lhe houvessem enfiado uma outra individualidade e em mente perguntava — Teria ella ouvido mal?

— Lá está Montevidéo! — bradou Voleta, discernindo uns pontos brancos, possuida da mesma exuberancia, do mesmo transporte selvagem, da victoria, do evohé estardalhante de Pedro Alvares Cabral e da sua equipagem, ao avistarem terras de Santa Cruz... intenso arrepio lhe cortava o dorso.

O Internacionalista, apesar de enraivecido, não a perdia de vista e enternecia-se em a descobrindo infantil, agil, linda, quebradiça de espiritualidades....

O contentamento, a alacridade d'ella se propagavam pelos grupos vizinhos...

O cheiro de terra chegava assegurando a todos o jubilo da liberdade e da locomoção, a segurança insigne de um refugio de turbantes de oiro e de sublimizes violentas...

A Senhora Andreia quedou-se a olhar aquella mancha cinzenta que medrava, crescia, se accentuava.

Ao largo, uma nuvem esguia e muito branca se atardava no azul: por vezes, como se trouxesse dentro de si o senso de uma orientação que a dirigisse, desfazia-se e tornava a refazer-se, adelgaçava-se e tornava a congregar-se... brisas fagueiras a impelliam, mas ella reluctava, talvez fatigada de acção, de espaço, de

vacuo, ou talvez ansiosa por um apoio, um limite, uma grande parada... Era a nuvem da immensidade, da folia do Mar e do Vento...

Voleta fechou os olhos e pronunciou baixinho: «Eu tambem assim, para o meu Amôr — allucinada, renitente, em delirio.»

Tempos depois em o coração da cidade, a Senhora Andreia se dirigiu para um templo; desejava unir-se a Roberto em Deus pela oração: o sol, a lua, a Divindade eram as unicas cousas em todo o universo, em toda a criação que podiam enlaçar, deter em a sua essência e a um só tempo, tanto os olhares, a dôr, a saudade, o pensamento d'elle, como o d'ella, Voleta.

— Com que fervor, reza — observou-lhe o Conde que a acompanhava com Fraülein Memmel...

Osborne e Pedro tinham ido com os outros collegas em demanda do Centro Socialista que se reunia para dar-lhes as boas-vindas...

— Desde menina que tudo o que ama, ama com ardor — accrescentou a allemã.

Todos conversavam em francez.

— Eu era como esses arbustos cheios de rebentos, de folhas, de botões, e com a voragem infinita de cada um...

— Dir-se-ia uma chamma, uma vibração, tudo entendia, tudo via — atalhou a velha professora, com carinho.

— E hoje é a mais estranha das mulheres — accrescentou o Secretario baixo.

Ao defrontarem o correio, Voleta lançou na caixa as seguintes cartas:

«Meu Roberto

«As minhas mãos choram, saudosas dos teus pulsos, onde a minha pulsação te aprisiona a mim...

«Meus cabellos colleam para ti, famintos da tua pallidez, dos teus labios, da tua nostalgia brilhante e tumultuaria.

«Todo o meu sêr clama pela tua emoção, pelo esto vehemente, bravio de tua alma enamorada...

«Meus olhos que tanto amas, estão em teus olhos a sorverem a sua delicia immensuravel, o seu sortilegio verde, de jade, a multiplicidade de teus aneios...

«Pairo em ti, enrolo-me em ti... Sou o nelumbo em extases infindos, á espera da adoração, da caricia, da gloria do seu lindo dono...

«Eu sou tua

Voleta».

Em a outra dizia-lhe assim:

«Meu Roberto

«Eu te amei hontem sob a allucinação das estrellas...

«Havia estrellas na noite, nas minhas veias, no cimo das vagas, no meu perfil, ao longo dos meus braços nus, nas pedrarias da minha saia...

«Era um enxame delirante de phalenas de aço a urdirem, em torno de mim, o encantamento do nosso amôr, a forma rutila, informe da exaltação do minadora...

«E tu, Roberto, e eilas se perdiam em meus atos, fundiam-se no meu sangue, morriam-me em as sensações que, redivivas, em halos, se illuminavam com os escarcéos da Eternidade.

«Tu me has sempre ahí, ajoelhada ao teu lado, a cabeça contra o peito a dizer-te: amo-te, amo-te... «Sou a tua servazinha aromatisada, o teu Imperio, a «Inspiradora estranha, insoffrida dos teus sonhos de «artista e de homem emerito.

«Com a bôcca em a tua fronte eu te repito, loucamente amorosa de ti, a nossa divisa, as palavras «ardentes de Tristan de Lenois á Iseuit: En vous «ma vie, en vous ma mort».

«Beijo-te incessantemente

Voleta».

— Ditoso d'aquelle que as vac receber — disse alto o Conde.

— Trata-se de um amigo de infancia — respondeu a Senhora Andreia evasiva, sentindo forte rubor subir-lhe á face.

— Ella ama.... — pensou.

— Depois que viajo apenas mandei um cartão postal — accrescentou em seguida.

— E' tão parco assim?

— Não deixei nada de bastante interessante...

— Porventura a ausencia empana os sentimentos?

— Quando amamos, não — protestou o Secretario com calor.

— Um poeta portuguez do seculo XVIII já se exarava assim:

— «Ausencia a Amôr, é como ao fogo o vento; «Ao fraco apaga, ao forte dobra o alento.»

Quer dizer que a natureza humana é no fundo identica, immutavel — proferiu Voleta angustiada de saudades.

— Todo o encanto do nosso eu reside em as sombras que veem e se vão...

Atravessavam agora uma Praça para entrar em a Avenida de Mayo: lufadas de vento surgidas repentinamente de ruas transversaes, apanhando-os de improviso, arrebataram-lhes os chapéos, as charpas.

— O mar, sempre o mar — disse o italiano, respondendo o chapéo.

— Que cilada nos arma... Quanta pneumonia! — exclamou Fraülein abotoando o casaco.

— Dir-se-ia cercada de espelhos... De todos os lados a agua se mira, se saúda, se satisfaz — retorquiu Voleta olhando em torno.

E as formosas filhas de Montevidéo bamboleanes e trefegas pareciam trazer em seus olhos longos de veado e em seus sorrisos, estridentemente luminosos, a ronda rubra de Eros, o Divino.

Voleta havia a impressão de que essas mulheres lindas e sadias homenageavam aos deuses, em amando a vida, e o seu deslumbramento... em lhe offertando o seu riso, a sua belleza e essa primavera estuante e cálida que constantemente lhes viceja em o senso.

Os rapazes dolentes, esguios sem serem magros, de olhos de havanna, apresentavam uns longes d'os romanticos de 1830, nimbados de devaneios e de venturas fugidias...

E Montevideo pequenina, alegre, branca se assemelhava á uma rosa fascinada pelos soluços do mar que a cortejava.

— Como parecem felizes — observou o Conde.

— Riem demais — atalhou a velha professora.

— E entretanto a felicidade é uma realidade ainda inteiriça, não nossa, não gasta... — continuou o Secretario.

— Para mim é uma estagnação geral em todo o nosso eu — exclamou a Senhora Andreia.

— Não a quereria? — inquiriu surpreso, as narinas a fremirem.

— Porque nada me resarce... — proferiu lenta com a alma, com o coração preso ao seu amôr, á Roberto Annes de quem tudo exigia: ascendencias, aléas increados, inimaginaveis.

— Estão fazendo phrases... A felicidade é a paz em o nosso espirito — accrescentou incisiva Fraulein Memmel.

O Secretario nada ouvira, deixava-se enleiar em a phrase de Voleta, phrase singular, ousada que a definia e que era como a base da sua maneira apparente de ser.

Indubitavelmente elle a considerava a expressão surprehendente da sua Terra exuberante, violenta, onde todas as inquietudes, todas as propulsões da natureza encontram a sua finalidade, a sua eclosão, o seu destino: solo uberrimo, fecundo; forja gigantesca de capacidades infinitas; poder monstruoso, ailucinado, em trabalhos indefessos de incubação, de estratificação a aguardar reprezada de assombro, em apathias flammivomas — o furor, a pilhagem, o saque, a gula do homem para a sua vaidade, o seu gozo, o seu prestigio, o seu egoismo.

Oh, as irradiações auríferas, fagulhantes, as blasphemias de luz e de fogo, do ardor e da alma inorganica d'esses mineraes para a vida admiravel!

— Ella traz em os plasmos a vibração electrizante de metal a responder a metal, de gemma a luzir para outra gemma — raciocinava o Conde de Spersi.

Tomaram um automovel e dirigiram-se para Poçitos onde jantariam em o Hotel Balneario.

Voleta observava a differença da vegetação: os galhos escurecidos se encobriam de folhas intensamente

verdes... toda a natureza se abalava sob a magia de uma nova volúpia: os rebentos, os grêlos, as germinações acudiam febris ao appello estardalhante da Primavéra que chegava ruidosa e dansante com os seus guizos e os seus timbales resonantes, florida e doidivana a espargir a folia, o prazer, o deleite, a gloria, a arrancar dos corações e dos olhares temerosos a venda importuna e fastidiosa.

As pereiras se lançavam esgalgas para o vacuo, com o donaire de virgens impuberes; as macieiras se embebiavam de sol, as ameixeiras se escondiam em tramas azues, os vinhedos se dilatavam, se espraíavam, haviam a sua saciedade e os carvalhos annosos suspiravam pela nostalgia dos vates do Latium... e a tudo abranger, a tudo contagiar, o halito marinho.

A alma, o corpo de Voleta se abriam para acolher o Infinito, a Magnificencia, o Esplendor do Universo.

O Conde de Spersi sentia em as arterias, em a bocca, as phrases, a paixão contida, açamada, ainda indemne, de Abellardo por Heloisa...

Deixaram o automovel e puzeram-se a andar.

— Nunca desço até ao fim das cousas — disse o Secretario envolvendo-a em seus olhos languidos.

— Será possível? Parece conceito feminino e não de apóz a guerra... — atalhou Voleta gracejando.

— Para o soffrimento moral, sou um pusillanime — accrescentou com as orelhas esquentadas.

— Prefere o equilibrio, a similitude, os mesmos aspectos?

— Eu desejo o *sim* em tudo...

Era patente á Senhora Andreia a fragilidade da alma d'elle para os grandes rasgos moraes:

— Como Pascal, então nada ousa?

— Tudo, comtanto que não haja entraves...

— Oh, quanto a mim amo a vertigem da acção, da imperfeição — proferiu ella tomando a dianteira: o terreno se elevava; o sol a tocava por inteiro, o seu vestido côr de ambar reverberava, fulgia.

O Conde atraz, pouca attenção dava a allemã que lhe fallava sem cessar; adeante d'elles o mar largo, pleno, elastico, tirava a vermelho.

— Senhora Andreia, o sol a doira como se fosse a sua phantasia... Assim, é bem a chimera das chammas. — proferiu o Secretario alcançando-a.

Voleta sorrio e guardou em a carteira umas gerboras muito viçosas: as flôres ainda rareavam.

— E' para alguém, para o outro, para o seu amor — conjecturou muito commovido em o seu silencio.

— Devemos jantar immediatamente... o tempo escassêa — verberou Fraülein approximando-se.

Por segundos, a Senhora Andreia calou-se, recolheu-se em si e ponderou: «Que estará fazendo Roberto Annes agora?»

N'esse instante um bando de gaivotas deslizava sobre elles em vôos serpentinos....

—«Impetos de asas distendidas, levae ao meu amor o meu beijo...

«Musica, estertor do Dia que se dilue, contae-lhe a legenda da minha saudade...

«Apogeus, sombras, turbulencias embridadas, dizei-lhe da minha paixão, da minha ternura, do meu desvario impregnado d'elle...» — murmurou Voleta essa prece e n'uma reviravolta sem que os outros se apercebessem, levou a alliança aos labios.

— Meu Deus, como as suas pausas me desnor-

teiani... São pausas que palpitam, que se transfiguram, que tangem — repetia em o intimo, o Italiano.

— Porque essa seriedade repentina? — inquiriu Fraülein farejando-a com a sua perspicacia experimentada: começava de notar que a vida de casada da sua ex-discipula não era a que suppunha sêr. — um idyllio perenne.

— Oh, saudades da Patria... — respondeu Voleta quasi a correr pelo declive.

Antes de se sentar á mesa do jantar, passou á Roberto o seguinte cabogramma:

«Eu em ti, com a minha saudade immensuravel». e a Gonçalo de Tuy um cartão com os seguintes dizeres:

«Ao amiguinho, envio com o meu saudar, a planencia do mar pelo seu Poeta bizarro e morbido.»

E a Zenira sobre uma roseira em flôr — «Quero-te sempre assim festiva e risonha e crente em mim, que te quero muitissimo.

Recommendame a teu pae».

Esse gesto da Senhora Andreia não passou despercebido, ao Secretario que a observava de continuo: — O amôr n'ella, deve ser uma renitencia fatal, o estygma sanguineo do Destino...» raciocinava.

Tempos apóz chegava Osborne acompanhado de dois senhores.

— São os nossos secretarios — explicou em seguida ás apresentações.

Eram rapazes de maneiras impeccaveis, muito vestidos, muito polidos, muito alisados, taes quaes viessem de largar as suas fôrmas.

— Andreia não poude vir jantar, mas espera-a ás 6 horas em o Cáes... Está sendo muito festejado, homenageado — accrescentou Osborne com enthusiasmo.

Elle tinha o maximo empenho, e interesse em conservar a Senhora Andreia arredada e mesmo escondida de seus correligionarios: de concerto com Pedro não tocava em esse assumpto perante os estranhos.

. — Esses congressos nunca alcançam resultados praticos... quasi sempre fomentam a revolta — preferiu o Conde com authoridade.

— Aqui os animos não são tão exacerbados. — atalhou Osborne em italiano.

— Mas ainda é cedo para taes manifestações — continuou Spersi.

— O elemento operario já é notavel... — adiantou o Internacionalista.

— Sim, mas por emquanto não demanda essas iniciativas extraordinarias, o proprio governo se encarregará das modificações necessarias... — atalhou o Italiano incisivo.

Voleta ouvia dos nossos representantes phrases de louvor á respeito da elite e do povo da cidade:

— De resto é a continuação da mesma gleba, separada apenas por linhas abstractas. — adiantou ella com um gracioso sacudir de hombros.

— Que prazer viver-se com uma ministra tão insinuante — commentou um d'elles espiritualmente.

— Viaja pela primeira vez?

— Não, em pequena quando meu Pae chefiou uma embaixada... — explicou simples, esguia, de uma linha perfeita.

Sem saber, Voleta vinha de subir, de se revestir de realezas, de valores excepcionaes em a consideração dos dous brasileiros.

N'esse interim, Fraülein abordou-a em allemão,

trocando ambas phrases rapidas; o Conde Spersi chegou-se e encetou em francez a conversa.

De volta em meio do caminho enquanto o Secretario italiano ia á legação do seu paiz deixar um cartão, o resto da comitiva presenteava a Senhora Andreia com bonbons e lindas caixas de flôres.

— Felicito-o pela sua aristocracia... E' uma senhora admiravel — disse o Conde de Spersi ao se despedir de um dos secretarios.

— E' realmente encantadora... — repetiram elles com entono embora lhe invejassem a facilidade, a correcção com que se expressava em as linguas estrangeiras.

— Acho de bom aviso seguirem já para bordo, porque haverá muita confusão, quando Andreia embarcar... Ficarei para prevenil-o — aventou Osborne, divisando pelo local grupos de soldados. — Oh, como nós, socialistas os amedrontamos — pensou, ironico.

— Qual a sua opinião sobre os nossos diplomatas — indagou elle mais tarde á Senhora Andreia.

— Oh, intelligentes, distinctos mas de uma eurythmia por demais monotona... Parecem ter ademanes alheios — respondeu em tom zombeteiro.

— Na verdade exaggeram... são mellifluos, anodinos — ajuntou o internacionalista a rir.

Pedro Andreia foi um dos ultimos a chegar; vinha de melenas arrepeladas e com o nó da gravata meio desfeito. Voleta a custo conseguiu arrancar de seu marido algumas noticias referentes ás homenagens que lhe haviam sido tributadas.

— Muitos applausos, muitos bravos... Respondi á varias saudações... Como sabes somos uma só familia... Temos mais dous companheiros... João Huno já está em viagem... Não posso demorar-me... Elles me

reclamam... -- dizia a esmo, aerio, exultando de alegria, mas de uma alegria heroica, brava, lampejante, especie de arrebatamento, de furor sagrado que o alienava, abstrahia do seu eu, da realidade, de tudo enfim que o ambiava...

A viagem agora tomava para a Senhora Andreia uma feição inedita, singular, excessivamente interessante.

Principiava para o vapor e para os passageiros a pesquisa da Cidade Mysterosa que, dir-se-ia fugir, recuar, esconder-se da curiosidade profana.

Elles iam caminhar entre pharóes, atravez de um canal imaginario, forjado pela experiencia do homem, porque o rio guardava em suas profundezas perfidias, ciladas, desejos sevos, roazes.

Voleta curvada sobre o passadiço via como o hymeneu do rio e do mar se contrahia sob repudios, insídias, vinganças, irritações, resistencias: um enfrentava o outro, mas um não se fundia em o outro.

Oh, o mar é um égotista, é o amante do mar!

Como elle em a sua allucinação se dobra sobre si mesmo, ebrio das suas pulsações, da sua substancia, do seu azul, do seu céu, da nuvem que o embaça e do vento que o fulmina, o rasga, o esphacela, o decompõe em a sua raiva, em a sua impotencia de não poder absorvel-o, domal-o, possuil-o total, em massa, amplamente, mortalmente...

A Senhora Andreia sem saber porque, sentia resvalar-lhe pelos nervos uma intrepidez, um afoitamento immensuravel, al de muito confiante, de muito vasto, de extremo: era a vezania, o deslumbramento sacri-lego do marinheiro pelo mar...

Ao seu lado o Conde, com as suas nariñas e os

seus olhos de serpente tentava em vão colher em a retina, os olhares acerados, violentos d'ella.

— Sê a minha dominação... serei a sua hora violenta — não ousou proferir.

Na manhã seguinte já prestes a chegar á Buenos-Ayres, nada se percebia no emtanto da Cidade Mysteriosa: a ilha dos *Lobos* á esquerda, quasi á entrada da bahia, lembrava um fructo enfezado, bolorento, carunchoso, eternamente disputado pela insania da Tormenta e pela voracidade da Onda.

De repente, um ranger mais forte de correntes que se desencolhem e se precipitam, arruídos de roldanas, de cabos a se arrastarem, atropelos, vozerias roucas, apitos e o transatlantico enorme, magestoso, sereno, dava de travez para atracar em o caes.

E a Senhora Andreia lá em cima a 8 metros de altura, ao lado do commandante por uma deferencia especial, assistia a essas manobras.

Defrontavam-na apenas uma longa fileira de casas, uma rua e algumas chaminés...

Voleta teve forte decepção, embora nada a justificasse, a corroborasse davante... Esperava como as creanças esperam, sem razão, sem base, por aquillo que deveria sêr, que lhes brilha em a imaginação, por qualquer cousa de grandioso, de extraordinario, que chamasse a attenção, que provocasse dithyrambos, que estivesse em respondencia com a sumptuosidade, a pompa da cidade.

Installaram-se em o Plaza Hotel apezar da muita reluctancia de Pedro que como socialista não con-vinha affrontar em demazia, mesmo ás escondidas, a frugalidade, a simplicidade de seus companheiros, todos alojados em hoteis de quarta ordem.

De facto afim de evitar futuras recriminações,

elle e seu amigo, tomaram aposentos em um d'esses hotéis, onde por vezes e bem a contra gosto de Osborne, pernoitavam.

A Senhora Andreia ignorava totalmente esse lado da vida nocturna de seu marido porque ella e Fraulein occupavam um mesmo apartamento.

Dois dias depois Voleta enviava á Roberto Annes a seguinte carta:

«Meu Roberto

«Envio-te d'esta cidade que não ri a minha saudade, o meu riso, a minha belleza, os estrepitos dos meus plasmas em te amando, Amôr Meu, immortal...

«Estou qual a rainha Berenice que, cingida de diademas e de purpuras, só recebia o culto do incenso, do mel, da agua e dos zephyros, á espera do amante que não tornaria...

«Venho de chegar e entretanto só penso em voltar.

«Amo a esta cidade pelo seu mysterio, pelo que ha n'ella de secreto, de intimo... dá-me ideia de uma virgem pudica de joelhos apertados que o cirurgião desnuda lento, cauto, quasi a medo, em reverencias: oh, guarda-se furiosamente!

Adeante de nós, nada se desvenda senão o que estamos vendo, o que nos circumda no momento, o que nos acompanha os passos, o que a nossa vista abrange... Tudo é plano, chato, unido... nenhuma collina, nenhuma montanha...

«N'outro dia, á tarde, quando as reverberações carminadas do crepusculo a enfaixavam, houve contra mim, a sua alma hellena, apollinea, tão semelhante á minha, intoxicada pelo seu romance ardente e admiravel.

«E' como se fosse um extase parado a clamar para os seus habitantes — trabalha, trabalha, sê grande,

«sê prospero, consagra-me a tua tenacidade, o teu labor, a tua vontade, os teus esforços, a tua efficiencia.

«Não ha langôres de palmeiras, nem beijos de frondes, nem sussurros de ramarias sobre cabeças em doces idyllios, nada enfim que turbe o sentimentalismo dos seus transeuntes.

«Mas não me é licito calar até ao amago das cousas, saborear até á lia os seus esplendores por que me fiquei em ti, enrolada em as gazes verdes dos teus olhos...

«O meu coração jungido ao teu, eu e tu, um só.

«Tua

Voleta».

— Não te vi hontem e hoje, só agora é que te estou vendo — disse Voleta picada, ao marido.

— Dormias quando sahi... — respondeu sem pestanejar.

— Andreia está empenhado em trabalhos serios... Coube-lhe a presidencia de uma Comissão importante — interveio Osborne pressuroso.

— E ao Senhor de nada o encarregaram? — inquiriu maligna, desconfiada mas sem saber de que... Que poderia prevêr?

— Ah, assisto como um simples particular... Não tenho representação official... ha uma grande differença... Comprehende? — accrescentou o Internacionalista mal humorado.

— Desde que o conheço que anda sempre na sombra de alguém — disse Fraülein, sem ambages e sem maldade.

— E' muito mais commodo, muito mais facil — murmurou Voleta com ares de innocencia.

— Isso prova que não é um ambicioso — proferiu Pedro defendendo-o.

— Também que não é um heroe — interrompeu Fraülein com bonhomia.

— Em nada alteram os commentarios a que se entregam... Sou o que sou — disse Osborne impulsivo, rude.

— Francamente todos nós somos assim — exclamou Fraülein satisfeita.

Pedro Andreia parecia atordoado, pouco fallava e em seus olhos brilhava um brilho metallico, secco como em combustões successivas: n'esses dias vinha de ouvir e apprender conceitos, formulas explosivas, panicas, assassinas, dizimadoras...

— Porque não repousas antes de sahir? — disse Voleta meiga a segural-o pelo braço: affligia-a o emmagrecimento, a exaltação constante do marido.

— Julgas então que sou fraco? Não estou fadado... apenas emocionado... Ah, tu não podes apprehender — redarguiu contrariado, afastando-se.

— Dessa maneira ficarás doente...

— Qu'importa... a nossa vida quando desatada de alvos superiores se torna nulla — proferiu cheio de fé, transfigurado.

— Mas exaggeras... A vida encontra o seu valor maximo em a propria vida... Teus amigos são uns visionarios... De resto, não agem como doutrinam — exclamou Voleta, sinceramente condoida.

— Não te incommodes commigo... Não vieste para tomar conta de mim... Cuida de ti... Passeia, passeia — concluiu irritado.

Osborne, de longe, não perdia uma só palavra da conversa dos dois e com as pupillas fixas em os ollos

de Pedro Andreia, o incitava, o emulava para todos os extremos bons e máos.

— Como são impertinentes e aborrecidas essas mulheres — exclamou encaminhando-se com o amigo para o seu apartamento.

— Habituaados ao mando da casa, creem que tambem nos podem governar — retorquiu o Internacionalista convencido de que Voleta era para a sua cubiça, uma esperança morta; e continuou:

— Bem fez João Huno em se haver livrado da d'elle... assemelhava-se á tua, vivia só de rendas, de flôres e de livros... era uma peste para todos nós.

— A de Alvarez? Já reparaste? E' engraçadinha, operosa, economica..... anda sempre de azul marinho.

— Essa é das nossas, educada em a nossa escola — disse Osborne affectando orgulho, mas calando a aversão que tinha por essa mulher que nunca mudava de vestido e que cheirava a fumo e a cerveja e gritava quando fallava...

A Senhora Andreia e Fräulein Memmel passaram a tarde vizitando as ruas centraes e as grandes casas de moda.

A aristocratica Calle Florida, estreita, esguia, com as suas lindas montras de detalhe, apparentava ser um escrínio encantado onde se enfileirasse, se agrupasse o que ha de surprehendente, de raro, de bello, de nimiamente maravilhoso para o corpo e o engenho do homem... Ahi se encontram a ultima efflorescência, a arte egregia de cada objecto, o agora de todas as cousas em si, com o seu fausto, a sua sumptuosidade, o seu fulgor, a sua originalidade...

Voleta ia e vinha emmaranhada em essas scintillações, tão amadas pela sua alma requintada e lyrica.

A Avenida, larga, arejada não lhe offercia a

mesma seducção, não patenteava a mesma homogeneidade de luxo e riqueza: as lojas já laxas, abrigavam a preços altos e baixos, mercadorias por escala, reclamos berrantes que attrahiam a burguezia e o publico... Ella apenas a atravessava de passagem, por necessidade.

Mas era sensível á Voleta a grandiosidade, a opulencia da cidade e de certas minucias, de certas especialidades inferia do conforto, do alto gráo de civilização a que attingira...

Chamam-lhe sobretudo attenção a predilecção collectiva pelos cavallos; em quasi todas as praças se viam estatuas em bronze ou marmore eternizando-os... «Será um symbolo? O cavallo tem o arremesso, o impeto para a frente, para o alto.... — raciocinava a Senhora Andreia já avisada de que as corridas, constituíam a diversão maxima, absorvente, ingenuamente imperativa.

— Felizmente estou livre das primeiras etapas do protocollo — disse-lhe o Conde de Spersi essa noite, em o salão.

— Conde, qual a sua impressão da cidade? — interrogou a Senhora Andreia, de voz cantante: queria referir-se ás mulheres, mas não ousou.

— O pouco que conheço muito me apraz... Ha movimento, ha ruido...

— E tambem caras lindas — accrescentou ella com enthusiasmo.

— Que parecem provir antes do Norte da Europa: gente alta, robusta, erecta, corada...

— A alimentação é sadia, por demais azotada...

— Vós, brasileiros, vos assemelhaes mais a nós outros italianos... Sois uma raça nervosa, agitada, escassamente nutrida — accrescentou, fixando-a: ella co-

mia tão pouco que lhe era um dilemma a sua beleza, o seu ardimento, a sua agilidade.

Enchiam agora o salão as notas endiabradas de uma irreverente jazz-band.

— Não faça cerimonia... Póde dançar — disse Voleta sorrindo.

— Nunca, ao seu lado. — E os seus olhos iam em fuga para os hombros de sua linda compaheira.

— As senhoras o reclamam, repare... — accrescentou, confusa.

— Já sou um vassallo, não me pertenço — proferiu de palpebras descidas, tímido.

Voleta sem saber que responder apanhou as violetas e enfiou a bocca, a metade do rosto no amago d'ellas e assim ficou...

— Foi d'essa maneira que a conheci... oh, esse seu gesto está integral em mim, se junte ás minhas horas.... — exclamou perturbado.

— Na verdade ha attitudes que perduram — suggeriu ella de um modo vago, geral.

— Não; esse só se imprime em mim — atalhou alacre.

— E' porque vem de uma americana — retorquiu Voleta emprestando outra direcção á conversa.

— Não, de uma princeza de ballada...

— Então de uma *Yara*, a fada dos nossos rios...

— E' por isso que são musicaes e enluarados — exclamou a rir, a regosijar-se d'esse dialogo fino e gracil.

— Oh, ainda trago em meus cabellos a toada plangente das violas que me cantavam ás abas dos «igarapés» — proferiu ella fingindo seriedade, como se de repente, se tivesse fechado, murado.

E levantou-se.

— Céos como é estranha!—exclamou o Italiano alto e em mente ajuntou — E' a chave do meu Destino.

A côr de azeitona verde, da sua pelle se collorira ligeiramente e as suas pupillas pareceram boiar sobre aguas reluzentes.

— Senhora Andreia, encetaremos amanhã as nossas excursões... Já tenho algumas informações a respeito — disse acompanhando-a até ao elevador.

Voleta no dia immediato ergueu-se do leito mais cedo, para ir ao Correio, á «Posta Restante», onde, com certeza, teria carta, pois um vapor inglez aportára na vespera.

Ao enfrentar o rapaz encarregado do serviço, custou a pronunciar o seu nome, porque o havia completamente esquecido, tal a turbção infrêne em que se achava...

O empregado, affeito á essas emoções, sorriu, comprehendeu e entregou-lhe dous enveloppes de feiito e de calligraphia identicos.

Dentro do automovel depois de beijal-os demoradamente apertou-os contra o seio e abriu-os:

«Voleta minha

«Que te dizer do meu amôr, da minha saudade
«de ti, que são vorazes, corrosivos, implacaveis como
«essas forças vivas, que deixam sobre todas as cousas,
«sobre todas as transições, o seu ferréte, o seu gil-
«vaz, o indício indelevel da sua existencia.

«A vida para mim não se reduz á lei da con-
«tinuidade, á sequencia inconsciente fatal de protoplas-
«mos.... E' Pan, esse filho das sementes baralhadas,
«com o seu ardor, e a sua renovação, a sua effer-
«vescencia e o seu prazer.

«A vida, querida, é o que está em mim, é o que se accumula em meu cerebro e em meu sangue.... é uma ancia, um brado, uma supplica, uma tortura, uma adoração, um extase, o arrebatamento de uma idolatria... és tu, adorada minha, com o teu encanto e as tuas imperfeições.

«Com que esforços sobrehumanos me ponho no meu lugar, agarro o meu desvario e aprisiono-o em o meu coração para poder trabalhar, pensar, permanecer attento aos meus deveres profissionaes...

«Mas á noite, oh, sou um demente, desprendo-me de tudo... solto-me, vivo de ti e da minha paixão, deliro e agonio, e vejo-te pulsar em cada corolla que se abre e se fecha... e ouço-te em todos os sons que surgem e que se vão...

«E as rosas que deixaste no chão, pisadas pelos teus pés, morrem-se na gaveta mas vivem sob os meus labios.

«Tenho-te ainda na retina tal qual te vi, á hora do embarque, dentro do teu vestido cinzento, com o rosto ombreado por um lindo chapéosinho... lesta, activa, a olhar de um lado para o outro, em busca do teu Amôr... E trago-te assim embutida em as minhas cellulas á vibrar por mim.

«Beijo-te os olhos infinitamente

Roberto».

A outra carta trazia data mais recente e a hora:
— Meia-noite.

«Minha Voleta

«Por amôr a ti, atravesso e sorvo todas as sensações violentas de uma existencia romantica, vertiginosa...

«Ah, si soubesses o que é o amor de um homem que nunca amou... que gastou a sua juventude enganando a si e ao proximo com amôres que não sentia.

«Ah, se soubesses da necessidade premente, intensiva do meu eu taciturno, pelos esplendores, pela claridade, pela folia cantante do teu eu...

«Fui para ti como essas aguas deitadas, como essas frondes eternamente reviradas para o alto afim de que te apossasses de mim, aposentasses em mim, totalmente, inteiramente, o teu corpo no meu corpo, as tuas volições em as minhas volições, o teu pensamento em o meu pensamento.

«E restaram-me e ardem-me e silvam-me em o concavo das mãos, em o senso, o tumulto, a febre de teus cabellos, a pallidez, a fascinação da tua pelle, e as mutações maravilhosas de tua alma.

«E assim vestido de ti, ando mundo a fóra, tal qual um deus cingido de poderios bons e mãos.

«Eu em ti, infinitamente teu

Roberto».

Voleta tornou a beijar essas laudas que registravam a exaltação de um amor immensuravel e em seguida enfiou-as no seio.

De retorno ao hotel, Fräulein e o Conde ainda se encontravam em seus apartamentos, ella resolveu esperal-os em o «hall».

— Já sahiu ou vae sahir? — indagou mellifluo Osborne que vinha do Bar.

— Ainda vou sahir — disse exultando por conseguir enganar-o. — e que noticias me dá de Pedro?

— Já se foi para os collegas; hoje o Congresso funciona mais cedo... A' tarde serão recebidos

pe'lo «Centro Internacional dos Trabalhadores em Uzinas»... — Sorrisos dubios, equivocos lhe bailavam em os labios: Andreia não dormira essa noite em o hotel.

— Mas é super-excitante... Pedro adoecerá — redarguiu apprehensiva.

— Visamos uma ideia, um grande beneficio... visamos o exito. O mesmo sorriso ainda lhe pairava em os labios.

Esse sorriso principiava de influir em os nervos, em a intuição da Senhora Andreia como um maleficio, uma alviçara cavillosa: instinctivamente se poz de guarda, em expectativas:

— Ha exitos que jazem eternamente em a esperança...

— Se o abandonamos, por certo...

— Mesmo porfiando... Então se dependem de outrem, são duvidosos — disse com entono.

— N'esse caso, nos não é permittido ceder, fraquear — respondeu incisivo.

— Nunca o julguei tão presumçoso, Senhor Osborne.. Olhe, a surpresa bastantes vezes é o riso de Mephisto.... — e Voleta mirou-o de soslaio.

— Jugulo o meu destino e o destino dos que me cercam... Vamos passear... — accrescentou rude.

— Não em a sua companhia — atalhou vivaz.

Oh, essa ultima phrase do Internacionalista ferira-lhe a dignidade, a altivez, a sua energia de mulher que sabe dirigir-se, querer...

— Será, então, para outra vez. — E sem olhar a irritado, amuado, retirou-se.

— Porque não vamos á Palermo? — inquiriu a Senhora Andreia saudando ao Sr. De Spersi, que deixava o elevador.

— As rosas ainda não se abriram... lá estive ontem — disse elle — Quero que as veja em festa...

De commum accordo com Fräulein resolveram fazer uma grande volta de automovel atravez dos suburbios principaes.

A Senhora Andreia tinha a impressão de que tulles se rompiam, de que as ruas surgiam espontaneas da terra para virem-lhe ao encontro: a mesma planicie indeterminadamente. Nada de caracteristico se fazia notar a não serem talvez as casas dos pobres quasi sem janellas com largos espaços de paredes desprovidas de toda e qualquer fenda: era o medo do frio, da geada, do vento cortante da Patagonia... — conjecturou.

Cachos de glycinas amarellas e roxas se enlaçavam, tombavam, subiam pelas saccadas, retoicavam-se sobre os muros, pendiam, baloiçavam-se, entregavam-se ao ether, ás brisas, aos olhares dos passantes, em a louca ebriez de primicias da Primavera...

Em San Izidro, saltaram em uma Praça, que encimava uma collina, risonha, alegre...

Voleta encostou-se a um tronco robusto e acariciando-o com as mãos dizia:

— Que saudades eu estava das arvores... Amo-as com amôr physico, com ternura.

— Com certeza as Hamadrias a embalaram — exclamou o Italiano, com ternura.

— Contaram-me o mysterio das seivas, mudas, immobis....

— E da sua fidelidade tragica, tambem?...

— Sim e da sua dôr atra ao verem o movimento universal. — A voz de Voleta parecia um psalmo, um louvor triste, e seus olhos acompanhavam

o gesto das aguas rebrilhantes «del Plata» que desciam.

O Secretario adorava esses dialogos em que ella era e não era, em que se lhe additava, insciamente, uma outra expressão, uma outra voz, uma outra personalidade...

— Que veneno, que essencia entrou em a genese d'essa creatura unica? — pensava ao vel-a de joelhos ante a «Virgem Admirabilis» da linda ermidazinha, proxima.

Em o automovel Fräulein observou hilariante:

— Só conversam e nada olham...

— Prendem-me hoje todos os augez — exclamou Voleta premendo contra o seio as cartas de Roberto Annes.

— A alegria d'ella não provem de mim, nem do passeio — raciocinava o Conde.

— Ainda não a comprehendí — accrescentou alto.

— Ninguém decifra a mulher — respondeu Fräulein, sentenciosa.

— Hei, hoje, o tropel da Emoção Aguda — exclamou a Senhora Andreia, alheia a tudo...

— O Senhor ainda é muito moço para saber de nós — ajuntou a Professora.

— Oh, Fräulein, 33 annos e com uma esplendida experiencia cosmopolita... — redarguiu orgulhoso, mas inteiro voltado para a Senhora Andreia, cuja ultima phrase o atordoara, o azoinara atrozmente: nunca lhe passára pelo espirito apaixonar-se por uma sul-americana, por uma mulher dos tropicos tão intellectual e culta, formosa e aristocrata.

Certo dia, em visita ao Jockey Club, ao testemunhar a viva attracção que a Senhora Andreia exercia sobre os homens, disse-lhe respeitoso:

— Senhora, perturba sem que o saiba os homens austeros e mesmo os adolescentes...

— Conde, um favor, nunca se refira ao que me diz respeito — redarguiu a Senhora Andreia entre sorrisos.

— Perdão, fiz uma lisonja á sua vaidade e não uma censura, um aviso — e curvou-se em longa reverencia.

Outra vez ao sahirem do Congresso, então em ferias, onde Voleta havia enchido a gravidade das salas e dos corredores, com os seus gestos alados, buliçosos e a sua belleza irrequieta, sentando-se ora em a cadeira de um membro illustre, ora em outra de alguem tambem illustre, o Secretario disse-lhe:

-- Que mal pode haver, em offerecer-lhe o meu olhar e a caricia dos meus olhos?

— Queira desculpar, não insista, não os posso aceitar... — ajuntou subtilmente deliciosa...

Como elle se apercebia de um fundo em toda sua alma... esse fundo que paira em os quadros e que o Renascimento preenchia com Cupidos, lyrios, e harpas...

Ah, como elle desejava conhecer essa guirlanda de intensidades, e de ardores, longinqua, muito longinqua, suspensa em as penumbras que a ambiavam...

-- Oh, o encantamento da sua mobilidade... Por vezes penso ser Egeria que só fitava a agua e ria-se dos homens, na sua belleza ambigua, de nympha e de mulher... Ha instantes em que exclamo: — E' Julia que não podia ouvir fallar de amôr sem se esvaír de amor... Outras vezes digo é a Gitana que dansou a allucinação apaixonada de seus olhos para em seguida morrer... Não será Tuccia, a virgem de purezas impuras? a noiva velada de *flammeum* que

ainda não foi para a casa do noivo?... Francamente Senhora, não a comprehendo... — E a voz do Conde de Spersi em rythmos quentes, dolorosos se embebia de suavidades de guitarra...

Ah, como a Senhora Andreia angustava lançar-lhe essas palavras flammantes que eram a origem sumptuosa das suas plenitudes e da sua radiosidade:—amo ao meu Amôr que é o meu universo, o meu Bem, o meu Mal... — ñas deteve-se e simplesmente exclamou:

— Sabe ser bellamente romantico... Vós todos, italianos, tendes a tara magnifica da Arte.

Essa noite, de passagem pelo corredor, a Senhora Andreia encontrou-se por acaso com o marido que entrava, e tambem se recolhia aos seus aposentos. Pedro cuja sociedade ultimamente se restringia á um meio de pessoas sem requintes, sem luxo, extasiou-se ante a belleza, a elegancia, a distincção de sua mulher em um esguio vestido de velludo negro.

Voleta extremamente penalizada de vel-o abatido, desfigurado, passou-lhe com muito carinho os braços em torno do pescoço: elle empallideceu, turbou-se, hesitou, mas reagiu immediatamente e zangado, quasi rancoroso proferiu:

— Preciso de ficar só... Tenho que fallar amanhã... Vae-te.... Deixa-me... — E ao afastal-a as mãos tremiam-lhe.

Ella nada respondeu, apenas hebetada o fitava, com os olhos rasos de lagrimas e os labios contrahidos.

— Com certeza vens repetir-me o mesmo estribilho de doença, de fadiga... Não me aborreças... Cuida de ti — continuou mordaz, indo-se embora:urgia quanto antes, como lhe aconselhára Osborne, liber-

tar-se d'ella, de casta e hábitos tão dessemelhantes, tão contrários aos seus, afim de poder triumphar, impôr-se, grangear a confiança total de seus correligionarios.

A Senhora Andreia teve vontade de chorar, de gritar a sua Dôr, de encher os ares com os seus lamentos... era mister porém esconder, guardar as apparencias, não tornar publico a sua infelicidade, não suscitar commentarios nem a piedade dos outros.

A piedade dos homens é a victoria d'elles sobre nós... um motivo para alardear prestígios, superioridades... Vós que soffreis, evitae-a.

Depois de uma noite pessimamente dormida, Voleta se conservou em seus apartamentos: experimentava a sensação de abandono total, apesar de lêr e relêr e trazer em o seio as cartas de Roberto Annes, o seu Amôr unico, avassallante... a alma illuminada que Deus forçára para lhe sêr a fixidez, a energia, o arrimo, a dansa, o lyrismo de suas pulsações...

Em o mutismo de seu desolamento, enviou-lhe as seguintes linhas:

«Meu Roberto

«Eu sinto a vertigem do teu eu em mim, em loucas estridencias...

«Ah, se não fôras tu a emprestar-me vida, animo. «estos, arroubos, propulsões febricitantes, eu estaria «extenuada, morta, erma, desencantada tal qual aquella «Vestal do Capitolio que até hoje não sabe, se deve «beijar ou não a flôr que á sua mão retém....

«E eu vivo, e eu sonho e eu agito o meu silencio e a minha exacerbação com todas as visões «violentas dos amôres que não empallidecem... E «quando rodeada de noite e de solidão murmuro: —

«Roberto é meu—é como se um deus entrasse em mim
«com as suas nuvens doiradas, os seus clarões, a
«sua dominação e o vento divino, que o acompanha...

«Eu e tu unificados eternamente, como uma finalidade, um apogêo...

«Eu e tu, clamorosos, um escarcéo, um symbolo
«imperecível de fogo em a resurreição do amanhã
«da Vida.

«Eu e tu, a condição um do outro, a ideia e o
«fremito, o beijo que se forma, o beijo que se dá...

«Eu e tu, em mim, em ti, em a tua frente, em
«os meus cabellos, a litania das nossas cellulas...

«Eu e tu, agora, sempre, em as charpas cham-mejantes da immortalidade

Voleta».

Ella tambem quiz escrever á Gonçalo de Tuy e á Zenira, dizer-lhes da sua amizade, da sua saudade.

«Senhor Tuy

«Nunca me esqueço do amiguinho de tantos annos
«que conserva como reliquia, os meus gestos, as minhas attitudes de menina travessa.

«Evoco sempre a sua figura sombria toda a vez
«que se me depara a belleza e a arte.

«Vi n'outro dia em as «Bellas Artes» esculpido
«em bronze, um Amôr que não morre, magnifico e admiravel... Em um bazar Japonez, adquiri para me
«amedrontar um idolo de porcellana antigo a vomitar
«serpes innumeraveis, atravez de uma bôcca rasgada até as oreilhas.

«Será a Fama? a Calumnia? a Maledicencia? Ainda
«não sei ao certo, ainda não lhe apprehendi a expressão
«dubia de histrião, de adivinho, ou de pregoeiro.

«Resarço plenamente a minha paixão pela rua:
«estar n'ella sempre se me affigurou estar no que é

«meu, no que me pertence, no pedaço de terra a que tenho direito... Vivo fóra de casa, a irmanar-me á «Alma meditativa, e viril d'esta cidade, onde cada «transeunte parece ter um fito, um designio, o ger-
«men de um grande emprehendimento a realizar, a «levar avante.

«Estas planicies immensuraveis me evocam a im-
«gem da saciedade, da satisfação, de quem diz para
«o alto: «Não quero mais... Eu tenho a bençam.

«Envio a Pithô, o mais sabio dos corvos, os
«cravos violaceos que venho de receber.

«Se fôr ao alto da Gavea não se esqueça de
«despetalar á base da «minha Esphinge» as rosas pas-
«sionaes, as rosas que tanto amo! este anno ainda não
«lhe rendi o meu culto.

«Pedro mais atarefado e mais exaltado.

«Ja principiou a correcção das provas?

«A saudade da amiguinha ainda pequenina

Voleta».

«Minha Zenira

«Recebe os meus parabens pelo successo do Mes-
«tre que tem em ti a discipula ou filha bem-amada.

«Penso não existir outra pessoa que mais eloquente-
«mente o ame e o admire que tu: comprehendo e
«louvo esse amôr, todo transcendente, todo abnega-
«ção, lithurgico e grave, pelo homem que vem for-
«mando o teu character e imprimindo em o teu espi-
«rito os grandes principios que acredita serem o ini-
«cio de um formidavel e decisivo movimento liber-
«tario.

«Nada te posso precisar com minucia, porque as «unicas noticias que tenho me são fornecidas pelos jornaes, de uma parcimonia excessiva.

«Apenas te direi que todos os dias surprehendo uma «visagem nova, inedita do senso dynamico da Vida e «do Universo...

«Em esta instabilidade continua, infrêne, hei a «impressão de ser uma fixidez, uma vertigem estagnada, «uma estridencia dentro da sua propria Pausa: tudo «passa por mim, tudo se succede, tudo muda, se cam- «bia, deixa de ser tudo... eu só é que permaneço una, «eu mesma, immutavel... Compreendes? Por vezes fico «atordoadada e então tento deter as cousas, os instantes «afim de vincular-lhes a minha morbidez, o meu ve- «neno e todas as possibilidades aureas da minha ima- «ginação...

«Sinto-me tão familiarizada com estas ruas que «chegô a crêr que vivi aqui, talvez em vidas pre- cedentes...

«A voz do povo é cantante, os homens são fortes «e as mulheres me lembram Athena-Pallas.

«Espero que nada te ha faltado e a teu Pae, «a quem envio saudades e a promessa de um lindo «e confortavel cachimbo.

«Nunca me olvido de ti e já tenho uma infini- «dade de presentes para o teu quartinho.

«Um beijo da tua

Voleta.»

Ao acabar essas cartas a Senhora Andreia espalhou pelos vasos os cravos estranhos, que o Conde de Spersi lhe vinha de mandar com os seus respetos.

Ao cumprimental-a á hora do jantar o Secretario italiano pensou: o amôr a nimba de tristezas e de sombras.... deve ser um amôr profundo, talvez virgem ainda... Dir-se-ia que traz a legenda do Amôr de Praxiteles: Eu não sou o filho de Venus Pandemos.

— Como a não vi hoje, passei a tarde no Jockey Club — proferiu com o olhar e todos os seus designios presos aos hombros admiraveis de Voleta.

— Naturalmente fez grandes conhecimentos...

— Não, ainda é cedo... Fui apenas adorar a estatua... — e não ousou olhal-a.

— Soffri tambem o mesmo deslumbramento — exclamou vivaz, embaraçada, em duvidas sobre o intento da phrase.

— Uma nudez imperial, sagrada e não sei porque razão me trouxe á mente o *eu não eu* de Fichte... — e dentro de suas palpebras descidas a via desnuda maravilhosa como a estatua.

— E' porque representa a mulher que se não dá — sahíu-lhe de um lance.

O Conde premeu os labios, fitou-a demoradamente e imaginou definil-a em parte — era ella então a mulher intangivel, a mulher que se não dá.

— Chamo a isso o sadismo da virtude.... Felizmente são poucas as mulheres crueis -- disse fri-sando as palavras.

Voleta notou pela segunda vez que a bocca e os olhos do Conde haviam qualquer cousa de serpentino.

— E' porque algumas amam infinitamente — proferiu malina.

— Como allucina com esse ser e não sêr... ora é um jardim de volupia... ora é uma indigente de

Deus... Tortura. — raciocinava e volvendo-se accrescentou:

— Conhece a historia de Andromeda? Persêo a amava tanto que para neutralizar o poder petrificador; da cabeça de Gorgonna, de seu escudo, lh'a mostrava sómente atravez da agua... D'aquí a uns dias, Senhora, a verei atraz de nevoas, de véos, de diaphaneidades para não soffrer.

— Basta recordar-se, Conde, de que sou em a sua vida, a mulher que avistou....

— Que se inviscerou em mim — corrigiu insoffrido, emocionado.

Osborne approximou-se e ao parecer, taciturno, carregado de silencios e de mãos presagios, trevosos como uma noite atochada, de negroses: irritava-o ferozmente a intimidade entre esses dous aristocratas de um mesmo rythmo.

— A sua legação nos vigia... — disse sibillante ao Senhor de Spersi.

— Oh, não cogitamos do socialismo na America... Ella sabe guardar os seus direitos.

— Reporto-me aos italianos que são em numero respeitavel.

— Trata-se de gente operosa, pacífica.

— Conheço alguns que são anarchistas perigosos — elle porfiava em aborrecel-o, mas não o conseguia.

— Esses? nada valem... são parasitas que vivem a illudir a credulidade, a fraqueza dos outros — atalhou decisivo o Secretario.

— Creia o Senhor que as praticas socialistas, as suas medidas, as suas verdades são um allivio para a consciencia social — e o Internacionalista saboreava pouco a pouco o seu absintho.

Voleta e Fräulein que já cochilava n'uma ampla «maple», se despediram.

— A elite tem o bom senso de repellir esses *psitticismos* que não resistem a um juízo severo, arguto... — concluiu o Secretario emphatico, tambem se levantando.

A Senhora Andreia que se afastava voltou-se e sorriu.

Osborne não gostou da advertencia mas achou melhor passal-a sob silencios... Oh, como detestava esse italiano de maneiras e de intelligencia perfeitas!

A manhã seguinte liquida e azul, açalada e tensa, muito brunida e reluzente, como se viera de surgir do cahos, do nada, das palavras de um deus... prolongava em Voleta uma nostalgia já clamorosa, já effervescente... uma saudade tumultuaria, aguda, corrosiva...

«El Tigre» com o seu rio parlacento, moroso, lasso, dentro de abas verdejantes e o seu chão saturado de humidade e as suas ruas sombrias era bem o sitio magnifico, para o verão.

O lindo «Cassino», as Villas» elegantes se conservavam fechadas, soturnas, envelhecidas, assim baladas do borbórinho, da algazarra, do convívio humano...

— Ah, a belleza dos salgueiros -- exclamou a Senhora Andreia emmaranhando-se em as suas ramas dobradiças.

— Reverencio-os porque tem menceios de cabellos de mulher — atalhou o Conde alisando-os.

— Os da minha terra são mais verdes, mais ricos — ajuntou Fräulein terna.

Voleta estacou á beira de uma piscina rustica, onde passaros, aos casaes, se desalteravam.

O Conde ao divisál-a teve a impressão de que se lhe pendiam da fronte, das mãos, da bocca, o esbrazamento, as scintillações dos corações que a desejavam em vão...

— Venilia, Venilia — exclamou a meia voz.

Voleta voltou-se ligeira sem comprehender, machinalmente...

— Suppuz que fosse Venilia, a Geradora das Fontes Activas — murmurou ruborizado. — A culpa não me cabe — e as suas mãos patricias, não mãos de desportos violentos, se sobrepuzaram sobre o peito em indício de humildade.

N'esse momento Voleta percebeu sobre a agua a cabeça d'elle cunhada ao lado da sua, em effigie dupla, como em as moedas reaes... O Conde instinctivamente lhe procurou os olhos, com olhares incendidos... mas empallidecida, a simular alheimento, ella recuou de manso, desfazendo assim essa união sacrilega, jamais ambicionada.

O Senhor De Spersi não se offendeu e invejou-lhe a excessividade, o egoismo, a vehemencia pela inviolabilidade de um Amôr.

— Positivamente sabe amar... traz em si, um fatalismo sobrehumano — proferiu para si.

E Voleta com passo ardido caminhava, acariciando o arvoredó, enfiando o rosto sobre o frescor ardente dos arbustos...

— A paixão, que temos pelas tradições, a tem pela Natureza.

— A tradição é a morte viva enquanto a natureza é a vida que viveu, que vive e que viverá, é a vida sempre actual — retorquiu a cheirar algumas folhas que vinha de triturar.

O Secretario sentiu as suas narinas fremirem e

um impulso selvagem bramir-lhe em o sangue: via alternar-se n'ella al de humano e de não humano.

— Raia tanta intelligencia, tanta luz que deslumbra — bradou.

— A minha Terra é a amante do Sol — exclamou a Senhora Andreia de longe, perto de Fräulein que conversava com a dona da granja, typo de india Patagonia, talvez em segunda geração.

— E' por isso que o ultimo apogêo está em a Senhora.

— E que o impossivel em mim, quer existir, concretizar-se, medrar, metter-se pela vida a dentro — redarguiu a gracejar.

Essa tarde no chá das 5 horas em os salões Harrods o secretario murmurou-lhe ao ouvido, em surdinas:

— Concebo depois que a conheço os crimes passionaes... estou que nem Achilles que se tornou homem á vista de um gladio...

— Entretanto o meu proceder não lhe ha proporcionado motivo para isso....

Pareceu ao Secretario que uma tela phosphorescente a contornava, se punha de permeio entre elle e ella.

— Ao contrario, perturba-me tanto para o bem que suscita em mim o mal...

— Não comprehendo... — proferiu Voleta sorrindo.

— E' um paradoxo — exclamou Fräulein que só ouvira a ultima phrase.

Assim que o Secretario percebeu que a Professora se distrahia a escolher uns sandwiches, proseguiu baixo:

— Amo-a... porque é uma alma admiravel, arrebatada e casta, romantica e pudica, e esse Amôr

é capaz de induzir-me á loucuras... — explicou tenso, enleado em a fragancia que se evolava dos cabellos, da nuca da Senhora Andreia.

— Ama em vão — disse entre dentes, afim de que só elle ouvisse e com paixão premeu a carta de Roberto que lhe jazia rente á pelle.

— Teremos amanhã a chegada de um vapor — observou Fräulein.

— Entra as 4 horas, muito tarde, para a correspondencia ser distribuida — redarguiu a Senhora Andreia alácre, a relancear os olhos pelas mesas que uma sociedade altamente distincta e elegante occupava.

— Que mulher insoffrida para o seu Amôr... de tudo está informada — pensou o Conde de Spersi entre suspiros, a emparedal-a com os olhos e o espirito.

A Senhora Andreia, essa noite, se recolheu logo depois do jantar, movida por uma ancia irresistivel, imperiosa de escrever a Roberto Annes, de se unificar a elle atravez da attenção, do pensamento, da letra:

«Meu Roberto:

«Escrevo-te velada pelo pallôr do luar e das nostalgias delirantes...

«Digo-te que em meus pulsos retinem as pulsações do Universo... e que não sou mais em mim
«e que me morro, suffocada das violencias que me veem de ti.

«Ah, meu amigo, tu desconheces a nevrose da natureza, essa nevrose que convulsiona, estarrece os

«corações amantes e solitarios: atravesssei hoje pela
«manhã aléas de junquinhos e de heliotropios... verdo-
«res allucinantes... caminhei dentro de perfumes que
«eram para mim, comoinhos vivos, juvenis, que
«andassem com o meu andar....

«Tenho os braços, as mãos arranhadas, picadas
«pelo beijo, pelo arremêso dos vegetaes, das ramas
«que a folia de germinar estertorava...

«Querido, agonio, porque tenho adeante de mim,
«o escarceo do Insuperavel... mas juro-te que em a
«eternidade, em a esplendida eternidade, quando não
«mais formos, estarei ao teu lado dia e noite, re-
«nitente, implacavel, sob a tua egide, a irmos e vir-
«mos de um ponto do céu a outro...

«A minha vida ha sido lisa, brilhante, luzidia
«como um escaravelho de oiro.

«Dolorosa e exaltada em ti

Voleta.»

«P. S. O. Congresso encerra-se amanhã; em breve
«ahi estarei.»

No dia seguinte ao avistar Palermo, a Senhora
Andreia teve a impressão de uma festa, de alvoradas
em fumos scintillantes, de rondas multicôres, de dan-
sarinas enlaçadas, de colombas a esvoaçarem atadas
em fitas côr de rosa...

A natureza apresentava a faceirice, a garridice
estranha, bizarra de uma nomade tomada de extases
incendiarios e turbulentos: ella se gloriava da sua
gloria, da sua belleza, da sua fartura, do seu rejuve-
nescimento...

E Palermo era Cytherêa coroada de rosas... Vo-
leta de mãos unidas, lithurgica, e lyrica em alens
estardalhantes de paixão, avançava passo a passo: es-

tuava-lhe em o senso a magia, o lunatismo dos mares cantantes, flagellados de tempestades...

Via tufos de rosas volatilisarem-se, consumirem-se a si proprias, diluïrem-se em fluidos roseos, serem totaes evaporações roseas... Outras a curvarem-se em pleno agraço, em o seu esplendor, tocadas pelo soluço ardente dos Horizontes em fogo... Havia rosas azinhavradas, com o mesmo livôr dos corações turbados e das paixões que se não revelam...

Rosas plasmadas em carne apenas decepada, apenas liberta da vida, se collavam á rosas sanguineas, de expressões tragicas...

E a fantasia de Voleta se alçava, se destendia, tomava surtos, ousadias admiraveis: as rosas violáceas de halos brancos que pendiam das columnatas, ella comparava ao coração de Savonarola perdido em as mãos de um infante... as rosas de petalas innumeraveis, ambiguas, de attractivos e de repulsas, virgineas e perfidas traziam-lhe á mente as profundezas mortíferas dos lagos de Schon... as rosas amarellas, calidas, sumarentas que enlanguesciam em um angulo de canteiro, eram para as suas visões, os beijos redivivos do flavo Hyperonio e as rosas de marfim estriadas de rubores, doiradas e vitreas que se arremetiam para o alto, palpitavam como os flancos palpitantes de Prometheu.

O Conde que a espreitava pasmava da emoção incisiva, terebrante, da furia maravilhosa que investia aquelle corpo fragil... Parecia-lhe que todas essas corollas com as suas eurythmias e os seus espasmos a seguiam... Era um cortejo musical, vermelho e branco.

— Rosa de alvôres argenteos que nem o tempo,

nem o destino hão de transformar, attenda ao seu vassallo... — disse elle reverente, sussurrante...

— Não sou a «Dama da Rosa»... Eu sou a «Dama do Falcão» de que nos falla a canção, que ao suspirar — Ay, Santa Maria, que será de mi agora!» elle presto respondia: — «Ben, per quant'eu sey Senhora» — exclamou Voleta a rir e a sorver até aos ossos, o aroma forte d'essas rosas que se decompunham, definhavam, amorosas de seus amôres.

— Princeza, deixe que eu a cante — balbuciou o Secretario subjugado pela graça estonteante, pelo fulgor, pelos transbordos que a brandiam de ponta a ponta.

Fräulein de lapis em punho annotava os mais bellas especimens de roseiras. Do outro lado, o lago se movia, arrepiava-se beatifico para o céu e para as flôres...

N'esse instante estrugiu a abalar o espaço, a aragem, o folhede, os nervos d'elles; um silvo agudo, inhumano, afilado... um silvo que furava, rompia, desorientava... silvo de machina e de monstro...: um trem se approximava célere, serpentino, estrepitoso, a resfolegar, a perturbar com o seu movimento, os seus arruídos, a sua velocidade, a calmaria, a paz, o socego da paysagem... E esse trem feito de substancias inertes, massa bruta, prodigio de mil trabalhos, carregava em a sua armadura a ideia, a intelligencia, a força directriz do homem.

Voleta estremeceu involuntariamente e com o olhar e o pensamento acompanhou aquelle trem que se dirigia para o interior, cheio de plethora, de exuberancia, de progresso, de civilisação... era uma particula da vida intensa da cidade que se ia disseminar para mais tarde fructificar...

A' instancias do Secretario, resolveram fazer a volta do lago...

A gondola que escolheram, minuscula e engraçadinha, tinha a enfeitar-lhe a prôa, um exquisito dragão oriental.

O Conde ao lado da Senhora Andreia poz-se-lhe a cantar, á meia voz, cançonetas napolitanas.

Ao findar, ella, saturada de saudade, disse em lagrimas:

— Conde, não fallemos de amôr, que o não amo.

— Ah, mas eu, amo-a — e os seus traços se aceravam, se accentuavam.

— Oiça, porque não segue o conselho que Thetis dava ao filho — goze do amôr de uma outra mulher — e a voz de Voleta esmorecia.

— O que mais me inebria é a sua alma, o seu mysterio doidamente espirital.

— Conde, ha mulheres de grande intelligencia...

— Mas não teem essa mobilidade que a veste e a despe, senhora... -- com impetuosidade proseguiu — Será possível que viva de si mesma? — e a Senhora Andreia recebia em o perfil o bafo quente da sua bôcca e a voracidade de seus olhos...

Era preciso, porém, dissuadil-o, de vez, absolutamente...

Voleta, afinal, proferiu á voz cortada, as palpebras descidas, estratificada, intensa, offegante:

— Eu tambem amo... Eu tambem trago um amôr allucinante.

Essa confissão não se apresentava ao Secretario como uma surpresa: já a presuppunha esgorjada, torturada de Amôr...

— Os seus sentimentos não modificam o meu amôr...

Amo-a e continuarei a amá-la — e uma lividez terrea se lhe espalhou pelo rosto e elle todo parecia entrar-se, maniatar-se.

De volta em o Automovel mostrando á Senhora Andreia qualquer cousa que cabira, disse-lhe:

— Quem ama deve trazer sempre um estylete para matar ou se matar.

— Oh, violencia medieval — exclamou ella apprehendendo a virulencia d'essa phrase.

— Somos, assim, quando amamos, o sabor do sangue roda em nossas bôccas.

— A vida não deve acabar em melodrama, Senhor; a civilisação entibiou a fereza dos instinctos — proferiu Fräulein sentenciosa.

— Fräulein, a paixão hoje é nimamente intellectual... nós amamos com todos os esplendores da razão... — disse serio, doloroso...

— A mulher casada é sagrada — murmurou-lhe ao ouvido, em tom de aviso.

— Não tenha receios... guarda-se... defende-se com ardor... com paixão... — retorquiu visando a Senhora Andreia.

Na realidade Fräulein com o seu ar de indiferença não cessava entretanto de tel-os de continuo sob a vista; nunca intervinha porque a conducta, as phrases da sua ex-discipula se mantinham sempre impeccaveis, nobres, dignas: — e cousa singular, incomprehendida.... — raciocinava — como ousa o marido deixar inteiramente ao abandono uma mulher tão linda, tão cheia de attractivos... E' incrível... é phantastico... Ah, que os homens são máos — concluiu raivosa.

Foi com impaciencia, com estridor, com ardimento que Voleta na manhã seguinte se encaminhou para o

Correio afim de buscar as suas cartas. E ao abril-as suas mãos tremiam e suas pulsações se acceleravam:

«Minha Voleta

«Aonde estou? não sei... Procuro-me por toda parte e não me acho porque o eu que te escreve não é o mesmo que deixaste, pleno de vigor, de animo, de designios, de resoluções extraordinarias, capaz de desannexar a terra das suas leis naturaes...

«Morri e resuscitei... e conheci o terror da perda irreparavel e todas as angustias das trevas sem remissão, sem esperanças...

«Querida, imagina tu que poucos dias depois da tua partida, inopinada e confidencialmente á feição de noticia importante, Daniel Ribeiro me disse que tinhas um amante com quem te correspondias e victorioso contou-me a historia das cartas e a sua ida á tua casa...

«Hirto, hebetado a desaggregar-me total, refuguei, violento, colerico, essa aleivosia, mas ao vêr o meu detetor empallidecer, titubear, comprehendí então que, ao defender-te, ao alimpar-te, eu accusava a mulher d'elle.. Apprehendi a situação, advinhei as mentiras que a outra engendrara, o soccorro ao teu nome, á tua generosidade unica... e calei-me e nada mais disse aim de reintegral-o á sua crença...

«Enquanto isso, eu sentia todos os meus musculos insubordinarem-se para ataca-lo, para segural-o pela garanta e obrigar-o a desdizer o que vinha de dizer...

«Corr á casa de Izabel Clarisse a horas em que estava só... a principio, escusou-se: — Porque deseja saber dos amôres de Voleta, que lhe importa a veracidade?

— «E' porque necessito ter fé ao menos em alguem, em uma mulher.... só lhe supplico a verdade... «Sei que é incapaz de uma calúnnia — dizia-lhe eu «transtornado, e a notar a offensa, a ferida que essa «palavra forte lhe causava em a susceptibilidade...

«Seus nervos se contrahiam, lhe desviavam a harmonia dos traços. Depois de uma luta ingente, muda, «retorquiu:

— «Se lhe interessa tanto assim... se para você é «questão de vida e de morte, aquellas cartas são minhas e não d'ella... Nada ha de resto de extraordinario o haver-me recorrido d'esse subterfugio para «salvai-me, — accrescentou cabisbaixa, com empacho, «bamba, os braços a descahirem.

— «Ah, que allivio! Como lhe agradeço... Seria uma calamidade... Eu não poderia duvidar — foram essas as exclamações que proferi em impetos de «desafogo, alli mesmo adeante d'ella, sem attender á «sua presença... Quiz aconselhal-a, mas sentia-me impotente: debalde tentava escolher palavras persuasivas, convincentes, um tanto panicas mas não conseguia encontral-as, pois eu tambem sou cúmplice, do «de um romance maravilhoso e depois querida, tu «exijo e tudo reclamo e tudo quero de ti... Afial «ponderei-lhe: — Tenha mais cuidado... Seja prudente... As consequencias podem ser fataes... Talvez «outra vez não encontre quem a auxilie... Olhe, os homens em geral são impiedosos em taes occasies... «— e beijei-lhe as mãos e sahi e fiquei-me a pensar si o amor que Deus lançou ao mundo é motivo «de paz ou de discordia?

«Se te faço essa narrativa pungente é pra te «informar que de tudo sei concernente ao teu ltruis-mo e para te contar o seu epilogo que me fi com-

«municado pelo proprio marido, n'uma phrase succinta, metallica: — «Izabel Clarisse abandonou-me «e ás creanças...»

«Querida, beijo genuflêxo, commovido, em estas, com exaltação, com ternura, o teu gesto surpreendente de renuncia... Esse teu gesto te nimba com os resplendores das Eleitas, das Favoritas do Céu...

«Gloria a ti, amôr meu incomparavel.

«Vem que não vivo, que enlanguêço e enfermo assim longe de ti embora me hajas constantemente emmaranhado em teu sangue, em o teu deslumbramento...

«Vem que todo o meu ser inveterado em o teu ser clama por ti como o seu dom egregio, a sua festa, o seu luzeiro.

«Beijo-te na minha dôr infinita

Roberto Annes.

«P. S. Tenho uma sobrinha nascida ha tres dias, «que já sabe de ti e te beija.»

A outra carta lhe dizia assim:

«Senhora da minha alta consideração.

«Humildemente venho pedir-lhe perdão da injuria «que lhe fiz.

«Considere que em identica circumstancia não me restava agir senão como agi...

«Acabo de ser vilmente ludibriado: Izabel fugiu com o amante, um boneco enfeitado.

«Tenha pena de um velho amigo; continuo a «tributar-lhe a maxima admiração e veneração: sacrificou-se inutilmente, mas a boa acção ficou.

«Que Deus a recompense.

«Os cumprimentos de quem muito a respeita.

Daniel Ribeiro.»

E a outra carta era de Gonçalo de Tuy em uma calligraphia bizarra, nervosa, incoherente:

«Senhora das minhas balladas.

«Apenas tenho de mim, a minha estrutura, a «minha fórma humana a perfazer a tarefa que a «natureza lhe confiou... foi-se a minha Radiosidade, «a Papoula estranha, a Flôr encantada, o Rythmo so- «berano das minhas ideias, a Musa de vestes scin- «tillantes que ensanguentava o meu estro... a Imagem «eburnea de purezas indefinidas, o Chão ardente e «bemdicto aonde o olhar de Jesus permaneceu..

«Pithô, impassível, assiste ao meu soluçar e a Ca- «beça de Gorgona, ameaçadora, vítrea, se remexe ciu- «menta...

«Tenho ás mãos, as primeiras provas e quando «penso em as minhas rimas sobre papel «velum» cubro- «me de flôres e tomo champanha...

«Hoje pela manhã, tive uma visão — surpreendi «a pequenina Voleta a roubar uma guloseima e a dizer- «me ao censural-a: não roubei, tirei.

«A saudade do amiguinho mais antigo...

Gonçalo de Tuy.»

E de Zenira as seguintes linhas:

«Minha queridinha

«Eu e Papae a abraçamos saudosos e impacientes «pela volta da nossa Belleza.

«Ainda não recebi noticias do Mestre a quem «desejo todos os successos e acclamações.

«N'outro dia tivemos a visita do Dr. Roberto «Annes que muito nos sensibilizou, pelo seu carinho e

«sollicitude. Fallamos á seu respeito e a dizer a verdade não sei quem mais a gabou.

A sua bondade a torna o idolo de todos que a conhecem.

«Mimi continua bem de saude mas muito saudosa da Dindinha a quem envia o coraçãozinho.

«Tenho mais duas discipulas de allemão, meninas inteligentes e vivas que pouco trabalho me darão.

«Papae vae passando regularmente e se recomenda... Envio ao Mestre os meus mais vivos cumprimentos e á amiga e mãezinha — a minha alma agradecida.

Zenira».

A Senhora Andreia com as cartas no collo, á excepção da de Roberto que por muito volumosa já estava dentro da carteira, quedara-se em o mesmo, lugar na sala de leitura, a diluir-se de saudades e de amor... enredada em as noticias que lhe traziam...

Penalisava-a enormemente a situação de Izabel Clarisse, mulher e mãe, guia de si e de outros seres que a fatalidade, a sua vontade, ou Deus tirara das suas visceras, alongara do seu eu, afim de inculcar em a vida esplendente, em a volubilidade humana, em o vae e vem das substancias creadas, uma fixedez um encantamento que não muda, que é uno, igual, invariavel — o amor de mãe.

E Voleta continuava a pensar — «Afimal o deixar a mulher o marido será uma covardia ou um heroismo?

«Covardia sim, perante a religião mas não perante nós mesmos... porque n'esse caso, sempre os nossos sentimentos teleologicos são damnificados, desintegrados ou pelo infortunio, pelo soffrimento occasiona-

dos por um mau marido, ou então pelo desespero, pela exacerbação de uma paixão extra conjugal que se introduziu em nós...

«Mas constitue um heroísmo para aquelles que já cahiram e que julgam nunca mais poder erguer-se da tortura dos seus ideaes mutilados....

«Reconheço todavia que não ajo como penso... «Qualquer cousa de invencivel, de sobrehumano me junte ao rythmo da Vida Perfeita...

«A minha alegria quer ser alegre, dansante, viçosa, crystallina... o meu deleite quer ser admiravel, indiviso, fulgurante...

«Ah, Izabel Clarisse não será feliz: terá a ronda angustiada, dorida de tres entezinhos roseos e brancos a cercarem-na de continuo, a reprimendal-a, a reclamal-a e a enfuscar-lhe, a empanar-lhe os alardes da ventura... «A Mãe ama e defende infinitamente» — murmurou Voleta para si....»

— Devemos partir muito breve, a qualquer instante... E' bom que tenhas as malas arrumadas... — disse-lhe Pedro approximando-se e interrompendo-lhe as divagações.

— Zenira escreveu-me e queixa-se do teu silencio.

— Enviei-lhe hontem uma carta e varios artigos a respeito do nosso Congresso...

— Comprei-lhe lindos presentes.

— Fazes bem, é uma moça de valor, que merece a tua protecção.

— Estou com um bello presentimento: com certeza, reservaste o dia de hoje para passearmos — disse Voleta vivaz notando-lhe em o olhar uma sua-vidade inusual.

— Impossivel, o nosso itinerario já está tra-

çado... Osborne não tarda buscar-me... O dia de hoje é para nós de uma importancia capital — accrescentou com a physionomia acceza e a voz ligeiramente tremula....

— Almoço sobre a relva, discursos inflammados? — acudiu Voleta muito seria.

— Olha, Osborne, quanta futilidade nos attribue — disse a rir, ao amigo que entrava.

E a Senhora Andreia repetiu a mesma phrase em o mesmo tom.

— Não somos homens de bucolismos... Temos problemas importantes a resolver... Vamos lançar a grande semente — e enfiou o braço no braço do companheiro.

Era patente a Voleta como a força, a energia latente, a presença do Internacionalista ateava em Pedro as labaredas do entusiasmo, da audacia, da inconsequencia, do illogismo...

— Vamos indo que os nossos collegas já devem estar impacientes... Queira desculpar, Dona Voleta.

Osborne não ignorava da influencia, mesmo inconsciente, de uma mulher como Voleta em o animo de um homem em vesperas de iniciativas terriveis: rompera n'essa deliberação precipitada por evidenciar em Pedro uns vislumbres de ternura.

— Talvez hoje e amanhã não nos possamos ver — retorquiu Pedro indeciso se a abraçava ou não.

— Mas, porque, se não ha mais sessões? — inquiriu aturdida ante essa caricia insolita.

— Pretendemos visitar uma estancia e lá passaremos a noite. — explicou Osborne calmo, incisivo.

E os dois se retiraram.

— Se temes, foge, não prevemos a sorte — segredou ao amigo, já em a calçada da rua.

— Que caia sobre mim... nada temo, a minha vida pertence á morte... — proferiu Pedro decisivo, profundamente emocionado, acirrado de affoitezas, de bravura.

— Muito bem... E's um verdadeiro apostolo — e Osborne tambem emocionado apertou-lhe fortemente a mão... — Ambos proseguiram...

A Senhora Andreia ficára largo tempo em a mesma posição, no mesmo lugar, a pensar, a pensar, a porfiar em vão por desemmaranhar o que se lhe antolhava sêr inabordavel, enigmatico, furiosamente obscuro.

A' tarde indo ao encontro de Fräulein no Jardim do Inverno, o Senhor de Spersi acercou-se d'ella e tirando mui discretamente a botoadura do punho, mostrou-lhe o pulso.

Voleta viu um pouco acima, o seu nome talhado a canivete...

— Meu Deus, que dirão os outros? — exclamou afflicta, ciosa de si, mesmo entre os futuros amôres que lhe adviriam...

— Oh, quanto ás mulheres gostam muito dos nossos amôres passados... E' o nosso prestigio... E quanto aos homens me invejarão... De resto pouco se me dá o que pensam de mim. — E em voz baixa accrescentou — E' um sadismo inoffensivo de amôr... é um signal de posse... E' minha, mesmo que não me queira... — Seus cabellos pretos meio longos desciam-lhe pelas orelhas.

— Nós, do Equador, só amamos quando nos amam — atalhou calida, com gestos e olhares es-corregadios, inteira em Roberto Annes.

— Eu por mim, desconheço a condição — redarguiu o italiano intempestivo.

— Então, é mais generoso — respondeu Voleta maliciosa.

N'esse momento o Conde se apercebeu das lindas catleas que ella trazia, tomando uma, fechou-a na mão e murmurou:

— Guardal-a-hei, é o seu coração....

A Senhora Andreia exhibindo-lhe a outra que restava, disse:

—Esta aqui sim, é o meu coração...—e abdicando-se da janella arremessou-a lesta, agil, exclamando — nunca o terá, já o dei ao meu amôr...

— Senhora, lembra as palmeiras da sua terra que só encaram o Azul — proferiu collocando em o bolso do «smoking» a orchidéa que segurava.

Os tres jantaram em uma mesa muito florida, talvez a' mando do Secretario, suspeitou Voleta.

A' hora da sobremesa erguendo a taça elle disse:

— A' sua saude... A' saude de quem tanto encanta — e bebeu todo o champanha.

— Mas, porque não bebe? — indagou ao vel-a impassivel, e sem aguardar resposta, ajuntou:

— Vou render-lhe a homenagem que os antigos rendiam aos seus deoses...

— Por piedade, não... — implorou assustada, temerosa de chamar attenção.

— A' sua alma egregia... A' eternidade de sua Belleza... — continuou o Secretario sem lhe dar tento e ás escondidas, depois de havel-a esvaziado, quebrou a taça ao meio.

Voleta entre dentes sibilou:

— E' por demais ousado... — Levantou-se e não mais deixou o seu apartamento.

Na manhã de um dia após, á hora em que Voleta tinha por habito lêr os grandes diários porte-

nhos «La Nacion», «La Prensa», «La Razon» afim de se informar do que se passava em sua Patria, no estrangeiro e no proprio paiz onde se encontrava, deparou com o seguinte distico em letras colossaes, cheio de adjectivos e de detalhes:

Attentado anarchista

Bombas que explodiram. Mortos e feridos.

e n'essa secção o seguinte: .

«Entre os mortos achava-se um brasileiro cuja identidade foi facilmente feita: em a sua carteira havia um retrato de mulher de notavel formosura com os seguintes dizeres: «A saudade e o amor eterno do teu marido, Pedro Andreia.»

«Tomou parte em o Congresso ha pouco encerrado e se assignalou pelas suas theorias exaltadas, extremamente revolucionarias.»

E os Jornaes da Tarde accrescentavam:

«O corpo do mallogrado brasileiro Senhor Andreia foi requisitado pela familia, por intermedio da Legação e deverá seguir em breve para a sua patria.

IX CAPITULO

Wir Schauen hinunter, wir ziehen hinunter ins Land der Liebe, ins Goldne L'and....»

(Jean Paul).

Um anno depois, Roberto Annes e Voleta se retiravam do Passado, das suas sombras, emergiam do que havia sido... deixavam a Dôr, a Imprecação, a Mentira, os Embates torturantes do Sim, e do Não para entrarem em o Amanhã da Vida... da Vida que ia começar, ser scintillação, voluptia, beijo, cantico, ebriez, roseiral em arco, vertigem, appello delirante da Vida á Vida...

Era a Noite a redizer ao Dia — Recomeça....

Era o Presente a incendiar-se com o senso, a ardentia, o deslumbramento de todo um Destino que se desdobrava.

Era o Impossivel a improvisar a sua bacchanal, a sua apothéose, os cantares do seu exicio.

Era o azoinamento, a grita, a sanha fulgurante de formas increadas, em pós a luz da Vida, o rythmo da Pulsação....

FIM

Livros do mesmo Editor

Alma, contos de Coelho Netto, para creanças, 1 vol. cartonado, 5\$000.

Bruzundangas (Os), por Lima Barreto, 1 vol. br. 4\$000, encadernado 6\$000.

Cantões populares do Brasil, por Brito Mendes e Mme. Julia Brito Mendes, que compillou a musica ou a recolheu de tradição, 1 vol. broch., 5\$000.

Contos da Carochinha, por Thomé das Chagas, 1 grosso vol. cartonado 6\$000.

Cyrano de Bergerac, de Edmond Rostand, traducção de Carlos Porto-Carreiro, 3ª edição, 1 vol. br. 6\$000, encadernado 10\$000.

Despertar!, versos de Hermes Fontes, 1 vol. br. 5\$000, encadernado 7\$000.

Discursos e conferencias, pelo Conselheiro Ruy Barbosa. 1 vol. br. 8\$000.

Discursos do Dr. Antonio José d'Almeida, com o retrato do grande estadista, 1 vol. br. 1\$000.

Divina Comedia, de Dante, traducção de José Pedro Xavier Pinheiro, 2ª edição, magnificamente impressa em Portugal, 2 volumes de 1.440 pags., enc. 30\$000; encadernação especial, 50\$000.

Estudos, por Albertina Bertha, 1 vol. br. 4\$000.

Exaltação, sensacional romance de A'bertina Bertha, 5ª edição, 1 vol. br. 5\$000, enc. 7\$000.

Folk-Lore, estudos pelo Dr. João Ribeiro, 1 vol. broch., 5\$000.

Mappa de Mão. (Methodo facil de se proceder á leitura das mãos), pelo professor J. Baçu, 1 vol. broch., 3\$000.

Os Menezes de Haddock Lobo (e outras fantasias cariocas, por João Luzo, com a capa illustrada de Raul Pederneiras), trabalho artistico, 1 vol. broch., 5\$000.

Mulher nua, versos de Gilka Machado, 2ª edição, 1 vol. br. 5\$000, enc. 7\$000.

Quadros da guerra, por Castro Menezes, 1 vol. broch., 5\$000.

Rimas Ricas, por Osorio Duque Estrada, 1 vol. brochado 3\$000 enc. 6\$000.

Romanccos (Os), por Edmond Rostand, traducção do Dr. Carlos Porto-Carreiro, 1 vol. br. 3\$000.

Sociologia e Esthetica, commentarios por Gama Rosa, 1 vol. br. 5\$000.

Sclitudes, versos de Pereira da Silva, 1 vol. br. 4\$000.

Soror Valentina, contos de Heitor Beltrão, 1 vol. brochado, 5\$000; enc., 7\$000.

Jacinto Ribeiro dos Santos

82, RUA SÃO JOSÉ, 82

Rio de Janeiro

**RETURN
TO →**

CIRCULATION DEPARTMENT
202 Main Library

2

3

4

5

6

RENEWALS AND RECHARGES MAY BE MADE 4 DAYS PRIOR TO DUE DATE.
LOAN PERIODS ARE 1-MONTH, 3-MONTHS, AND 1-YEAR.
RENEWALS: CALL (415) 642-3405

[illegible]

④

YB .52602

870200

UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

B

V

4
3
2
1
0
9
8
7
6
5
4
3
2
1
0

7
6
5
4
3
2
1
0